

Tiago Venturi

**EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: INVESTIGANDO
RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES E PROFISSIONAIS DE
SAÚDE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Científica e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Mohr

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Venturi, Tiago

Educação em Saúde na Escola : investigando relações entre Professores e Profissionais de Saúde / Tiago Venturi; orientadora, Adriana Mohr - Florianópolis, SC, 2013.
238 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Físicas e Matemáticas. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica.

Inclui referências

1. Educação Científica e Tecnológica. 2. Educação em Saúde. 3. Ensino de Ciências. 4. Relações entre Professores e Profissionais da saúde. I. Mohr, Adriana. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E
TECNOLÓGICA

“Educação em Saúde na escola: investigando relações entre professores e profissionais de saúde.”

Dissertação submetida ao Colegiado
do Curso de Mestrado em Educação
Científica e Tecnológica em
cumprimento parcial para a obtenção
do título de Mestre em Educação
Científica e Tecnológica

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 07/08/2013

Dr^a. Adriana Mohr (CED/UFSC – Orientadora)

Dr^a. Virginia Torres Schall (CPqRR/FIOCRUZ – Examinadora)

Dr^a. Sylvia Regina Pedrosa Maestrelli (CCB/UFSC – Examinadora)

Dr^a. Patricia Montanari Giraldi (CED/UFSC – Suplente)

Dr. Carlos Alberto Marques
Coordenador do PPGECT

Tiago Venturi

Florianópolis, Santa Catarina, agosto de 2013.

*Dedicado aos meus pais Odair e Rosita.
Pelo amor, carinho e pela vida...*

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação, apesar de sua natureza reflexiva individual, não é construída unicamente por seu pesquisador. A realização desta pesquisa e concretização do sonho de fazer um Mestrado dependeram de diversas contribuições que foram fundamentais e por esta razão, desejo expressar os meus mais sinceros agradecimentos:

À Professora Doutora Adriana Mohr, professora, **orientadora e amiga**, por acreditar no meu potencial e por proporcionar uma nova forma de refletir, pensar e ver a Educação em Saúde e a Educação Científica. Preciso agradecer pela disponibilidade e compreensões necessárias a este orientado envolvido com suas atividades em outra universidade e que reside a 185km de Florianópolis. Obrigado pelas críticas, sugestões e leituras muito importantes feitas durante todo o processo de orientação e formação.

À querida Professora Doutora Daniela Tomio por me apresentar à pesquisa em Ensino de Ciências já na graduação em Ciências Biológicas e por me incentivar a fazer a inscrição no Mestrado e auxiliar na escrita do projeto. Obrigado pelo empurrão inicial!

À Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em especial à **Direção do Centro de Educação Superior do Alto Vale do Itajaí** (CEAVI), Dario Nolli, José Carlos de Souza, Rogério Simões e Ana Paula Corrêa Wenhausen, por me apoiarem e me liberarem de minhas atividades sempre que foi necessário.

Aos colegas de trabalho, pelos amigos que foram, sempre me apoiando e admirando minha coragem para fazer um mestrado e assumir um novo cargo público, conciliando ambos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em especial aos professores Adriana Mohr, Sylvia Regina Pedrosa Maestrelli, Vivian Leyser e José de Pinho Alves Filho.

Aos colegas de curso, agradeço por todos os momentos de discussão e estudos que passamos juntos, bem como pelos momentos de diversão e boas risadas. Momentos que diminuíram o desânimo ou a tristeza com apoio mútuo.

Aos comentários positivos e sugestões das professoras Sylvia Regina Pedrosa Maestrelli e Nadir Castilho Delizoicov durante a análise do projeto de mestrado, na esperada banca de qualificação.

Às Professoras Virgínia Torres Schall, Sylvia Regina Pedrosa Maestrelli e minha orientadora Adriana Mohr, que compuseram a **banca final** de análise da dissertação, muito obrigado pelas contribuições e por

tornarem a minha defesa um momento tranquilo, uma conversa gostosa. E que nossas conversas possam continuar!

Aos **professores de Ciências e aos profissionais da Saúde**, de Rio do Sul – SC, que tornaram possível a realização desta pesquisa, permitindo-me entrevistá-los e aprender com suas histórias profissionais. Agradeço pelo tempo, muitas vezes escasso, despendido e empenhado para auxiliar este pesquisador, com o qual a pesquisa tornou-se uma realidade.

Aos **amigos** que permaneceram do meu lado, compreendendo minhas ausências em certos momentos, por estar extremamente atarefado com as atividades do mestrado, inclusive nos finais de semana. Luciana, prima querida, por me escutar e Cristiane pela dupla companhia de viagem. Obrigado por me compreenderem e apoiarem, mesmo nos momentos de estresse.

Um agradecimento especial às minhas **amigas do coração** Iasmine Pedroso e Lidiane da Silva de Menech que toparam fazer a disciplina de Didática das Ciências e me acompanhar semanalmente (de madrugada, faça chuva ou faça sol...) para Florianópolis, rindo, gargalhando e falando loucamente para que ninguém dormisse. Iasmine que sempre foi uma parceira desde os tempos da graduação e hoje é colega no PPGECT, na orientação, no tema de pesquisa e nas escritas para congressos e revistas. Vocês duas jamais imaginarão como foram importantes nessa caminhada. Muito obrigado!

E aos **meus pais**, Odair e Rosita, pelo estímulo e apoio incondicional; pelo amor e pelas preocupações e orações sempre que eu saía dirigindo as três da madrugada para estar em Florianópolis para as aulas do Mestrado. E a minha irmã, Camila, por secretariar minhas atividades corriqueiras impossíveis de serem realizadas com tanta correria. Obrigado pelo incentivo e por não me deixar desistir nunca.

William Shakespeare disse a seguinte frase:
“A gratidão é o único tesouro dos humildes”

E neste momento eu prefiro dizer:
“Todos vocês foram e são os meus tesouros. Muito obrigado!”

*“Coisas ruins não são o pior que pode nos acontecer. O que de pior pode nos acontecer é
NADA.*

Uma vida fácil nada nos ensina. No fim, é o que aprendemos o que importa: o que aprendemos e como nos desenvolvemos.

Traçamos nossas vidas pelo poder de nossas escolhas. Quando nossas escolhas são feitas passivamente, quando não somos nós mesmos que traçamos nossas vidas, nos sentimos frustrados.

Uma pequena mudança hoje pode acarretar-nos um amanhã profundamente diferente. São grandes as recompensas para aqueles que têm a coragem de mudar, mas essas recompensas acham-se ocultas pelo tempo.

Geramos nossos próprios meios. Obtemos exatamente aquilo pelo que lutamos. Somos responsáveis pela vida que nós próprios criamos. Quem terá a culpa, a quem cabe o louvor, senão a nós mesmos? Quem pode mudar nossas vidas, a qualquer tempo, senão nós mesmos?”

(Richard Bach)

RESUMO

A Educação em Saúde é um tema amplamente discutido por diversas áreas, dentre elas o Ensino de Ciências e a área da Saúde. Mesmo sendo desenvolvida na escola, os pressupostos, objetivos, metodologias e práticas desta atividade permanecem fortemente ligados à área da saúde e não condizem com os objetivos escolares atuais. A presente pesquisa objetiva investigar as relações existentes entre professores e profissionais da saúde na Educação em Saúde realizada na escola, verificando os objetivos, metodologias, conteúdos envolvidos nestas atividades. Desta forma, discute-se novas perspectivas e objetivos para a Educação em Saúde, para que esta atividade na escola esteja de acordo com os objetivos contemporâneos da instituição escolar: desenvolvimento de conhecimentos, crítica e reflexão. Argumenta-se que o desenvolvimento da Educação em Saúde como repasse de informação e com objetivos de mudança de comportamentos está ultrapassado. Conceitos da Didática das Ciências, em especial a Alfabetização Científica e Tecnológica, podem contribuir como propostas de solução para a problemática. Para a realização da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito professores de Ciências e dois profissionais da saúde. Como resultados desta pesquisa encontram-se três tipos diferentes de atividades de Educação em Saúde na escola: atividades originadas em sala de aula e propostas pelos professores, atividades provenientes da direção da escola ou órgãos administrativos e atividades originadas nos serviços de saúde. Estas atividades podem gerar relações integradas e não-integradas entre professores e profissionais de saúde. A discussão aponta problemas na formação inicial e continuada de professores e profissionais da saúde, o que acarreta em dificuldades em refletir sobre uma nova perspectiva para o tema e em desenvolver uma identidade pedagógica para a Educação em Saúde na escola.

Palavras-chave: Educação em Saúde, Ensino de Ciências, Relações entre Professores e Profissionais da Saúde.

ABSTRACT

Health Education is a widely discussed topic in various areas, among them the Science Education and the Health area. Even being developed in school, assumptions, objectives, methodologies and practices of this activity remain strongly linked to health and are not consistent with the current school goals. This research aims to investigate the relationships between teachers and health professionals in Health Education in the school, checking objectives, methodologies, content involved in these activities. It discusses new perspectives and objectives for Health Education for this activity in the school complies with the objectives of the school contemporaries: knowledge development, and critical reflection. It is argued that the development of Health Education as transfer of information and behavior change goals are exceeded. Concepts of Science Education, especially Literacy in Science and Technology can contribute to proposals for solving the problem. For the research were carried out semi-structured interviews with eight science teachers and two health professionals. The results of this research are three different kinds of Health Education activities in school: activities originated in the classroom by teachers, activities originated from the school board or administrative bodies and activities arising in health services. These activities can generate integrated and non-integrated relations between teachers and health professionals. The discussion suggests problems in the initial and continuing training of teachers and health professionals, which causes difficulties in reflecting on a new perspective to Health Education in school.

Keywords: Health Education, Science Education, Relationships between Teachers and Health Professionals.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT – Alfabetização Científica e Tecnológica
ACTs – Admitidos em Caráter Temporário
CEAVI – Centro de Educação Superior do Alto Vale do Itajaí
CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos
DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais
DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis
EC – Ensino de Ciências
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
ENEQ – Encontro Nacional do Ensino de Química
ES – Educação em Saúde
ESPP – Educação em Saúde sob uma Perspectiva Pedagógica
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PCNs – Parâmetro Curriculares Nacionais
PNLD – Programa Nacional do Livro Didático
PPGECT – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica
PPPs – Projetos Políticos Pedagógicos
PSE – Programa Saúde na Escola
SESP – Serviço Especial de Saúde Pública
SUS – Sistema Único de Saúde
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UNIDAVI – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO..... | 19 |
| CAPÍTULO 1 – PANORAMA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE | 27 |
| 1.1 EDUCAÇÃO EM SAÚDE: DEFINIÇÕES NECESSÁRIAS | 27 |
| 1.2 DESENVOLVIMENTO TEMPORAL DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR BRASILEIRO. | 29 |
| 1.2.1 Os primeiros tempos da Educação em Saúde..... | 29 |
| 1.2.2 Transição e pioneirismo..... | 34 |
| 1.2.3 Formalização no currículo escolar..... | 36 |
| 1.2.4 O presente: a Educação em Saúde como tema transversal | 39 |
| 1.3 EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O SERVIÇO DE SAÚDE | 47 |
| 1.4 EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O ENSINO DE CIÊNCIAS | 49 |
| CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO EM SAÚDE: NOVAS ABORDAGENS, OBJETIVOS E PERSPECTIVAS..... | 53 |
| 2.1 OS CONTEÚDOS E OS OBJETIVOS DO ENSINO DE CIÊNCIAS | 53 |
| 2.2 EDUCAÇÃO EM SAÚDE: REFLEXÃO E AUTONOMIA DE ESCOLHA .. | 56 |
| 2.3 EMPODERAMENTO: O PODER DE ESCOLHA PROPORCIONADO PELA EDUCAÇÃO | 60 |
| 2.4 CONHECIMENTO CIENTÍFICO E CRENÇA: OBJETIVOS DO ENSINO DE CIÊNCIAS..... | 61 |
| 2.5 ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE | 63 |
| CAPÍTULO 3 - CONSTRUÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS MÉTODOS UTILIZADOS E ETAPAS DA INVESTIGAÇÃO | 66 |
| 3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... | 66 |
| 3.2 PESQUISA QUALITATIVA EM ENSINO DE CIÊNCIAS: CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO..... | 70 |
| 3.2.1 Instrumentos de investigação..... | 73 |
| 3.2.2 A escolha dos entrevistados e o processo de realização das entrevistas | 77 |
| 3.2.3 Análise dos dados obtidos nas entrevistas..... | 80 |
| CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS..... | 83 |
| 4.1 ASPECTOS GERAIS SOBRE OS PROFESSORES ENTREVISTADOS | 83 |
| 4.2 ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PROMOVIDAS PELA ESCOLA/ PROFESSOR..... | 87 |

| | |
|--|------------|
| 4.2.1 Origem da proposição, formalização e conteúdos das atividades | 87 |
| 4.2.2 Os recursos metodológicos | 94 |
| 4.2.3 Professores envolvidos | 97 |
| 4.2.4 Objetivos da ES na escola | 101 |
| 4.2.5 Formação inicial e continuada para trabalhar ES..... | 109 |
| 4.2.6 O Caso da disciplina de Saúde e Qualidade de Vida | 111 |
| 4.3 RELAÇÕES COM PROFISSIONAIS DA SAÚDE | 113 |
| 4.3.1 A importância da interação..... | 120 |
| 4.4 PROFISSIONAL DA SAÚDE QUE DESENVOLVE ATIVIDADE DE ES .. | 124 |
| | |
| CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS | 133 |
| | |
| REFERÊNCIAS..... | 141 |
| | |
| APÊNDICE I –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE | 149 |
| | |
| APÊNDICE II – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS..... | 150 |

APRESENTAÇÃO

Um pouco do percurso.

Procurar explicações para situações ou coisas que não me eram satisfatoriamente explicadas, sempre foi uma de minhas características. A curiosidade pela vida e pelos seus mecanismos foi o que me fez gostar da ciência.

As aulas de Ciências, no Ensino Fundamental e posteriormente, Biologia, no Ensino Médio, me proporcionaram numerosas oportunidades de “descobrir” novas formas de ver e compreender o mundo. E foi no Ensino Médio que decidi que iria ser Biólogo e professor de Ciências e Biologia, e assim estar sempre em contato com conhecimentos que poderiam sanar minhas dúvidas. Como professor eu poderia auxiliar outras pessoas, assim como eu, a buscar explicações para coisas e situações da vida ainda não muito bem compreendidas.

No final do terceiro ano do Ensino Médio, em 2004, fui aprovado no vestibular para o curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI), universidade localizada no município de Rio do Sul, onde resido desde que nasci. Ao mesmo tempo, fui aprovado no concurso público da Secretaria de Estado da Educação para o cargo de Analista Técnico em Gestão Educacional, executando atividades administrativas, ligadas ao setor pedagógico do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) de Rio do Sul.

Desde o início da faculdade participei de inúmeros estágios não-obrigatórios, assistindo aulas de Ciências e Biologia e de projetos de pesquisas. Uma das pesquisas mais importantes, realizadas na graduação, versava sobre o estudo de concepções alternativas de alunos de Ensino Fundamental e Médio: *“Como se ‘pega’ gripe? Um estudo das concepções alternativas de estudantes sobre o sistema imunológico”*. O trabalho tornou-se um artigo apresentado e publicado nos Anais do XIV Encontro Nacional de Ensino de Química (XIV ENEQ).

Desta forma, eu descobria a Ciência na Universidade, nas aulas de Ecologia, Anatomia, Zoologia, dentre outras e, fazia pesquisa, descobrindo que muitas vezes existem problemas no Ensino de Ciências na Escola. E para saber ainda mais, sobre a metodologia do Ensino de Ciências, me tornei bolsista de iniciação científica, na pesquisa: *“Análise da metodologia de Ensino de Ciências e Biologia utilizada por professores das escolas públicas estaduais, municipais e privadas de*

Rio do Sul”, e durante um ano a pesquisa foi financiada pelo PIBIC (Programa de Iniciação Científica da UNIDAVI). A partir destas experiências com pesquisas, participei de eventos de socialização, apresentação de pôster, e estive em contato com alunos e professores pesquisadores. O interesse pela Educação e Ciência me fez também cursar uma Especialização em Ensino de Ciências Biológicas e Educação Ambiental, realizada na modalidade à distância.

Durante os Estágios Supervisionados iniciei minha carreira como professor. Fui convidado para diversas substituições e atuações temporárias nas disciplinas de Ciências e Biologia, em escolas públicas municipais e privadas da cidade. No penúltimo semestre da graduação passei a atuar como professor de Ciências e Biologia do CEJA, onde a prioridade das aulas, devido ao curto tempo de duração das disciplinas, era Educação em Saúde e Educação Ambiental. Aproveitei para colocar em prática, meu Projeto de Estágio, onde trabalhei conhecimentos referentes à Parasitologia e o meu Trabalho de Conclusão, que tratava da qualidade da água do rio que abastece a comunidade, buscando parcerias com a Secretaria Municipal e Estadual de Saúde, fato que contribuiu para o meu projeto de pesquisa no *Mestrado em Educação Científica e Tecnológica*.

No início de 2010, já licenciado e bacharel em Ciências Biológicas, continuei atuando como professor e como analista no CEJA e passei a ministrar aulas na rede estadual de ensino. Percebi que precisava de algo mais para melhorar minha prática no ensino de Ciências e Biologia. Inquietudes, dificuldades e curiosidades sobre a atuação de professores de Ciências e Biologia foram surgindo o que me levou a dar continuidade aos estudos, buscando informações sobre cursos de mestrados.

Uma querida professora e orientadora de minhas pesquisas em Ensino de Ciências, Daniela Tomio, me incentivou a participar da seleção onde ela fazia seu curso de doutorado no Programa de Educação Científica e Tecnológica da UFSC. Também resolvi participar da seleção para o Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), quando tomei conhecimento da abertura de concurso público para a UDESC de Ibirama, município vizinho ao meu.

2010 foi um ano de grandes mudanças e grandes novidades. Fui aprovado no Programa de Mestrado em Educação Científica e Tecnológica da UFSC, juntamente com a aprovação para o cargo de Técnico Universitário da UDESC. E aí se iniciava um período

atribulado e desafiador: conciliar o novo emprego e a oportunidade de realizar o sonho do mestrado.

Dificuldades ultrapassadas e desafios vencidos, segui o caminho natural de alguém que sentia necessidade de continuar algo que se transformara em um projeto de vida. Hoje vejo como é gratificante poder aprofundar-me nas complexidades associadas aos processos de ensino-aprendizagem, formação de professores e ao Ensino de Ciências. Especialmente quando pude estar em contato e pesquisando saberes tão importantes como a Educação em Saúde e a Alfabetização Científica e Tecnológica.

Astolfi (2011 p.173) afirma que “sabor” e “saber” são a mesma palavra do latim “*sapere*”, no entanto,

“isso se perde um pouco na escola porque os saberes para os alunos (e muitas vezes para os professores) são principalmente coisas trabalhosas, aborrecidas e obsoletas, para memorizar... E que estão longe de serem saborosas! O sabor muitas vezes desaparece quando o saber torna-se escolar”.

O autor então sustenta que para resolver esse problema, nós professores não sabemos se “*colocamos flores no cemitério, ou se ressuscitamos os mortos!*” Após essa pequena caminhada, pude compreender que de nada adiantam flores embelezando os saberes aborrecidos e que é necessário buscar estratégias para “*restituir aos saberes das disciplinas o seu fundamento*” (ASTOLFI, 2011, p.173). Por ora, afirmo que, com certeza, esta caminhada permitiu-me retomar o meu sabor pelos saberes e que a caminhada continua.

Trajatória e origem do problema de pesquisa

Libâneo (1992) considera a educação escolar como um sistema de ensino e aprendizagem, que ocorre de forma organizada, planejada e sistemática, com propósitos intencionais e que estabelece um local e um tempo específico para estas atividades: o local onde a educação escolar ocorre é na escola. Concordo com autores que defendem que os objetivos da escola são a construção de conhecimentos científicos e a formação de cidadãos capazes de pensar e refletir acerca dos problemas e desafios posto pela sociedade (por exemplo, LIBÂNEO, 1992; LORENZETTI e DELIZOICOV, 2001; MOHR, 2002). Este pressuposto

básico é importante para compreender o enfoque de Educação em Saúde (ES) na escola, que será utilizado e defendido ao longo deste texto. Desta forma, defendo que o compromisso maior de professores de Ciências e Biologia deve ser com o ensino-aprendizagem de seus alunos, de forma que estes possam compreender significativamente o conteúdo para que possam decidir como utilizar seus conhecimentos. Da mesma forma, acredito que a ES escolar deve ser pautada em perspectivas e recursos pedagógicos que trabalhem os conteúdos e conceitos curriculares de forma que possam proporcionar aos alunos a construção de conhecimentos e reflexões que lhes permitam atuar de forma autônoma em suas escolhas. As necessidades e dificuldades encontradas no cotidiano escolar demonstraram-me a necessidade de construir conhecimentos que auxiliem nas atividades desenvolvidas em sala de aula, em especial as atividades de ES.

O tema da ES é multidisciplinar e tratado em diferentes áreas do conhecimento, como a área da Educação e a área da Saúde. De acordo com Mohr (2002), apesar de sua estreita relação com a educação, com o Ensino de Ciências (EC) e sua importância no espaço educacional, uma perspectiva pedagógica para a ES na escola não possui o devido destaque e desenvolvimento. Concordo com a autora que a ES realizada pela escola, via de regra, adota os mesmos pressupostos e objetivos das campanhas de saúde pública (convencimento, mudança de comportamento e ações imediatas) e torna-se assim alvo de duras críticas. Uma delas é que não se pode adjetivar de pedagógica, ações que usam e apelam apenas para o convencimento. É de extrema importância que a escola passe a ter ações e objetivos, de fato, pedagógicos na ES escolar.

A ES teve uma preocupação especial em minha prática docente: sempre a considerei importante devido ao interesse que o tema gerava em meus alunos e os interessantes questionamentos e discussões que proporcionava durante as aulas de Ciências. Nestas atividades, procurava trabalhar as relações entre as concepções dos alunos, a realidade local, e os conhecimentos científicos que compõem o tema de estudo. No entanto, duas atividades que desenvolvi, como professor de Ciências, deram origem às minhas inquietações e discussões sobre a ES.

A primeira situação ocorreu em 2008, em uma atividade como professor de Biologia, em uma escola municipal da região, resultado da disciplina de Estágio Curricular de Ensino Médio, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Durante o trabalho com o tema Parasitologia, conteúdos sobre parasitoses, seus sintomas, profilaxia,

bem como a relações entre saúde individual, meio-ambiente e saúde pública, fizeram parte das discussões destas aulas. Como forma de aproximação dos conteúdos com a realidade local, entrei em contato com a Vigilância Sanitária da Secretaria Municipal de Saúde de Rio do Sul, solicitando dados referentes ao saneamento, principais parasitoses que afetam a região e dados estatísticos. Este contato resultou no interesse dos técnicos da vigilância em desenvolver uma atividade educativa com os alunos, através de uma palestra sobre o tema. A palestra oferecida já possuía estrutura organizada, pois era ministrada nas escolas municipais em convênio com a Secretaria Municipal de Educação. Meu objetivo foi então, o de utilizar a palestra para finalizar as discussões sobre o assunto, pois propiciaria aos alunos ocasião de interagirem com um profissional especializado na área. No entanto, os resultados desta atividade foram decepcionantes para os alunos e para mim como professor, pois a atividade foi desenvolvida baseada no senso comum de que ensinar é fornecer informações, apresentando principalmente regras e normas a serem seguidas para evitar os riscos de doenças. Assim a atividade não gerou discussões sobre o conteúdo trabalhado, nem esteve articulada às atividades de ES desenvolvidas anteriormente e com os objetivos de aproximação dos conteúdos com a realidade dos alunos.

A segunda experiência ocorreu no ano seguinte, 2009, com alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao trabalhar questões de saneamento básico, ligadas à qualidade da água do rio que abastece a região, e às doenças envolvidas com a utilização e consumo de água não tratada, novamente busquei uma interação com os serviços de saúde e com profissionais especializados. Nesta atividade, a equipe de Enfermagem do Posto de Saúde, viria à escola para conversar com os alunos. A equipe dizia possuir uma proposta dialógica, e assim, traria reflexões importantes sobre o rio, a qualidade da água, consumo impróprio, saneamento básico local e cuidados necessários. Novamente a atividade afastou-se e não cumpriu a proposta inicial, visto que os dados apresentados referiam-se somente ao âmbito mundial e nacional, deixando a realidade local para um segundo plano. Desta forma, a atividade não resultou discussões e reflexões esperadas.

Estes cenários fizeram-me refletir acerca das relações entre professores e profissionais da saúde, quanto aos seus papéis, objetivos, metodologias e conteúdos nas atividades de ES realizadas na escola. Estas reflexões permitiram-me elencar as questões que orientam esta pesquisa:

Quais as relações existentes entre as escolas e os serviços de saúde no município de Rio do Sul/SC?

Especificamente esta questão inicial desdobra-se em dois aspectos principais:

- a) *Quanto aos atores envolvidos – professores e profissionais da saúde: quais suas relações e papéis?*
- b) *Quanto ao conhecimento veiculado: quais os seus conteúdos, objetivos e metodologias?*

Justificativa da pesquisa e objetivos

Relações e interações entre escolas e serviços de saúde ocorrem no ambiente escolar, sejam por iniciativa desta última ou por atividades institucionais de ES propostas e realizadas por Secretarias de Saúde em convênio com as Secretarias de Educação, conforme discutirei adiante ao analisar a legislação que institui os Programas de Saúde na Escola. Desta forma, os profissionais da saúde adentram as escolas e realizam atividades de ES. No entanto, estes profissionais da saúde raramente possuem uma formação pedagógica (MOHR, 2002). As experiências profissionais, discutidas anteriormente, que compõem a trajetória que deu origem a esta pesquisa, além de ilustrarem atividades de interação, compõem a relevância de pesquisa, por demonstrarem a necessidade de repensar a ES na escola.

Compreendo que a pesquisa e a reflexão sobre a ES no ambiente escolar faz-se necessário para auxiliar os atores envolvidos com a ES - professores e profissionais de saúde – para que possam compreender seus papéis frente às atividades desenvolvidas. Os objetivos, conteúdos e métodos a serem trabalhados nas atividades de ES têm suas especificidades de acordo com sua finalidade. As finalidades da ES de cada instituição ou esfera (escola, unidade de saúde, campanha de saúde pública, etc.) devem ser claramente identificadas e compreendidas, para que as relações entre estes profissionais sejam produtivas e para que, conforme discutirei adiante, uma nova proposta de ES possa ser colocada em prática, sem medos, restrições ou frustrações.

A investigação proposta tem como objetivo geral **compreender as relações entre professores e profissionais de saúde quando estes se encontram em atividades de ES na escola**. Desta forma, talvez fosse possível delimitar possibilidades para que estes profissionais e instituições possam interagir e se relacionar, para que contribuam com as atividades de ES sob uma perspectiva verdadeiramente pedagógica.

Os objetivos específicos podem ser assim elencados:

- Diagnosticar e compreender a ES desenvolvida nas escolas do município de Rio do Sul/SC;
- Analisar as relações e os papéis dos atores (professores e profissionais da saúde), envolvidos com a ES na escola;
- Identificar e analisar os conteúdos e os objetivos veiculados na ES na escola, a partir da formação dos profissionais envolvidos com tal atividade;
- Conhecer a metodologia utilizada nas atividades de ES no espaço escolar, por ambos os profissionais;
- Identificar o conhecimento que circula entre a escola e os serviços de saúde;
- Analisar as relações existentes entre escolas e serviços de saúde no que diz respeito à ES;
- Compreender os limites e possibilidades das relações entre serviços de saúde e escolas em relação à ES;

Estudos que aprofundem a investigação sobre a natureza e os objetivos da ES no contexto escolar são importantes para que se desenvolvam estratégias para a formação de professores, bem como metodologias de ensino-aprendizagem que tragam resultados adequados para o contexto escolar, pois “*na instituição escolar, os resultados esperados não podem, prioritária e exclusivamente, visar mudanças de comportamentos, hábitos e atitudes, tal como talvez seja legítimo e desejável em campanhas emergenciais de saúde pública*” (MOHR, 2002). De acordo com a proposta de ES sob uma perspectiva pedagógica de Mohr (2002), o currículo escolar deve ser organizado para propiciar construção de conhecimento e reflexão do aluno, para que este possa dispor de autonomia e conhecimento para suas escolhas e para que estas possam ser baseadas no conhecimento científico, se o aluno assim o desejar. Este processo de construção de conhecimentos científicos que proporcionem uma reflexão para maior autonomia do indivíduo é fundamentado pela Alfabetização Científica e Tecnológica (ACT) descrita em Fourez et al. (1997).

O presente texto está estruturado em cinco capítulos que compõem a dissertação. No primeiro capítulo teço um panorama da ES, apresentando o desenvolvimento temporal do tema no contexto escolar brasileiro e discuto a legislação pertinente ao tema e vigente no Brasil.

O segundo capítulo apresenta um aprofundamento teórico, explorando as novas formas de pensar o EC e a ES. Neste capítulo apresento e discuto a ES sob uma perspectiva pedagógica tal como

proposto por Mohr (2002) e seu embasamento na ACT proposta por Fourez et al. (1997).

No terceiro capítulo apresento a caracterização dos métodos que foram utilizados para a realização da pesquisa, incluindo a descrição da revisão bibliográfica que trouxe elementos teóricos que apresento e discuto nos capítulos um e dois.

Em seguida, no quarto capítulo, apresento os resultados e as discussões, contendo a análise das entrevistas realizadas.

E no quinto e último capítulo apresento as considerações finais da pesquisa.

Capítulo 1 – Panorama da Educação em Saúde

1.1 EDUCAÇÃO EM SAÚDE: DEFINIÇÕES NECESSÁRIAS

Conforme a definição de Schall e Struchiner (1999), a ES é

“um campo multifacetado, para onde convergem diversas concepções, das áreas tanto da educação, quanto da saúde, as quais espelham diferentes compreensões do mundo, demarcadas por distintas posições políticas e filosóficas sobre o homem e a sociedade” (p.4).

Desta forma a ES tem origem no encontro de duas grandes áreas, a educação e a saúde, que muitas vezes apresentam objetivos, conteúdos e metodologias distintas. Não é assim, de estranhar que a área apresente grande diversidade de compreensão, conceitos, objetivos e práticas. “A configuração do campo da ES, bem como alguns de seus problemas e dificuldades, resulta deste amálgama que muitas vezes não foi suficientemente compreendido por seus atores” (VENTURI e MOHR, 2011, p.02).

A própria designação do campo é polissêmica (educação em saúde, educação para a saúde, educação e saúde, educação sanitária), sendo sintoma do exposto acima (VENTURI e MOHR, 2011). De acordo com Melo (1987, p.29) a “educação sanitária”, também denominada *Health Education* nos Estados Unidos, passa por reformulações a partir de 1967, acarretando no surgimento de denominações como “*educação em saúde pública ou simplesmente educação em saúde e, com frequência, educação para a saúde*”. As diferenças somáticas destas expressões serão percebidas na abordagem histórica da ES no contexto brasileiro, tratada na seção 1.2. Como este estudo tem origem e foco de pesquisa no ambiente escolar, utilizo a designação e conceituação proposta por Mohr (2002, p.38), onde Educação em Saúde é compreendida como o conjunto de “*atividades realizadas como parte do currículo escolar, que tenham uma intenção pedagógica definida, relacionada ao ensino-aprendizagem de algum assunto ou tema relacionado com a saúde individual ou coletiva*”.

Quando a ES escolar é pautada na construção do conhecimento e na reflexão sobre os conhecimentos relacionados à saúde, com o objetivo de formação de um cidadão autônomo e capaz de tomar suas próprias decisões, caracteriza-se a Educação em Saúde sob uma

Perspectiva Pedagógica (ESPP) desenvolvida por Mohr (2002) e fundamentada em Fourez et al. (1997), discutida no capítulo dois.

Cabe ressaltar que a ES desenvolvida na escola nem sempre tem os mesmos objetivos e fundamentos da ESPP, no entanto, por ser desenvolvida neste ambiente, não deixa de ser uma atividade planejada e com o objetivo de ensinar um determinado conteúdo aos alunos. Dada as diferentes origens de atividades de ES na escola, elas podem ser planejadas no currículo escolar e desenvolvidas por profissionais de diversas áreas, dentre eles professores com as mais diversas formações, profissionais da escola e profissionais da saúde. No entanto, via de regra, é desenvolvida principalmente por profissionais da saúde, oriundos dos serviços de saúde e por professores de Ciências e Biologia, geralmente licenciados em Ciências Biológicas. Esta relação estreita da ES com o EC será discutida posteriormente através de uma leitura da relação histórica que resultou no compromisso do EC com a ES.

A ideia e designação de ES utilizada neste trabalho não é sinônimo de ações de Promoção de Saúde. Conforme apresentado no trabalho de Mohr (2002) as ações de Promoção de Saúde são ações relacionadas a políticas de saúde pública. Segundo a autora, via de regra, estas ações, também necessárias, objetivam a ação imediata e a mudança de comportamento da população, para que problemas de saúde pública possam ser solucionados. Por mais importantes que sejam estas ações, elas não podem confundir-se e sinonimizar-se com aquelas de competência e de atribuição do professor que tem seu espectro de ação pautado e referenciado principalmente em uma perspectiva pedagógica no sentido do ensino e da aprendizagem de raciocínio, desenvolvimento da reflexão e da capacidade de análise e crítica (MOHR, 2002).

A relação entre as áreas da Educação e da Saúde no que diz respeito à ES e a relação entre os profissionais que atuam na ES na escola ou em serviços de saúde, é resultante de estruturas sociais complexas e que necessitam de uma análise histórica para sua compreensão. De acordo com Silva et al. (2010) uma análise histórica dos modelos de ES não significa uma sequência evolutiva, mas uma descrição da prática dominante em certos períodos, pois numerosas formas de desenvolver a ES sempre estiveram presentes concomitantemente. Desta forma, procuro delinear os caminhos da ES ao longo da história, para compreender as consequências destes caminhos na ES da proposta atual, e suas influências em novas formas de pensar a ES.

1.2 DESENVOLVIMENTO TEMPORAL DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR BRASILEIRO.

Identifico um período inicial que terá muita influência até os dias de hoje, seguido por um período que denomino de transição e pioneirismo, no qual a ES passa a apresentar mudanças significativas, levando em conta aspectos coletivos e ambientais. Em seguida apresento a formalização da ES no currículo escolar e finalizo com uma reflexão crítica frente às características atuais da ES, como um tema transversal.

1.2.1 Os primeiros tempos da Educação em Saúde

Os primeiros indícios de preocupação com a saúde da população surgiram no Brasil na era colonialista, onde jesuítas observaram que as influências do ambiente e dos bons hábitos de higiene, juntamente com práticas religiosas, poderiam reduzir a disseminação de moléstias entre a população (JUCÁ, 2008). Ainda segundo esta autora, os jesuítas foram os precursores da institucionalização de práticas de saúde no Brasil e suas ações perduraram por cerca de duzentos anos. Mas ressalto que estas práticas não se aproximavam de práticas do que hoje se denomina ES. De acordo com Antunes et al. (1999, p.167) as atividades, sob responsabilidade das congregações religiosas, eram *“voltadas para o alívio da alma do doente e alguns cuidados como os de higiene, de feridas; o preparo de chás, de alimentos; lavagem de roupas e do ambiente”*.

Antunes et al. (1999) e Jucá (2008) assinalam que até o final do século XIX as medidas de saúde tinham objetivos de fornecer informações para evitar a morte em massa e recuperar os doentes. Mudanças na esfera educacional e nas medidas de saúde ocorreram apenas a partir de 1808, após a instalação da Família Real no Brasil. Tais medidas centravam-se na necessidade de a população ser educada física, intelectual e moralmente, retomando práticas higiênicas dos jesuítas (JUCÁ, 2008). Neste período as medidas de saúde, assim como a educação formal, eram destinadas à elite, que buscava a europeização dos hábitos e costumes (SILVA, et al. 2010). Schall (2005) afirma que naquele período, a educação formal foi orientada pela medicina social, cujos preceitos que antes ignoravam as crianças, passam a torná-las prisioneiras de exigências sanitaristas e higiênicas. *“A educação era, então, sinônimo de disciplina e domesticação”* (SCHALL, 2005, p.43).

De acordo com Wendhausen e Saupe (2003), atividades visando abordar e sanar problemas de saúde, de forma planejada e ampliada às

classes populares, iniciaram-se no Brasil na metade do século XIX e início do século XX, e foram denominadas educação higiênica. De acordo com as autoras, a educação higiênica nasceu devido à necessidade de saneamento dos portos e combate às epidemias que assolavam o país, como a febre amarela, varíola e a peste. A educação higiênica baseava-se em ordens prescritivas, medidas consideradas científicas pelos técnicos e a política se definia pelo uso da força policial para tratar de questões relativas à saúde (LEVY et al. 2002). Devido às medidas autoritárias e da força repressiva utilizada para impô-las, foi criada a polícia sanitária, ou polícia médica, também conhecida por brigada sanitária, pois

“ao Estado cabia assegurar bem-estar e segurança ao povo, mesmo contrariando interesses individuais, justificando-se assim o controle coercivo dos problemas sanitários como mecanismos de assegurar a defesa dos interesses gerais da nação”. (SILVA, et al. 2010, p.2540)

A classe popular, a quem se destinavam as medidas de saúde, era considerada, em função de sua pretensa falta de informação e ignorância, a causa das doenças. Então, as atividades de ES eram breves, porque as autoridades consideravam o povo incapaz de maiores entendimentos. Os poucos momentos em que as autoridades realizavam atividades de orientação eram para dizer apenas que haviam tentado via convencimento, antes de tomar as medidas coercitivas (SCHALL, 2005 e SILVA, et al. 2010).

Este modelo de medidas adotadas para promover a saúde pública não pode, em momento algum, sinonimizar-se ao que hoje chamamos ES. Apesar de coerentes, ou aparentemente coerentes com a educação da época, tais ações não faziam referência aos processos de ensino-aprendizagem que devem compor a educação escolar, tal como entendemos contemporaneamente, eram caracterizadas apenas como ações educativas, ou ações que eram consideradas educativas na época.

No início do século XX, de acordo com Jucá (2008) e Silva et al. (2010), Oswaldo Cruz passou a tratar as ações de saúde com um caráter político, objetivando o convencimento da população, no entanto, ainda com auxílio da força policial, de forma pontual através de campanhas em áreas de epidemia. Após o controle dos surtos as campanhas eram descartadas. Estas ações visavam adequar os indivíduos aos padrões estabelecidos social e politicamente.

Em 1923, Carlos Chagas, em meio à crise sanitária provocada pela gripe espanhola, criou o Departamento Nacional de Saúde, ligado ao Ministério da Justiça, e realizou a primeira reforma sanitária brasileira. As ações educativas da época deixaram de ser tratadas pela polícia sanitária e passaram a ser atividades de educadores sanitários. Estes profissionais eram treinados para persuadir e conscientizar os indivíduos, focando especialmente na saúde da criança e dos trabalhadores, forma pela qual se buscava evitar epidemias e prejuízos econômicos no desenvolvimento industrial da época (SILVA, et al. 2010).

A partir da década de 1920 ações educativas na área da saúde passaram a ser designadas por educação sanitária. Esta se caracterizava por apresentar conhecimentos científicos dogmáticos e manter o caráter autoritário. Tais atividades continuavam a utilizar o discurso higienista que mantinha o foco no indivíduo e na conscientização sanitária dos indivíduos (ROCHA, 2003). Freitas e Martins (2008) relatam que as concepções higienistas-eugenistas, que visavam à higienização e a moralização das pessoas e das cidades, adentraram as escolas caracterizando o período da inspeção escolar; tal período estendeu-se até meados da década de 1940.

Este modelo tornava as escolas responsáveis pela educação sanitária. Os educadores sanitários e professores deveriam atuar no repasse e conscientização dos princípios de higiene aos alunos, bem como na correção da ignorância familiar (ROCHA, 2003). De acordo com Rocha (2003, p.40), a escola deveria eliminar atitudes viciosas, criar hábitos higiênicos e saudáveis, “(...) *modelar a natureza infantil pela aquisição de hábitos que resguardassem a infância da debilidade e das moléstias*”. Portanto, “(...) *as escolas seriam, além de espaço de ensino e controle social, espaços terapêuticos, recaindo sobre o professor a tarefa de transformar o mundo*” (SILVA, et al., 2010, p.2542). Os professores do ensino primário (atuais séries iniciais do atual Ensino Fundamental) eram capacitados para a veiculação de mensagens de higiene e processos que envolvem saúde-doença (SILVA et al., 2010). Para a época, talvez fosse aceitável que a escola tivesse o objetivo de moldar as pessoas, no entanto é na permanência destas características em outro tempo histórico que reside os problemas que a ES enfrenta hoje. Ou seja, ao não se modificar juntamente com os objetivos educativos e da escola, a ES, tal como geralmente está na escola, é anacrônica e deturpa as funções do professor que se verifica muitas vezes atualmente. Objetivos de mudança de comportamento ou moldagem permanecem na prática atual dos professores, o que não é

mais considerado adequado para a escola, conforme discutido no início deste texto.

A relação entre educação e saúde começa a estreitar-se nesta época, tanto que na década de 1930 foi criado o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, formalizando este vínculo. O novo ministério tinha a função de definir a política social, baseada na atenção primária à saúde e à educação e medidas de controle (LIMA e PINTO, 2003).

Na década de 1940, em plena guerra, o governo brasileiro firmou um convênio com o governo americano e criou o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), o que significava para o Brasil a vinda de novas técnicas preventivas, e também trouxe novas técnicas educacionais.

“Nessa época, inovações metodológicas e novas técnicas de ensino-aprendizagem são introduzidas nas práticas de educação em saúde, tais como a educação de grupos, os recursos audiovisuais e o desenvolvimento e organização de comunidades, desencadeando ideias de participação e mobilização de indivíduos nas ações de saúde, contrariando a política centralizadora e paternalista do Estado como um todo.” (SILVA, et al. 2010 p. 2543).

Através destas inovações, a Educação Sanitária passa, de forma sutil, a levar em conta os fatores sociais, econômicos e culturais. No entanto a escola continuava buscando técnicas de regulação e normatização, cujo objetivo era atingir inconscientemente as crianças (ROCHA, 2003). Segundo Renovato e Bagnato (2010) a Educação Sanitária na escola seria um dos componentes dos programas institucionais do SESP a ser realizado pela escola, por profissionais de saúde: o médico, o enfermeiro e o visitador sanitário. Renovato e Bagnato (2010, p.289), ao finalizarem um trabalho no qual analisam o desenvolvimento do SESP no Brasil, consideram que este serviço teve relevante o papel para a Educação Sanitária Brasileira:

“Não se trata aqui de tecer críticas, nem relatar atos heróicos dessa agência nas batalhas travadas contra a doença, mas compreender suas ações que difundiram por uma nação ainda desconhecida pelo mundo e por si mesma, levando suas representações, propagando suas verdades e

explanando seu modelo de administração sanitária em um momento de transições epistemológicas e de concretização de outros campos do saber.”

A partir dos anos 1950, as ações educativas em saúde passam a ser denominadas Educação para a Saúde, pautando-se, de acordo com Silva et al. (2010, p.2544), “*por uma ideologia modernizadora que tinha por meta remover os obstáculos culturais e psicossociais às inovações tecnológicas de controle de doenças (...)*.” No entanto, o que continuava sendo praticado era o antigo formato da educação higiênica, que visava o indivíduo e era considerada como fundamental para a redução de doenças. Segundo Antunes (1999) e Freitas e Martins (2008) esta ES persistiu em um modelo biomédico e com uma visão reducionista e centrada nos aspectos anatômicos e fisiológicos do processo saúde-doença, uma vez que “*a saúde é vista como uma questão relativa ao organismo, seus aspectos psicológicos, sociais e ambientais não são levados em conta*” (FREITAS; MARTINS, 2008, p.13).

Silva et al. (2010, p.2544) consideram que as ações educativas em saúde e seus moldes eram decorrentes dos interesses políticos das elites, afirmando que

“(…) até a década de setenta, a educação em saúde no Brasil foi basicamente uma iniciativa das elites políticas e econômicas e, portanto, subordinadas aos seus interesses. Voltava-se para a imposição de normas e comportamentos por elas considerados adequados.”

Com a Revolução de 1964, o momento histórico brasileiro fica marcado pelos regimes militares e as atividades educativas em saúde passam a ser articuladas entre equipes compostas por diversos profissionais de saúde e por educadores (SILVA, et al. 2010). Silva et. al (2010) afirmam que a partir deste período estas atividades são denominadas “Educação em Saúde”, no entanto, por continuarem baseadas na mudança de comportamento e nas medidas prescritivas e preventivas, não apresentam a perspectiva pedagógica proposta por Mohr (2002) e que fundamenta este trabalho. Visualiza-se a partir de então, o início de um outro relacionamento entre os educadores e profissionais da saúde.

1.2.2 Transição e pioneirismo

Uma nova abordagem para ES começa a ser pensada a partir de 1960, por Hortência Hurpia de Hollanda. Seu trabalho merece destaque, pois foi precursor de uma ES que abriu espaço para a participação da comunidade, com enfoque ambientalista e integrador (SCHALL, 1999). Foi considerado por Schall (1999) um trabalho avançado e pioneiro para a época, e ainda pode ser assim considerado.

De acordo com os estudos de Schall (1999) a carreira de Hortência de Hollanda inclui atividades docentes em diversas instituições nacionais e internacionais. Foi consultora da Organização Mundial da Saúde (1968/1969) em 1970 tornou-se assessora e diretora da Divisão Nacional de Educação Sanitária do Ministério da Saúde, permanecendo no cargo até 1977 (SCHALL, 1999).

De acordo com Diniz et al. (2010), neste período, Hollanda participou de um projeto de pesquisa para o desenvolvimento de materiais para a ES, com auxílio de pesquisadores, professores e com a participação da comunidade escolar. O resultado deste trabalho foi o livro *“Saúde como Compreensão de Vida”*, considerado uma publicação fundamental para a ES escolar do Ensino Fundamental da época. O livro, por ter sido desenvolvido no meio escolar, trazia uma abordagem conectada à vivência dos alunos e relacionado à realidade da comunidade. Diniz et al. (2010) consideram que a obra busca o desenvolvimento de reflexões necessárias sobre os processos metodológicos do ensino de saúde, pensando a ES de uma forma mais significativa e contextualizada. Para desenvolver este trabalho, Hollanda partiu do princípio de que a ES deve *“estruturar um mínimo de conhecimentos e atitudes capazes de levar o indivíduo à compreensão dos problemas de saúde, estimulando sua autonomia e responsabilidade, associadas a uma ação coletiva”* (DINIZ et al. 2010, p.122).

De acordo com Schall (1999) Hortência de Hollanda trouxe para a ES uma abordagem humanista e humanitária, considerando a ES como um momento para oportunizar conversas, onde ouvir as pessoas é muito mais importante do que falar, sendo este um grande diferencial em seu trabalho. Para a autora em uma época em que os profissionais da saúde eram considerados os detentores do saber a ser transmitido, um trabalho de ES que partia daquilo que as pessoas já sabiam era considerado inovador e desafiador. Julgo importante destacar que, antes mesmo dos inúmeros trabalhos sobre a importância das concepções alternativas para o ensino-aprendizagem das Ciências, Hollanda já ressaltava a

importância dos conhecimentos prévios, culturais e familiares das pessoas. Para Hollanda a cultura poderia constituir-se uma barreira à aprendizagem, pois

“Cada individuo tem potencialmente muitos caminhos para se desenvolver, mas a cultura é uma grande limitadora, no sentido de que todas as necessidades individuais, mesmo as mais básicas fisiológicas – como de alimentação e de reprodução -, são, no entanto reguladas pela cultura em que a pessoa nasce.” (Hollanda in DINIZ et al. 2009, p.550)

O ambiente também foi levado em conta em seu trabalho. No entanto, quando Hollanda reporta-se ao ambiente, refere-se às relações existentes em nível biológico, meio social, econômico, condições de habitação, bem como relações estabelecidas entre a comunidade e os profissionais da saúde. As relações entre a comunidade e os profissionais da saúde não deveriam pautar-se somente em repasse de informações, pois as pessoas não mudariam de comportamento somente pela informação. Isso era considerado por Hollanda “*absolutamente sem sentido, não tinha nada com a realidade*” (SCHALL, 1999, p.153).

Hollanda considerava que,

“É preciso desenvolver um processo de compreensão da importância das mudanças culturais e ambientais, visando preservar determinado nível de saúde ou alterá-lo. Só compactuam e participam das mudanças as comunidades que se sentem efetivamente sensibilizadas. Deve haver, portanto, adesão decorrente de reflexão, entendimento, aceitação e incorporação; jamais uma imposição via decretos ou ordens do mundo da ciência e do poder político”. (DINIZ et al. 2009. p. 540)

No que diz respeito à instituição escola, a visão de Hollanda incluía a interação entre escolas, comunidade e serviços de saúde. Ela afirmava que “*se a escola não tem um entrosamento com a comunidade e com os serviços de saúde, muitas coisas vão se chocar no caminho*” (SCHALL, 1999. p. 153). Hollanda considerava importante localizar na comunidade pessoas capazes de colaborar com as atividades educativas, desenvolvendo parcerias entre professores, médicos, enfermeiros,

educadores sanitários e comunidade (DINIZ et al. 2009). Tal entrosamento era fundamental para conhecer a comunidade e as situações geradoras de doenças. Desta forma, seria possível desenvolver na escola um trabalho de ES que conhecesse as raízes dos problemas da comunidade e que pudesse auxiliar nas mudanças necessárias.

Concordo com Diniz et al. (2009) que Hortência de Hollanda representa seguramente uma das contribuições mais efetivas para a saúde pública, especialmente para a ES da década de 1970. No entanto, a visão de Hollanda, apesar de avançada e libertadora, visa o conhecimento como condutor à mudança de comportamento:

“Devemos ter em mente que os grupos e as pessoas a quem dirigimos o nosso trabalho não são estáticos. Reestruturam suas atitudes e modificam seu comportamento sob o impacto de novas situações, de novos conhecimentos e da interação pessoal” (Hollanda in Diniz et al. 2009, p.554).

Esta visão de ES que visa à mudança de comportamento, não coincide com a visão de ES desenvolvida neste trabalho e por Mohr (2002). Entendo que mudanças de comportamento podem e muitas vezes devem ser preconizadas em campanhas emergenciais de saúde pública, como foram muitos dos trabalhos de ES desenvolvidos por Hollanda. No entanto, esta visão não deve e não pode ser levada como única, exclusiva e principal forma de realizar a ES na escola. Neste local, o conhecimento científico e a reflexão sobre este conhecimento devem ser o foco das atividades do professor.

1.2.3 Formalização no currículo escolar

Acompanhando movimentos no campo da saúde pública, a partir dos anos 1970, algumas ações de ES começam a ser desenvolvidas a partir de um novo enfoque, ultrapassando a ênfase única no indivíduo e passando a ser orientada para a comunidade: neste novo modelo, a população e os profissionais compartilham saberes e buscam a melhoria da qualidade de vida (WENDHAUSEN; SAUPE, 2003).

Este período é marcado, na legislação escolar, pela instituição dos Programas de Saúde na escola, que foram estabelecidos pela Lei 5.692 de 1971- Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

“Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969.”

O objetivo foi que a inclusão desta atividade escolar promovesse o desenvolvimento de comportamentos adequados para que os indivíduos alcançassem e mantivessem a saúde. Através dos Programas de Saúde escolares os alunos deveriam ter acesso às noções de higiene, preservação da saúde e puericultura (LEMÔNACO, 2004). No trabalho de Marcondes (1972, p.91), que caracterizou as atividades de educação para a saúde, verifica-se seu significado na época:

“Educação para a saúde na escola significa a formação de atitudes e valores que levam o escolar ao comportamento inteligente, revertendo em benefício de sua saúde e da saúde dos outros. Não se limita a dar conhecimentos; preocupa-se em motivar a criança a aprender, analisar, avaliar as fontes de informações, em torná-la capaz de escolher inteligentemente seu comportamento com base no conhecimento.”

Em 1974, o Conselho Federal de Educação aprovou o Parecer 2.264 que orientava e estabelecia as diretrizes para estruturação e implementação dos Programas de Saúde na escola. Ações de ES aí realizadas tinham por meta, até então, inspecionar e normatizar condutas higiênicas que convertem-se em atividades que passam a ter como objetivo a formação de hábitos e atitudes, sendo uma atividade, considerada pedagógica, e constante no contexto escolar e extra-escolar (BAGNATO, 1990):

“Entretanto, a mudança de determinados comportamentos e a aquisição de outros relacionados com a saúde só são possíveis se esses comportamentos puderem ser integrados no cotidiano dos indivíduos de maneira adequada e efetiva, com vistas à recuperação, manutenção e promoção de saúde” (BAGNATO, 1990, p.56).

Com a política de inserção dos Programas de Saúde na escola, as responsabilidades deste campo de atividade escolar tornaram-se ainda maiores, cabendo à escola a responsabilidade de oferecer formalmente oportunidades que possibilitassem o desenvolvimento do aluno e de sua saúde. Embora o parecer não previsse tal configuração, para cumprir as exigências legais, as escolas, via de regra, atrelaram os Programas de Saúde à disciplina de Ciências (BAGNATO, 1990; LEMÔNACO, 2004). Houve ainda a modalidade Prática de Saúde (ou Projeto de Saúde Escolar) desenvolvida por técnicos de saúde (LEMÔNACO, 2004).

No texto do parecer havia o encorajamento à articulação e interação interinstitucionais (Educação e Serviços de Saúde), visto que este previa ações conjuntas de grupos constituídos por representantes dos órgãos de saúde, do pessoal docente do então 1º e 2º graus e das universidades locais:

“É recomendável, portanto, e sempre que possível, que antes da execução dos programas de saúde haja a formação de grupos de trabalho constituídos por representantes dos órgãos de saúde, do pessoal docente de 1º e 2º graus e das universidades locais. Esses elementos deverão planejar os programas de saúde buscando compatibilizá-los com as necessidades do meio, do aluno e com os recursos existentes para a elaboração do material adequado, sempre sem perder de vista a integração da escola nos movimentos de mobilização comunitária, visando sua adequação aos objetivos propostos e à melhoria do meio-ambiente.” (BRASIL, 1974, p.65).

Tais relações institucionais objetivavam o planejamento dos Programas de Saúde buscando compatibilizá-los com as necessidades comunitárias locais, apresentando uma abordagem global da saúde chamada de bio-psico-social (BAGNATO, 1990). Infelizmente esta articulação nunca se desenvolveu com o vigor preconizado (MOHR, 2002).

No decorrer das décadas seguintes e acompanhando o movimento que valoriza a saúde coletiva com enfoque comunitário, a ES foi desenvolvendo novas estratégias, propostas e ações. As atividades passaram a valorizar novas abordagens e visões da saúde e seus condicionantes. Schall (2005, p.42) observou que no início da década de

1980 a ES escolar ainda “*caracterizava-se, principalmente, por imposição de hábitos e transmissão de conhecimentos, focalizados, sobretudo nas relações de causa e efeitos biológicos, numa visão positivista da saúde e das relações ambientais, desconsiderando os aspectos sócio-histórico-culturais*”. Dessa forma a autora ressalta a ênfase na educação baseada na transmissão de conteúdos e informativa que caracterizava o Ensino de Ciências na época e que, muitas vezes, se estende até os dias de hoje. As características destes períodos podem ser verificadas atualmente, pois as mudanças ocorridas nas formas de tratar as atividades de ES não se caracterizavam como um encerramento de período ou ciclo, mas sim como uma sobreposição de períodos, onde as atividades educativas em saúde agregavam as características dos períodos anteriores.

Atualmente, ao menos em tese, trabalha-se com a ideia de Promoção de Saúde introduzida pela Conferência de Ottawa em 1986. Neste documento, atividades educativas em saúde passam a ser estratégias para a promoção da saúde. A partir da conferência passou-se a considerar que o processo educativo, necessariamente deve ter a participação das pessoas envolvidas, levando-se em conta suas concepções, tornando a participação dinâmica. Desta forma,

“as atividades educativas não podem partir da noção de que um educando nada sabe e de que um educador está repleto de conceitos e verdades a serem repassados. Antes, o ponto de partida se baseia na valorização dos indivíduos, de sua cultura e hábitos. Nesse sentido, as atividades educativas devem valorizar a troca de experiências, a vivência dos envolvidos no processo” (LEMÔNACO, 2004).

1.2.4 O presente: a Educação em Saúde como tema transversal

Em 1996 foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que em seu Artigo 1º determina que “*a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais*”. A nova lei também estabeleceu a organização do sistema escolar nacional, dividindo-o em Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Superior.

Quanto à ES a nova LDB não prevê nenhuma ação educativa específica ou de forma explícita. No entanto, prevê ações assistencialistas, pois ao normatizar sobre o *Direito à Educação e do Dever de Educação* no Artigo 4º, Inciso VIII, determina o “*atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde*” (BRASIL, 1996). As ações assistencialistas são aquelas destinadas à solução de problemas de saúde pontuais dos estudantes, como combate a parasitas, prevenção de cáries e exames oftalmológicos, e não estão integrados às atividades curriculares da escola.

Desta forma, acompanhando as modificações acima sumarizadas e dando a elas consequências legais, surge, a partir da metade década de 1990, nova mudança nas atividades de ES na escola. O parecer que embasa as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação Básica estabelece que a função maior da escola é preparar os estudantes para uma vida cidadã:

“O significado que atribuímos à Vida Cidadã é o do exercício de direitos e deveres de pessoas, grupos e instituições na sociedade que, em sinergia, em movimento cheio de energias que se trocam e se articulam, influem sobre múltiplos aspectos, podendo, assim, viver bem e transformar a convivência para melhor.

Assim as escolas com suas propostas pedagógicas estarão contribuindo para um projeto de nação, em que aspectos da Vida Cidadã, expressando as questões relacionadas com a Saúde, a Sexualidade, a Vida Familiar e Social, o Meio Ambiente, o Trabalho, a Ciência e a Tecnologia, a Cultura e as Linguagens, se articulem com os conteúdos mínimos das Áreas de Conhecimento.” (BRASIL, 1998a, pág. 9).

Como forma de implementar o prescrito nas DCNs, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1997 e 1998b) instituem os temas transversais como sendo a forma de praticar no currículo escolar temas de importância social e que contribuem para a formação cidadã mencionada acima. Os PCNs possuem concepções de ES que se assemelham com os antigos Programas de Saúde desenvolvidos na escola (JUCÁ, 2008). De acordo com Jucá (2008) a

tentativa de dissociar a ES dos aspectos sanitários e da higiene do corpo, propondo uma nova abordagem que fosse discutida por diversas áreas do conhecimento, não foi totalmente efetivada, mesmo com a ES aparecendo como um dos seis temas transversais.

Para Mohr (2009a) os PCNs tornaram-se referência para projetos nacionais da política educacional, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e serviram de base para orientações curriculares regionais e locais. Desta forma, uma análise mais detalhada sobre os PCNs, como a que se segue, é de extrema importância, pois eles influenciam a prática do professor direta e indiretamente (Mohr, 2002).

Os PCNs que tratam do tema transversal Meio Ambiente e Saúde (BRASIL, 1997, p.66), trazem as seguintes compreensões para a ES:

“A saúde deve ser compreendida como reflexos da “maneira como vivem” os indivíduos e os grupos sociais, favorecendo avaliações que levam em consideração “as relações com o meio físico, social e cultural”, cabendo à escola, no contexto da educação para a saúde, discernir e participar de decisões relativas à saúde individual e coletiva”, assim, a renovação dos enfoques no setor implicam, sobretudo na formação do aluno para a cidadania.”

Para alcançar estes objetivos a transversalidade exige caminhos conectados a outras disciplinas e temas transversais. Para os PCNs, ao trabalhar ES como tema transversal, é possível atuar em prol da melhoria dos níveis de saúde pessoal e da coletividade. O documento dá grande importância à promoção de saúde, que “(...) *se faz por meio da educação em saúde, da adoção de estilos de vida saudáveis, do desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais, da produção de um ambiente saudável*” (BRASIL, 1997, p.93). Desta forma, os PCNs apresentam um enfoque na promoção de saúde como forma de conquistar a cidadania, objetivando o desenvolvimento de uma consciência sanitária da população, sendo ainda a aquisição de hábitos e atitudes as dimensões mais importantes, permanecendo a forte ligação com os aspectos biológicos, sanitários e com a higiene do corpo.

No entanto os próprios PCNs reconhecem que “*a escola, sozinha, não levará os alunos a adquirirem saúde. Pode e deve, entretanto fornecer elementos que os capacitem para uma vida saudável*” (BRASIL, 1997, p. 90). Estes elementos poderão ser dados por um

trabalho pedagógico cujo enfoque principal é na saúde e não na doença. *“Por isso o desenvolvimento de conceitos deve ter como finalidade subsidiar a construção de valores e a compreensão das práticas de saúde favoráveis ao crescimento e ao desenvolvimento”* (BRASIL, 1997, p.98).

Analisando os PCNs sob a perspectiva pedagógica de Mohr (2002) para a ES, acredito que o documento se contradiz, e os estudos realizados para seu desenvolvimento não compreenderam e não fizeram diferença entre trabalhar ES em uma perspectiva pedagógica voltada para a escola e trabalhar para a promoção de saúde. Na perspectiva pedagógica os conteúdos e conceitos são trabalhados como forma de buscar a construção de conhecimentos que proporcionem uma reflexão e autonomia para que o indivíduo possa fazer suas escolhas. Estas incompreensões tornam os PCNs, documentos repletos de orientações normativas e prescritivas, que determinam o certo e o errado, de acordo com um padrão pré-estabelecido e que não leva em conta a realidade cultural, social e familiar do aluno. Para esta ES, vista através da promoção de saúde, enfatizar o desenvolvimento de mudanças de comportamentos, formação de hábitos e atitudes, deixa os conceitos e os conhecimentos subordinados às mudanças que devem ocorrer. Mohr (2009a) afirma que,

“Tal solução parece bastante simplista e errônea. Em primeiro lugar porque, via de regra, não é o desenvolvimento de conceitos e conhecimentos que ocorre nas salas de aula de ciências, mas principalmente a memorização de fatos e dados apresentados de uma maneira fragmentada e sem sentido para o aluno. Além disso, atitudes, comportamentos e valores não são opostos ao desenvolvimento de conceitos e conhecimentos. A partir do momento em que a escola renuncia a um de seus objetivos principais (aquele de desenvolver nos alunos conceitos, raciocínio e crítica), não há mais a necessidade desta instituição na sociedade. Deve-se ter muito claro como princípio, que valores, comportamentos e hábitos devem ser desenvolvidos e praticados a partir da possibilidade de escolha e de conhecimentos e conceitos tornados significativos. Caso contrário, condena-se a escola a ser uma instituição destinada apenas à propaganda e à

modelagem de comportamentos.” (MOHR 2009, p. 123).

Apesar de toda a discussão sobre a transversalidade do tema, os PCNs de Ciências Naturais atribuem a ES como objetivo do EC na escola, vinculando formalmente ES ao EC, sendo o EC o responsável por desenvolver no aluno a capacidade de “*compreender a saúde pessoal, social e ambiental como bens individuais e coletivos que devem ser promovidos pela ação de diferentes agentes*” (BRASIL, 1998b, p.33).

Nas pesquisa realizada por Mohr (2002), pode-se observar que mesmo a ES sendo um tema transversal, é a disciplina de Ciências que vem se responsabilizando pela ES na escola. Isto se deve à restrição dos conteúdos desenvolvidos como ES na disciplina de Ciências, centrarem-se aos aspectos anatômicos e fisiológicos dos processos de saúde-doença do desenvolvimento humano, como por exemplo parasitoses e problemas relacionados à poluição. Assim, os professores de Ciências, especialmente os formados nos cursos de Ciências Biológicas, encarregam-se da ES, além de muitas vezes o tema constar somente nos livros didáticos das disciplinas de Ciências e Biologia.

Jucá (2008) fez uma análise detalhada dos PCNs de Ciências Naturais e afirma que ali a ES assume diferentes perspectivas, dependendo do estágio do ensino fundamental em que se está trabalhando. Segundo a autora, o primeiro e o segundo ciclos são destinados aos hábitos que podem influenciar na sanidade dos indivíduos e exploram de forma superficial os fatores ambientais e agentes etiológicos, que devem ser aprofundados nos ciclos seguintes. O terceiro ciclo trata do ensino de Ciências nos atuais sexto e sétimos anos e o quarto ciclo corresponde aos oitavos e nonos anos, estas séries correspondem as séries finais do Ensino Fundamental e são objetos de estudo deste trabalho. Desta forma, uma análise mais detalhada destes textos do PCN merecem destaque. Os objetivos dos conteúdos e os conteúdos a serem trabalhados nestes ciclos são apresentados nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 - Texto do PCN

| Ciclo Escolar | Objetivos dos conteúdos do Ensino de Ciências – referentes à ES | Conteúdos indicados |
|-----------------------|---|--|
| Terceiro Ciclo | <p>- “valorizar o cuidado com o próprio corpo, com atenção para o desenvolvimento da sexualidade e para os hábitos de alimentação, de convívio e de lazer;</p> <p>- “compreender a alimentação humana, a obtenção e conservação dos alimentos, sua digestão no organismo e o papel dos nutrientes na sua constituição e saúde.” (BRASIL, 1998b. p.61)</p> <p>- “a compreensão do corpo como um todo e da saúde humana, integrados pelas dimensões orgânica, ambiental, psíquica e sociocultural” (BRASIL, 1998b. p. 73)</p> | <p>“- distinção de alimentos que são fontes ricas de nutrientes plásticos, energéticos e reguladores, caracterizando o papel de cada grupo no organismo humano, avaliando sua própria dieta, reconhecendo as conseqüências de carências nutricionais e valorizando os direitos do consumidor;</p> <p>- compreensão de processos envolvidos na nutrição do organismo estabelecendo relações entre os fenômenos da digestão dos alimentos, a absorção de nutrientes e sua distribuição pela circulação sanguínea para todos os tecidos do organismo;</p> <p>- caracterização do ciclo menstrual e da ejaculação, associando-os à gravidez, estabelecendo relações entre o uso de preservativos, a contracepção e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, valorizando o sexo seguro.” (BRASIL, 1998b. p.78)</p> |

Tabela 2 - Texto do PCN

| Ciclo Escolar | Objetivos dos conteúdos do Ensino de Ciências – referentes à ES | Conteúdos indicados |
|----------------------|--|--|
| Quarto Ciclo | <p><i>“- compreender o corpo humano e sua saúde como um todo integrado por dimensões biológicas, afetivas e sociais, relacionando a prevenção de doenças e promoção de saúde das comunidades a políticas públicas adequadas;</i></p> <p><i>- compreender as diferentes dimensões da reprodução humana e os métodos anticoncepcionais, valorizando o sexo seguro e a gravidez planejada.” (BRASIL, 1998b. p.90)</i></p> | <p><i>“- compreensão do organismo humano como um todo, interpretando diferentes relações e correlações entre sistemas, órgãos, tecidos em geral, reconhecendo fatores internos e externos ao corpo que concorrem na manutenção do equilíbrio, as manifestações e os modos de prevenção de doenças comuns em sua comunidade e o papel da sociedade humana na preservação da saúde coletiva e individual;</i></p> <p><i>- reconhecimento de processos comuns a todas as células do organismo humano e de outros seres vivos: crescimento, respiração, síntese de substâncias e eliminação de excretas; . compreensão dos sistemas nervoso e hormonal como sistemas de relação entre os elementos internos do corpo e do corpo todo com o ambiente, em situações do cotidiano ou de risco à integridade pessoal e social, valorizando condições saudáveis de vida;</i></p> <p><i>- compreensão dos processos de fecundação, gravidez e parto, conhecendo vários métodos anticoncepcionais e estabelecendo relações entre o uso de preservativos, a contracepção e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, valorizando o sexo seguro e a gravidez planejada.” (BRASIL, 1998b. p.107)</i></p> |

Ao observar a Tabela 1, compreendo que no terceiro e no quarto ciclos, os objetivos dos conteúdos estão centrados nas compreensões das relações entre corpo, ambiente, sociedade e cultura para a aquisição de

hábitos saudáveis. No entanto, os conteúdos apresentados para atingir tais objetivos retornam às raízes da ES no Brasil, pois apresentam características como as discutidas neste texto, nas décadas de 1960 e 70. Os conteúdos indicados para os trabalhos nos terceiro e quarto ciclos, enfatizam a anatomia e a fisiologia do corpo humano, bem como a retomada da necessidade de falar de doença para trabalhar ES. Mesmo apresentando inovações, os PCNs continuam apegados aos antigos Programas de Saúde, demonstrando que antigas e antiquadas maneiras de compreender ES ainda não foram superadas.

Ao finalizar esta análise dos PCNs, quanto ao tema transversal saúde, posso afirmar que segundo suas orientações, o objetivo central é garantir uma aprendizagem transformadora de atitudes e hábitos. Igualmente estes documentos e outros que abordam a ES recomendam que esta deve ocorrer de forma contextualizada e sistemática: o professor e a comunidade escolar contribuem de maneira decisiva na formação de cidadãos capazes de atuar em favor da melhoria dos níveis de saúde pessoal e da coletividade. A proposição da ES como tema transversal facilitaria a abordagem dos aspectos interdisciplinares e multifatoriais envolvidos no tema da saúde. No entanto, uma abordagem interativa com os serviços de saúde, um aprofundamento sobre a relação entre a escola e os serviços de saúde, especialmente com os objetivos de promoção de saúde propostos, não são indicados e discutidos. Desta forma, pode ser destacado outro problema dos PCNs: a falta de indicações metodológicas consistentes que possam orientar o professor.

Mohr (2009a, p. 124) afirma que

“proposições curriculares inovadoras como os PCN exigem, para sua consecução, novos procedimentos didáticos, e estes não surgem através de uma simples recomendação escrita: são necessários professores preparados e dispostos a criá-los e utilizá-los. Quando se pensa em falta de formação inicial e continuada as quais está submetido grande parte dos professores no Brasil, este aspecto assume contornos dramáticos. Novas orientações curriculares devem ser, pois, pensadas em estreita ligação com a formação (inicial e continuada) dos professores que darão vida (ou não) a elas nas escolas.”

1.3 EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O SERVIÇO DE SAÚDE

Como a ES abrange outras áreas, ela não é tratada somente pela área da educação e pelos PCNs. Outras legislações também formalizam atividades educativas em saúde no âmbito dos serviços de saúde; atividades estas que, de acordo com as ideias apresentadas neste texto até aqui, não se caracterizam como ES.

Lohn (2005) fez um levantamento dos documentos que faziam referência a atividades educativas que objetivassem a saúde da coletividade.

Em sua pesquisa, Lohn (2005) menciona a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) pela Constituição de 1988. Diretrizes e princípios básicos regem o SUS, dentre eles a hierarquização dos serviços de saúde em atenção primária, secundária e terciária. A atenção primária compreende todos os serviços cujo objetivo maior consiste na prevenção. A atenção secundária inclui, principalmente, a assistência médica realizada no âmbito da comunidade e das unidades básicas de saúde. A atenção terciária, caracterizada pela última instância de atenção à saúde, onde demandam maior nível de intervenções, inclui as assistências hospitalares (SANTA CATARINA, 2002). Assim, de acordo com Lohn (2005, p.31) *“a ES se constitui em uma das ações de saúde preconizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), a espinha dorsal das políticas públicas de saúde no Brasil desde a década de 1980”*.

De acordo com a pesquisadora, as atividades educativas no serviço de saúde fazem parte de estratégias de atenção à saúde do SUS, realizadas paralelamente às demais ações. Em 2003 foi criada a Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, que trabalha a educação na saúde tanto em nível de formação e qualificação profissional quanto em nível de educação em saúde direcionada aos usuários dos serviços de saúde (LOHN, 2005).

Outras ações consideradas por muitos profissionais da saúde como atividades educativas são as campanhas específicas, dirigidas a determinado público, de determinadas regiões,

“como é o caso do combate à dengue, à esquistossomose, à AIDS, ao câncer de pele, ao câncer de colo uterino, etc. Estas são campanhas pontuais e objetivam levar o maior número possível de informação por intermédio dos meios de comunicação em massa. Incluem-se, igualmente, a

distribuição de folhetos informativos e visitas domiciliares, realizadas pelos Agentes Comunitários de Saúde ou Agentes da Vigilância Epidemiológica, nas regiões mais afetadas ou de maior vulnerabilidade.” (LOHN, 2005, p.32)

Estas campanhas informativas e de apelo comportamental são medidas que objetivam a mudança de comportamento imediata, por ocasiões de situação de urgência; no entanto, não deixam de apresentar um caráter coercivo, de imposição de normas e regras a serem seguidas (MOHR, 2002). Estas campanhas, muitas vezes, adentram as escolas com este mesmo caráter impositivo, onde profissionais de saúde e comunidade escolar acreditam que estejam executando atividades de ES. No entanto, estas não são e não devem ser características da ES escolar, como venho defendendo ao longo deste texto.

Como forma de vincular ainda mais as atividades educativas entre escola e serviços de saúde, em 2007, o Ministério da Saúde, em parceria com o Ministério da Educação, através do Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2005, instituíram o Programa de Saúde na Escola (PSE), cuja finalidade é *“contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde”* (BRASIL, 2007).

Dentre os objetivos do PSE estão o fortalecimento da relação entre redes públicas de saúde e de educação, prevenção e promoção de saúde, tal como os antigos Programas de Saúde. No entanto, assim como ocorrido em tempos passados, estas ações apresentam objetivos ultrapassados. Pois o PSE tem como objetivo principal aproveitar *“o espaço privilegiado da escola para práticas de promoção, prevenção da saúde e construção de uma cultura de paz”* (BRASIL, 2013). Assim como os PCNs o PSE não compreende as diferenças entre os objetivos da ES escolar e das atividades de promoção de saúde preconizadas pelos serviços de saúde.

1.4 EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O ENSINO DE CIÊNCIAS

Apesar de nas últimas décadas a compreensão da saúde ter mudado de uma perspectiva exclusivamente individual para tornar-se um processo mais amplo, dinâmico e com cunho socioeconômico, cultural e ambiental, as atividades de ES na escola continuaram a ser tributárias de enfoques ultrapassados e inadequados, com ênfase em objetivos comportamentalistas e sanitaristas, inadequados em uma situação de educação escolar (MOHR, 2002).

Silva et al. (2010, p.2547), ao fazer um exame crítico e abrangente da ES nas últimas décadas, constatarem “*um desenvolvimento surpreendente e uma reorientação crescente das reflexões teóricas e metodológicas. Entretanto, essas reflexões não vêm sendo traduzidas na prática dos serviços, acarretando um hiato entre teoria e prática*”.

A partir das análises realizadas acima neste texto, afirmo que este hiato também permanece entre a teoria e a prática da ES escolar, com destaque para as confusões que ocorrem entre a prática da ES escolar e aquela realizada pelo serviço de saúde.

Conforme apresentado nesta discussão sobre o panorama da Educação em Saúde no Brasil, é fato que ela encontra-se historicamente conectada com o Ensino de Ciências pelos Programas de Saúde. A proposta atual dos PCNs para a ES apresenta uma bagagem histórica, com características arcaicas que foram sendo somadas e incluídas às propostas dos PCNs. O panorama desenvolvido até aqui está sumarizado na Tabela 3 (apresentada na página 50), que foi baseada na tabela de Silva et al. (2010), tendo sido acrescentadas as duas primeiras colunas (períodos referentes aos séculos XIX e XX) e as duas últimas colunas (períodos referentes aos anos 90, atualidade e à nova proposta). O referido panorama nos permite uma visão epistemológica, que demonstra a construção da ES no espaço escolar, permitindo a compressão da origem desta forte ligação existente entre o EC, a ES desenvolvida na escola e os serviços de saúde. No entanto, a ES tem sido um tema pouco explorado pela pesquisa no EC, como será discutido no item da Revisão Bibliográfica no capítulo três.

No próximo capítulo apresentarei e discutirei novas formas de pensar os objetivos do EC e da ES, com destaque para a ESPP (MOHR, 2002). Será uma discussão teórica que permitirá refletir acerca de questões como: Por que a ES escolar é diferente das atividades de promoção de saúde? Como trabalhar ES na escola? E no EC? Quais objetivos queremos para o EC e para a ES? Tais elementos são

importantes para analisar a ES realizada por professores e profissionais da saúde que farei no capítulo quatro.

Penso que desvincular a ES de mudanças obrigatórias de comportamento, dando ênfase ao objetivos da ação pedagógica da escola no plano da reflexão e autonomia do indivíduo é levar a questão a um ponto por poucos abordados. É por isso que considero a linha de trabalho desenvolvida por Mohr (2002) interessante, desafiadora e de certa forma arrojada.

Tabela 3 - Sistematização da trajetória da ES no Brasil – baseado no modelo e dados de Silva et al. (2010)

| Componentes | Até o século XIX | Até o século XX | Até os anos 20 | Anos 20 | Anos 50 | Anos 60 e 70 | Anos 80 | Anos 90 E atualidade | Nova proposta |
|--|--|---|---|--|--|--|--|--|--|
| Designação das práticas de ES | Não configurada | Não configurada | Educação Higiênica | Educação sanitária | Educação para a saúde | Educação em saúde pública ou educação em saúde. | Educação em saúde | Educação em saúde | Educação em saúde |
| Eventos que influenciaram e marcaram a época | Chegada dos Jesuítas | Instalação da Família Real no Brasil | Saneamento dos portos e epidemias | Trabalho de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Reforma sanitária. | Fundação SESP (novas tecnologias educativas) | Golpe militar no Brasil. Trabalhos de Hortência de Hollanda. Programas de Saúde. | Consolidação da constituição cidadã e Conferência de Ottawa | Nova LDB, DCNs e PCNs | Trabalhos de Virgínia Schall e Adriana Mohr |
| Local e espaços de atuação | Congregações religiosas | Em residências ou escolas | Residências ruas e locais públicos | Centros de saúde, escolas e lares | Escolas, locais de trabalho e comunicações rurais. | Serviços de saúde e escolas | Principalmente em escolas e espaços comunitários | Escolas | Espaço escolar |
| População-alvo | Enfermos | Elite brasileira | Classe popular | Famílias e escolares | População urbana e rural de todas as idades. | Escolares e grupos específicos | Toda a população, principalmente o aluno | Alunos da Educação Básica | Alunos |
| O educador | Jesuítas | Professor orientado pela medicina social | Polícia sanitária | Educador sanitário e professores | Educadores sanitários e profissionais da saúde | Equipes de saúde multidisciplinares | Professores escolares e profissionais da saúde | Professor de Ciências e Biologia | Professor de Ciências e Biologia |
| Atribuições do educador | Tratamento de doentes | Impor exigências sanitárias e higiênicas - Domesticador | Fiscalização e controle | Divulgar o saber médico, higienista e convencer as camadas populares a seguirem certos padrões de comportamento. Moldar a infância | Práticas de intervenção social, informar e planejar modos de modificar o comportamento e gerar mudanças culturais. Regular e normatizar as condutas. | Capacitar o educando para o autocuidado. A característica individualista da saúde passa para uma visão coletiva e o ambiente também passa a ser levado em conta pelo educador. | Buscar junto com a população propostas e soluções para os problemas. Ouvir e Mediar as ações. | Mudança de comportamentos, hábitos e atitudes frente aos conhecimentos adquiridos na escola | Proporcionar ao aluno que ele construa novos conhecimentos e que possa refletir frente aos problemas de forma autônoma, baseada no conhecimento científico. Para que o aluno possa escolher os comportamento e atitudes. |
| Atividades desenvolvidas pelos profissionais da saúde | Cuidados com a higiene de feridas, preparo de chás e alimentos | Educação formal para a época, medicina social, controle sanitário e higiênico | Propaganda sanitária (conselhos ao povo). Fiscalização sanitária. | Palestras conferências e produção de impressos. | Educação de grupos e trabalhos em equipe. Incentivo à participação comunitária para suprir carências do governo. | Metodologia centrada no educador ou profissional, que passa informações sobre o auto cuidado à população | Educação tradicional hegemônica, no entanto a metodologia participativa baseada no diálogo com as classes populares ganha espaço formal nas políticas de ES. | ES como tema transversal trabalhado de forma tradicional baseada nos conteúdos de saúde-doença do EC e Biologia. Intenção entre professores e profissionais da saúde de trabalharem de forma interdisciplinar. | Atividades de ensino baseadas na Alfabetização Científica e demais teorias da Didática das Ciências. |
| Objetivos da ES | Fornecer informações para evitar mortes e recuperar doentes | Europeização de hábitos e costumes | Assegurar o bem-estar e segurança do povo. Controle coercivo | Higienização e moralização na escola. | Reduzir a disseminação de doenças. | Desenvolver o comportamento adequado para a melhoria da qualidade de vida. | Promoção de saúde | Preparar os estudantes para uma vida cidadã. | Preparar o aluno de forma crítica e reflexiva, para que possa ter autonomia de escolha, baseada nos conhecimentos científicos. |

Capítulo 2 - Educação em saúde: novas abordagens, objetivos e perspectivas

No capítulo um, com o panorama da ES no Brasil apresentei a problemática da ES realizada na escola. Foi possível observar, que a atual ES trabalhada na escola, especialmente pelo EC, é fundamentada por aspectos que foram sendo agregados ao longo do desenvolvimento histórico da ES. Os momentos históricos não fecharam ciclos na ES, pelo contrário, foram sobrepondo e agregando aspectos que hoje permanecem na ES escolar: normas a serem seguidas, higienização, moldagem de comportamentos, conteúdos centrados na anatomia e fisiologia do corpo, nas doenças e métodos preventivos. Estes aspectos vêm dando ênfase a uma apresentação simplista de conteúdos relativos à saúde, pressupondo que o processo educacional resume-se a veiculação de informações (MOHR, 2002). Tais práticas objetivam a mudança de comportamento dos alunos, desconsiderando os fatores cognitivos envolvidos nestes comportamentos, e assemelham-se as estratégias de marketing das campanhas emergenciais de saúde pública (VENTURI e MOHR, 2011).

Para repensar a forma como a ES vem sendo trabalhada, neste capítulo discutirei os objetivos do EC, as novas formas de pensar a ES, em especial a ESPP e a alfabetização científica, farei também uma reflexão com alguns estudos que tratam dos objetivos do EC e do poder de escolha que a educação pode proporcionar ao cidadão com relação a sua saúde. Estas são discussões importantes que me auxiliaram a compreender uma nova forma de pensar a ES, possibilitando um entendimento de seus objetivos para o contexto escolar e para o EC, para então analisar a relação existente entre professores e profissionais da saúde nas atividades de ES realizadas na escola.

2.1 OS CONTEÚDOS E OS OBJETIVOS DO ENSINO DE CIÊNCIAS

É importante ressaltar, ao falar de conteúdos, que na forma como eles vêm sendo tratados na ES e no EC privilegiam unicamente um caráter informativo quanto às doenças e métodos de prevenção. Este enfoque não seria suficiente nem para alcançar os objetivos da ES aqui considerada ultrapassada: mudanças de comportamentos, hábitos e atitudes. No entanto, de acordo com Mohr (1999) *“o fato de se identificar no processo de ensino uma ênfase em conteúdos, não significa que eles sejam corretamente desenvolvidos e alcancem uma real e significativa aprendizagem por parte dos alunos”*. Sendo assim, o

problema do EC e da forma como a ES é tratada por este, não está na essência de trabalhar conteúdos disciplinares, mas sim na forma como vem sendo realizado na maioria das escolas, não ensinando nem conteúdos, nem desenvolvendo ou modificando hábitos e atitudes (MOHR, 1999). Desta forma, a crítica não pode ser feita apenas sobre os conteúdos, mas sim na forma como estes vem sendo trabalhados no EC.

Astolfi (2011) aborda as críticas em se trabalhar de forma disciplinar no EC, correndo-se o risco de reducionismos nos conceitos e conteúdos. No entanto, o autor ressalta a importância de se trabalhar as construções dos conteúdos e conceitos que envolvem uma disciplina, pois as disciplinas *“são construções humanas que renovam consideravelmente a maneira segundo a qual, até determinado ponto, costumávamos ver as coisas”* (ASTOLFI, 2011, p. 174). Young (2011, p. 616) afirma que as disciplinas são conjuntos de conceitos teóricos relacionados, onde tais *“conceitos pertencem apenas a um mundo específico, constituído por pesquisadores especialistas envolvidos em desenvolver conhecimento novo”*.

Assim, concordo com Mohr (2002) que sustenta que a escola tem o importante papel de desenvolver conteúdos de forma tal que os conhecimentos necessários para análises de situações relacionadas à saúde estejam disponíveis para o indivíduo. Acredito que

“A ES deve ser encarada pela escola como o objetivo geral de desenvolvimento da capacidade humana. Ela não deve ser considerada uma atividade-meio através da qual, em curto prazo, se atingirão determinadas atitudes, hábitos e comportamentos. Tampouco a escola pode ser considerar que tem controle e jurisdição sobre estes elementos e, portanto, poderia obedecer-los univocamente e avaliar se no fim de dado período letivo, os alunos o alcançaram ou não. A ES na escola deve ser considerada, na realidade, um objetivo ao qual se chega de forma indireta.”(MOHR, 2002, p. 242)

Desta forma, ao trabalhar ES, o EC não se caracteriza pela memorização de conteúdos, mas sim como um potencial de nova interpretação ou de pensar as coisas (ASTOLFI, 2011). Para Astolfi (2011, p. 176), *“(...) quando um professor nos faz ver o mundo, as coisas e a disciplina de outro modo que não aquele com o qual estávamos acostumados e que nos haviam sempre repetido, o saber*

torna-se uma alegria!”, é neste momento em que se reencontra “*o sabor dos saberes escolares*”. O aprendizado das Ciências permitiria uma nova forma de ver o mundo, de interpretar e de explicar o que antes era visto através das concepções prévias.

A ES escolar está imersa em um mundo de informações, onde os professores acreditam estar trabalhando conteúdos e conceitos, no entanto apenas veiculam informações, tal como programas e documentários de televisão ou campanhas de saúde. Desta forma fica difícil proporcionar o desenvolvimento intelectual dos alunos; um modelo baseado no repasse de informações não é adequado, pois

“(…) o desenvolvimento intelectual é um processo baseado em conceitos, e não em conteúdos ou habilidades. Isso significa que o currículo deve ser baseado em conceitos. Entretanto, conceitos são sempre sobre alguma coisa. Eles implicam alguns conteúdos e não outros. O conteúdo, portanto, é importante, não como fatos a serem memorizados, (...) mas porque sem ele os estudantes não podem adquirir conceitos e, portanto, não desenvolverão sua compreensão e não progredirão em seu aprendizado”. (YOUNG, 2011, p. 614)

Segundo Astolfi (2011), a grande quantidade de informações disseminadas no EC, não chegam ao nível de conceito; as palavras proferidas pelo professor, ficam apenas em um plano léxico e informativo. Pensando na ES escolar, acredito que esta deva propiciar aos alunos a reflexão, o pensar sobre as coisas. Assim o ensino-aprendizagem, através da construção de saberes, sobre os mais diversos temas, deve ampliar a visão dos alunos. Essa construção de saberes

“consiste em ultrapassar as informações tomadas como coisas a aprender, como simples objetos a memorizar, para transformar as concepções iniciais, as representações dos alunos (que são no fundo sua maneira de representar o mundo desde criança) em saber (etimologia *sapere*: sabor). A escola deve ser o local onde haverá uma transformação das representações que permitirão às informações dadas significarem outra coisa que não palavras, transformarem-se em instrumentos intelectuais, em novas ferramentas para o pensamento, tornarem-se *conceitos*! As coisas que

se veem quando se sobe nos ombros de gigantes” (ASTOLFI, 2011, p. 180).

Para atingir estes objetivos colocados ao EC, Astolfi (2011) afirma que é necessário ser construtivista em três níveis: *psicológico*, *epistemológico* e *pedagógico*. O construtivismo *psicológico* é aquele no qual o sujeito constrói e reconstrói o seu conhecimento, o seu saber, em uma ação ativa. O construtivismo *epistemológico* é o que enfatiza a construção dos saberes nas disciplinas e o abandono das concepções, para atingir outro sistema de interpretações, onde será possível compreender os caminhos percorridos por um conceito, conhecimento ou teoria até chegar ao estágio atual. E o construtivismo *pedagógico* é aquele em que o professor cria mecanismos didáticos coerentes com seus objetivos visados para o EC, pois o ensino exige dispositivos didáticos que auxiliem os alunos a ultrapassarem obstáculos, ou seja o construtivismo pedagógico, permite e dá sentido escolar ao construtivismo psicológico e ao construtivismo epistemológico.

É fundamental repensar a ES realizada na escola, discutir os objetivos dessa atividade e a forma como ela vem sendo desenvolvida, assim como Mohr e Schall (1992), Mohr (2002, 2009a) e Schall (2005) vêm realizando em suas pesquisas. Acredito que em se tratando de ES no EC, a alfabetização científica, que será discutida adiante, será valiosa tanto para criar dispositivos didáticos, quanto para auxiliar na resolução da problemática apresentada e para atingir um nível construtivista de ensino-aprendizagem.

2.2 EDUCAÇÃO EM SAÚDE: REFLEXÃO E AUTONOMIA DE ESCOLHA

Perspectivas inovadoras para a ES como as apresentadas por Mohr e Schall (1992) e Schall (2005) vêm tomando força nos últimos tempos, principalmente com a continuidade e desenvolvimentos de pesquisas baseadas em suas compreensões do EC e da ES, com o desenvolvimento e divulgação de investigações de Mohr (2002, 2009a), que relacionam a ES e o EC sob uma perspectiva pedagógica (ESPP), fundamentada na alfabetização científica e tecnológica.

Mohr e Schall (1992, p.200) discutiram a deficiência na formação dos professores para trabalhar ES na escola; as autoras afirmam que:

“Quando a formação teórica do docente, no seu campo de especialidade (ciências biológicas, por

exemplo), é de suficiente qualidade, faltam-lhe conhecimentos teóricos e/ou práticos sobre procedimentos didáticos ou, ainda que estes sejam de seu domínio, dificuldades se colocam, impedindo-o de desenvolvê-los na realidade de sua classe.”

Via de regra, os professores não sentem-se preparados para organizar atividades de ES. A grande dificuldade é em elaborar atividades a partir da análise da realidade dos alunos, da comunidade em que vivem, e das condições ambientais. Tais dificuldades demonstram a lacunas nos cursos de formação inicial.

A visão de ES de Schall (2005) propõe um trabalho que desenvolva além da prevenção de doenças. Para a autora, a ES deve ser desenvolvida a partir de objetivos que discutam a promoção de saúde, construção da cidadania e do comprometimento com a transformação social dos alunos.

“Atualmente é consenso que não basta saber sobre os fenômenos que causam uma doença ou desequilíbrio ecológico; é preciso superar a tendência de memorizar nomes científicos e ciclos de transmissão de endemias; de incutir passivamente regras e hábitos de higiene ou de como cuidar de hortas e jardins, universo restrito da saúde e ambiente em grande parte das escolas. É preciso que tais noções e práticas sejam construídas partindo de motivações internas que as justifiquem e apreciem, compreendendo o contexto em que se encontram, não se restringindo a elas” (SCHALL, 2005, p. 53).

Schall (2005) afirma que a ES deve evidenciar as situações de escolha, reflexão e decisão. A escola deve desenvolver no aluno a capacidade de se colocar pessoalmente, enfatizando a participação coletiva, além de auxiliar o aluno no desenvolvimento de uma leitura crítica da realidade. Para a autora, desta forma, é possível o desenvolvimento de uma prática que assegure o bem estar de todos. No entanto, tal processo é desafiador, pois o professor precisa considerar a importância das experiências culturais de seus alunos. A proposta de Schall (2005) é baseada nos estudos de Vygotsky, que demonstrou a importância dos aspectos culturais no desenvolvimento cognitivo. Schall (2005) também se fundamenta em Piaget, quando trata das questões

éticas que envolvem o papel do professor, que deve considerar as relações afetivas e cognitivas para a construção de conceitos e valores relativos à saúde na escola. Para a autora é necessário gerar um diálogo entre cotidiano e prática, proporcionando uma reflexão sobre a saúde e sobre a vida dos alunos, em um contexto que proporcione a troca de experiências com os colegas e com o professor. Acredito que neste momento o profissional da saúde também poderia enriquecer esta troca, contribuindo com suas experiências vivenciadas nos órgãos de saúde e na comunidade, proporcionando um aprofundamento no diálogo mediado pelo professor.¹ Assim, poderiam emergir conceitos científicos, construídos pelos próprios alunos, buscando a construção de uma atitude reflexiva e responsável pelas decisões tomadas ao longo de suas vidas (SCHALL, 2005). Destaco que a grande evolução na proposta de Schall (2005) objetiva a construção de conhecimentos que gerem uma atitude reflexiva que sejam a base para suas atitudes e comportamento *a posteriori*.

Mohr (2009b) afirma que a formação inicial, especificamente em licenciatura em Ciências Biológicas, é muitas vezes deficiente, faltam conhecimentos biológicos dos processos saúde-doença e conhecimentos sobre Didática das Ciências, fatores que inviabilizam discussões acerca de novas metodologias de ensino e uma integração entre as disciplinas específicas e pedagógicas. A autora afirma também que a falta ou a ineficácia de formação continuada, muitas vezes ultrapassadas, em formatos de palestras ou cursos de finais de semana, faz com que o professor passe a considerar-se incapaz de desenvolver atividades de ES. Estes motivos aliados às incompreensões e confusões sobre o papel da escola e do professor nas atividades de ES escolar, motivam os professores a buscarem auxílio com profissionais que julga com maiores capacidades, competências e conhecimentos na área.

¹ No âmbito da área da saúde (especialmente considerando o princípio da intersetorialidade, que de acordo com a Rede Humaniza SUS, é integração dos serviços de saúde e outros órgãos públicos com a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS), a ideia de articulação entre profissionais da saúde e professores também é promissora, visto que o professor é um componente que pode contribuir com as políticas sociais de desenvolvimento da saúde objetivadas pela intersetorialidade. No entanto, é preciso compreender que a contribuição do professor é no âmbito que se refere à construção de conhecimentos e reflexão, atribuições precípuas da escola. (Rede HumanizaSUS: disponível em <<http://www.redehumanizasus.net/glossario>>).

A partir destas compreensões, da análise do panorama da ES e concordando com Mohr (2002) e sua forma de tratar a ES, tenho como pressuposto que a ES desenvolvida na escola deve ser uma atividade capaz de ajudar os sujeitos a poder, e saber escolher, de maneira responsável, livre e esclarecida, suas atitudes e comportamentos. Esta pesquisa busca também, compreensões e reflexões que auxiliem os atores, professores e profissionais de saúde, envolvidos neste processo, que desenvolvam atividades de ES nas escolas e, que muitas vezes, não compreendem seu papel frente à temática. Destaco que, antes de mais nada, a função da ES é levar o indivíduo a uma reflexão, para posterior ação, se assim julgar necessário. Diferentemente das ações em campanhas emergenciais de saúde, cuja função é levar o indivíduo à atitude, ou comportamento, sem refletir acerca da situação. Os serviços de saúde em campanhas de saúde pública precisam agir desta maneira para obter o comportamento esperado e necessário da população, em situações emergenciais de saúde pública. Mas a visão de ES aqui priorizada, por ser desenvolvida na escola, não objetiva como resultado mudanças comportamentais e atitudinais, pois, muitas vezes, a reflexão sobre a saúde pode não resultar em atitudes consideradas como as corretas, pois o indivíduo pode estar alfabetizado científica e tecnologicamente, refletir frente à problemática e ainda assim não utilizar o conhecimento escolar/ científico para embasar sua ação.

A ESPP de Mohr (2002) leva em conta que o comportamento do indivíduo, relativo a sua saúde, depende de inúmeros componentes e condicionantes e que o aspecto cognitivo, ou seja aquele resultante do ensino-aprendizagem escolar, nem sempre é o determinante de suas ações. No entanto para Mohr (2002) a escola não pode limitar-se a imitar as campanhas emergências que pregam a ação por convencimento, sem que haja reflexão, pois estes objetivos não combinam com os objetivos da escola. A ES na escola deve ser estruturada de forma que os objetivos sejam os de possibilitar ao aluno adquirir conhecimentos, princípios, construir seu conhecimento de forma que lhe permita refletir e decidir com autonomia sobre suas ações. Para Mohr (1999, p.1) *“o objetivo maior é que o indivíduo possa dispor de conhecimentos significativos e operantes e que estes estejam disponíveis para integrar o rol dos distintos conhecimentos com os quais se analisam uma situação e se tomam decisões”*. Estes objetivos estão sintonizados com os modernos objetivos do EC e da Alfabetização Científica e Tecnológica (ACT) de Fourez et al. (1997).

Existem estudos americanos e europeus que discutem o “poder de escolha” que a educação pode permitir aos indivíduos nos aspectos

relacionados à saúde, que se assemelham às ideias discutidas até aqui, o que apresento brevemente a seguir.

2.3 EMPODERAMENTO: O PODER DE ESCOLHA PROPORCIONADO PELA EDUCAÇÃO

Trabalhos como Wallerstein e Bernstein (1988) discutem uma abordagem da ES através de uma proposta chamada Empowerment Education, termo em inglês traduzido como “*empoderamento*” e vem sendo discutido e aplicado na Europa, Ásia e África (WOODALL et al., 2012). Wallerstein e Bernstein (1988) discutiram o empoderamento e adaptaram ideias dos estudos de Paulo Freire, principalmente a “consciência crítica”, para realizar um trabalho de ES junto a adolescentes, cujo objetivo era a prevenção no abuso de álcool e drogas. O objetivo do empoderamento é dar poder de liberdade, de escolha e de participação ativa nas decisões relativas à saúde.

Wallerstein e Bernstein (1988, p. 380) definem o empoderamento como “*um processo de ação social que promove a participação das pessoas, organizações e comunidades, dando-lhes poder de controle sobre suas vidas, em suas comunidades e na sociedade*”². Para os autores a dimensão de controle sobre a vida permite aos indivíduos efeitos preventivos, quando relacionada à saúde, pois os indivíduos tem o poder de decisão sobre suas vidas. O papel da comunidade é fazer emergir questionamentos, pois para que se construa o poder de controle é necessário que surjam problemas e discussões que partam da comunidade, engajando os indivíduos em busca de soluções para suas necessidades e prioridades (WALLERSTEIN e BERNSTEIN, 1988). Em seu trabalho Wallerstein e Bernstein (1988) incluíram pressupostos ancorados no conceito de consciência/conscientização de Paulo Freire, pois como bases para o empoderamento estão: escuta como um processo contínuo, que objetiva entender a comunidade; dialogo participativo; discussão crítica aos aspectos sociais e políticos; a metodologia da problematização; e a construção do conhecimento a partir das experiências da coletividade.

O trabalho de Wallerstein e Bernstein (1988) obteve como resultados a reflexão dos jovens sobre sua saúde, sobre os riscos das escolhas saudáveis, ou não, em suas vidas e sobre os aspectos sociais envolvidos, além disso, permitiu apoio sentimental e coletivo entre os

² As citações e termos em língua estrangeira foram traduzidos por mim.

participantes. A abordagem através do empoderamento foi considerada uma excelente estratégia para a Promoção de Saúde.

Woodall et al. (2012) criticam a forma como a estratégia do empoderamento vem sendo desenvolvida, alertando que por trás das boas intenções da metodologia e das estratégias utilizadas, muitas vezes, há apenas mobilização política partidária, o que resulta na diluição ou extinção das ações educativas. Segundo os autores o empoderamento é uma palavra da moda, vem sendo utilizada em larga escala, no entanto seus objetivos vêm sendo negligenciados por conotações radicais e políticas cujas ideologias tratam da luta de classes, “*onde os oprimidos devem emergir para um mundo livre e sem tirania*” (WOODALL et al., 2012, p. 743). Os autores afirmam que o empoderamento deve preocupar-se com conhecimentos, reflexões, capacidades, habilidades e domínios sobre os processos que envolvem a saúde individual e coletiva. Woodall et al. (2012) consideram a importância do empoderamento para atividades de ES e de promoção de saúde, quando efetivamente utilizada para este fim, no entanto ressalta a necessidade de maior clareza e precisão na sua definição e metodologia, a fim de facilitar que os objetivos propostos e relacionados à saúde sejam alcançados.

Tal proposta, mesmo tendo dificuldades para a definição de uma metodologia eficaz, assemelha-se com os objetivos, que uma abordagem através da perspectiva da alfabetização científica propõe para a ES na escola. O empoderamento não teve sua origem nas atividades de ES realizadas na escola e mesmo primando por discussões e reflexões, ressaltam aspectos preventivos às doenças e aos riscos de comportamentos considerados inadequados. No entanto vai ao encontro de propostas como a ESPP de Mohr (2002). Assim o conceito do empoderamento (*empowerment*) se bem explorado e entendido é complementar a proposta de alfabetização científica, que discutirei adiante, e à leitura de mundo em várias dimensões (conhecimentos, valores e política) de que falava Hortência de Hollanda.

2.4 CONHECIMENTO CIENTÍFICO E CRENÇA: OBJETIVOS DO ENSINO DE CIÊNCIAS

Pensando na ESPP escolar, realizada no EC, cujo objetivo é o conhecimento, a reflexão e a autonomia do sujeito, é interessante analisar o trabalho de Smith e Siegel (2004), um estudo sobre as diferenças entre conhecimento científico e crenças e suas influências no EC.

Analisando epistemologicamente o conhecimento e a crença, Smith e Siegel (2004) afirmam que o conhecimento científico é algo objetivo, racional, verificável e de certa forma comprovado empiricamente. No entanto, este conhecimento não é a base para a ação dos alunos, pois eles apresentam um comprometimento reduzido com o conhecimento científico, muitas vezes limitado às avaliações escolares. Por outro lado, segundo os autores, a crença, seja ela religiosa ou em qualquer outro aspecto, é subjetiva, irracional, pessoal, impossível de ser verificada e comprovada. No entanto, ela é a base para a ação dos alunos, pois seu comprometimento com o que acreditam é muito maior, faz parte da cultura, da relação familiar, vai além dos limites escolares.

Esta discussão é válida para este estudo e para a ES, pois muitas vezes a crença é considerada pelos professores um dos obstáculos a ser enfrentado no EC, justamente pelo fato de a ES, como vem sendo desenvolvida, estar vinculada às mudanças de hábitos, atitudes e comportamentos relativos à saúde dos alunos (Mohr, 2002). No entanto, será este um objetivo para o EC? Será que o EC deve eliminar as crenças e sabedorias populares, ou culturais? Será que a crença realmente é um obstáculo ao EC e à ES? Será que mudar crenças e mudar comportamentos pode ser objetivos do EC e da ES?

Smith e Siegel (2004) afirmam que o objetivo do EC deve ser o conhecimento e o entendimento deste conhecimento. Os autores destacam a importância de se trabalhar no EC: o conhecimento científico, o entendimento do conteúdo, a atribuição de significados aos conteúdos, a contextualização e o repensar. O repensar está diretamente ligado às relações e conexões cognitivas necessárias entre as concepções prévias e o novo conhecimento (SMITH e SIEGEL, 2004). Para os autores, quem tem entendimento sobre algo é capaz de identificar e definir conceitos, compreender a relação e a conexão entre os conceitos e uma teoria, pode aplicar tais conceitos em uma situação real, solucionando problemas, justificando tal solução baseado no entendimento do conhecimento científico. Neste momento o aluno pode passar a acreditar no conhecimento científico, mas isto não é uma obrigação nem um objetivo embutido ao EC.

Os alunos podem ter o conhecimento e o entendimento sobre determinada teoria ou conteúdo e ainda assim não acreditar nela, sendo assim, a crença não pode ser uma condição necessária para o conhecimento científico (SMITH e SIEGEL, 2004). Para Smith e Siegel (2004) é um erro pensar que EC deva ter como objetivo a crença em conhecimentos científicos, assim como Mohr (2002) afirma ser um erro que ES escolar tenha como objetivo a mudança de comportamento. Em

visões ultrapassadas como estas os alunos devem agir de acordo com o entendimento do conhecimento científico, porém, são visões limitadas, pois os alunos são livres para agirem de acordo com o que escolherem.

Smith e Siegel (2004) afirmam que o importante é que os estudantes se apropriem de conhecimentos que proporcionem o entendimento das diferenças entre a ciência e a não ciência. Considero que mais importante do que as ações, são os conhecimentos que os alunos constroem nas aulas através do EC e da ES. São estes conhecimentos que podem lhes dar o poder de escolha, o empoderamento (*empowerment*) de acordo com a perspectiva de Wallerstein e Bernstein (1988), ou autonomia conforme apresentarei a seguir na perspectiva de alfabetização científica de Fourez et al. (1997).

2.5 ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE

A perspectiva da Alfabetização Científica e Tecnológica de Fourez et al. (1997), fundamenta a argumentação desenvolvida neste estudo, assim como fundamentou os estudos de Mohr (2002) e permitiu o desenvolvimento de sua proposta, a qual também utilizo como fundamento. Com a ACT é possível compreender que o conhecimento é o objetivo *a priori* do EC, para assim formar alunos alfabetizados científica e tecnologicamente e com autonomia; desta forma crença ou mudança de comportamento podem ser desejáveis, mas não devem ser objetivos do EC, conforme discutido nos itens anteriores.

Fourez (2003) afirma que a ACT surge como uma ferramenta ao EC, para trabalhar as necessidades das relações entre ciência, tecnologia e sociedade. Esta forma de compreender a ACT está relacionada às finalidades humanistas, sociais e econômicas objetivadas para o EC. A finalidade humanista objetiva que o indivíduo decodifique e compreenda o mundo, obtendo autonomia frente às novas ideias provenientes das ciências. Os aspectos sociais do EC objetivam a compreensão das ciências e tecnologias para que os indivíduos possam participar dos debates democráticos que exigem conhecimento científico. E a finalidade ligada à economia visa promover indivíduos capazes de desenvolver as ciências e tecnologias com o objetivo de gerar riquezas (FOUREZ, 2003). Assim o papel do EC é mostrar aos alunos que a ciência não é somente para o cientista e que ela é possuidora de ferramentas intelectuais, capazes de permitir novas formas de ver, compreender e agir no mundo (FOUREZ et al., 1997). E este mundo está diretamente relacionado ao cotidiano e a realidade de vida do aluno.

Fourez et al. (1997) propõem que ACT desenvolva no indivíduo três aspectos que devem estar interligados entre si: **autonomia**, **comunicação** e **habilidade**³. Ao aproximar estes aspectos da ES, um indivíduo que apresenta **autonomia** frente ao conhecimento é capaz de libertar-se de receitas prontas, regras, ordens e prescrições ditadas por outrem, sobre o que é saudável (ou não) para manter, prevenir, curar, ou recuperar a sua saúde. A **comunicação** permite ao indivíduo negociar com o conhecimento e assim construir modelos próprios de ação para lidar com a sua saúde, além de permitir o diálogo com especialistas e com a coletividade. Na capacidade de comunicação as teorias e conceitos, aqui pensando em todos os temas envolvidos com a saúde, são articulados como instrumentos intelectuais e desta forma tornam-se novas ferramentas para o pensamento, conforme discutidas anteriormente neste texto e fundamentadas em Astolfi (2011). E por fim a **habilidade**, caracterizada pela competência ou proficiência de “saber-fazer” e “poder-fazer”, que é o poder de ação construído e definido pelo próprio indivíduo e não por um pretense especialista que sabe, *a priori*, o que é bom, adequado e saudável para cada um.

Assim, alguém alfabetizado técnica e cientificamente não receberá passivamente as normas prontas, mas terá capacidade de negociar com elas. Os conhecimentos científicos e técnicos são parte do suporte para um debate ético e político sobre as ações do indivíduo, pois cada indivíduo poderá compreender melhor as possibilidades em suas liberdades de ações e as consequências das coisas que foram eleitas, ou de suas ações. Significa dizer que conhecimentos científicos favorecem certa autonomia aos indivíduos, sendo que quando estes são capazes de representar situações concretas, é possível que tomem decisões razoáveis e racionais, diante de uma série de situações problemáticas, o que pode reduzir a dependência frente aos especialistas, estabelecendo uma relação mais igualitária (FOUREZ et al., 1997).

A ACT proposta por Fourez et al. (1997) busca o desenvolvimento de interrogações frente aos especialistas, sobre suas

³ No texto original em língua francesa Fourez (1994, p.50) afirma que a Alfabetização Científica e Tecnológica (ACT) deva proporcionar ao indivíduo: “*autonomie, communication, savoir-faire et un pouvoir-faire*”. Enquanto em Fourez et al. (1997) os termos utilizados são “*la autonomia del individuo*”, “*la comunicación com los demás*” e “*manejo del entorno*”. Termos que neste texto ficam traduzidos como: autonomia, comunicação e habilidade (devido à competência de saber-fazer e poder-fazer que proporciona certa proficiência e domínio em determinado assunto).

capacidades, opiniões e até mesmo saber como questionar algo que não esteja claro. Transpondo esta ideia para a ES, alfabetizar científica e tecnologicamente um indivíduo, significa formar cidadão com poder de diálogo e discussão com especialistas da área, sejam médicos, enfermeiros, nutricionistas, dentistas e até mesmo especialistas vistos de uma forma simbólica como livros, revistas, artigos, etc., pois um cidadão alfabetizado científica e tecnologicamente pode compreender as possibilidades de tratamentos e os diagnósticos destes especialistas e assim buscar a melhor forma de solucionar um problema. O problema será solucionado juntamente com o especialista e não somente por ele de forma passiva.

Este autor propõe um encaminhamento metodológico para atingir os objetivos da ACT: o desenvolvimento de **ilhotas interdisciplinares de racionalidade**. Maiores detalhes acerca desta metodologia não serão discutidos neste texto, tendo vista os objetivos desta pesquisa, no entanto podem ser aprofundados em Fourez et. al (1997).

Capítulo 3 - Construção e Caracterização dos Métodos Utilizados e Etapas da Investigação

A seguir discuto a revisão bibliográfica realizada, apresento os dados da busca por trabalhos que contribuíram com as reflexões propostas e a caracterização deste estudo. Descrevo os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados: análise documental e entrevistas semi-estruturadas. Discorro sobre os conteúdos das entrevistas. Apresento o roteiro que serviu de guia para as entrevistas de coleta de dados e a escolha dos entrevistados.

3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para amparar e dar suporte a este estudo, que abrange a área da ES no EC, e que possui características multidisciplinares, realizei uma revisão bibliográfica em periódicos das duas grandes áreas envolvidas: Ensino de Ciências e Saúde Pública.

Com relação à primeira área, identifiquei os artigos nos principais periódicos brasileiros da área de EC e nos eventos científicos da área de pesquisa em EC e Ensino de Biologia, que versam sobre a ES, com o intuito de localizar trabalhos que pudessem contribuir com os objetivos e discussões propostas neste tema de pesquisa, bem como instrumentalizar a argumentação e a análise dos dados obtidos a partir do problema de pesquisa. De acordo com Medeiros (2002) a revisão bibliográfica deve fornecer um quadro claro do campo investigado, que conduza a uma clara identificação do problema de pesquisa.

Para a identificação dos periódicos da área de EC, baseei-me na classificação do sistema Qualis/CAPES, considerando relevantes aqueles com classificação A1, A2, B1 e B2. Uma vez que este trabalho aborda a ES no EC revisei também as atas dos sete **Encontros Nacionais de Pesquisa em Ensino de Ciências** (ENPECs), evento científico brasileiro mais importante nesta área de conhecimento. Outros eventos importantes na área do EC e Ensino de Biologia também foram revisados como: o **Encontro Nacional de Ensino de Biologia** (ENE BIO), os **Encontros Regionais de Ensino de Biologia** (EREBIOs) e o extinto **Encontro de Perspectivas do Ensino de Biologia** (EPEB).

Os periódicos e atas dos eventos revisados, com dados de artigos publicados e aqueles que abordam ES estão sumarizados na Tabela 4.

Tabela 4: Periódicos Revisados (sua classificação *Qualis/CAPES*) e Atas dos eventos, seus respectivos períodos de cobertura de revisão, quantidade total de artigos publicados, quantidade de artigos identificados como relevantes para a presente investigação.

| Título do periódico/Atas | Classificação qualis | Período da revisão | Total de artigos | Artigos selecionados |
|---|-----------------------------|---------------------------|-------------------------|-----------------------------|
| Ciência & Educação | A1 | 1998-2010 | 307 | 9 |
| Ensaio | A2 | 1999-2011 | 180 | 4 |
| Investigações em Ensino de Ciências | A2 | 1996-2010 | 227 | 2 |
| Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências Alexandria | A2 | 2001-2010 | 186 | 5 |
| Ciência & Ensino | B2 | 2008-2011 | 65 | 4 |
| Experiências em Ensino de Ciências | B2 | 1998-2008* | 68 | 1 |
| Experiências em Ensino de Ciências | B2 | 2006-2011 | 128 | 5 |
| Total de artigos em revistas de EC | - | | 1161 | 30 |
| I ENPEC | - | 1997 | 107 | 0 |
| II ENPEC | - | 1999 | 168 | 6 |
| III ENPEC | - | 2001 | 243 | 8 |
| IV ENPEC | - | 2003 | 435 | 12 |
| V ENPEC | - | 2005 | 328 | 15 |
| VI ENPEC | - | 2007 | 669 | 19 |
| VII ENPEC | - | 2009 | 799 | 22 |
| Total de artigos nas Atas do ENPEC | - | 1997-2009** | 2750 | 82 |
| EREBIO Nordeste | - | 2003 | 52 | 0 |
| EREBIO Sudeste | - | 2007 | 123 | 2 |
| EREBIO Sul | - | 2006 e 2008 | 199 | 3 |
| Total de artigos nas Atas dos EREBIOs | - | | 374 | 5 |
| Total de artigos nas Atas dos EPEBs | - | | 290 | 4 |
| Total de artigos nas Atas dos ENEBIOs | - | | 215 | 1 |
| Total Geral da área de Ensino de Ciências | - | | 4790 | 122 |
| Base de Dados - Scielo | | | 503 | 33 |
| Total Geral | | | 5293 | 155 |

* A versão online encontra-se disponível somente a partir de 2006, no entanto há foto-filmagens das edições impressas anteriores, que foram também analisadas.

**As atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC - foram analisadas em sua totalidade, compreendendo o período de 1997/2009.

Os sumários dos periódicos e dos eventos foram lidos e a partir do título, palavras-chave e resumos dos artigos identifiquei aqueles trabalhos que contivessem as palavras Educação em Saúde ou outras que remetessem ao tema. Os resumos destes trabalhos foram lidos e uma grande variedade de temas que compõem a ES no EC foi encontrada. Esta breve análise dos resumos indica que os estudos estão centrados em investigações sobre estratégias para a promoção de saúde na escola. Via de regra, nota-se que a mudança de comportamentos e atitudes dos alunos é objetivo principal e meta da ES desenvolvida na escola. No entanto, inúmeros destes trabalhos foram selecionados e analisados, pois trazem elementos importantes para as discussões e reflexões desta pesquisa, mesmo que ainda não estejam discutidos neste texto.

Em uma análise sobre a temática destes trabalhos, encontrei estudos, como os de Mohr (1999), Teixeira e Vale (1999), Bettanin e Pinho-Alves (2003), que tratam das contribuições da Didática das Ciências, abordando os objetivos educacionais e o papel do professor na escola. Trabalhos como o de Diniz e Schall (2001) analisam materiais de apoio para atividades educativas em saúde. Outros trabalhos, como o de Mohr (2000) discutem o conteúdo de saúde presente nos livros didáticos, Carvalho e Clément (2007) analisam as diferenças entre a abordagem de ES e Educação Ambiental nos livros didáticos de países europeus e não europeus; e um trabalho de Diniz et al. (2010) desenvolveu estudos sobre os conteúdos e concepções de ES em livros didáticos utilizados nas escolas.

Estudos como os de Mohr (2003) e Rocha e Abreu (2003) tratam da formação de professores e profissionais da saúde que trabalham com ES e são pesquisas que deram subsídios para refletir sobre a atual situação da ES. Em uma maior aproximação com o foco desta pesquisa, encontrei o estudo de Caniné e Ribeiro (2007) que trata da relação entre profissionais da saúde e professores com atividades de ES na escola. Estes autores analisaram as práticas e concepções educativas de nutricionistas em um programa de alimentação escolar que atuam com atividades de ES e educação alimentar. As autoras apresentam as principais atividades realizadas pelos nutricionistas na escola e as concepções pedagógicas destes profissionais ao realizarem tais atividades.

Outras temáticas como promoção de saúde pública foram encontradas; estes estudos abordavam avaliações de ações educativas para a prevenção de doenças infecciosas e parasitárias, análises de estratégias preventivas (prevenção da dengue, por exemplo) e diversos estudos com grupos, comunidades e agentes de saúde sobre atividades

de promoção de saúde pública. Estudos que analisavam as relações entre pacientes e profissionais da saúde também foram localizados; estes trabalhos têm o foco na comunicação entre médicos e pacientes, ruptura entre conhecimentos populares e conhecimentos científicos e as prescrições feitas pelos médicos. Ainda foram encontrados inúmeros estudos que tratavam de estratégias de abordagens de temas sobre o corpo humano e educação sexual. No entanto, tais temáticas localizadas e discutidas em trabalho anterior, Venturi e Mohr (2011), não compõem os objetivos desta pesquisa, abrindo espaço para outras pesquisas que objetivem compreender a relação de tais temáticas com a ES.

Apesar da enorme aproximação da ES com o EC não se verifica no Brasil um campo de produção de pesquisa em educação que explore os fatores, problemáticas, limites e possibilidades da ES no EC. A ampliação do campo de pesquisa é importante para que se desenvolvam estratégias para a formação de professores, bem como metodologias de ensino-aprendizagem que tragam resultados para o contexto escolar.

Como a ES é um tema considerado por Schall e Struchiner (1999) multifacetado e tem suas origens na saúde, revisei os periódicos desta área, além de outras adjacentes (enfermagem, medicina, odontologia, nutrição e saúde pública) através da base de dados Scielo. Merecem destaque as revistas *Cadernos de Saúde Pública* e *Revista de Saúde Pública*, que apresentaram maior quantidade publicações como resultado das buscas. Para localizar os artigos de interesse nesta base de dados, utilizei várias combinações de palavras que remetessem ao tema, e concluí que ao utilizar o termo “Educação em Saúde” a revisão apresentaria maior abrangência. Também utilizei o termo “Educação Sanitária” para localizar trabalhos que tratassem de aspectos históricos do tema. Desta forma, somando os trabalhos encontrados na busca com os termos “Educação em Saúde” e “Educação Sanitária” foram localizados 503 trabalhos, cujos títulos e palavras chaves foram lidos, destacando-se 33 trabalhos que foram selecionados (conforme dados apresentados na tabela 3).

As temáticas dos artigos encontrados na Base de Dados Scielo diferenciou-se daquela encontrada na busca em periódicos e eventos da área de EC, fato compreendido por grande parte dos trabalhos localizados no Scielo serem resultantes de publicações de revistas da área da saúde. Diversos trabalhos como o de Antunes et al (1999), Rocha (2003), Silva et al. (2010) e Renovato e Bagnato (2010) apresentam uma discussão histórica, abordando as características da ES no desenvolvimento do Brasil. Já trabalhos como os de Schall (1999), Diniz et al. (2009), Hollanda *in* Diniz et al. (2009) e Diniz et al. (2010)

permitem a compreensão do período de transição da ES. Mohr e Schall (1992) apresentam as características da ES e propõem nova abordagem, conforme discutido no capítulo dois. Estas abordagens permitiram as reflexões e compreensões sobre a origem da prática de ES no contexto escolar, bem como do atual desenvolvimento da ES, como foi observado no capítulo um desta pesquisa. Na revisão, um trabalho interessante encontrado na Revista Brasileira de Enfermagem chamou-me a atenção. O trabalho de Fontana (2008) relata uma experiência de interação entre professores e profissionais da saúde. Discutirei este trabalho juntamente com a análise das entrevistas no capítulo quatro deste texto, pois julgo que o relatado no texto é um exemplo a não ser seguido.

O resultado da revisão bibliográfica foi um total de 155 trabalhos selecionados para uma leitura minuciosa e crítica e que levam, por sua vez, a referenciar outros estudos. A maioria destes trabalhos foi localizada na área de EC. No entanto, a pesquisa sobre ES no EC necessita de estudos que analisem, questionem e construam pressupostos epistemológicos e axiológicos para ES realizada na escola (MOHR, 2009b). A falta destes estudos pode ser um dos motivos que levam ao desenvolvimento da ES comportamentalista criticada até aqui. Pesquisas sobre a ES no EC podem contribuir para que os professores compreendam os objetivos da ES realizada na escola e desta forma possam trabalhar e se relacionar com profissionais da área da saúde, sem que se sintam inferiorizados ou incapazes de realizar atividades de ES na escola.

3.2 PESQUISA QUALITATIVA EM ENSINO DE CIÊNCIAS: CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO

Este estudo tem como objetivo central a compreensão das relações existentes entre escolas e serviços de saúde no que diz respeito à ES. O estudo envolveu tanto os atores quanto o conhecimento veiculado em ES escolar. De acordo com Mohr (2002), entre os atores envolvidos com ES realizada na escola, estão os professores de Ciências, que trabalham o tema através de conceitos e conteúdos curriculares do EC. Assim, esta investigação é uma investigação na área de EC. Para a realização deste estudo optei por abordagens qualitativas, que permitem análises descritivas.

A pesquisa qualitativa tem suas raízes nas práticas dos antropólogos e sociólogos. Oriunda das Ciências Sociais passa a integrar trabalhos de educação, na América Latina, por volta da década de 1970 (TRIVIÑOS, 2008). Stake (1983a) caracteriza a pesquisa qualitativa

como sendo aquela em que os dados são obtidos a partir de um pequeno número de casos sobre um grande número de variáveis, diferentemente da pesquisa quantitativa onde os dados são extraídos a partir de um grande número de casos sobre um pequeno número de variáveis.

A pesquisa qualitativa é o enfoque mais adequado para este estudo pois,

“o método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2010, p.57).

Assim, uma abordagem qualitativa permite um diálogo com a realidade e permite ao pesquisador perceber as especificidades de um grupo sob a ótica dos atores, realizando correlações multilaterais, que não seriam possíveis com uma análise estatística. Triviños (2008) destaca a importância do ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave para esta coleta; a pesquisa qualitativa é descritiva e preocupa-se com o processo e não simplesmente com resultados e produtos.

Os objetivos da investigação e os pressupostos teóricos adotados fazem com que a pesquisa apresente elementos do tipo estudo de caso, o qual teve entrevistas semi-estruturadas e análise documental como instrumentos para coleta e análise dos dados.

O estudo de caso pode ser considerado uma forma particular de estudo, uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que será analisada profundamente. Caracteriza-se pela descrição aprofundada de um caso, de uma situação complexa e bem delimitada (TRIVIÑOS, 2008; DEUS, CUNHA, e MACIEL, 2010), como a interação entre professores e profissionais da saúde.

Acredito que as estratégias de investigação qualitativa do estudo de caso como descrever e analisar o contexto, compreender as relações e as percepções entre os atores e as situações a serem investigadas, permitiram-me alcançar os objetivos deste estudo. Minayo (2010) afirma que os estudos de caso evidenciam situações da vida real, seu contexto e o rumo de um processo em curso, fornecendo maneiras para interpretá-lo. A autora resume os objetivos do estudo de caso:

“(a) compreender os esquemas de referência e as estruturas de relevância relacionadas a um evento ou fenômeno por parte de um grupo específico; (b) permitir um exame detalhado de processos organizacionais ou relacionais; (c) esclarecer os fatores que interferem em determinados processos; (d) apresentar modelos de análise replicáveis em situações semelhantes e até possibilitar comparações.” (MINAYO, 2010, p.164)

Minayo (2010) destaca as críticas feitas ao estudo de caso, considerando que suas conclusões não são universalizáveis, embora a compreensão de contextos peculiares permita inferências mais abrangentes que a análise das micro-realidades e comparações. Stake (1983b) também apresenta os limites do estudo de caso, como a dificuldade de especificação detalhada do caso e a busca dos padrões cujas regularidades possibilitam o discernimento sobre o problema. Limites que, segundo o autor, resultaram nas dificuldades de generalização e universalização dos resultados e conclusões. A confiabilidade em um estudo de caso pode ser dada pela triangulação dos dados coletados com estudos similares e concorrentes que darão o sentido corroborativo à pesquisa (DEUS, CUNHA, & MACIEL, 2010).

No entanto, Stake (1983b) afirma que a preocupação maior da pesquisa qualitativa de estudo de caso deve centrar-se nas descrições e conclusões fornecidas ao leitor, e não em generalizações. O leitor deve identificar-se com o estudo de caso, compreendendo e refletindo acerca das situações, fazendo comparações analisando similaridades e diferenças com outros estudos ou situações vividas, obtendo suas próprias generalizações.

“Poetas, cientistas e pessoas do povo são igualmente capazes de uma reflexão sobre a verdade, mas nós, em pesquisa educacional, ainda não aprendemos bem a auxiliá-los a encontrá-la. Estudos de caso, segundo a abordagem naturalista, são uma possibilidade” (STAKE, 1983b, p.13).

Assim, identifico elementos da pesquisa do tipo estudo de caso na presente investigação, pois aspectos do estudo de caso possibilitaram a descrição detalhada dos atores participantes da pesquisa, suas relações e papéis e a descrição do conhecimento veiculado nas atividades de ES,

conteúdos, métodos e objetivos. Estas descrições permitem que o leitor faça suas generalizações e transposições para o contexto no qual se insere.

3.2.1 Instrumentos de investigação

A seguir apresentarei os dois instrumentos de investigação deste estudo, a análise documental e a entrevista semiestruturada. Penso que a triangulação entre inúmeros trabalhos, realizada através da análise documental, permitiu uma melhor compreensão e forneceu subsídios para a realização das entrevistas.

Inicialmente, para as compreensões sobre a ES na escola, foi realizada uma análise documental, tratada por Minayo (2010) como instrumento capaz de responder indagações dos pesquisadores. A análise documental teve como objetivo verificar se os principais documentos e legislações prevêm a relação entre professores e profissionais da saúde e como a interação é proposta, bem como compreender o desenvolvimento da ES no Brasil. Desta forma, tornaram-se relevantes para a investigação as legislações educacionais e da área da saúde, DCNs, PCNs, Propostas Curriculares Municipais e documentos da área da saúde relativos à ação dos profissionais da saúde na ES, por serem documentos que norteiam as atividades dos profissionais que trabalham com ES na escola e nos serviços de saúde.

Minayo (2010, p.195) afirma que *“muitos problemas podem ocorrer nos roteiros elaborados para a pesquisa qualitativa, quando eles saem do ambiente acadêmico e ganham espaço como mediadores da interação do entrevistador com o entrevistado”*. Assim, esta análise documental fez-se necessária destinando-se a orientar a condução da entrevista semiestruturada que será realizada.

A entrevista semiestruturada foi o principal instrumento de coleta de dados da investigação, pois levando em conta também o fator tempo disponível, ela se mostrou o melhor instrumento interativo entre o pesquisador e o objeto de estudo. A entrevista semiestruturada é uma conversa com uma finalidade específica que pode fornecer dados para comparar evidências a fim de ampliar a confiabilidade do estudo, além de fornecer diferentes olhares sobre o tema de pesquisa (DEUS, CUNHA e MACIEL, 2010).

As entrevistas ocorreram segundo dois roteiros, um para cada grupo (professores e profissionais da saúde), e possibilitaram a análise das interações e identificação de seus limites e possibilidades.

Neste sentido, elaborar um bom roteiro de entrevista é fundamental, pois objetiva a mediação entre os marcos teórico-metodológicos, os objetivos do estudo e a realidade empírica. A entrevista semi-estruturada facilita a abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação, além de compreender o ponto de vista dos atores sociais previstos como sujeitos da investigação (MINAYO, 2010), assegurando que elementos componentes dos objetivos da pesquisa sejam abordados na conversa.

Os roteiros de entrevistas utilizados são apresentados a seguir.

ROTEIRO DE ENTREVISTA 1 – PROFESSOR QUE TRABALHA ES NA ESCOLA

Local da entrevista:

Duração:

Professor:

Dados Gerais:

1. Nome.
2. Idade.
3. Há quantos anos atua como professor?
4. Regime de trabalho – escolas.
5. Há quanto tempo é professor efetivo/ACT?
6. Conhece a comunidade/ bairro onde a escola está situada?
7. Qual é o seu tempo de serviço na escola atual?
8. Séries em que trabalha.
9. Em que disciplinas está atuando?

Formação:

1. Qual é sua formação? Onde se graduou?
2. Ano de conclusão do curso superior.
3. Tem Pós - Graduação? Em quê? Ano de conclusão.

ES na escola com foco na iniciativa da escola

1. Existem atividades de Educação em Saúde na sua escola?
Quais? Quem coordena estas atividades? (coordenação)
2. Atividades de ES estão incluídas no currículo/ planos de aulas dos professores? (formalização)
3. Elas são atividades que dependem do professor ou da escola?
4. Em que séries ocorrem as atividades de ES?
5. Como ocorrem essas atividades de ES?

6. Quem são os professores envolvidos? Qual é a sua formação?
7. Quais conteúdos são trabalhados em atividades de ES?
8. Que objetivos se pretende com tais conteúdos? (Onde você quer chegar com esse trabalho? Qual é o seu objetivo?)
9. Como estes conteúdos são trabalhados, quais os recursos metodológicos para atingir os objetivos da atividade? (Quais as formas de trabalho? Ex: filme, palestra, discussão, livro didático, etc.).
10. (Se não ocorrem) Por que as atividades de ES não são realizadas na escola?
11. Tem facilidade para desenvolver o trabalho de ES? Sente-se confortável em trabalhar ES?
12. Como você julga sua formação para o trabalho em ES? Fale sobre os aspectos positivos e negativos de sua formação para um trabalho de ES na escola.
13. Existem programas de formação continuada? Quais? Algum na área da ES? A Secretaria de Educação oferece ou você vai buscar? Explique.

Relações entre Escola e Serviços de Saúde, Professores e Profissionais de Saúde na realização de atividades de ES (visão do professor):

1. Existem atividades de ES promovidas por serviços de saúde na escola? (palestras, debates, discussões, etc.).
2. (Se ocorrem) Quais os conteúdos, objetivos e metodologias utilizadas? (separar oralmente) (exemplos – somente quando necessário)
3. Qual é a origem destas atividades? (posto de saúde, gerência de saúde, vigilância epidemiológica, demanda da escola, etc.). (Quem solicita essas atividades, a escola, o professor, ou o serviço de saúde oferece?).
4. Qual é a relação destas atividades com o seu trabalho em ES?
5. Quais são as relações existentes entre profissionais da saúde e os professores de sua escola, em especial com a atividade de ES?
6. O que você pensa sobre as ações de ES promovidas pelos Serviços de Saúde na escola?
7. Você acha que devem existir interações entre profissionais da saúde e professores? Como deveria ser esta interação?
8. Você já foi à procura de algum profissional da saúde para algum trabalho em conjunto? Como foi e qual foi o objetivo?

9. Os profissionais da saúde podem trazer contribuições para as atividades de ES na escola? Que tipo de contribuições?
10. Em sua opinião, a interação entre profissionais da saúde e professores seria importante? Por quê?
11. Você já atuou na área da saúde, ou tem formação nesta área?
12. Há mais algum comentário/ apontamento que você acha importante relatar sobre as atividades de ES? (Faltou te perguntar algo? Queres acrescentar algo?)

ROTEIRO DE ENTREVISTA 2 - PROFISSIONAIS DA SAÚDE QUE TRABALHAM ES NA ESCOLA

Local da entrevista:

Duração:

Profissão:

Dados Gerais:

1. Nome.
2. Idade.
3. Profissão
4. Há quantos anos atua como _____(profissão)?
5. Local de trabalho.
6. Conhece a comunidade em que atua?

Formação:

4. Qual é a sua formação? Onde se graduou?
5. Ano de conclusão do curso superior.
6. Possui Pós - graduação? Em quê? Ano de conclusão.
7. Teve formação para trabalhar ES? (Se teve) Quais os pontos fortes e as deficiências dessa formação?
8. Existem programas de formação continuada? Quais? Na área da ES? Explique.

ES na escola, realizada pelos Serviços de Saúde na escola, com foco nos profissionais da saúde:

1. Ocorrem atividades de ES promovidas por Serviços de Saúde na escola?
2. Existe algum programa institucional, proposto por alguma instância governamental que incentive ações de ES nas escolas? Algum incentivo a parcerias entre Serviço de Saúde e Escola?

3. (Se ocorrem) Quais são os conteúdos/ ações trabalhadas na escola?
4. Que objetivos se pretende alcançar com estas ações?
5. Quais as estratégias/ metodologias utilizadas para trabalhar estes conteúdos?
6. Quem são os profissionais envolvidos nestas atividades?
7. As atividades que você faz no serviço de saúde são as mesmas que você faz na escola? Existem diferenças? Quais? (Quais as diferenças entre elas?)
8. (Se não ocorrem) Quais os motivos pelos quais elas não ocorrem?

Relações entre Escola e Serviços de Saúde, Professores e Profissionais de Saúde na realização de atividades de ES (visão do profissional da saúde):

1. Quais as relações existentes entre profissionais da saúde e professores das escolas onde a ES é realizada? (Existem conversas, trabalhos em conjunto, diálogos, interações entre profissionais da saúde e professores?)
2. É importante que profissionais da saúde desenvolvam atividades de ES nas escolas? Por quê?
3. Como ocorre a interação com os professores? O que você acha dessa interação? Ela é importante? Por quê? (Ou por que não é importante?)
4. Há mais algum comentário/ apontamento que você acha importante relatar sobre as atividades de ES realizadas nas escolas?

3.2.2 A escolha dos entrevistados e o processo de realização das entrevistas

Os sujeitos de pesquisa deste estudo foram professores e profissionais da saúde da rede pública do município de Rio do Sul/SC.

Rio do Sul é capital do Alto Vale do Itajaí, localizado entre a Serra do Mar e a Serra Geral (conforme Figura 1) e possui 61.196 mil habitantes (estimativa IBGE 2010). Encontra-se a 185km de distância de Florianópolis, capital de Santa Catarina. A cidade é entrecortada pelos Rios Itajaí do Sul e Oeste cuja convergência dá origem ao grande Rio Itajaí-Açú. No entorno destes rios ocorreu a urbanização, decorrente da colonização por descendentes de alemães e italianos. A economia da região é baseada na indústria têxtil e metal-mecânica.

Figura 1 - Mapa de Santa Catarina, destacando o Município de Rio do Sul.



Fonte: Prefeitura Municipal de Rio do Sul (2012)

O município possui rede estadual e municipal de ensino. As escolas estaduais totalizam dez escolas localizadas na área urbana da cidade, sendo o público escolar majoritariamente urbano, no entanto existe transporte da área rural para estas escolas. Nestas escolas atuam dezessete professores licenciados em Ciências Biológicas (cinco destes são efetivos e doze contratados em regime temporário).

A rede municipal de ensino possui sete escolas. Estas se localizam em área urbana. Nestas escolas atuam oito professores licenciados em Ciências Biológicas, sendo quatro efetivos e cinco admitidos em caráter temporário.

O município possui nove unidades de saúde distribuídas entre os principais bairros do município e conta também com uma Policlínica, onde se concentram os atendimentos mais graves, a vigilância epidemiológica e sanitária, e serviços especializados. É na Policlínica que se localiza o Centro Administrativo da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), de onde partem as iniciativas de campanhas de saúde

pública e as atividades de ES. Os profissionais⁴ que trabalham com ES na SMS são um fiscal sanitário da Vigilância Epidemiológica e um coordenador de programas educativos da SMS. Ambos foram entrevistados nesta pesquisa.

Inicialmente foram entrevistados dois professores admitidos em caráter temporário (ACT), um da rede municipal e um da rede estadual, como pilotos, para adequações das entrevistas. Tendo em vista a excelente qualidade dos dados coletados nestes pilotos, bem como a inexistência de maiores ajustes na estrutura escrita dos roteiros de entrevista, que não alterou a coleta de dados, os pilotos permanecem como dados analisados nesta pesquisa. Para a coleta final dos dados, todos os professores licenciados em Ciências Biológicas que atuavam em Ciências e eram efetivos no cargo seriam entrevistados: quatro professores da rede municipal e cinco professores da rede estadual, totalizando nove professores. Justifico entrevistar os professores efetivos pelo fato de que eles, por estarem a mais tempo atuando nas escolas, conhecem as atividades de ES que vem sendo realizadas nos últimos anos. No entanto, no decorrer da coleta de dados, foram entrevistados três professores efetivos da rede municipal, pois um dos professores optou por não participar da pesquisa. Da rede estadual também foram entrevistados três professores, pois um estava em licença para tratamento de saúde e outro estava ocupando cargo diretivo e achou prudente não participar da pesquisa. Desta forma as entrevistas foram realizadas com oito professores de Ciências atuantes no município de Rio do Sul/SC.

Quanto aos profissionais da saúde, foram entrevistados um fiscal sanitário e um coordenador de programas educativos da SMS.

Para formalizar a coleta de dados e atender a aspectos éticos em pesquisa com seres humanos, os professores e profissionais da saúde que participaram da pesquisa, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I) que apresentou o tema de pesquisa e assegurou o sigilo das informações por eles prestadas.

As entrevistas piloto foram marcadas previamente com os dois professores que foram selecionados aleatoriamente dentre os professores admitidos em caráter temporário (ACTs). Posteriormente foram realizadas as entrevistas com os professores efetivos. No dia marcado, as entrevistas foram realizadas nas escolas em que os professores

⁴ Durante a análise dos resultados refiro-me ao professores e profissionais da saúde sempre no gênero masculino, para facilitar a leitura e manter o anonimato dos entrevistados.

lecionavam. As entrevistas foram gravadas com gravador digital, em formato MP3. No mesmo dia da realização das entrevistas, as gravações foram transcritas, utilizando a notação apresentada a seguir.

Notação utilizada:

Para uma melhor compreensão da transcrição das entrevistas (Apêndice 2), foram utilizadas as recomendações de Carvalho (2006) que indica a correção gramatical mínima necessária, como forma de respeito e não exposição do entrevistado. Abaixo segue a notação utilizada, sendo uma adaptação da orientações da autora:

- Pontuação normal, com vírgulas e pontos indicando pausas;
- Uso do ponto de interrogação -? - para indagações;
- Uso de reticências - ... - para indicar interrupção, pausa prolongada ou silêncio ao longo de uma frase do entrevistado ou entrevistador;
- Uso de [] para indicar algum comentário do entrevistador, que seja fundamental na transcrição para explicar a fala do entrevistado;
- Uso de [...] para indicar omissões de nomes feitas na transcrição, com o objetivo de tornar anônimo o texto da entrevista;
- Uso de - T - corresponde à fala do entrevistador;
- Enquanto o uso de – P – corresponde à fala do professor entrevistado e o uso de S corresponde à fala do profissional da saúde entrevistado.

3.2.3 Análise dos dados obtidos nas entrevistas

Minayo (2010, p.121) afirma que “*não se pode conhecer uma coisa, um fenômeno ou um processo a não ser decompondo-os, para a seguir recompô-los, reconstruí-los e reagrupar suas partes*”. Este é o objetivo das categorias de análise, decompor o todo, para em seguida fazer com que cada categoria se una a um conjunto de ideias que recompõem o todo para então formar um conhecimento total sobre as relações existentes entre os sujeitos da pesquisa, alcançando os objetivos do estudo.

Assim, a partir dos objetivos do trabalho e do roteiro de entrevista, estabeleço as categorias de análise:

- Quem são os profissionais que desenvolvem ES na escola;
- Como, o que e com que objetivos é desenvolvida a ES pelo profissionais;
- Se há e qual a relação estabelecida pelos profissionais da saúde e da educação na ES na escola;

Estas categorias desdobram-se nos seguintes aspectos, que serão explorados com mais detalhes e exemplos no capítulo quatro a seguir:

Professor que desenvolve ES na escola: busca caracterizar o profissional que desenvolve ES na escola, identificando a área de sua formação inicial.

Atividades de ES promovidas pela escola/ professor: objetiva identificar se existem atividades de ES promovidas por professores nas escolas; que tipo de atividades são estas, analisar se estão formalizadas e como ocorrem. Além disto, busca analisar os conteúdos, objetivos, metodologias e concepções de ES utilizadas pelos professores nestas atividades.

Relações com profissionais da saúde: investiga se existem relações entre professores e profissionais da saúde ou o motivo da inexistência. Aborda também o que pensam os professores sobre a interação, ressaltando pontos positivos e negativos.

Profissional da saúde que desenvolve atividade de ES: identifica os profissionais da saúde que desenvolvem atividades de ES em escolas e nos serviços de saúde, identificando sua formação inicial e continuada.

Atividades de ES na escola promovidas pelos serviços de saúde: investiga se existem atividades de ES desenvolvidas na escola por profissionais externos, oriundos do serviço de saúde, quais as atividades, conteúdos, objetivos, métodos e concepções de ES destes profissionais, segundo sua formação. Investiga também se as atividades são iguais no posto de saúde e na escola, na visão dos profissionais da saúde. Se não existirem atividades de ES promovidas pelos serviços de saúde na escola, busca identificar quais os motivos desta inexistência.

Relações com profissionais da educação: investiga se existem relações de profissionais da saúde e professores ou o motivo da inexistência. Busca identificar o que pensam os profissionais da saúde

sobre a interação serviços de saúde e escola, ressaltando pontos positivos e negativos.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 ASPECTOS GERAIS SOBRE OS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Ao adentrar as escolas para a realização da pesquisa, eu sempre indagava pelo professor responsável pelo desenvolvimento de ES na escola. Em todas as ocasiões, sejam indicações de Diretores, Secretários ou Pedagogos, foi unânime a afirmação de que eram os professores de Ciências e Biologia os responsáveis pelas atividades de ES. Esta mesma vinculação entre atividades de ES e professores de Ciências e Biologia foi encontrada por Mohr (2002) em sua pesquisa realizada há mais de dez anos, fato que me permite questionar: onde está a transversalidade que os PCNs propõem para o tema?

Sendo assim, haja vista a que a ES não é tratada tal como orientam os PCNs, todos os professores que participaram desta pesquisa e *que desenvolvem ES na escola* foram professores de Ciências. Conforme apresento na Tabela 5, os professores entrevistados apresentaram idade média de 36 anos. O tempo de atuação como professor variou entre 3 e 22 anos, sendo que o tempo de atuação nas escolas em que estavam em exercício na data da entrevista variou de um mínimo de 5 meses a 22 anos. No entanto, sete dos oito professores entrevistados atuavam nas mesmas escolas por mais de dois anos, o que me permite afirmar que a maioria deles está ciente das rotinas e programas escolares, inclusive daqueles relacionados com atividades de ES.

Tabela 5 – Caracterização dos professores entrevistados que desenvolvem ES na escola.

| Sexo | Quantidade |
|---|-------------------|
| Masculino | 02 |
| Feminino | 06 |
| Idade | |
| 21 a 30 anos | 02 |
| 31 a 40 anos | 04 |
| 41 a 50 anos | 02 |
| Tempo de carreira como professor | |
| 00 a 05 anos | 02 |
| 06 a 15 anos | 02 |
| 16 a 30 anos | 04 |
| Tempo de atuação na escola atual | |
| 00 a 03 anos | 04 |
| 04 a 10 anos | 03 |
| Maior que 10 anos | 01 |

Os professores entrevistados tiveram sua formação inicial terminada há pelo menos três anos na data das entrevistas. Dos oito professores, sete concluíram algum curso de especialização na área de Ensino e um concluiu mestrado na área da Educação. Apresento na Tabela 6 a discriminação dos cursos de graduação e pós-graduação cursados pelos professores entrevistados, bem como o tempo de formação inicial que possuem.

Tabela 6 – Formação dos professores que desenvolvem ES na escola.

| Curso de formação inicial | Quantidade⁵ |
|---|-------------------------------|
| Licenciatura em Ciências Biológicas | 07 |
| Bacharelado em Ciências Biológicas | 02 |
| Licenciatura Curta em Ciências Naturais e Matemática | 02 |
| Licenciatura em Química | 01 |
| Ecologia | 01 |
| Tempo de graduação | Quantidade |
| 00 a 05 anos | 02 |
| 06 a 15 anos | 04 |
| Maior que 15 anos | 02 |
| Curso de Pós-Graduação | Quantidade |
| Especialização | 06 |
| Especialização e Mestrado | 01 |
| Não possui especialização ou mestrado | 01 |
| Especificação dos cursos de Pós-Graduação⁴ | |
| - Especialização em Ciências Biológicas e Educação Ambiental | |
| - Especialização em Gestão Ambiental | |
| - Especialização em Ensino de Química; | |
| - Especialização em Psicopedagogia | |
| - Especialização em Práticas Pedagógicas: ênfase em Ciências Biológicas | |
| - Especialização em Educação Ambiental e Metadisciplinaridade | |
| - Especialização em educação Matemática | |
| - Especialização em Ensino de Ciências | |
| - Complementação em Magistério Superior | |
| - Mestrado em Educação e Cultura | |

A maioria dos professores (cinco deles) possui regime de trabalho de 40 horas semanais como professores efetivos da rede pública. Os únicos professores ACTs que compuseram o grupo analisado foram aqueles entrevistados para o piloto desta pesquisa, conforme descrito anteriormente (em função da qualidade dos dados obtidos). Desta forma, foram entrevistados oito professores, sendo quatro da rede estadual de ensino e quatro da rede municipal. Estes professores foram contratados para lecionar a disciplina de Ciências para o Ensino Fundamental, no entanto, conforme Tabela 7, é possível verificar que os professores

⁵ A quantidade de professores apresentada na formação inicial e a quantidade de cursos listados nas especificações de pós-graduações, não correspondem à quantidade exata de professores entrevistados, tendo em vista que um mesmo professor pode ter cursado mais do que um curso de graduação e pós-graduação.

foram vinculados a outras disciplinas como Geografia ou Saúde e Qualidade de Vida de um Projeto Ambial⁶.

Tabela 7 – Caracterização da atuação dos professores.

| Carga Horária | Quantidade |
|---|-------------------|
| 40 horas ACT – 1 escola | 01 |
| 40 horas ACT – 2 escolas | 01 |
| 20 horas efetivo | 01 |
| 30 horas efetivo | 02 |
| 40 horas efetivo – 1 escola | 02 |
| 40 horas efetivo – 2 escolas | 01 |
| Rede de Ensino | Quantidade |
| Estadual | 4 |
| Municipal | 4 |
| Disciplinas Ministradas | |
| Ciências | |
| Biologia | |
| Química | |
| Geografia | |
| Saúde e Qualidade de Vida | |
| Metodologia do Ensino de Ciências (EM- Profissionalizante - Magistério) | |
| Séries | |
| 1º ao 5º ano (EF) | |
| 6º ao 9º ano (EF) | |
| 1º ao 9º ano (EF – Projeto Ambial) | |
| 1º ao 3º ano (EM) | |
| 1º ao 3º ano (EM – Profissionalizante – Magistério) | |

⁶ Projeto de Educação Ambiental e Alimentar (AMBIAL). É um Projeto de cunho educacional e tem como objetivo desenvolver trabalhos e atividades educativas com toda a comunidade escolar visando a promoção de hábitos alimentares saudáveis e cuidados com o ambiente. O objetivo do Projeto é proporcionar a vivência desses conhecimentos, através de oficinas que ministram técnicas de reaproveitamento dos alimentos e dos recursos naturais, confecção de artesanato e reciclagem de lixo. A Escola que possui o Projeto AMBIAL planeja as atividades para o turno extra, de forma que a criança possa frequentar a escola em período integral, complementando seu desenvolvimento cultural e educacional com atividades ligadas ao domínio da linguagem, arte e cultura, esportes e iniciação de pesquisa científica (SANTA CATARINA, 2013). Disponível em < <http://www.sed.sc.gov.br/educadores/ambial>>.

Quando questionados sobre os conhecimentos que apresentavam referentes ao bairro e a comunidade em que atuavam, apenas o professor P6 afirma não ter conhecimentos, pois não reside no município e trabalha apenas há cinco meses na escola atual. Os demais professores estão inseridos na comunidade escolar e dizem conhecer o bairro e a região das escolas em que trabalham, estando cientes dos serviços de saúde disponíveis para a comunidade.

4.2 ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PROMOVIDAS PELA ESCOLA/ PROFESSOR

4.2.1 Origem da proposição, formalização e conteúdos das atividades

Analisando os dados coletados referentes ao conteúdo *Atividades de ES promovidas pela escola/ professor*, destaco que todos os professores afirmaram que havia atividades de ES desenvolvidas na escola. Em função das origens das atividades de ES é possível classificá-las em três tipos: **de sala de aula, da escola e de origem externa**.

Atividades de ES na sala de aula são aquelas atividades desenvolvidas por professores, relacionadas e vinculadas ao conteúdo curricular que está sendo trabalhado. Estas atividades também podem ser desenvolvidas por profissionais da saúde, solicitadas e coordenadas sempre pelo professor.

Atividades de ES na escola são caracterizadas como as atividades desenvolvidas por profissionais da saúde, solicitadas e coordenadas pela direção da escola, ou projetos idealizados pela direção ou Secretaria de Educação e que não estão diretamente relacionadas com as atividades de ensino realizadas pelo professor.

Atividades de ES de origem externa são aquelas oriundas dos serviços de saúde, que adentram as escolas para execução de algum serviço, campanha ou atividade educativa que não foi originalmente demandada pelo professor ou pela escola; elas são propostas e coordenadas pelos Serviços de Saúde. Estas atividades são, muitas vezes chamadas educativas, no entanto não se configuram como atividades de ES, segundo as definições já discutidas neste estudo.

Todos os professores afirmaram desenvolver o primeiro tipo, ou seja **atividades de ES na sala de aula**. Na fala de P8, quando questionado sobre a existência de atividades de ES, é possível observar o vínculo da ES com o conteúdo do EC:

“Sim... com certeza existem... acho que não pode existir uma disciplina de Ciências e Biologia sem um trabalho de Educação em Saúde... então ele é da disciplina... tanto Ciências, quanto Biologia vem dos conteúdos curriculares da disciplina.” (P8)

Na fala de P1 é possível verificar a obrigatoriedade sentida pelo professor quanto à ligação das disciplinas de Ciências e Biologia com a ES:

“Tem, claro... as atividades que eu elaboro, né? O professor de Ciências e Biologia sempre têm que trabalhar isso. A gente trabalha né?” (P1)

As atividades de ES desenvolvidas pelos professores são realizadas em todas as séries do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Alguns professores já desenvolvem atividades até mesmo em séries anteriores ao 6º ano, dependendo da estrutura organizacional da escola. Estas atividades de ES geralmente estão vinculadas aos conteúdos da disciplina de Ciências, especialmente aos conteúdos relacionados à fisiologia e anatomia humana.

“Ahh, então... os conteúdos são os do currículo né, que estão estipulados no Projeto Pedagógico da escola... aí eu trabalho água, solo, ar, e a importância deles pra gente no 6º ano né. Daí entra lixo, saneamento básico... as doenças que podem causar... falta de higiene. Os parasitas e a doenças né... Aí tem também o corpo humano, anatomia e fisiologia né... aí entra colesterol, diabetes, alimentação saudável... a importância da atividade física... aí a gente fala bastante da saúde, das doenças causadas também né. Eu gosto bastante trabalhar essa parte com eles é... isso é muito rico, eles prestam muito atenção... daí eu puxo pra família deles né, eles falam das doenças que aconteceram na família... sempre tem relatos. É legal fazer um trabalho de relato de caso antes de começar a trabalhar... já fiz assim perguntas pra eles fazer pra família, das doenças que tiveram... aí a gente trabalhou fisiologia puxando disso né, tem resultado... é... assim lembrar de tudo agora...

é muita coisa né... Ahh tem as DSTs, que sempre tem que trabalhar pra alertar eles né... pra conscientizar pra ver se eles usam camisinha sempre, é muito importante. Acho que trabalhar DST, por mais que gente sabe que eles nem sempre vão usar camisinha, mas eu como professor tenho que alertar né... é fundamental. Aí a gente faz trabalhos em grupo e cartazes e espalha pela escola pra todos verem né. Aí assim ainda tem os conteúdos de drogas né... esses eu trabalho em forma de trabalho em grupo sempre... daí no 9º né... eles dividem as drogas e vão apresentando o que é e o que causa no organismo... [...].” (P5)

Relatos como os de P5 são comuns também em P1, P2, P6, P7 e P8. Desta forma, os conteúdos priorizados nas atividades de ES são anatomia e fisiologia do corpo humano e a doenças relacionadas aos órgãos e sistemas, bem como os métodos de prevenção destas doenças e conteúdos de alimentação saudável. Ao trabalhar sistema reprodutor humano, os professores incluem as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e conteúdos de Educação Sexual. Também são trabalhados conteúdos de parasitologia, incluindo ciclos das doenças, prevenção e tratamento. Conteúdos para prevenção ao uso de drogas e conteúdos relacionados à higiene corporal também são veiculados.

P2, ao relatar as atividades de ES realizadas na escola, demonstrou-se inseguro ao responder o questionamento, parecendo não compreender exatamente o que são atividades de ES, ou sobre quais atividades de ES eu estaria fazendo referência. Assim penso que o professor estava considerando atividades de ES somente aquelas realizadas por profissionais da saúde:

“Tem ahh... atividades... A maioria são projetos, né, que eles desenvolvem na escola né, como Educação Sexual, Prevenção de DSTs, Higiene Bucal. Tem projetos também na questão de parasitas.” (P2)

Verifica-se na grande maioria das entrevistas a ausência de conteúdos referentes à noção de ambiente, suas modificações e interferências à saúde, podendo-se inferir que estes conteúdos são raramente trabalhados. No entanto, P3 apresentou uma visão ampliada da ES e principalmente da forma com que envolve os conteúdos

conceituais nas atividades de ES, pois o professor demonstra uma tentativa de contextualização destes conteúdos com a realidade pessoal dos alunos e o desenvolvimento de suas relações com o meio ambiente e com as questões sociais:

“Em todas as séries e em todas as turmas, todo conteúdo conceitual que a gente aborda ele acaba sendo trazido pra si [no caso para os alunos]. Então como que eu me relaciono com os conteúdos conceituais, por exemplo... quando são animais... quando são vegetais. E automaticamente quando há essa relação vem pra questão da saúde, como que eu [aluno] me relaciono de forma qualificada. Como que eu posso refletir e me relacionar de forma qualificada com o conteúdo, pensando e refletindo sobre a minha saúde [...]. Então nesse momento quando o aluno relaciona os conteúdos conceituais consigo, é onde entram os aspectos de saúde. E a gente vai pensar sobre a nossa saúde [...]” (P3)

“Por exemplo, assim: todos os conteúdos... de zoologia, desde parasitose, acidentes... enfim... botânica, desde princípios ativos, fitoterapia... tudo isso entra como contexto pra educação em saúde. É... sistemática e classificação, toda a sistemática vem relacionada assim, então... quais destes grupos entram na questão da saúde. Saneamento básico... lá no fundamental um [1]... a questão do esgoto, moradia, de lixo, de água, do meio ambiente... tudo está relacionado com atividades e reflexões sobre a saúde. [...] todos eles preveem ou dão abertura para relação [com a saúde]. Daí, o que eu te digo assim, cada turma aprofunda mais ou menos dependendo do diálogo que é estabelecido.” (P3)

No trabalho de ES realizado durante o desenvolvimento dos conteúdos conceituais e curriculares, vários professores relataram que costumam chamar outros profissionais, inclusive profissionais da saúde, para interagirem com a turma, através de palestras ou conversas, esta discussão será realizada adiante quando tratarei das relações entre professores e profissionais da saúde e dos outros dois tipos de atividades

de ES mencionadas anteriormente (de origem da escola e de origem externa).

Quanto à **formalização das atividades de ES**, constatei que elas estão incluídas nos planos de aula dos professores entrevistados, sendo atividades planejadas e desenvolvidas de forma organizada. Quando questionados sobre a presença dos conteúdos de ES nos planos de aula, os professores afirmaram que eles estavam presentes, à exceção de P6 que afirmou que não havia preparado o plano de aula da sua disciplina por estar atuando há apenas cinco meses e ter entrado em atividade durante o semestre letivo:

“[...] no plano de ensino, de todas as turmas e nos planos de aulas, sim elas ficam evidentes.” (P3)

“Com certeza... tanto no meu plano de aula quanto no da [...] estão lá especificadas as atividades com os conteúdos... porque a gente já precisa ter tudo esquematizado no início do ano.” (P8)

“Sim. Eu busquei sempre assim ó ... sempre construí da seguinte forma: conteúdo conceitual, procedimental e atitudinal. Nós temos um trabalho junto com robótica aqui... privilegiava aquilo que eu podia estar trabalhando lá... e também a questão do trabalho interdisciplinar e pontuava. Alguns deles [conteúdos/temas] eles surgiam no currículo oculto né... porque ele surge no decorrer do teu ano e tu acabas trabalhando mas ele não tá lá assinalado né. Mas o tema saúde ele aparece lá em todas as séries.” (P4)

Nesta fala de P4, é possível observar que o professor inclui em seus planos de aula atividades que podem ser experimentais e interdisciplinares. No entanto, o professor afirma que alguns conteúdos ou temas surgiam no decorrer do desenvolvimento do conteúdo, por demanda da turma, o que ele considera como “currículo oculto”. Também observei que alguns professores utilizam o livro didático como orientação para elaboração de seus planos de aula.

“[...] Tem no livro também, daí quando a gente vai refazer o plano sempre vê o que tem de novo no livro pra acrescentar também.” (P1)

Os professores não mencionaram que os conteúdos de ES seriam parte integrante dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) das escolas.

No caso das **atividades de ES na escola**, três professores (P2, P5 e P7) relataram situações que consideram ser ES, em que profissionais da saúde adentram as escolas para executarem atividades, por solicitação da direção, o que fica evidente na fala de P7:

“[...] E como a escola é bem carente as agentes de saúde vêm na escola pra fazer o controle de piolho né... porque nossa de vez em quando tem surto [...] aí a diretora que chama as agentes da saúde... aí elas já trazem um shampoo pra eles né... e no mais... quando a diretora chama alguém pra falar, algum enfermeiro né... algo assim.” (P7)

Desta forma, além de atividades relacionadas ao conteúdo de Ciências em sala de aula, a ES é trabalhada em forma de projetos que são desenvolvidos em todas as escolas e são coordenados ou pela direção da escola ou pela Secretaria da Educação do Município:

“Na Secretaria de Educação tem uma pessoa que é responsável pelos projetos nas escolas. Então, ela desenvolve esses projetos, cria eles. E na escola desenvolvemos em uma ação conjunta com a direção e com os outros professores. Mas como é educação em saúde quem trabalha mais com isso é o professor de Ciências na escola.” (P2)

Segundo os professores entrevistados, estes projetos de ES não parecem vinculados aos trabalhos do professor em sala de aula: são projetos independentes, realizados em forma de palestras ou desenvolvidos pelo próprio professor, mas que não estão articulados com os conteúdos que estão sendo rotineiramente trabalhados. A elaboração destes projetos está centralizada no setor administrativo das escolas ou Secretaria de Educação, e não possui a participação dos professores que se tornam meros executores dos projetos. Nas escolas, são executados pelos professores, muitas vezes somente pelo professor de Ciências. P2 relata que em sua escola, mesmo sendo um tema transversal, a ES não é trabalhada pelas outras disciplinas por não terem relações com os seus conteúdos.

“Assim... como te falei todas as atividades são mais voltadas pro professor de Ciências e envolve um pouco todos os professores, mas só na hora da

palestra, porque o trabalho é mais focado no professor de ciências.” (P2)

No caso relatado por P7 a escola idealiza projetos de estudo onde o tema é ES e todas as disciplinas devem, obrigatoriamente, desenvolver o tema relacionando à sua disciplina, com supervisão do coordenador pedagógico ou pedagogo da escola.

“[...] aí os projetos a gente tem a reunião e escola fala o tema... aí cada professor faz o que acha que cabe a sua disciplina, mas não tem uma conversa entre os professores... o que cada um pode ajudar no do outro sabe... mas cada um faz da sua disciplina e daí no final a gente faz uma mostra do que cada turma fez em cada matéria. E daí quando a escola chama alguém... eles reúnem as crianças lá no pátio e a pessoa fala, mas isso quase não acontece... olha desde que eu estou aqui, a enfermeira do posto veio aqui e falou sobre a higienização pra todo mundo... sobre lavar as mãos e sobre a limpeza dos alimentos por exemplo... mas desde que eu estou aqui isso foi uma vez [...]” (P7)

As **atividades de ES de origem externa** são aquelas onde ocorre a vinda de dentistas para atividades de saúde bucal e agentes de saúde para trabalhos de combate a dengue, que foram relatadas por P2, P5 e P7. Conforme P5:

“[...] o que tem algumas vezes é alguns palestrantes que vêm até aqui... agente de saúde... pra dar um alerta, distribuir alguns panfletos e tal. Mas nada muito específico não. [...] aí quando vem o pessoal lá com aquelas palestras... geralmente é direto lá da Secretaria da Saúde, isso não passa por mim né... é acertado direto com a [diretora da escola]... é difícil né... vem bem pouco aqui, geralmente quando é campanha de dengue, ou se eles estão fazendo algum trabalho lá com a comunidade.” (P5)

Segundo os professores, essas atividades são raras, ocorrem somente quando existem programas específicos, surtos ou epidemias de

doenças. Verifiquei que estas atividades são ainda mais raras nas escolas estaduais, pois a Secretaria Municipal de Saúde ainda executa algumas atividades nas escolas municipais, porém estas atividades raramente são estendidas às escolas estaduais.

4.2.2 Os recursos metodológicos

Quanto aos recursos metodológicos utilizados para as atividades de ES em sala de aula, alguns professores afirmam utilizar exposição oral, conversas, diálogos sobre reportagens, vídeos, palestras, visitas a campo, trabalhos de apresentação em grupos, dramatizações e o próprio livro didático como forma de proporcionar uma discussão interativa entre os alunos e o professor. Muitas vezes os professores acreditam estar trazendo algo diferente para suas aulas. Em alguns casos (como na fala de P7) fica evidente que o recurso metodológico utilizado está centrado em estratégias de repasse de informações para os alunos, sem apresentar objetivos de discussão ou reflexão sobre o assunto.

“O livro didático né... sempre passo algum vídeo dependendo do conteúdo... ou levo alguma reportagem pra tentar variar um pouco né... os vídeos geralmente o livro didático indica... uns filmes né... aí as vezes quando da tempo a gente passa alguma coisa.” (P7)

Dentre os três professores efetivos das escolas estudais (P3, P4 e P8), que possuem maior tempo de serviço e de formação, observo uma evolução na forma como os recursos metodológicos são tratados. Ambos relataram a utilização de praticamente os mesmos recursos, porém demonstraram a utilização destes como estratégias para que os alunos possam discutir e refletir sobre determinada problemática, conforme fala de P8:

“Bom... eu procuro diversificar... trabalha muito com o livro didático... nós temos uma coleção excelente, tanto do Ensino Fundamental, quanto do Médio... as coleções são ótimas... então assim... eu não abro mão dele, o livro tem seu valor... trabalho muito e geralmente vou seguindo o livro... passo tarefas de casa, aquela do livro... só que ele é um guia né, ele não é a arma fundamental. Eu trabalho no quadro também... passando matéria, simplificando... mas eu trabalho

muito com grupos... apresentações, discussões, jornal falado, teatro... aí nesses trabalhos sempre tem a parte em que os alunos vão pesquisar no livro ou na internet a solução pra um problema... e esse problema ele é originado deles... a gente começa a conversar sobre o assunto... eu vou fazendo perguntas pra eles e eles me falando até que a gente chega em um problema que eles vão achar a solução... que nem agora eu estou trabalhando com o 8º ano a elaboração de um cardápio... o problema era uma pessoa, avó de um aluno, diabética e hipertensa... como deve ser a alimentação dessa pessoa?... e aí eles tem que montar o cardápio, explicar o motivo de cada alimento... e explicar o que a doença causa e a relação dela com o alimento. Então é assim... baseado na problematização [...]. Filmes são sempre direcionados pro conteúdo né... ou pra ajudar os alunos a resolverem esses problemas que eu te falei... aí pode ser um documentário ou um filme mesmo... e... é a palestra... é uma coisa um pouco mais complicada porque depende de outras pessoas né... e não necessariamente uma palestra... pode ser uma conversa né... não precisa ter aquela coisa de projetor ou aquela formalidade toda. Eu chamo pessoas que podem estar relacionadas com o conteúdo... aí a gente já formula as perguntas que eles vão fazer antes da pessoa vir... e aí a pessoa apresenta o seu trabalho e responde as perguntas dos alunos.”

P3 e P4 desenvolvem um trabalho que apresenta aspectos de contextualização que se aproximam das discussões realizadas no capítulo dois deste texto.

“Assim ó... o principal recurso que já é um recurso metodológico da escola dentro da proposta dela é a pesquisa didática [...]. A pesquisa didática é uma metodologia desenvolvida pela escola e pelos professores, baseada em diversos autores, onde cria-se um problema inicial... contextualizado com a comunidade, ao município de Rio do Sul, ou algum caso específico... e aí os alunos constroem o conhecimento conceitual para pensar em soluções

para o problema né. Não necessariamente resolvê-lo, mas construir soluções e aí os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais estão envolvidos e o aluno vai [...] [em] busca de conhecimento, em várias fontes, com registros de diferentes formas né, com intenção de tu conseguires [soluções para o problema]... é incluir e privilegiar inteligências múltiplas dentro de uma sala heterogênea. Então a gente sempre parte, o viés metodológico é a pesquisa didática. [...] nós fizemos visitas, reconhecimento do meio, por exemplo: neste momento o 6º ano está fazendo um estudo do meio então nós delimitamos 2 quadras, uma onde está a escola e a quadra frontal e eles então... que nós fazemos... percorremos analisando vários aspectos desde meteorológico, até ocupação física... é presença de seres vivos... o lixo... se a natureza tá interferindo nessa construção que foi feita ou o inverso. Então a gente percorre... e faz esse estudo do meio, estudo a campo. Dependendo das abordagens fizemos experimentação no laboratório, entrevistas, palestras... então profissionais de diferentes áreas que possam contribuir. Pesquisa bibliográfica, pesquisa virtual... recursos virtuais... são muitos. Filmes, enfim...” (P3).

“Ai eu penso assim, que antes de eu falar de como eu fazia e faço eu preciso falar do compromisso do professor em estudar. Porque o que eu faço não tá lá no meu livro. Porque se eu for falar lá de alimentação ele vai trazer os grupos de alimentos, classificação deles, mas eu tenho que buscar além. E a partir daí eu tenho que observar que o meu aluno ele aprende de diversas formas. Uma avaliação só em termos de prova, conceitual... muitas vezes não vai trabalhar isso com ele [...]” (P4)

Quanto aos projetos relatados por P2, os recursos utilizados são palestras que envolvem toda a escola. P2 relatou a utilização de um teatro como forma de chamar a atenção dos alunos para a higiene bucal:

“(...) teve a participação do grupo de teatro que a Secretaria contratou, pra eles passarem em todas as escolas da rede municipal, e apresentou esse

teatro pra todos os alunos da escola, mesmo ele sendo meio infantil lá pra sétima e oitava série. Mas todos os níveis participaram, e receberam essa orientação. Isso é uma das coisas que vem lá da saúde, pra trabalhar com saúde bucal, (...). É uma forma de conseguir uma maior atenção das crianças né, e não deixa de ser uma forma lúdica de elas estarem aprendendo.” (P2)

Não foi possível identificar se houve um trabalho posterior referente ao teatro. Como já discutido, esta foi uma atividade de ES de origem externa, sendo uma ação isolada e independente da atividade do professor em sala de aula. Uma iniciativa compulsória originada na Secretaria da Saúde e executada pela Secretaria da Educação, cuja relação será discutida adiante.

4.2.3 Professores envolvidos

Ao analisar se existem relações e trabalhos integrados entre os professores das diversas disciplinas escolares, no que tange a ES desenvolvida na escola, verifico que estes são raros. Desta forma é possível compreender a afirmação dos professores, quando dizem que são somente eles que desenvolvem os trabalhos de ES na escola. Assim, observo que a orientação proposta pelos PCNs não são seguidas e é raro o desenvolvimento de atividades interdisciplinares na escola.

“Poxa... esse é um grande problema da escola pública... na minha opinião né... nós não fizemos trabalhos interdisciplinares. Aí não tem participação não...[...]” (P8)

“[...]... mas com os outros professores... não sei... não tem muita colaboração sabe... São muito desmotivados... tem umas que... tão se aposentando e não querem mais saber de nada né.” (P5)

No caso das escolas que tentam desenvolver projetos para trabalhar ES, mesmo sendo um trabalho que envolve todos os professores, não existe um trabalho integrado e interdisciplinar. Os professores das outras disciplinas que não Ciências e Biologia não apreciam o tema, por não privilegiar suas disciplinas.

“Ahh esse aí é coordenado pela coordenadora pedagógica né... a pedagoga... aí cada professor faz o que pode fazer na sua disciplina... mas os demais professores sempre querem mudar o tema, porque eles dizem que ela só privilegia a biologia e saúde... e que é sempre a mesma coisa... mas cada uma acaba fazendo na sua disciplina né.” (P7)

“Dos projetos todos participam... todas as formações, mas assim não vejo transversalidade né, nem interdisciplinaridade... cada um trabalha só na sua disciplina... nada integrado sabe?” (P7)

Acredito que os professores de outras disciplinas não compreendam a ES como tema transversal. Também é possível observar que não lhes agrada o caráter impositivo por parte da direção da escola ou Secretaria de Educação, o que prejudica a integração entre professores e escola, bem como o desenvolvimento de qualquer projeto interdisciplinar.

P1 relatou a interação com o professor de Educação Física frente ao tema “Saúde no Esporte”:

(...) tem o professor de Educação Física que trabalha um pouco a questão da saúde no esporte né... a importância do esporte. A gente dá aula junto de vez em quando. Ano passado eu expliquei a fisiologia do corpo humano... e ele vinha com a parte da postura, do que o esporte faz no corpo, da atividade física. Foi interessante, acho que ajudou também... porque eles foram muito bem na prova. (P1)

(...) só eu e o professor de Educação Física mesmo... assim, é que ele tá mais relacionado né... ele também tem a coisa da saúde nas aulas dele, que o esporte proporciona saúde né. Então a... é só ele mesmo... aí a gente faz esse trabalho em conjunto, é bem legal, incentiva os alunos a terem uma vida saudável, alimentação... e tem toda a parte da prevenção de doenças pro futuro deles, né. Tem muito aluno que o pai já enfartou... (P1)

É interessante a atividade de interação entre o professor de Educação Física e professor de Ciências. Acredito que ela possa enriquecer a construção do conhecimento dos alunos. No entanto, o simples fato de os alunos terem ido “*bem na prova*” não significa que a aula interativa tenha proporcionado tal enriquecimento, pois o bom resultado de uma prova não caracteriza a construção de conhecimentos científicos e a capacidade de refletir sobre os conhecimentos ensinados. Acredito que tenha sido desenvolvido um trabalho interessante, onde os aspectos biológicos do corpo humano tenham sido trabalhados juntamente com a importância da postura correta, da alimentação saudável, como forma de prevenção de doenças e constituição de uma vida saudável. Estes aspectos têm características da perspectiva normativa, que centra-se em repassar orientações corretas a serem seguidas e não desenvolvem reflexões frente à problemática, caracterizando-se como uma atividade de ES focada na prevenção de doenças. É possível identificar, na fala do professor, a carência do desenvolvimento de um trabalho reflexivo com os alunos, e que efetivamente busque a construção de conhecimento para tornar estes alunos autônomos em suas atitudes.

P4 demonstrou uma visão diferenciada sobre a interdisciplinaridade, não mencionada por nenhum outro professor:

“[...]... sempre busquei a interdisciplinaridade aqui dentro com as minhas colegas, dizendo: “ó, vamos assistir esse documentário... será que tu não podes estar trabalhando um texto...”. Ahh, podemos estar trabalhando um texto, um cálculo de índice de massa corpórea... daí a professora de português e a de matemática... ela buscava trabalhar como é que funciona essa expressão matemática [...]. Assim, ó, eu não digo que seja só aqui... primeiro que interdisciplinaridade é algo muito interno da pessoa... do professor, ele tem que querer compartilhar. Eu acho que o professor tem que se sentir interdisciplinar... porque ele não sabe tudo, né, e o conteúdo não envolve somente a disciplina dele. Aí cada um precisa enxergar a interdisciplinaridade... porque eu não posso impor, não posso exigir a colaboração. O meu problema aqui sempre foi, e ainda é... mostrar pro professor que a área dele não é isolada. Que é necessário tu mostrar essa inter-relação ou a integração dos saberes, dos conhecimentos. Quando eu digo que

eu buscava meus colegas, eu buscava... eu buscando naquilo que eu não tinha domínio, né... mas eu não posso dizer que era pleno. Tentei algumas vezes com História, mas é muito complicado... Tive trabalhos no passado muito interessantes com a professora de Geografia. Com Língua Portuguesa eu sempre consegui... E assim... eu até não sei como isso é visto, mas com a professora de Ensino Religioso na época que tinha... a gente fez muitos trabalhos, principalmente sobre sexualidade, aborto, drogas. Aí vamos trabalhar também essa questão da saúde e aí acabava entrando as discussões religiosas, né, isso tá embutido na cultura da nossa região, das famílias. Então é complicado a interdisciplinaridade... com algumas pessoas a gente consegue, mas nem todas... mas eu faço a interdisciplinaridade.

Neste trecho da fala do professor, fica evidente que o professor sente-se capaz de fazer interdisciplinaridade sozinho. Talvez a forma como ele desenvolva suas atividades não seja exatamente aquela proposta por Fourez et. al (1994), no entanto estão presentes aspectos como a consulta aos especialistas. Na fala do professor é possível identificar uma consciência de que as abordagens exclusivamente disciplinares possuem inconvenientes, pois

“as representações e interpretações que elas nos forcem são sempre parciais (e, às vezes, muito parciais!) em relação ao contexto concreto. Assim a resposta de uma única disciplina é geralmente muito limitada para resolver um problema concreto enunciado em sua globalidade”. (FOUREZ, 2002)⁷

⁷ FOUREZ, G. Abordagens didáticas da interdisciplinaridade (*Approches didactiques de l'interdisciplinarité*). Alain Maingain e Barbara Dufour. Bruxelas: De Boeck, 2002. Tradução e adaptação de Adriana Mohr (em comunicação pessoal).

Este professor compartilha conhecimentos com os demais colegas que são os especialistas de determinadas áreas, coordenando a atividade proposta. Desta forma, este professor aproxima-se de uma atividade interdisciplinar desenvolvida por ele mesmo, conforme estudos de Nehring et al (2002).

É importante destacar que a fala do professor apresenta aspectos interdisciplinares, pois de acordo com Fourez (2002)⁵ uma abordagem para ser qualificada de interdisciplinar deve ter a contribuição de diversas disciplinas, para um projeto em comum, onde obtenha-se um resultado em função do projeto e não das disciplinas.

Esta forma de compreender a interdisciplinaridade não objetiva o fim e a superação da disciplinaridade, pois compreende a importância da disciplina (PIRES, 1998). No entanto, é necessário compreender que a interdisciplinaridade vai muito além da troca de informações sobre objetivos, conteúdos, procedimentos e compatibilizações de bibliografias entre professores, trata-se de integrar os caminhos epistemológicos, da metodologia e da organização do ensino nas escolas (PIRES, 1998) e ainda cabe recorrer novamente a Fourez (2002)⁵ ao afirmar que,

“Construir, com uma perspectiva particular, uma definição de diversas práticas interdisciplinares ou transdisciplinares é uma coisa. Exercê-las com método e rigor é outra. Frequentemente imagina-se que é suficiente reunir alguns especialistas de diferentes disciplinas para que, por efeito quase mágico, o trabalho interdisciplinar aconteça. Na realidade, o uso metódico das disciplinas para esclarecer uma situação singular e complexa (ou seja, a interdisciplinaridade) exige um aprendizado. Da mesma forma, a transdisciplinaridade pode ser aprendida e se pode ensinar sua prática. Nestes processos, muitas vezes é necessário e adequado, “disciplinarizar” a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade!”

4.2.4 Objetivos da ES na escola

Em várias transcrições, até aqui apresentadas, já é possível observar os objetivos das atividades de ES na escola, sob a ótica dos professores de Ciências. Ao serem questionados diretamente sobre os objetivos para a ES realizada na escola, seis dos oito professores

mencionaram como principais objetivos a informação, orientação, conscientização e prevenção de doenças e atitudes de riscos, como observa-se nas falas de P6 e P5 abaixo:

“[...] eu tento trabalhar com eles pra eles terem uma vida melhor né... sabendo comer bem... de forma correta... não comer essas bobagens... saber que tem que comer as coisas corretas pra ter boa saúde... saber que devem praticar atividades físicas...[...] A saúde é ima coisa muito importante e eles precisam saber como são as coisas certas... precisam saber o caminho correto a seguir né... [...] é no sentido de informar, conscientizar.”(P6)

“[...] o objetivo é informar né, pra eles estarem orientados... eu acho que isso é obrigação dos pais né, mas assim... os pais muitas vezes não tem o conhecimento, não sabem... não estudaram... assim bem humildes sabe. Aí eu penso que eu tenho que fazer um pouco esse papel de conversar e orientar eles, pra eles não errarem na vida né. Porque assim, mesmo a gente trabalhando, mesmo orientando e eles sabendo das coisas, sempre tem aquele que acaba se envolvendo com droga... fica doente por coisas que não precisava né... por falta de orientação.” (P5).

Estes professores também se preocupam em apresentar aos seus alunos o que consideram ser correto e errado, para que os alunos desenvolvam atitudes de acordo com uma norma estabelecida como “correta”. Podemos observar na fala de P5, transcrita acima, que ele considera que este seja o papel dos pais, porém o professor assume para si a responsabilidade devido às dificuldades dos pais em fazê-lo. Ao falar de atitudes ou caminhos corretos, eu me pergunto: correto em relação a quê? Qual o padrão de correto e errado utilizado? Geralmente estes professores utilizam um padrão de correto e errado, de acordo com suas próprias concepções, suas experiências e de acordo com sua realidade de vida, que muitas vezes é muito diferente do aluno. Portanto o que pode ser considerado correto ou errado para o professor, pode não ser para a realidade do aluno (MOHR, 2002). Nesta pesquisa, assim como Mohr (2002) encontrou em seu trabalho, deparei-me com professores que demonstram desconforto por seus alunos agirem de

forma “incorreta”, mesmo depois das aulas. Desta forma, o professor considera que não conseguiu alcançar seus objetivos, é o que se pode verificar na fala de P1.

“Aa... Eu penso assim né... que como professor eu tenho que formar um cidadão, então tenho que orientar ele pra ele seguir os caminhos certos na vida. Ter saúde... não se envolver com drogas... não adquirir doenças, DSTs. E conseguir conscientizar esses alunos, pra que eles saibam o que fazer né... como cuidar de si. Acho que a gente sempre tem o objetivo de conscientização né... não sei, as vezes eu fico meio assim... porque a gente faz na escola, mas e em casa?... Os pais às vezes nem conversam sobre nada com eles... A gente, sozinho como vai conseguir mudar alguma coisa? Mas eu tento né...” (P1)

Na fala de dos professores, em especial na de P1, é possível identificar incompreensões sobre o conceito de conscientização. Desta forma, acredito que a falta de reflexões sobre o papel do professor em sala de aula, e do professor de Ciências, seja um dos maiores problemas da formação inicial. Mohr (2002) em sua pesquisa também encontrou como objetivo dos professores a conscientização, no entanto,

“Quando os professores referem-se a conscientizar o aluno, geralmente não estão querendo dizer que estes devem refletir autônoma e de maneira consciente sobre suas ações, mas que tenham em mente determinada ação ou ideia julgada conveniente pelo professor.” (MOHR, 2002, p. 204)

Ao falarem de conscientização e orientação, observa-se que os professores acreditam que com o repasse de informações para os alunos, estes podem **mudar e desenvolver comportamentos, hábitos, atitudes saudáveis e preventivos**. Estes também são objetivos dos professores, conforme P2 e P7:

“Na verdade, esses conteúdos são trabalhados né, pra que os alunos tenham uma orientação. Para que eles possam se prevenir sempre, né. Pra ter

um conhecimento sobre a questão da prevenção e assim evitar todos os tipos de doenças.” (P2)

“[...] os meus é os fazer compreenderem [...] a importância de eles terem hábitos saudáveis e... desenvolverem esses hábitos né... saber o porquê né... pra daí eles terem um bom desenvolvimento do organismo deles né... isso é uma consequência, e que eles possam falar em casa o que eles aprenderam, e que a família pudesse adotar os hábitos saudáveis também né... acho que é isso aí.” (P7)

Outra fala destaca o caráter comportamentalista das atividades de ES desenvolvida pelos professores entrevistados:

“Quando eu trabalho DST, também tenho bastante cuidado... porque é complicado né. Tem que trabalhar de uma forma que eles aprendam de verdade... pra vida deles... pra depois não me aparecerem com AIDS por aí né! Nem acho tão complicado engravidar... mas pegar AIDS, depois de ter estudado tanto na escola (...) Dou o melhor de mim para que essas crianças não se deem mal na vida depois... mas a gente não tá o tempo todo em cima né...” (P1)

O professor parece condicionar as atitudes dos alunos às suas aulas. Nesta fala, identifico um professor angustiado com o resultado de sua prática de ensino, sendo que o resultado esperado não é a construção de conhecimentos e sim a prática de comportamentos adequados.

Os professores demonstram interesse em construir reflexões sobre o assunto, no entanto, o foco fica na prevenção e na mudança de comportamento, deixando a reflexão para o segundo plano. P2 deixa claro que, ao trabalhar Educação Sexual, tenta levar seus alunos a pensarem sobre o ato sexual, porém utiliza recursos chocantes para evitar um comportamento considerado inadequado ou relacionamentos sexuais sem o uso de preservativo onde uma das consequências pode ser a gravidez na adolescência:

“Eu uso muito vídeo na questão da DSTs né, orientação sexual... prevenção. Na questão do aborto né, nossa... esse eu trabalho muito com as

sexta série, porque eles estão explodindo hormonalmente né. Daí trabalho vídeos de aborto, bem tristes, pra tentar evitar aquela coisa das meninas logo na oitava série ficarem grávidas. Não é sempre que eu uso, porque eu não gosto dessa coisa chocante, mas quando a turma é muito explosiva, muito agitada, que eu vejo e percebo que eles tão querendo conhecer a vida sexual, eu passo esse vídeo pra eles sentirem a responsabilidade que é o ato sexual. Pra eles pensarem que não é transar e pronto. Tem que pensar muito antes e principalmente usar a camisinha né.” (P2)

Já o professor P8 apresenta uma visão comportamentalista para a ES, conforme aquela orientada pelos PCNs de Ciências e de Saúde e Meio Ambiente, que foram alvo de análise, discussão e crítica no capítulo um deste estudo. O próprio professor cita os PCNs como fontes de seus objetivos e concepções, comprovando que estes documentos, além de não orientarem metodologicamente os professores, confundem o papel do EC e do professor nas atividades de ES.

“Bom... eu vou te falar aquilo consta no PCN né, porque ele é a referência pra minha atuação... então já estudei muito o PCN e eu penso que ele serve de guia e de mestre pra gente... tanto o de ciências quando o de saúde e meio ambiente... então eu acho que o objetivo desse trabalho é formar um cidadão... um cidadão que saiba o que vai ser bom ou ruim pra sua saúde... que vá agir de acordo com o que vá dar qualidade de vida pra ele [...]. “ (P8)

Sendo assim professores, como P1 e P8, demonstraram conhecer as orientações dos PCNs. No entanto, compreendem as orientações como obrigações a serem seguidas, aí também se justifica o caráter centrado nos aspectos anatômicos, fisiológicos e muitas vezes comportamentalista observado em suas falas.

“(...) Tem no currículo de Ciências né? Educação em Saúde é obrigatório. Tá lá no PCN... é daqueles temas multidisciplinares, mas no PCN de

Ciências tem tudo o que a gente tem que trabalhar.” (P1)

Mesmo atuando dentro desta linha de objetivos comportamentalistas e preventivos para a ES, encontrei dois professores que pensam os objetivos da ES de forma um pouco diferenciada. São os mesmos dois professores que apresentaram o desenvolvimento de uma metodologia diferenciada dos demais professores, utilizando os recursos metodológicos como estratégias para o desenvolvimento de discussões e reflexões. Estes professores apresentam uma visão de ES que vai além da informação, orientação e prevenção, pois eles buscam desenvolver um trabalho cujo **objetivo inicial é a discussão, a reflexão e o pensar sobre as escolhas relacionadas à saúde**, para então trabalhar com mudanças de atitudes e comportamentos, conforme fala de P4:

“Primeiro que o aluno... ele pudesse se sentir pessoa. Saber gerenciar algo na vida dele. Porque assim, as questões da saúde são escolhas que eu faço. Porque às vezes eu ficava me perguntando né... e ainda me pergunto né... poxa eu passei na vida dessa pessoa, mas essa pessoa continua comendo errado. Mas aí eu vejo... eu tenho filho e sei que não é fácil né, a gente sabe que a educação é um processo. Mas eu sempre queria... eu sempre dizia assim: “gente o que você pode hoje escolher?”... você tem tantas opções... você tem três opções aqui... e eu gostaria que você pensasse em termos de saúde, qual opção é melhor? E daí não entra só alimentação... tudo é assim... você tem as opções e você precisa saber escolher. Porque as escolhas são muito importantes. Então o meu objetivo sempre foi esse... pra ele saber escolher. Aí ele partia pro atitudinal também. Porque não adianta tu colocar lá o conceito... ahh ele tem que saber isto. Mas aí ele sabe isso... ele vai me responder numa prova que o importante é ter um prato colorido... mas no dia-a-dia dele o procedimental e o atitudinal... se eu não coloco um objetivo pelo menos o objetivo eu vou ter... aí se eu vou conseguir... aí eu vou te dizer, não sei! Mas vou te dizer um depoimento de uma aluna: ela foi minha aluna de Ciências, hoje faz Psicologia na [...]... um dia me encontra na livraria e diz assim pra colega que estava com ela... “ahh

esta foi minha professora de Ciências” aí eu pensei né... iiihh lá vem bomba né [risos]... aí ela continuou “por causa dela eu não fico comendo margarina e maionese, porque ela me falou do tal do BHT e BHA que são antioxidantes que não sei o que”... daí eu perguntei pra ela “ e faz falta pra ti?”... aí ela me diz “não, não faz professora”. Então eu fico feliz, eu saí de lá feliz... não é porque ela tirou a margarina da vida dela, mas ela pensou sobre... através do meu trabalho eu sensibilizei e ela aprendeu e hoje ela pode dizer... não eu não quero margarina por isso e por isso, a minha professora falou, eu li e pesquisei... e eu não quero isso pra mim... entende? Essas coisas assim me deixam muito feliz. Foi um trabalho que eu fiz no 8º ano.” (P4)

Cabe ressaltar que estes professores possuem objetivos comportamentalistas, de mudanças de atitudes, no entanto suas propostas já avançaram e eles compreendem a dificuldade de atingir tais objetivos. É possível observar que para estes dois professores o primordial é a construção de conhecimento para que o aluno possa fazer suas escolhas, semelhantes aos objetivos que proponho para a ES juntamente com Mohr (2002) e Fourez et al. (1994) através da ACT, discutidos no capítulo dois. Estes professores podem ser considerados professores-chave, segundo o conceito de Massara e Schall (2004). Segundo estes autores é importante que sejam identificados os professores-chave ou pessoas-chave em uma escola ou comunidade. Os professores-chave são aqueles que apresentam uma visão ampliada e são capazes de realizar uma reflexão crítica sobre o processo que está sendo investigado (MASSARA e SCHALL, 2004). Desta forma estes dois professores identificados nesta pesquisa são muito importantes, pois se bem capacitados podem contribuir com a introdução de uma abordagem baseada na ESPP, mobilizando forças e tornando-se multiplicadores desta proposta na escola.

Novamente na fala de P3, destacam-se os conteúdos conceituais como objetivo primeiro da ES e uma qualificação deste conhecimento, que está relacionada a uma reflexão sobre a relação deste conhecimento com a saúde dos alunos.

“Assim, o primeiro objetivo é qualificá-los quanto aos conteúdos conceituais, procedimentais e

tentar... porque é muito difícil isso, mas assim é um objetivo meu enquanto professora dentro da área, que haja realmente uma mudança de atitude, que qualifique as escolhas, os procedimentos, as atitudes em si, pra que ele viva melhor, pra que ele seja um ser mais saudável em todos os aspectos.” (P3)

O professor entende a dificuldade de atingir os objetivos de mudanças de hábitos, atitudes e comportamentos, mas não abre mão de continuar lutando por algo que talvez não seja de sua competência, e aqui defendo que não o é. Desta forma, durante a entrevista, a fala de P3 demonstrou um dos trabalhos mais sintonizados com os fundamentos e objetivos elencados neste trabalho. Pude perceber uma enorme angústia ao falar de seus objetivos:

“Não, eu acho que... Eu penso que o nosso objetivo ele é maior do que o conteúdo conceitual. Então assim, às vezes me frustra quando eu vejo aluno nossos, ou pessoas que passaram aqui pela escola é... com overdose, fazendo escolhas erradas, fazendo uso do álcool... porque isso acontece, por mais que a gente trabalhe, os nossos próprios alunos trazem essas situações [a professora emociona-se com este comentário final]. E elas são digamos assim... o meu termômetro pra ver que eu devo mudar a estratégia, ou que eu devo buscar mais ajuda... porque isso é sinal de que, o que eu estou fazendo, enquanto escola e enquanto professora, não é o suficiente. Nós ainda temos uma sociedade doente...” (P3)

É lastimável que um professor que desenvolve um trabalho excelente, que tenta desenvolver um trabalho diferenciado das metodologias de ensino tradicional, sinta-se culpado em não conseguir mudar o comportamento de seus alunos, considerando seu trabalho insuficiente por não alcançar tais objetivos.

Apesar destas angústias e dificuldades relatadas pelos professores, todos eles, exceto o professor P6, afirmaram sentirem-se confortáveis em trabalhar ES. O professor P6 afirma que não se sente confortável, por não ter preparação para atuar na área de ES, o caso

deste professor será discutido adiante separadamente, por ser considerado um caso atípico e crítico.

Os relatos dos professores que afirmaram sentirem-se confortáveis em desenvolver ES na escola explica-se, muitas vezes, pelo fato de ES ser um tema que prende a atenção dos alunos, e que o professor de Ciências sente-se preparado para desenvolver, devido ao caráter anatômico e fisiológico priorizado aos conteúdos, o que também justifica a opinião dos professores sobre sua formação, como discutirei a seguir. No entanto, o professor P3 afirma sentir-se confortável e ter facilidade para trabalhar ES pelo seguinte motivo:

“[...] Me sinto confortável, porque eu me sinto confortável em propor, em mediar essa relação e essa discussão. Quando surge alguma questão, ou algum ponto que não é da minha competência eu busco ajuda. Eu vou atrás, ou eu pesquiso ou eu chamo um profissional competente para trabalhar com a questão que surgiu. Então por isso que é muito confortável.” (P3)

Novamente este trecho da fala do professor aparentemente parece aproximar-se de aspectos semelhantes à consulta aos especialistas de acordo com a proposta de Fourez et al. (1994). Acredito que este processo relatado pelo professor necessitaria de maior aprofundamento, pois a consulta ao especialista tem características de autonomia e não de dependência ou incapacidade de conhecimento e decisão como parece denotar alguns aspectos deste caso.

4.2.5 Formação inicial e continuada para trabalhar ES

Quando questionados sobre sua formação para trabalhar ES, os professores afirmam que as disciplinas específicas e básicas da biologia, como anatomia, fisiologia e outras, deram o suporte teórico para o trabalho.

“Bom... é pontos positivos e negativos... assim... positivos, tem todas as matérias de anatomia, fisiologia, morfo... epidemiologia, toxicologia né... essa cadeiras todas foram muito puxadas, acho que todas deram uma boa base pra gente trabalhar... e de negativos assim... acho que a gente é pouco preparado pra parte do ensino

mesmo né... é tudo mais mecânico e tu acaba aprendendo só com a prática, ainda mais que na minha época a parte da licenciatura era só uma complementação do bacharelado... Tu fazia umas disciplinas a mais... mas daí ninguém se importava muito com essas disciplinas... acho que agora a coisa já mudou muito né... só não sei como é que tá essa coisa dos cursos a distância né, porque esses aí da [...] não sei como é que tão formando esses professores” (P5)

“[...] Eu fui muito feliz porque eu participei de uma grade curricular na minha época, que nós contávamos com as disciplinas técnicas de cursos de saúde, da área da saúde na instituição. Então, por exemplo... todas as minhas anatomias, neuroanatomias, citologia, histologia... eram profissionais da odontologia, da enfermagem, da medicina, que são cursos estruturados né... já com uma história longa. Então esse discurso da educação em saúde era muito presente entre os meus professores de áreas técnicas. Nada muito direcionado né... mas pela própria epistemologia deles.. dos meus professores... era presente.” (P3)

Observo na fala dos professores que a concepção de ES construída na formação inicial é originada principalmente pela área médica. Isso demonstra e me faz compreender as dificuldades dos professores em desenvolverem e compreenderem a ES como uma competência pedagógica do professor de Ciências e Biologia.

A maioria dos professores afirmou ainda que as disciplinas específicas de formação de professores deixaram a desejar. Discussões pedagógicas e especialmente discussões sobre a Didática das Ciências não tiveram o devido destaque no transcorrer do curso. De acordo com os professores, essas disciplinas pedagógicas nunca desenvolveram um trabalho integrado com as disciplinas específicas do curso, o que resultou em uma dicotomia entre disciplinas específicas e disciplinas pedagógicas. Este fato contribuiu para o desenvolvimento tradicionalista adotado pelos professores em suas metodologias, bem como para as incompreensões sobre o real papel do professor no EC.

O problema agrava-se, ou não pode ser mitigado, devido à falta de formação continuada. Os professores afirmam que não existem capacitações, cursos, ou qualquer tipo de formação continuada

promovidos pelos órgãos administrativos da Educação municipal ou estadual que discuta ES ou Didática das Ciências, ou seja, nada especificamente voltado para quem trabalha com EC. Quanto aos cursos referentes às metodologias de ensino, os poucos que existem, apresentam-se em formatos pouco eficientes, que não contribuem para a prática do professor. Devido à estrutura escolar atual, os professores sentem-se desmotivados a buscar formação extra. Somente os professores P3 e P4 afirmaram participarem, com seus próprios recursos, de congressos e eventos na área de EC e Ensino de Biologia, Química e Física. Acredito que a participação nestes eventos contribui para a visão ampliada sobre a ES e metodologias de ensino apresentadas por estes professores.

4.2.6 O Caso da disciplina de Saúde e Qualidade de Vida

O relato do professor P6 chamou-me a atenção de tal modo que merece ser apresentado e discutido detalhadamente. Trata-se de um professor de Ciências que trabalha com uma disciplina denominada Saúde e Qualidade de Vida. Esta disciplina faz parte do Projeto Ambiental desenvolvido pela escola e proposto pelas Secretaria Municipal de Educação e Secretaria de Educação do Estado, onde o aluno participa de oficinas que trabalhem Educação Ambiental e ES, com o objetivo de *“oportunizar vivências significativas, em que o aluno e suas ações possam vir a transformar a realidade física e social, sempre em prol de melhorias do espaço em que vivem e de toda a sociedade”*⁸. No decorrer do desenvolvimento deste projeto, outras disciplinas foram surgindo a partir de outros eixos temáticos como Linguagem, Empreendedorismo, Iniciação a Pesquisa, Arte e Cultura, Esporte e Lazer e Inclusão Digital.

Para desenvolver este projeto a escola funciona em regime integral, ou seja, os alunos permanecem o dia inteiro na escola. A disciplina Saúde e Qualidade de Vida é oferecida, com participação obrigatória, no contra turno em que os alunos estudam as disciplinas curriculares. O professor afirma que esta disciplina, juntamente com a horta escolar, compõe as atividades de ES que são desenvolvidas na escola.

A partir das entrevistas pode-se afirmar que o professor desenvolve a disciplina sem ter tido oportunidade de qualquer formação para o seu desenvolvimento. Ao ser questionado sobre a forma como trabalha a disciplina o professor não soube expressar com clareza as

⁸ Retirado do PPP da escola, em um item dedicado ao Projeto Ambiental.

atividades desenvolvidas e os recursos utilizados para o seu desenvolvimento. Este professor, também declarou que nem mesmo a escola sabe como orientá-lo no desenvolvimento de suas atividades.

É nítido o desconforto sentido pelo professor por não ter preparação para desenvolver o trabalho. Os conteúdos apresentados pelo professor, de forma informativa, são centrados na alimentação saudável e doenças relacionadas à alimentação, importância da prática esportiva e higienização. O professor não possui objetivos estabelecidos para sua atividade:

“Olha... eu tento fazer um trabalho... mesmo sem saber fazer isso sabe... porque eu preciso que fique bem claro que eu não tenho preparação nenhuma pra trabalhar com isso... só que eu tento trabalhar com eles pra eles terem uma vida melhor né... sabendo comer bem... de forma correta... não comer essas bobagens... saber que tem que comer as coisas corretas pra ter boa saúde... saber que devem praticar atividades físicas.... mas é muito complicado sabe... eu sei que meu trabalho não vai a lugar nenhum... porque eles estão nesse Ambial o dia todo... de manhã na escola normal e a tarde aqui... isso não é vida... eles não querem mais saber de nada com nada... o dia todo aqui... não dá. Sabe... aluno o dia inteiro na escola perde o interesse... eu não concordo com isso.” (P6)

“[...] minha angústia é realmente não saber como trabalhar com essa minha disciplina... é me sentir uma inútil sabe... de pensar que a minha formação não serve pra nada nesse momento.” (P6)

É notório que a formação inicial deste professor não lhe permitiu nenhuma base para trabalhar ES e é ainda mais lastimável verificar que um projeto que oportunize um espaço excelente de discussões para a ES, não esteja sendo aproveitado devido à falta de capacitação e formação continuada de professores. Neste caso, considero de responsabilidade da administração educacional proporcionar a formação do profissional que irá atuar em um projeto como estes, ainda mais quando o professor considera-se despreparado para tal. Também seria importante que, juntamente com uma capacitação, o professor passasse a se responsabilizar por sua disciplina, visto que ele assumiu um cargo público e assim um compromisso com a comunidade escolar.

4.3 RELAÇÕES COM PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Ao investigar sobre as relações existentes entre professores e profissionais da saúde na ES, identifiquei dois tipos diferentes de relações: **as relações integradas e as relações não-integradas.**

Considero **relações integradas** entre professores e profissionais da saúde, quando os primeiros solicitam a participação dos profissionais da saúde, para auxiliarem no trabalho que está sendo desenvolvido, vinculado aos conteúdos curriculares. Cabe ressaltar a necessidade de um planejamento integrado e a participação de ambos (professores e profissionais da saúde) na atividade para que esta seja considerada integrada. Estas participações podem ocorrer através de palestras, conversas, ou outras formas de interação, onde professor e profissional da saúde são atores ativos do processo educativo em saúde.

Já como **relações não-integradas**, considero aquelas atividades em que não há a participação e a integração do professor e de suas atividades em sala de aula. Este tipo de relação ocorre geralmente quando a direção da escola, Secretaria de Educação ou Secretaria de Saúde, promovem atividades de ES na escola. Estas atividades nunca são coordenadas pelos professores e raramente estão relacionadas com as atividades de ensino e com o conteúdo trabalhado pelo professor em sala de aula. No entanto, também podem ocorrer quando o professor solicita a vinda de um profissional da saúde para auxiliá-lo em suas aulas, mas não desenvolve um trabalho integrado com este profissional, permanecendo passivo aquilo que o profissional desenvolver. Via de regra, esta relação fica explícita quando o professor recebe passivamente as atividades de ES que são desenvolvidas na escola pelos profissionais da saúde. Considero tais relações passivas por apresentarem um caráter unidirecional, ou seja, o profissional da saúde adentra as escolas, salas de aula, desenvolve as atividades de ES e o professor não possui participação no planejamento e não é oportunizado a ele ou o professor não quer integrar tais atividades ao seu trabalho. Desta forma, o profissional da saúde executa as atividades de ES de forma informativa e cabe ao professor, quando e se julgar conveniente, utilizar tais atividades para discussões em sala de aula.

“Acontecem das duas formas. Às vezes vêm palestras por programas que chegam até a escola, mas aí a gestão da escola nesse ponto ele é muito aberta no sentido de oferecer e o professor

escolher. Aí com a turma que tem a relação conceitual, que ele está trabalhando no momento é que participam. Então assim... não fica aquela coisa de que todas as turmas são obrigadas a participar. E aí também existem as palestras solicitadas por mim, como professora e normalmente eu tenho sido muito feliz nos últimos anos, porque eu sempre privilegio pais ou parentes de alunos. Aí sempre encontro alguém de alguma área de discussão pra trazer. Então essas pessoas estão sendo convidadas a vir. É muito bacana! [a professora demonstra felicidade com esta possibilidade]”. (P3)

O trecho acima, do professor P3, exemplifica estes dois tipos de relações entre profissionais da saúde e professores; no caso relatado pelo professor, as interações ocorrem no formato de palestras. Neste relato fica explícito a relação aberta entre professor e escola quando trata-se das relações passivas e de atividades de ES de origem externa, pois a escola deixa que o professor opte por aceitar ou não as palestras que não foram solicitadas por ele, oriundas de programas externos a escola. No entanto, esta abertura entre professor e escola não foi verificada em nenhuma outra situação, por nenhum outro professor.

Tratando das **relações integradas** entre professores e profissionais da saúde, estas ocorrem, via de regra, quando os professores estão trabalhando os conteúdos conceituais e sentem a necessidade de um especialista na área, que possa planejar em conjunto determinada atividade, ou que oportunize a discussão relacionada com a prática e com a realidade da comunidade. De acordo com P3 estas atividades sempre estão integradas às suas atividades em sala de aula, e os professores que utilizam esta forma de interação sempre coordenam e supervisionam a atividade.

“Assim... sempre que ela é solicitada ela já vem integrada. Então eles fazem... todas as vezes que eu participei foi em uma linguagem bastante acessível e aplicada. A resposta dos alunos naquele momento era de interesse... eles sempre participam muito... trazem casos pra discussão... casos da vida deles... do lugar de onde eles estão... da redondeza e... sempre obtiveram respostas. E depois disso eu observo que lá na frente, ou em outro ano ou em outra série o aluno consegue

trazer. As vezes até vem por sugestão deles né... alunos que já passaram... falam...ahh professora, mas se a gente fizer de novo, chamar eles novamente...então eu vejo que isso fica presente neles.” (P3)

Cabe ressaltar que quatro professores afirmaram solicitar a vinda de profissionais de outras áreas para ministrar palestras ou conversar sobre os temas. Acredito que essas relações estabelecidas por estes professores possam ir além de consultas a especialistas, tornando-se tentativas de contextualização do conteúdo com a realidade do aluno.

Segundo os professores que solicitam a participação de profissionais da saúde, os conteúdos que permitem uma relação integrada com os profissionais da saúde são aqueles já identificados como prioritários para as atividades de ES como fisiologia, anatomia, alimentação e higienização, saneamento básico, parasitologia, campanhas de prevenção a epidemias (como no caso da dengue e da gripe A), educação sexual, dentre outros conteúdos e temas que visem os aspectos preventivos para a saúde.

Professores que afirmaram não relacionar-se de nenhuma forma como profissionais da saúde, relataram durante outros questionamentos, interações entre profissionais da saúde e professores, ou entre escola e serviços de saúde. No caso de P1, ele relata que quando trabalha educação alimentar traz, para complementar sua atividade, um profissional nutricionista:

“(...) Daí na parte de alimentação... essa parte eu gosto, sempre faço um trabalho bem grande nessa parte. Na alimentação eu trabalho toda a parte das tabelas nutricionais, o que cada tipo de alimento representa pro organismo, o que a eles devem comer pra ter uma vida saudável. Inclusive... eu já pedi pra uma amiga nutricionista vir conversar com os alunos, passar umas dicas sobre alimentação saudável. Ela veio deu uma palestra bem interessante pra eles (...).” (P1)

Este professor não percebe a vinda de um nutricionista para dar uma palestra como uma relação entre profissionais da saúde e da educação. Esta situação pode ter duas explicações. Na primeira, o professor não identifica tal experiência como a interação com o profissional da saúde, por sentir-se autônomo no desenvolvimento de

suas atividades. A segunda explicação baseia-se no fato de que a palestra, mesmo tendo sido solicitada pelo professor e apresentando aspectos de uma relação integrada, não está totalmente articulada com sua aula, e dependendo de como essa interação transcorreu pode caracterizar-se como uma relação não-integrada. Parece-me que o professor solicitou auxílio do profissional da saúde, com o único objetivo de mudar o comportamento alimentar dos alunos em favor de uma pretensa vida saudável. Tal fato pode ser explicado como resultado de um professor que não se considera capaz de atingir os objetivos propostos. Novamente é importante considerar a discussão sobre os objetivos da ES: o professor deve mudar o comportamento de seus alunos para que tenham uma vida saudável? De acordo com a perspectiva defendida neste trabalho, não acredito que este seja o principal objetivo de EC, e não acredito que a vinda de um profissional da saúde para a aula de Ciências promoverá o alcance de tal objetivo. Defendo que a interação entre profissionais deva ocorrer e acredito que uma relação entre estes profissionais possa enriquecer a ES no EC, contanto que os objetivos de cada profissional estejam bem claros. Os objetivos dos profissionais da saúde são, geralmente, os de mudança de comportamento, e é normal que o nutricionista trabalhe neste sentido em sua palestra, porém o professor de Ciências precisa articular seu trabalho e focar na construção do conhecimento, na discussão e na reflexão que os conteúdos devem proporcionar.

Os profissionais convidados pelos professores geralmente são da área médica, odontológica, nutricional ou da enfermagem, no entanto, vários professores afirmaram solicitar a participação de profissionais da área da Vigilância Sanitária e Epidemiológica do município.

Quanto aos objetivos destas atividades de interação entre professores e profissionais de saúde, verifico que os professores que têm esse tipo de relação integrada, a utiliza como um recurso metodológico para suas atividades de ES, como se observa na fala da professora P8:

“Então... eles são um dos meus recursos metodológicos como tu falasses né... é exatamente isso, eles me ajudam a fazer o meu trabalho... não que eu não tivesse o conhecimento sobre aquele tema... eu tenho.... mas eles tem um conhecimento maior que o meu, um experiência maior... então eles podem me dar um suporte pra trabalhar a Educação em Saúde né, é uma ajuda... e ajuda como forma de puxar a atenção do alunos também.” (P8)

Apesar de muitas vezes tratar a ES de forma preventiva e comportamentalista, estes professores compreendem que o seu papel como professores de Ciências é diferente do papel dos profissionais da saúde, que realmente têm a função de curar, medicar, prevenir e moldar seus pacientes, como fica subentendido na fala de P8:

“[...] eu sei que o tempo deles também é escasso e eles precisam cumprir o papel deles lá onde eles estão... acho que tem um grande papel lá na saúde que é curar as doenças, salvar pessoas, cuidar da saúde lá onde eles estão... e que a coisa já está problemática né, por que tu vê... não tem médico... não tem profissional... daqui a pouco o hospital fecha por falta de profissional pra atender. Mas assim... acho que eles vindo de vez em quando... assim quando a gente tem conteúdo relacionado... como eu faço pra mim tá ótimo, porque eu faço meu papel aqui né... eles precisam fazer o deles lá.” (P8)

Alguns professores afirmaram que praticamente não existem atividades de ES promovidas pelos serviços de saúde e foram enfáticos ao afirmar a ausência de relações entre suas atividades pedagógicas e os profissionais da saúde que porventura vêm até a escola. Por vezes os professores não identificam como relações as **relações não-integradas**, aquelas estabelecidas passivamente, onde eles são apenas recebedores das ações promovidas pelos profissionais da saúde, seja por solicitação da direção da escola ou Secretaria da Educação, seja por ordem da Secretaria da Saúde.

“Não não... ultimamente não tem nada não. Vai ter uma campanha agora... mas eu ainda não to sabendo nada sobre isso. Se a gente quer alguma coisa tem que ir atrás.” (P1)

“Olha ultimamente não, não tem nada. Antes até tinha algumas coisas de palestras deles. Mas desde que eu comecei a dar aula no município nunca vi nada. Bom pelo menos no momento e nestas escolas não né. Só se nas do centro tem alguma coisa, porque lá é perto pro pessoal do Verdão

[Policlínica e Centro Administrativo da Secretaria da Saúde] ir né.”(P2)

“É assim... raro, mas as vezes quando tem alguma campanha importante eles vem pra escola né. Aí vem ou as agentes de saúde e fazem a divulgação da campanha... quando é vacinação, ou que nem a desse ano que era prevenção pra dengue né.” (P5)

Muitas vezes, por descontentamentos originados por diversos motivos pessoais e profissionais, os professores não consideram os projetos, palestras ou teatros já desenvolvidos nas suas escolas como uma genuína relação, justamente por estarem desconectados ao conteúdo trabalhado em sala de aula. Penso que neste caso pode-se subentender que há uma interessante valorização da atividade docente, pois o professor não se contenta e não aceita qualquer atividade que ocorra na escola como uma atividade a ser integrada as suas aulas:

“Olha nenhuma não... porque eu não me envolvo com esse trabalho não. Eu penso assim eles lá e eu aqui né. Porque eu não fico indo lá interferir no trabalho deles só porque eu sou biólogo e entendo de alguma coisa.”(P5)

“Não que eu não goste sabe... mas eu acho que quando eles vem... é sempre assim atropelado... tu planeja uma coisa pra tua aula... e cancela tudo porque o pessoal da saúde veio. Eu acho que eles deveriam fazer isso na hora do recreio... ou então vir conversar com a gente pra gente se planejar né... aí sabe né... a diretora já liberou... eu é que não vou ficar batendo de frente né. Mas eu achava bem melhor que fosse avisado, pelo menos com uma semana de antecedência... a gente podia até mudar o conteúdo e focar naquilo sabe, usar isso mais. Mas as vezes, quando nem é na minha aula... eu nem fico sabendo né.”(P5)

Os temas e conteúdos envolvidos nestas atividades não integradas que a escola recebe são diversos, tais como saúde bucal, alimentação saudável, higiene do corpo e dos alimentos, prevenção de doenças como a dengue, gripe A e até combate a parasitas como o piolho.

“É essa da dengue foi uma palestra... era um pessoal lá da Vigilância de Epidemiologia né... aí eles foram em todas as salas e falaram e mostraram o mosquito, as armadilhas, fizeram uma exposição de toda a doença e da prevenção né. E nas de vacinação... aí só vieram as moças aqui e distribuíram os panfletos da gripe né... aí eram as agentes aqui do bairro. Mas assim isso não é nada da escola tá.” (P5)

Estas relações não-integradas, onde a escola e professor tornam-se a recebedores da atividade de ES e devem aceitá-la sem participar dos processos de elaboração da atividade, têm como resultado uma atividade de ES isolada do conteúdo e do trabalho realizado pelo professor de Ciências na escola. Esta forma de tratar a interação entre profissionais da saúde e professores também pode ser verificada na experiência descrita no trabalho de Fontana (2008).

O objetivo da experiência relatada por Fontana (2008) foi oportunizar a reflexão entre profissionais da saúde e professores através da troca de experiências. Para isto, segundo a autora, houve uma capacitação de professores sobre conteúdos técnicos na área de saúde e formas de agir frente a estes conteúdos. O formato utilizado para a capacitação foi de oficinas, onde os facilitadores "trocavam" experiências com os professores (FONTANA, 2008). Desta forma, os profissionais da saúde tornam-se os formadores. A descrição da metodologia utilizada no trabalho traz-me, no entanto, questionamentos sobre que tipo de reflexão esta atividade proporcionou frente à atividade de ES dos professores? Qual o real objetivo de interação entre professores e profissionais da saúde? Esta atividade realmente foi uma interação de troca de experiências e de aprendizado? Ou foi simplesmente uma capacitação técnica de professores, baseada no fornecimento de informações por agentes de saúde? O que foi construído nesta atividade? Posteriormente à capacitação, os professores deveriam desenvolver as atividades de ES em suas salas de aulas, com seus alunos (FONTANA, 2008). Parece-me que o projeto foi simplesmente repassado aos professores, e estes deveriam, obrigatoriamente, desenvolver a atividade com as informações obtidas na capacitação. Novamente surge a discussão sobre qual é a interação e relacionamento que se quer entre os profissionais da educação e da saúde. Esta problemática esbarra nas origens e nos objetivos das atividades de ES que se deseja para a escola e no serviço de saúde. Em um primeiro momento, e frente aos objetivos da ES, a autora critica a

visão simplista e limitada na formação de cidadãos, bem como a educação em saúde biologicista [sic] e disciplinadora; crítica igualmente a moldagem do cidadão por conteúdos, informações e teorias como algo externo ao sujeito. Neste momento parecia direcionar o trabalho para algo inovador, no entanto, ao dar seguimento ao texto, a autora recaí nos objetivos únicos de mudanças de hábitos e comportamentos para que a saúde do cidadão não corra riscos. Tal forma de trabalhar a ES continua objetivando a moldagem do cidadão, de acordo com um padrão de comportamento pré-estabelecido.

O trabalho de Fontana (2008) demonstra uma forma de desenvolver e articular um trabalho de ES entre professores e profissionais da saúde, de uma forma totalmente ineficaz de acordo com as perspectivas pedagógicas para ES defendidas nesta pesquisa. As ações de promoção e prevenção da saúde, tal como via de regra são desenvolvidas nos serviços de saúde, não devem ser transpostas igualmente para a escola ou tampouco aplicadas tal como são feitas nos serviços de saúde, por professores nas salas de aula, pois esta não é a função do professor nem os objetivos da escola conforme menciono no início do texto. A interação e as relações entre profissionais da saúde e professores devem assumir outra perspectiva, onde realmente uma troca de conhecimentos e experiências ocorra. É pedagogicamente inadmissível que profissionais da saúde imponham atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, de forma unilateral como na experiência relatada por Fontana (2008). O processo didático, que envolve elementos e fenômenos complexos entre professor, aluno e conhecimento, como a construção de conhecimentos ou os objetivos do ensino não podem ser esquecidas no EC, como ocorreu nesta experiência.

4.3.1 A importância da interação

Quando questionados sobre a importância da interação entre serviços de saúde e escola, todos professores acreditam que ela seria muito importante para suas aulas. P2 destaca:

“Eu acho que ela seria muito importante. Porque ela auxiliaria a gente a trabalhar mais com os alunos, orientar mais. Acho que se eles viessem, como são da área da saúde, especialistas, principalmente os médicos, seria mais informação pros alunos. Os alunos ficam pedindo pra gente

falar sobre as doenças dos familiares, quase fazer um consulta, receitar remédio. Eu não faço isso, digo que essas coisas são lá com o médico. Mas se eles viessem na escola poderiam ajudar a gente né. Podia aproveitar o conhecimento deles. Ia enriquecer né. Às vezes eu até penso em chamar alguém de lá, mas como não conheço ninguém e o tempo é curto nunca fui ver disso.” (P2)

Esta fala demonstra uma relação interessante que poderia ocorrer entre profissionais da educação e saúde, pois o professor percebe que seu papel não é o de consultar ou de repassar prescrições médicas, no entanto os alunos querem e solicitam tais informações. Desta forma, acredito ser interessante e é aceitável que um médico venha desenvolver tais atividades junto às aulas do professor. Em uma proposta como esta, o professor pode construir a consciência de seu papel principal na ES no EC e pode utilizar esta relação como um recurso metodológico e não como objetivo central de sua atividade de ES. Tal como pode ser observado nas opiniões dos professores a seguir:

“Com certeza, porque eu penso assim... eles são os especialistas né, eu sou uma professora que gosto, que falo e tal... mas o profissional ele também tem a responsabilidade né. O enfermeiro, ele tem a sua responsabilidade também, e a gente sabe que dá resultados. Se você vê assim, porque a cidade de Rio do Sul foi uma referência há anos atrás em saúde bucal? A gente recebeu prêmios por isso. Porque foi feito um trabalho nas escolas com professores e profissionais... a Prefeitura disponibilizava um consultório móvel de odontologia e eles vinham e conversavam com as crianças... conversavam com as professoras e com os pais. Isso funciona!! Então tu imagina assim, num universo de adolescentes... quanto poderia melhorar a questão da sexualidade, se isso fosse trabalhado. E não adianta tu esperar ele vem aqui... tem o posto de saúde tá aberto, mas eles não vão vir se eu não pedir. Eu não tenho dados assim do posto de saúde. Mas eu as vezes me pergunto né... ahh será que na escola municipal tão indo? Porque eles distribuem camisinha... será que a pessoa vai lá buscar? Eu não sei se vai. De repente ela se sente constrangida e ela não vai lá

buscar. Agora se a gente tivesse essa aproximação, seria diferente. Eles virem conversar sobre tal assunto... e que legal isso né!! (P4)

“Pra mim ela é fundamental! Porque muitos conteúdos eu não conheço, então assim... eu sei do meu limite... até onde vai o meu conhecimento específico, dentro de muitos deles... então pra mim é fundamental. Eu sempre busquei não só na saúde, mas de diversas áreas... tanto da medicina humana, quanto da medicina veterinária e nunca tive problema, nunca tive resistência. Cada um com suas particularidades né, porque também não são professores, e é aí que entra essa necessidade da integração e do nosso diálogo. Então... cada um com suas restrições, a gente tem feito umas parcerias bastante interessantes. Eles efetivamente contribuem com o meu trabalho. (P3)”

Nesta última fala fica nítida a consciência do professor de que os profissionais da saúde não são professores e que, portanto, cabe a ele a responsabilidade de um trabalho pedagógico.

Entretanto na fala de muitos professores é possível verificar que seus objetivos principais são os de prevenção, orientação e mudança de comportamento, fato que explica as considerações dos professores sobre as contribuições dos profissionais da saúde para suas aulas:

“Principalmente eles poderiam ajudar a gente na prevenção, pra essa criançada não ficar doente, principalmente DST né. E também eles poderiam vir pra tirar a dúvida que os alunos têm e que a gente às vezes não sabe responder. Às vezes eu acho que eles conseguiriam passar uma orientação melhor pros alunos.” (P2)

“Aaa... bom... eles poderiam contribuir com as nossas aulas né. Eles têm um conhecimento maior sobre a saúde do que a gente. Eles poderiam trazer coisas novas, montar um trabalho em conjunto né. Quem sabe até alguma campanha, alguma coisa na escola. Acho que seria interessa... palestras também são interessantes, depois eu posso usar as palestras nas minhas aulas. Eles ajudariam sim, acho que melhoraria o ensino.”(P1)

“É... então... como que eu te falo... eu penso que eles podem trazer mais materiais informativos... eles tem mais conhecimento técnico né... só que tem que ser um trabalho feito junto com a gente, aí ele podem repassar mais conhecimento técnico que eu né... acho que essa é... assim porque eu não tenho todo o conhecimento... é o que eu leio né. Aí eles podem trazer as coisas mais específicas das doenças... mais prático né... acho que isso ia ser a contribuição... deu pra entender?” (P5)

Alguns professores acreditam até que a palavra do profissional da saúde tem mais valor que a sua. Neste caso, parece-me que os professores sentem-se inferiorizados na presença destes profissionais:

“Eu acho elas bem importante, porque eles podem agregar mais valor naquilo que o professor trabalha... e aí os alunos acreditam mais naquilo que a gente fala em sala de aula... sabe como é né... se o cara da saúde falou... tá dito” (P7)

Os objetivos que os professores atribuem à ES no EC, fazem com que tenham dificuldades de realizar tais objetivos e até sentirem-se incapazes de cumprir seu papel como professor. Acreditam que um profissional da saúde possa auxiliá-los e até cumprir estes objetivos, por estarem supostamente mais capacitados para tal. Assim os professores apesar de afirmarem que sua formação inicial permitiu a aquisição de conhecimentos necessários para trabalhar ES, demonstram insegurança, encontrando um suporte nos profissionais da saúde:

“É que assim, às vezes a gente não tem o conhecimento técnico né... aquela coisa bem detalhada sobre doenças, coisas mais específicas que surgem né. E eles são mais preparados pra isso... trabalham com saúde o tempo todo. Mas assim... tem que ser um trabalho conjunto... ver o que eu vou trabalhar e o que esse profissional pode trazer a mais. Acho que um trabalho de prevenção mais forte podia aparecer.” (P1)

4.4 Profissional da saúde que desenvolve atividade de ES

Quanto aos profissionais que estão envolvidos com as atividades de ES realizadas nas escolas, foram entrevistados dois profissionais. Um destes profissionais é coordenador dos programas preventivos e educativos da Secretaria Municipal de Saúde e o outro atua na Vigilância Sanitária e Epidemiológica. A caracterização dos profissionais da saúde entrevistadas pode ser observada na Tabela 8.

Tabela 8 – Caracterização dos profissionais da saúde envolvidos com ES na escola.

| Idade | Quantidade |
|--|-------------------|
| 35 a 45 anos | 02 |
| Tempo de atuação | |
| 06 a 10 anos | 01 |
| 11 a 15 anos | 01 |
| Graduação | |
| Odontologia | 01 |
| Engenharia de Alimentos | 01 |
| Tempo de graduado | |
| 05 a 15 anos | 01 |
| 16 a 25 anos | 01 |
| Especializações | |
| -Especialização em Cirurgia Bucal e Ortodontia | |
| -Especialização em Gestão de Saúde Pública | |
| -Especialização em Manipulação de Alimentos | |

Estes dois profissionais apresentam características de atuação e envolvimento com a ES na escola de forma distinta. O primeiro, S1, apresenta um cargo comissionado diretivo, que tem como funções idealizar e dirigir projetos preventivos e educativos, desta forma, raramente atua como executor das atividades. No entanto, é ele quem idealiza as atividades e escala a equipe de profissionais da saúde, que adentram as escolas com atividades de ES. Já o segundo, S2, atua diretamente na escola, interagindo com professores, alunos e tratando diretamente de temas relacionadas a ES, exclusivamente quando solicitados por professores.

4.5 ATIVIDADES DE ES NA ESCOLA PROMOVIDAS PELOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Os relatos dos profissionais da saúde, obtidos após o término das entrevistas com os professores, confirmam e contribuíram para a caracterização feita neste estudo a propósito dos tipos de atividades de ES (na sala de aula, na escola e de origem externa). Observo que os profissionais entrevistados estão envolvidos diretamente com, as **atividades de ES na sala de aula** (àquelas solicitadas pelo professor e vinculadas ao conteúdo) e com as **atividades de ES de origem externa** (atividades de ES propostas pelos serviços de saúde, que não foram solicitadas nem pela escola, nem pelo professor e não estão vinculadas aos conteúdos trabalhados em sala de aula).

A partir da descrição das atividades do profissional S1, observa-se as atividades de ES de origem externas:

“[...] nosso maior projeto integrado a escola é a saúde bucal, nos temos este projeto, e não por ser idealizado por mim e nem pra pensar em me promover... porque eu sempre digo que nunca... nem quero que meu nome fique aparecendo sabe... o mérito é do município é das pessoas que trabalharam nisso...e a saúde bucal desenvolvida de 2006 até 2009 nos rendeu o prêmio de “Município com o melhor sorriso do Brasil”[...]” (S1)

“[...] E o Programa da Saúde Bucal né... que esse é executado lá na escola... toda uma equipe de dentista e auxiliar vai pra escola, faz avaliação... faz a indicação de como as crianças devem cuidar dos dentes, aí mostram de uma forma toda dinâmica e animada como prevenir da cárie... e placa... e outras doenças né... Ahh sabe que teve um ano que nós tivemos bastante verba federal e conseguimos contratar um grupo de teatro pra fazer toda essa parte educativa... foi muito bom, eles apresentaram toda a parte de prevenção, mostraram como escovar os dentes tudo através do teatro... tem assim né a parte de cuidado ao dente dos alunos e tem a parte educativa... só que esse programa tá um pouco parado, porque a gente não conseguiu mais muita verba... [...]” (S1)

Uma das atividades que apresenta todas as características da atividade de ES de origem externa é o Programa de Saúde Bucal. Inúmeros professores relataram este programa como sendo desvinculado de suas atividades em sala de aula e o profissional deixa claro que são as equipes de saúde que vão às escolas para execução. No entanto, em nenhum momento o profissional da saúde menciona algum tipo de relação que possa caracterizar-se como algo planejado entre escola, professores e profissionais da saúde. Fica claro que à escola cabe apenas receber e proporcionar um espaço e um tempo para que os profissionais da saúde desenvolvam suas atividades. Da mesma forma ocorrem outras atividades, como as campanhas preventivas, onde os profissionais desenvolvem atividades informativas, como entrega de panfletos ou alertas. Estas atividades podem ser caracterizadas como saúde do escolar, que de acordo com Mohr (2002) é uma prática médica dirigida para a população em idade escolar. A diferenciação entre ES e saúde do escolar nem sempre é clara, contribuindo para as incompreensões relacionadas à ES realizada na escola. A saúde do escolar é um conceito e uma atividade originada nos primórdios da ES, com as atividades de educação sanitária e educação higiênica e que contaminam a ES na escola atualmente. Muitas vezes, essas atividades me parecem ocorrer com um caráter impositivo, onde o serviço de saúde unidirecionalmente impõe a atividade à escola, caracterizando como **relações não-integradas**, já descritas anteriormente.

Já o profissional S2, me permite confirmar as **atividades de ES na sala de aula**, que podem ocorrer juntamente com uma **relação integrada** entre professores e profissionais da saúde:

“É... geralmente são palestras tá... eu tenho várias palestras sobre vários temas já prontinhas... tudo e slides né... aí quando algum professor vem conversar comigo a gente vê o que ele quer trabalhar e aí eu vou pra escola.”(S2)

“Então... aí eles vêm conversar né... vem pedir orientação. Tem professor que só vem coletar dados... aí só vem pegar nossas planilhas de estatísticas que são feitas pelo [...] aí não é comigo né... eles fazem junto com o secretário... aí cruzam dados de doenças e problemas que afetam a região... eu tenho esses dados, mas só repasso e falo deles nas palestras tá... mas quem faz são

outros... Daí se o professor precisa de ajuda pra trabalhar o tema... ele me pede a palestra de acordo com o tema... claro se eu tiver a palestra aqui pronta né... que daí é do meu domínio. Eu não vou falar de nada que eu não sei, porque aí não é comigo né... Aí a gente agenda a palestra, depende das minhas visitas de fiscalização né... mas eu sempre acho um tempinho porque geralmente dura umas 2h a palestra... 1h30 aí tem mais um tempinho que os alunos fazem pergunta né... dá umas 2 horas.”(S2)

As atividades desenvolvidas por este profissional, geralmente palestras, ocorrem somente quando solicitadas pelos professores; desta forma estas atividades estão articuladas ao conteúdo trabalhado pelo professor.

Sobre a formação continuada⁹, as entrevistas permitiram afirmar que os órgãos de saúde proporcionam a seus profissionais mais capacitações do que os órgãos de educação. No entanto, estas capacitações são apenas técnicas, como treinamentos específicos. Os profissionais também não participam de nenhuma capacitação voltada para um trabalho educativo.

Tratando-se da formação inicial, os profissionais da saúde apresentaram respostas semelhantes aos professores, afirmando que

⁹ Na área da Educação é consenso a utilização do termo formação continuada para tratar das capacitações formalizadas realizadas por professores após sua formação inicial e quando já em serviço, sejam estas capacitações institucionalizadas ou de interesse do próprio professor. No entanto, Paschoal, Mantovani e Méier (2007) diferenciam os termos formação/educação permanente, continuada e em serviço de forma mais detalhada ao tratarem da formação na área da saúde. Para os autores a *educação permanente* é a disposição para o auto-aprimoramento direcionado à busca da competência pessoal, profissional e social, como uma meta a ser seguida durante toda a vida do sujeito; a *educação continuada* abrange todas as ações desenvolvidas após a profissionalização com propósito de atualização de conhecimentos e aquisição de novas informações e atividades de duração, definida por meio de metodologias formais; a *educação em serviço* é um processo educativo a ser aplicado nas relações humanas do trabalho, no intuito de desenvolver capacidades cognitivas, psicomotoras e relacionais dos profissionais; são desenvolvidas de forma institucionalizadas, buscando a valorização e capacitação profissional. Desta forma, utilizo neste texto o termo **formação continuada**, pois ele abrange o conceito da área da Educação e atende à área da Saúde, conforme conceituação de Paschoal, Mantovani e Méier (2007).

tiveram disciplinas específicas, o que proporcionou uma excelente base técnica, porém não tiveram nenhuma discussão sobre processos educativos.

“Olha eu acho que a minha graduação foi excelente, estudo forte e direcionado... me deu uma excelente formação pra desenvolver o trabalho de dentista, mas pecou muito por não ter o desenvolvimento de disciplinas educativas... pra gente trabalhar com educação em saúde bucal sabe. Só depois de vir aqui pra secretaria é que eu vi como eu precisava entender mais de processos educativos. Mas aí teve essa especialização em saúde pública, que foi excelente... valeu cada viagem que fiz, além de tratar da parte de gestão pública, gestão de recursos públicos... ela foi assim... um norte sabe... ao dar uma base de que a gestão em saúde depende de estratégias educativas... porque assim, a população só vai ter saúde... se nós gestores trabalharmos para que esse povo seja informado, tenha educação para a prevenção e promoção de saúde. Esse ponto forte que perguntas... é realmente essa especialização porque nela tivemos palestras excelentes com profissionais que fazem um trabalho educativo nas comunidades... aí a gente vê como a coisa funciona né... tu estás na área da educação tu sabe...” (S1)

Assim... com a parte educativa... nada, nada... não, não. O curso era muito técnico sabe... nada desse tipo coisa não... aí o que eu faço é porque eu gosto muito de interagir com as escolas... aí é assim... o que eu acho que dá pra fazer eu faço tá. (S2)

O profissional S1 ainda relata que sua especialização deu-lhe uma base para desenvolver um trabalho de promoção de saúde, confundindo promoção de saúde e ES.

Quanto aos conteúdos que compreendem ambas as atividades relatadas pelos profissionais da saúde entrevistados, verifico que abrangem os conteúdos informados pelos professores em suas entrevistas: saúde bucal, higiene, saneamento básico, parasitoses, etc. Todos os conteúdos relacionados com qualidade de vida, riscos à saúde, doenças e seus métodos preventivos e curativos.

Para trabalhar estes conteúdos os métodos utilizados são aqueles das campanhas: palestras, alertas por meio de panfletos e no caso do Programa de Saúde Bucal, através de atendimento por um dentista e um teatro informativo.

Quando questionados sobre os objetivos para suas atividades de ES os profissionais de saúde responderam:

“[...] A gente tem que pensar na finalidade que a gente tem que alcançar, afinal de contas nós temos índices pra reduzir... e isso nos é imposto pelo governo estadual que por sua vez recebe ordens do governo federal e sempre com metas a atingir... mas o principal objetivo... além de reduzir os índices de doenças... e qualquer doença né... é ter objetivo de promoção de saúde a educação em saúde tem que promover a saúde da população de forma geral seja na escola ou fora dela... tem que promover a manutenção e a recuperação da saúde das pessoas... aí temos o exemplo da saúde bucal né... o modo como ele foi concebida... executada né... permitiu a melhoria dos índices do município... o mesmo acontece com a o Pró-Gestante e com o Planejamento Familiar... a gente precisa trabalhar a educação para a prevenção... não adianta depois tratar o doente... a melhor forma de promover a saúde é pela prevenção. E aí entra a questão que eu te falo... a gente precisa trabalhar o conhecimento, as habilidades e os comportamentos e práticas sociais pra poder fazer a diferença... acho que de forma resumida e bem complexa acho que é isso...” (S1)

“[...]... assim.. acho que ajudar na educação desses alunos sabe... ajudar o professor, porque as vezes é a forma que ele tem pra trabalhar... as vezes o professor não tem conhecimento... ou não consegue sozinho. Ai o nosso objetivo é ajudar sabe... é bem isso Educação em Saúde... trabalhar na escola, da melhor forma possível pra que esses alunos possam ter saúde... possam ter hábitos saudáveis... aí eles pode saber como ter saúde. Acho que é isso... sabe.” (S2)

Os objetivos destes profissionais estão focados na promoção de saúde, e como relata S1, nas políticas de redução de índices de doenças. Assim, a visão de ambos os profissionais é aquela, já esperada, de mudança de comportamentos, hábitos e atitudes, visando uma vida saudável, livre de doenças. Não há diferenças relevantes entre as atividades de ES realizadas nos serviços de saúde e nas escolas. Para profissionais da saúde tais objetivos são esperados e aceitáveis, visto que estes são objetivos dos serviços de saúde. Via de regra, a formação dos profissionais da saúde não prevê a distinção entre a ES realizada na escola e ES que deve ser realizada nos serviços de saúde, ou em campanhas de saúde pública. Os profissionais da saúde, muitas vezes, não percebem que suas atividades, sejam elas quais forem, estão repletas de aspectos educativos e que obviamente na escola o processo é ainda mais destacado. De acordo com Mohr (2011)

“As profissões da área da saúde possuem o cuidado como uma de suas atribuições. O cuidado encerra muito do educar. Esse educar deve ser compreendido para além da esfera dos conhecimentos entendidos apenas como disciplinas científicas ou escolares (matemática, biologia, língua portuguesa, etc.). É importante considerar que educar diz respeito a estimular o raciocínio, o senso crítico e a curiosidade, assim como desenvolver valores e contribuir para o exercício da cidadania.” (MOHR, 2011, p.54)

No entanto a formação destes profissionais nestes aspectos é deficitária. Desta forma compreendo a situação, mas não posso deixar de explicitar a necessidade de reflexão e mudança deste quadro, principalmente quando se fala em ES na escola e nos objetivos para esta ES, mesmo que desenvolvida por profissionais da saúde. Juntamente com Mohr (2002), concordo com a defesa de que na escola os objetivos dos responsáveis pela ES (sejam professores ou profissionais da saúde) têm que ser coerentes com os objetivos da escola: construção de conhecimentos e reflexão.

4.6 RELAÇÕES COM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Conforme descrevi no item acima, existem **relações integradas e não-integradas** quando se trata de relações entre professores e profissionais da saúde. As integradas são aquelas decorrentes das solicitações de professores para atividades de palestra, atividades

descritas por S2, por exemplo, que estão vinculadas ao conteúdo e à atividade do professor. Já as relações não-integradas são aquelas em que o professor é apenas o receptor das atividades, como aquelas descritas pela profissional S1.

No entanto os profissionais da saúde não identificam suas atividades como uma interação, ou relação com professores de Ciências. Não compreendem exatamente o que ocorre entre eles, quando realizam atividades na escola. Ou seja, os professores possuem uma formação e uma prática que lhes permite enxergar uma relação com os profissionais da saúde, mesmo que esta relação seja oriunda de um produto já pronto, acabado, sem um planejamento e troca conjunta para a elaboração. Já os profissionais da saúde nem isto conseguem ver, pois sua formação não comporta aspectos que lhes permitam enxergarem-se como educadores. Desta forma, verifico esta concepção, muitas vezes inadequada, na fala de S1:

“Olha... acho que nas atividades que a gente leva diretamente [não existe relação com o trabalho dos professores]... acho que não né... Eles participam das atividades também... orientam os alunos e isso... mas eles sempre ajudam a gente... os professores também gostam de participar dessas atividades né...”(S1)

Também foi possível verificar que os ambos os profissionais da saúde desconhecem a legislação, como o Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2005, que instituíram o PSE e que trata sobre interações escola e serviços de saúde, no âmbito da promoção de saúde.

Quando questionados sobre a importância das relações entre professores e profissionais da saúde e como deveriam ser essas relações e interações, responderam:

“Olha... acho que vai da necessidade deles né... não diria nem que sim nem que não... acho que se eles sentirem necessidade de uma interação maior... aí eles procuram a gente pra tirar as dúvidas e talvez fazerem um outro trabalho em conjunto... uma palestra... alguma coisa assim né... acho que nós aqui estamos sempre disponíveis pra ir pra escola né, ou pra orientar o professor... é sempre bom compartilhar experiências né, acho que tanto pro trabalho do professor quanto pro

nosso... pelo menos no que compete a minha equipe estamos sempre dispostos... sem dúvidas”. (S1).

O profissional S1 demonstra que as relações seriam importantes, mas considera que essa importância depende da necessidade dos professores. No entanto, em sua fala, essa necessidade é resultante da falta de preparo dos professores para trabalharem ES, pois ele relata que os professores poderiam receber orientações ou tirar dúvidas. Concordo que os professores poderiam ter questionamentos sobre os conteúdos conceituais de suas aulas, mas não da forma como trabalhar ES. O que os professores precisam é de capacitação pedagógica para desenvolverem uma ES que contemple os objetivos do EC e da escola.

Acredito que este profissional da saúde tenha uma visão que não lhe permita compreender os limites da escola:

“Por que eu acho que lá é a melhor forma de estarmos em contato com os alunos né... lá é o início da nossa sociedade... se a gente trabalhar a promoção de saúde com eles... aí a gente pode ter uma sociedade diferente, mais saudável... mais equilibrada... afinal a educação tem muito poder né... então sempre a gente deve começar por lá... pela escola.” (S1)

Será que a educação tem tanto poder? Será que uma vida mais saudável sofre influência somente daquilo que se aprende na escola? Já argumentei nos capítulos um e dois que esta forma de ver a escola encontra-se defasada e que uma formação inicial e continuada que discutam tais aspectos são urgentes. Assim como a sociedade evoluiu em inúmeros aspectos da ciência e da tecnologia, também é urgente uma evolução na forma de pensar a ES.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados encontrados nesta pesquisa é importante sumarizar e esquematizar a existência dos três tipos de atividades de ES em função da origem de sua proposição. As atividades originadas **na sala de aula** são aquelas propostas pelo professor de Ciências e que são planejadas e vinculadas ao conteúdo trabalhado no EC; tais atividades podem ter a participação de profissionais da saúde. As atividades originadas **na escola** são aquelas propostas pela escola ou pela direção da escola, desvinculadas da atividade do professor em sala de aula. As atividades **de origem externa** são aquelas oriundas do serviço de saúde, também desvinculadas da atividade do professor; são atividades planejadas pelos profissionais de saúde.

Intimamente relacionadas a estes tipos de atividades de ES realizados na escola, encontrei duas formas de relações entre professores e profissionais da saúde: **relações integradas e relações não-integradas**. Observei que as **relações integradas**, via de regra, estavam relacionadas às **atividades de ES na sala de aula**, pois as relações que ocorreram eram solicitadas e planejadas pelos professores de Ciências, que buscavam articular algo semelhante a uma consulta a um especialista (através de palestras ou conversas) com as discussões proporcionadas pelos conteúdos trabalhados no EC. Já nos casos em que observei **relações não-integradas**, estas estavam sempre relacionadas às **atividades de ES na escola** ou com as **de origem externa**, pois ficaram evidentes quando os professores relatavam que a direção da escola, Secretaria da Saúde ou Secretaria da Educação propuseram atividades como palestras, campanhas informativas, teatros ou outras atividades que ficaram completamente desarticuladas e desvinculadas às atividades do professor em sala de aula. Tais atividades não eram planejadas e não tinham a participação do professor. Desta forma, uma ação conjunta entre professores e profissionais da saúde não foi desenvolvida.

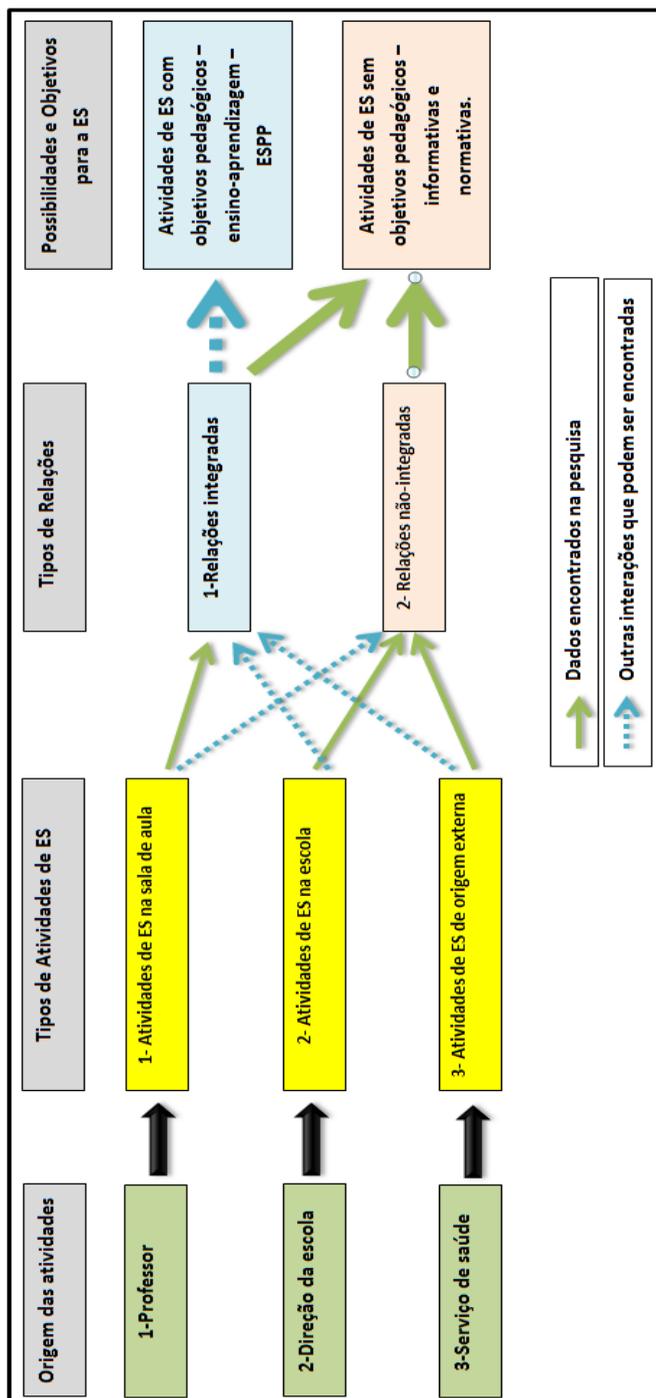
No entanto, apesar de não ter diagnosticado ou evidenciado neste estudo, penso que **atividades de ES na sala de aula**, planejadas pelo professor e vinculadas ao conteúdo, podem originar **relações não-integradas**. Esta situação pode surgir se o professor não tiver consciência de seu papel e dos objetivos para a ES e no EC. Por exemplo se um professor solicitar a vinda de um profissional da saúde para palestrar sobre determinado conteúdo, considerado tema para ES, e não articular e planejar conjuntamente com este profissional as reflexões necessárias à ES (já discutidas neste estudo), o professor e o profissional

da saúde correm o risco de cair no abismo existente entre suas formações e entre os diferentes objetivos para a ES (normatização, mudança de comportamento, prevenção e informação).

Assim como o oposto também pode ocorrer: **atividades de ES na escola e de origem externa** podem resultar em um **relação integrada** entre professores e profissionais da saúde. Para tanto, é necessário que professores e profissionais da saúde desenvolvam um trabalho em conjunto, cada um com suas limitações e possibilidades, mas com planejamento e buscando os objetivos necessários para a escola e para o EC: ensino-aprendizagem e construção de conhecimentos visando desenvolvimento de raciocínio, reflexão e capacidade de análise e crítica.

A Figura 2 esquematiza os aspectos de origem das atividades de ES na escola, as relações entre professores e profissionais da saúde e os objetivos para tais atividades de uma maneira mais ampla. Visualiza-se tanto os resultados encontrados nesta pesquisa (setas verdes), quanto possibilidades que ainda podem ser encontradas em futuros estudos (setas azuis).

Figura 2 – Resultado das atividades e relações ente professores



É imprescindível ter clareza de que qualquer um dos tipos de atividades de ES (**na sala de aula, na escola, ou de origem externa**), independentemente de sua origem, apresenta possibilidade de se tornar atividade de ES com objetivos pedagógicos, de ensino aprendizagem, que assuma as responsabilidades da proposta da ESPP de Mohr (2002) e os preceitos da ACT de Fourez et al. (1997), já discutidos. No entanto é interessante que se estabeleça uma **relação integrada** entre professores e profissionais de saúde, no planejamento conjunto das atividades, na discussão dos objetivos e metodologias didáticas a serem desenvolvidas. Assis et al. (2013, p.147) diagnosticaram em seu estudo que é *“bastante evidente a distância que há entre os setores saúde e educação e a ausência de políticas públicas para solucionar tais discrepâncias”*. Acredito que estas são distâncias criadas pela formação inicial de ambos (professores e profissionais da saúde), mas que podem ser reduzidas com uma formação continuada que desenvolva a consciência de cada profissional quanto ao seu papel na ES e que ressalte a competência docente frente às atividades realizadas na escola e em sala de aula.

No entanto, uma abordagem integrada é fundamental para que mudanças ocorram na ES realizada na escola, em sala de aula, no EC. É importante que professores e profissionais da saúde passem a ter um diálogo ampliado sobre as atividades que irão realizar na escola. É fato que ambos os profissionais têm suas limitações formativas, técnicas e pessoais, mas acredito que as possibilidades e contribuições de uma atividade verdadeiramente conjunta, possam superar os obstáculos históricos para o desenvolvimento da ESPP. Desta forma, talvez, fosse possível superar a visão da ES fragmentada, com objetivos comportamentalistas criticada nesta pesquisa. No entanto, utilizo-me dos questionamentos de Assis et al. (2013, p.149):

“(…) o que é necessário para superar as falhas identificadas? Como promover uma formação capaz de estimular o exercício da cidadania? Uma das alternativas está na estruturação e implementação de inovações nas políticas públicas de formação permanente. Porém, seriam estas suficientes para que os abismos sejam superados nas ações de educação em saúde?”

Um dos grandes desafios a serem superados pelos educadores ao trabalhar ES na escola é justamente compreender que ES transcende as causas biológicas e comportamentais: na escola a ES requer também a

contribuição de conhecimentos científicos para a construção de conhecimentos que permitam o entendimento das causas sociais, econômicas e culturais envolvidas (SCHALL e MASSARA, 2006). Sendo assim, é inaceitável trazer para a sala de aula apenas os princípios das campanhas emergenciais de saúde pública, que objetivam a mudança de comportamento imediata e a prevenção, sem a necessária reflexão. Os conceitos de ES na escola precisam ser revistos e repensados para que os abismos entre a formação dos profissionais e os objetivos atuais para a ES possam ser reduzidos ou eliminados. No caso dos professores de Ciências, este repensar inicia-se na formação inicial, nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, através de discussões sobre o assunto, que devem envolver também a Didática das Ciências, principalmente a Alfabetização Científica e Técnica de Fourez et al. (1997). A continuidade das reflexões deve ser feita através de formação continuada para professores em exercício, direcionando especificamente para a área de ES na escola. Da mesma forma, no caso dos profissionais da saúde, que são educadores como já argumentei, os aspectos pedagógicos também são deixados de lado (MOHR, 2011).

Desta forma, conceitos, teorias e aspectos do EC podem contribuir para uma formação pedagógica dos profissionais da saúde, que acredito ser necessária. No entanto, sabendo da quantidade de disciplinas técnicas e tradicionais existentes nos cursos de formação inicial na área da saúde, cabe uma reflexão a ser pensada e que pode ser fruto para futuras pesquisas: como incluir no currículo dos cursos de formação inicial de profissionais da saúde, disciplinas que trabalhem aspectos pedagógicos da ES? Como essa área receberia tais fundamentos?

As relações entre objetivos da ES, do EC e aqueles da escola precisam ser objeto de discussão urgente por parte de professores e pesquisadores. Afirmando que a reflexão sobre a ES na escola baseada nos princípios da alfabetização científica traz perspectivas interessantes e necessárias. A ES desenvolvida na escola (seja por professores, seja por outros profissionais que aí colaborem) deve fundamentar-se necessariamente em uma identidade pedagógica, ou seja, deve proporcionar ao aluno o desenvolvimento de conhecimentos e capacidade de autonomia e de reflexão (MOHR e VENTURI, 2013).

A utilização do conceito de alfabetização científica como fundamento para o desenvolvimento da ES na escola torna-se promissora e inovadora. *“Nesta abordagem, mais que conteúdos a serem aprendidos (comportamentos de higiene e prevenção de agravos, por exemplo), a ES passa a ser **objetivo da escolarização** para o qual as*

diversas disciplinas escolares colaboram” (MOHR e VENTURI, 2013, p 04).

Julgo urgente e importante construir a identidade pedagógica da ES, pois

“A ES escolar deve distinguir-se daquela realizada pelas campanhas ou por outros profissionais cujo objetivo final e principal é conseguir modificar um comportamento, reduzindo a frequência de atitudes consideradas de risco e estimulando aquelas consideradas saudáveis. Do contrário, esta atividade pode conspurcar a função primeira e principal da instituição escolar que é o desenvolvimento de capacidades cognitivas, do senso crítico e da autonomia do indivíduo, através de conhecimentos, natureza e filosofia das artes, letras e ciências: patrimônio acumulado que caracteriza a humanidade como tal. (...) A ES deve ser encarada pela escola como objetivo geral de desenvolvimento e capacitação humana. Ela não deve ser considerada uma atividade-meio através da qual, em curto prazo, se atingirão determinadas atitudes, hábitos e comportamentos. (...) A ES na escola deve ser considerada, na realidade, um objetivo ao qual se chega de forma indireta.” (Mohr, 2002, pp. 241 e 242)

O desafio aqui proposto pode ser considerado arrojado, mas a discussão é urgente e importante. Pesquisas como esta e como outras que ainda virão precisam ser incentivadas, para que possam contribuir com o repensar a ES na escola. Assim, acredito que existem perspectivas para futuras pesquisas que analisem e discutam: *Que políticas públicas poderiam ser propostas para superar a problemática identificada na ES? Quais as necessidades da formação inicial e continuada para o desenvolvimento de uma ESPP? Qual a importância das disciplinas de Ciências e Biologia para a ES? Como desenvolver a ESPP em sala de aula? Quais os limites e possibilidades do desenvolvimento interdisciplinar da ESPP, baseado na construção de ilhotas interdisciplinares de racionalidade, reafirmando o modelo disciplinar?*

É importante que discussões acerca desta nova forma de abordar a ES tenham continuidade, pois analisar os limites e possibilidades desta

proposta, em uma atividade prática é fundamental para identificar os pontos fortes, possíveis deficiências e sugerir adequações.

O presente estudo também objetivou fornecer subsídios para o crescimento desta área de estudo, para que a Educação em Saúde possa se consolidar como campo de pesquisa no Ensino de Ciências.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M.J.M.; SHIGUENO, L.Y.O.; MENECHIN, P. Métodos pedagógicos que influenciaram o planejamento das ações educativas dos enfermeiros: revisão bibliográfica. **Revista Escola de Enfermagem – USP**, v.33, n.2, p.165-74, jun. 1999.

ASSIS, S.S.; PIMENTA, D.N.; SCHALL, V.T. Conhecimentos e práticas educativas sobre dengue: a perspectiva de professores e profissionais da saúde. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.15, n.1, p.131-153, jan-abr. 2013.

ASTOLFI, J-P. Reencontrar o Sentido e o Sabor dos Saberes Escolares. Trad. Mohr, A; Pires, F. D. A. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.13, n.02, p. 173-186, mai-ago. 2011.

BETTANIN, E.; PINHO-ALVES, J. Alfabetização Científica e Técnica: um instrumento para observação de seus atributos. IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). UNESP: Bauru, SP, 2003.

BAGNATO, M.H.S. O ensino da saúde nas escolas de 1º grau. **Proposições**, 1: 53-59. 1990.

BRASIL, 1971. Lei n. 5.692 de 11 de agosto de 1971: Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providencias. Brasília – DF. Disponível em http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/15692_71.htm Acesso em 09 abr. 2012

BRASIL, 1974. Parecer 2.264/74. Ensino (1º e 2º graus) Educação da Saúde. Programas de Saúde. **Documenta**, 165: 63-81. 1974

BRASIL, 1996. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996: Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília – DF. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm Acesso em 23 abr. 2012

BRASIL, 1997. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, 1998a. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB 04/98. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1998/pceb004_98.pdf> Acesso em 16 jul. 2011.

BRASIL, 1998b. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiros e quartos ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, 2007. Decreto nº 6.286 de 5 de dezembro de 2007. – Institui o Programa Saúde na Escola – PSE. Brasília – DF. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm> Acesso em 12 fev. 2013.

BRASIL, 2013. PSE – Programa de Saúde na Escola. Portal da Saúde – SUS – Ministério da Saúde – Brasília – DF – Disponível em <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/Gestor/visualizar_texto.cfm?idtxt=38070> Acesso em 28 jun. 2013.

CANINÉ, E. S; RIBEIRO, V.M.B. A prática do nutricionista em escolas municipais do Rio de Janeiro: um espaço-tempo educativo. **Ciência&Educação**, v.13, n.1, p. 47-70. 2007.

CARVALHO, A. M. P.. **Uma metodologia de pesquisa para estudar os processos de ensino e aprendizagem em salas de aula**. In: SANTOS, F. M. T.; GRECA, I. M. (Orgs.) Ileana Maria Greca. (Org.). A pesquisa em ensino de ciências no Brasil e suas metodologias. Ijuí: Unijuí, 2006, Vol. 1, pág. 13-48.

CARVALHO, G.S.; CLÉMENT, P. Projecto “Educação em biologia, educação para a saúde e educação ambiental para uma melhor cidadania”: análise de manuais escolares e concepções de professores de 19 países (europeus, africanos, e do próximo oriente). **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v.7, n.2, 2007.

DEUS, A.; CUNHA, D.; MACIEL, E. Estudo de caso na pesquisa qualitativa em educação: uma metodologia. VI Encontro de Pesquisa em Educação UFPI, pp. GT 01 - Nº 04. 2010.

DINIZ, M.C.P.; SCHALL, V.T. Estudo exploratório sobre estratégias e materiais educativos utilizados na prevenção e controle da esquistossomose e outras helmintoses. III Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). Atibaia, SP, 2001.

DINIZ, M.C.; FIGUEIREDO, B.G.; SCHALL, V.T. Hortência de Hollanda: a arte da educação em saúde para prevenção e controle de endemias no Brasil. **História, Ciência, Saúde: Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.16, n.2, p.533-556, abr-jun, 2009.

DINIZ, M.C.P.; OLIVEIRA, T.C.; SCHALL, V.T. “Saúde como Compreensão de Vida”: Avaliação para Inovação na Educação em Saúde para o Ensino Fundamental. **Revista Ensaio: Belo Horizonte**, v.12, n.01, p.119-144, jan-abr., 2010.

FREITAS, E.O. e MARTINS, I. Transversalidade, formação para a cidadania e promoção da saúde no livro didático de ciências. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v.1, n.1, p.12-28, ago.2008.

FONTANA, R.T. A vigilância sanitária no contexto escolar: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem: Brasília**, v.61, n.1, p.131-134, jan-fev. 2008.

FOUREZ, G; LECOMPTE, V.E.; GROOTAERS, D.; MATHY, P.; TILMAN, F. Alfabetización científica y técnica. Argentina: Ediciones Colihue, 1997.

FOUREZ, G. Alphabetization Scientifique et Technique. Bruxelles, De Boeck.

FOUREZ, G. Crise no Ensino de Ciências? Trad. Carmen Cecília de Oliveira. **Investigações em Ensino de Ciências: Porto Alegre**, v.8, n.2, p.109-123, 2003

FOUREZ, G. Approches didactiques de l'interdisciplinarité. Alain Maingain e Barbara Dufour. Bruxelles: De Boeck, 2002.

JUCÁ, R.N. Educação e Saúde: Contextos e Concepções. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Salvador: UFBA, 2008.

LEMÔNACO, A.F.S. Concepção de Saúde e Cotidiano Escolar – O Viés do Saber e da Prática. 27ª Reunião anual da ANPEd - GT 06 – Educação popular: Caxambu (MG), 2004. Disponível em:<<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt06/t063.pdf>> Acesso em 14. jun. 2011.

LEVY, S.N. et. al. Educação em Saúde. Histórico, conceitos e propostas. DATASUS, 2002. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cns/temas/educacaosaude/educacaosaude.htm>> Acesso em 23, jun.2011.

LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 1992.

LIMA, A.L.G.S.; PINTO, M.M.S. Fontes para a história dos 50 anos do Ministério da Saúde. **História, Ciência e Saúde**. Maguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 1037-51, set-dez. 2003.

LOHN, L, R. Ação educativa em saúde: estudo de caso em centros de testagem e aconselhamento. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, UFSC. Florianópolis: 2005.

LORENZETTI, L.; DELIZOIVOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. **Ensaio** – Pesquisa em Educação em Ciências, v. 3, n.1, jun. 2001

MARCONDES, R. S. Educação em Saúde na Escola. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.6, p.89-96, 1972.

MASSARA, C. L.; SCHALL, V. T. A Pedagogical approach of schistosomiasis an experience in health education in Minas Gerais, Brasil. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**: Rio de Janeiro, vol. 99, suppl.1. ago, 2004.

MEDEIROS, A. Metodologia da Pesquisa em Educação em Ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências** , 2 (1), pp. 66-72. 2002.

MELO, J. A. C. Educação sanitária: uma visão crítica In: CANESQUI, A. M.; CAMARGO, E. S. P.; BARROS, M. B. (Org.) Educação e Saúde. São Paulo: Cortez, p.28-43, Ed. 1984 (Cadernos do CEDES, 4).

MINAYO, M. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde (Vol. 12ª edição). São Paulo, SP: HUCITEC, 2010.

MOHR, A.; SCHALL, V.T. Rumos da Educação em Saúde no Brasil e sua Relação com a Educação Ambiental. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 8, n.2, p.199-203, abr./jun. 1992.

MOHR, A. Contribuições da Didática das Ciências para a Educação em Saúde. II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). Valinho, SP: 1999.

MOHR, A. Análise do conteúdo de 'saúde' em livros didáticos. *Ciência e Educação*, v. 6, n. 2, p. 89-106, 2000.

MOHR, A. A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências. Tese de Doutorado-Centro de Ciências da Educação, UFSC. Florianópolis: 2002.

MOHR, A. Educação em Saúde na atividade pedagógica de professores de Ciências em escolas públicas de Florianópolis. IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). UNESP: Bauru, SP, 2003.

MOHR, A. Ensino de Ciências e Biologia e Educação em Saúde: Análise das Proposições dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Fundamental). In: JOFILI, Z; ALMEIDA, A (Orgs). *Ensino de Biologia, Meio Ambiente e Cidadania: Olhares que se Cruzam*. Recife: Ed. Univers. UFRPE. 2009 (a).

MOHR, Adriana. Educação em saúde na escola: panorama e questionamentos a partir de depoimentos de professores de Ciências em Florianópolis. In: SELLES, S. E. et al. (org). *Ensino de biologia: histórias, saberes e práticas formativas – Uberlândia: EDUFU, 2009 (b)*.
MOHR, A. A formação pedagógica dos profissionais da área da saúde. In: BRANT, V. (org). *Formação Pedagógica de Preceptores do Ensino em Saúde – Juiz de Fora: UFJF, 2011*.

MOHR, A. VENTURI, T. Fundamentos e objetivos da Educação em Saúde na escola: contribuições do conceito de alfabetização científica. 9º Congreso internacional sobre investigación en Didáctica de las

Ciencias. Girona, Espanha: 2013. (artigo aceito, à ser apresentado de 9-12 de setembro).

NEHRING, C.M.; SILVA, C.C.; TRINDADE, J.A.O.; PIETROCOLA, M.; LEITE, R.C.M.; PINHEIRO, T.F. As ilhas de racionalidade e o saber significativo: o ensino de ciências através de projetos. **Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências**: Belo Horizonte, v.2, n. 1, març.2002.

PASCHOAL, A. S.; MANTOVANI, M. F.; MÉIER, M. J. Percepção da educação permanente, continuada e em serviço para enfermeiros de um hospital de ensino. **Revista Escola de Enfermagem USP**: São Paulo, v.41, n.3, p. 478-484, 2007.

PIRES, M.F.C. Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade no Ensino. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação** – UNESP: Botucatu, fev. 1998.

RENOVATO, R.D.; BAGNATO, M.H.S. O serviço especial de saúde pública e suas ações de educação sanitária nas escolas primárias (1942-1960). **Educar em Revista**. Editora UFPR: Curitiba, n. especial 2, p. 277-290, 2010

ROCHA, H.H.P. Educação escolar e higienização da infância. **Cadernos Cedes**, v.23, n. 59, p.39-53, 2003.

ROCHA, M.R.A.; ABREU, M.A.F. A formação de licenciandos em Enfermagem como educadores em saúde: uma análise qualitativa. IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). UNESP: Bauru, SP, 2003.

SANTA CATARINA. Sistema Único de Saúde – SUS: legislação básica Secretaria de Estado da Saúde. 2ª Edição, SES. Florianópolis: 2002.

SILVA, C.M.C.; MENEGHIM, M.C.; PEREIRA, A.C.; MIALHE, F.L. Educação em Saúde: uma reflexão histórica de suas práticas. **Ciências & Saúde Coletiva**, v.15, n. 5, p. 2539-2550, 2010.

SCHALL, Virgínia. Alfabetizando o corpo: o pioneirismo de Hortênsia Hollanda na educação em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 2, p. 149-160, 1999.

SCHALL, V.T. e STRUCHINER, M. Educação em Saúde: novas perspectivas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 15, n. Supl. II, nov.1999.

SCHALL, V. T. Educação em saúde no contexto brasileiro – Influência sócio-históricas e tendências atuais. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-58, dez./mar. 2005

SCHALL, V. T.; MASSARA, C. L. Esquistossomose como tema gerador: uma experiência de educação em saúde no município de Jaboticatubas – Minas Gerais. In: BRASIL. Escolas promotoras de saúde : experiências do Brasil / Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, Série Promoção da Saúde, n. 6, 2006.

SMITH, M.U.; SIEGEL, H. Knowing, Believing, and Understanding: What Goals for Science Education? **Science & Education**, v. 13, p.553-582, 2004.

STAKE, R. E. Pesquisa Qualitativa/ Naturalista - Problemas Epistemológicos. **Educação e Seleção**: v.7 , pp. 19-27, 1983^a.

STAKE, R. Estudos de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional. **Educação e Seleção** : v.7, pp. 05-14. 1983b.

TEIXEIRA, P.M.M.; VALE, J.M.F. Os professores de Biologia e os objetivos educacionais. . II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). Valinho, SP: 1997.

TRIVIÑOS, A. N. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitaiva em educação. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

WALLERSTEIN, N.; BERNSTEIN, E. Empowerment Education: Freire's Ideas Adapted to Health Education. **Health Education Quarterly**, New York – EUA, v.15, n.4, p.379-394, 1988.

WENDHAUSEN, A.; SAUPE, R. Concepções de Educação em Saúde e a Estratégia de Saúde da Família. Florianópolis: **Texto e Contexto Enfermagem**, UFSC: 2003.

WOODALL, J.R.; WARWICK-BOOTH, L.; CROSS, R. Has empowerment lost its power? **Health Education Research**, Oxford – England, v.27, n.4, p.742-745, jun. 2012.

VENTURI, T.; MOHR, A. Análise da Educação em Saúde em publicações da área da Educação em Ciências. VIII Encontro de Pesquisa em Educação e I Congresso Iberoamericano de Investigação e Ensino de Ciências, UNICAMP. 2011.

YOUNG, M.F.D. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista Brasileira de Educação**: v.16, n.48, set-dez. 2011.

APÊNDICE I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica
 Centro de Ciências Físicas e Matemáticas
 Centro de Ciências da Educação
 Centro de Ciências Biológicas

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Tiago Venturi, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. Estou desenvolvendo a pesquisa **“Os professores e os profissionais de saúde: relações estabelecidas entre ações e conteúdos desenvolvidos na educação em saúde na escola”**, sob orientação da Professora Adriana Mohr, com o objetivo de compreender as relações existentes entre as escolas e os serviços de saúde, na área da educação em saúde. Este estudo é necessário para refletir, repensar e contribuir para que as atividades de Educação em Saúde realizadas nas escolas, em especial no Ensino de Ciências, possam avançar. Para tanto, serão realizadas entrevistas com professores de Ensino de Ciências e Profissionais da Saúde que realizam atividades de Educação em Saúde nas escolas. É para uma destas entrevistas que você está sendo convidado a participar. As entrevistas não trazem riscos ou desconforto para o entrevistado. Em caso de dúvidas em relação ao estudo, eu estou disponível para esclarecer qualquer aspecto. Posteriormente, você poderá entrar em contato comigo pelo telefone (47) 8841-4170. Se você estiver de acordo em participar, garanto que seu nome não será identificado, que todas as informações fornecidas serão mantidas no anonimato e que só serão utilizadas para finalidades da pesquisa científica.

Assinaturas:

 Tiago Venturi
 Pesquisador

 Adriana Mohr
 Orientadora

Eu, _____, fui esclarecido sobre a pesquisa **“Os professores e os profissionais de saúde: relações estabelecidas entre ações e conteúdos desenvolvidos na educação em saúde na escola”** e concordo que minha entrevista seja utilizada na pesquisa mencionada acima.

Rio do Sul, ____ de _____ de 2012

Assinatura: _____ RG: _____

APÊNDICE II – Transcrição das Entrevistas

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 01

| | |
|---|---|
| Escola: Estadual | Duração: 34 minutos |
| Local da Entrevista: Laboratório de Biologia | Regime de Trabalho: 40h |
| Professor: P1 | Disciplinas: Ciências e Biologia |

T: Professor, desde já te agradeço pela colaboração e por ceder este teu espaço vago para conversarmos. A partir de agora nossa conversa está sendo gravada e tudo o que me falares será mantido no anonimato. Conforme o termo que assinaste, nossa conversa será utilizada somente como pesquisa.

P1: Sim!

T: Pra gente começar então ... qual o teu nome completo?

P1: [...]

T: Qual tua idade?

P1: 42 anos.

T: E há quanto tempo trabalha como professor?

P1: Iiii, rapaz... há 18 anos já! Logo que terminei a faculdade lá no Rio Grande, já comecei a dar aula.

T: E qual o teu regime de trabalho? Quais escolas?

P1: Eu tenho a escola particular, lá no [...] 8 aulas... lá é só por aulas tá! E aqui no Estado eu tenho 40 horas na [...].

T: Aham, então assim... o que conversarmos eu te peço que me respondas referente aqui, ao Estado, onde tens 40 horas.

P1: A... ok!

T: Tu conheces a comunidade do bairro, aqui onde a escolar está situada?

P1: Bom, eu moro lá no [...] tá, então... é outro bairro. Esse aqui eu conheço a gurizada toda, alguns pais... Mas só o pessoal aqui da escola, no sentido de comunidade escolar. Agora o pessoal fora daqui, não tenho muito conhecimento não. Só que não é muito diferente né? A gente sempre trabalha em várias escolas todos os anos e não tem muita diferença no Estado. A diferença maior é no município que daí tem escola que pega naqueles bairros bem problemáticos, pobres... né?

T: Entendi... Qual a tua formação? Onde se graduou?

P1: Me formei em Ciências Biológicas na UNIJUÍ, lá no Rio Grande. Na licenciatura tá!

T: Em que ano que terminasse o curso?

P1: Em 94.

T: E fizesse alguma pós-graduação... especialização?

P1: Ahh, pois é... comecei uma em genética lá no Rio Grande, mas não terminei... casei, daí vim prá cá... não deu de terminar!

T: Agora, falando em Educação em Saúde na escola. Tem alguma atividade de ES na tua escola? Que tipo de atividade é essa?

P1: Tem claro... as atividades que elaboro né! O professor de ciências e biologia sempre tem que trabalhar isso. A gente trabalha né!

T: Como são essas atividades?

P1: Assim... são atividades que vem dos conteúdos né. De acordo com cada conteúdo que eu trabalho, eu tento desenvolver alguma coisa diferente. Eu uso explicar o conteúdo no quadro... a parte de fisiologia, anatomia... faço atividades de trabalhos em grupo. O livro também traz atividades né... tem educação em saúde no livro... toda a parte de doenças e o que não tem eu trago pra eles. Gosto de trabalhos de apresentação que daí eles vão lá na frente e falam, depois a gente discute todos juntos.

T: Então essas atividades são coordenadas por você? Ou tem mais alguém que auxilia?

P1: Não não... só por mim... Ahh tem o professor de Educação Física que trabalha um pouco a questão da saúde no esporte né... a importância do esporte. A gente dá aula junto de vez em quando. Ano passado eu expliquei a fisiologia do corpo humano... e ele vinha com a parte da postura, do que o esporte faz no corpo, da atividade física. Foi interessante, acho que ajudou também... porque eles foram muito bem na prova.

T: Essas atividades de educação em saúde, elas estão incluídas no currículo, ou nos planos de aula do professor?

P1: A com certeza, no meu planejamento sempre! Ali no do professor de Educação Física eu acho que não né... porque o dele... sabe, é só esportes. Mas no meu plano anual tá todo o conteúdo que eu vou trabalhar e tá lá incluído todos os conteúdos de saúde. Tem no livro também, daí quando a gente vai refazer o plano, sempre vê o que tem de novo no livro pra acrescentar também.

T: Em que sé...

P1: Aaah!... Tem no currículo de Ciências né? Educação em saúde é obrigatório. Tá lá no PCN... é daqueles temas multidisciplinar, mas no PCN de Ciências tem tudo o que a gente tem que trabalhar. E tem os novos do ensino médio... esses eu ainda não vi.

T: Aham... Então, essas atividades de educação em saúde, em que séries elas ocorrem?

P1: Bom... ocorrem em todas as séries né... eu não tenho nenhum 6º ano [antiga 5ª série]... mas de 7º [antiga 6ª série] pra frente já trabalho. Em todas as séries tem conteúdos de saúde. No ensino médio também... nossa tem muita coisa!

T: E como ocorrem essas atividades?

P1: É assim... eu dando aula e fazendo as atividades mesmo... organizando os trabalhos... é... eu sempre trago coisas diferentes...

reportagens, histórias, tem uns vídeos muito legais... E assim, é na base da conversa, da discussão... pra eles aprenderem né.

T: Então tu me contasse que o professor de Educação Física trabalha contigo as vezes... Tem mais algum professor que trabalha educação em saúde, alguma outra área? Vocês fazem algum trabalho juntos?

P1: Não não... só eu e o professor de Educação Física mesmo... assim, é que ele tá mais relacionado né... ele também tem a coisa da saúde nas aulas dele, que o esporte proporciona saúde né. Então a... é só ele mesmo... aí a gente faz esse trabalho em conjunto, é bem legal, incentiva os alunos a terem uma vida saudável, alimentação... e tem toda a parte da prevenção de doenças pro futuro deles, né. Tem muito aluno que o pai já enfartou...

T: Aham... Então quais são os conteúdos que tu trabalha em Educação em Saúde?

P1 – A tem bastante coisa. No 7º já tem toda a parte de anatomia e fisiologia do corpo humano né, daí eu trabalho a saúde do corpo... Em cada sistema do corpo que vou trabalhando, já vou explicando as doenças e o que pode ser feito pra prevenir e não desenvolver as doenças né. Daí na parte de alimentação... essa parte eu gosto, sempre faço um trabalho bem grande nessa parte. Na alimentação eu trabalho toda a parte das tabelas nutricionais, o que cada tipo de alimento representa pro organismo, o que a eles devem comer pra ter uma vida saudável. Inclusive... eu já pedi pra uma amiga nutricionista vir conversar com os alunos, passar umas dicas sobre alimentação saudável. Ela veio deu uma palestra bem interessante pra eles. No 7º ano ainda tem daí os trabalhos com DST né, que acompanha o conteúdo de sistema reprodutor. Quando eu trabalho DST, também tenho bastante cuidado... porque é complicado né. Tem que trabalhar de uma forma que eles aprendam de verdade... pra vida deles... pra depois não me aparecerem com AIDS por aí né! Nem acho tão complicado engravidar... mas pegar AIDS depois de ter estudado tanto na escola, tanta informação e campanha que tem por aí né... Eu falo sobre todas as formas de contágio... sobre usar camisinha, friso muito nisso, em toda a importância... passo filme e tudo. Dou o melhor de mim pra que essas crianças não se dêem mal na vida depois... mas a gente não tá o tempo todo em cima né...

T: Sim entendo bem...

P1: Depois tem parasitologia que eu trabalho bastante os ciclos dos parasitas... nos sintomas das doenças pra eles identificarem né. E lá no 9º eu faço um trabalho de prevenção de drogas. Lá no 4º e 5º ano eles têm o PROERD [Programa de Educacional de Resistência às Drogas] que é com os bombeiros e com a militar. Mas daí no 9º eu gosto de fazer um trabalho sobre os tipos de drogas... pra trabalhar a parte da química sabe, daí eles entendem o que a droga causa no organismo... e a gente assiste um filme que eu gosto de passar o Cristiane F, conhece?

T: Conheço sim, um excelente filme.

P1: É basicamente é isso... Tem muita coisa né, mas eu nem lembro de tudo, assim pra te falar agora.

T: Bom professor, e com esses conteúdos todos, com os trabalhos que tu desenvolve... Quais são os teus objetivos com isso?

P1: Aa... Eu penso assim né... que como professor eu tenho que formar um cidadão, então tenho que orientar ele pra ele seguir os caminhos certos na vida. Ter saúde... não se envolver com drogas... não adquirir doenças, DSTs. E conseguir conscientizar esses alunos, pra que eles saibam o que fazer né... como cuidar de si. Acho que a gente sempre tem o objetivo de conscientização né... não sei, as vezes eu fico meio assim... porque a gente faz na escola, mas e em casa?... Os pais às vezes nem conversam sobre nada com eles... A gente, sozinho como vai conseguir mudar alguma coisa? Mas eu tento né...

T: Quais os recursos metodológicos que tu usas pra atingir esses objetivos? ... É... a questão... formas de trabalho... filmes, vídeos, palestra?

P1: Aham.. isso, filmes... os vídeos do corpo humano da BBC, o livro didático também né... eu sigo bastante. E aula normal né... diálogo, os trabalhos em grupo... isso aí.

T: E me diz uma coisa... tu tens facilidade em trabalhar estes conteúdos de Educação em Saúde? Tu se sente confortável?

P1: Sim, com certeza... é um assunto que interessa pros alunos, então é bom de trabalhar.

T: E como tu julgas a tua formação para trabalhar educação em saúde na escola?

P1: Olha... as disciplinas da faculdade eram muito boas, muito pesadas sabe. Acho que deram uma base boa... não tinha muito a parte de ensinar a dar aula.. a didática né, mas as disciplinas da biologia mesmo ajudam na base pro trabalho da escola.

T: Tem algum programa de formação continuada?

P1: No estado? [risos]... imagina, nunca. A gente tá aí brigando pelo piso, que dirá cursos. Eu faço uns cursos lá pelo [...]... mas bem poucos.

T: Tu buscas algum curso fora? Que tu vais atrás, algo assim?

P1: Não não, nem tenho tempo né.

T: Agora... Vou te fazer algumas perguntas mais específicas sobre a relação entre os órgãos de saúde... os serviços e a escola.

P1: Claro... temos bastante tempo ainda!

T: Existem atividades de educação em saúde promovidas pelos serviços de saúde na escola? Palestra... discussões... debates?

P1 – Não não... ultimamente não tem nada não. Vai ter uma campanha agora... mas eu ainda não to sabendo nada sobre isso. Se a gente quer alguma coisa tem que ir atrás.

T: Certo... E tu acha que seria importante que o serviço de saúde realizasse atividades de educação em saúde na escola?

P1: Eu acho que sim.

T: Por que tu achas importante?

P1: Aaa... bom... eles poderiam contribuir com as nossas aulas né. Eles têm um conhecimento maior sobre a saúde do que a gente. Eles

poderiam trazer coisas novas, montar um trabalho em conjunto né. Quem sabe até alguma campanha, alguma coisa na escola. Acho que seria interessa... palestras também são interessantes, depois eu posso usar as palestras nas minhas aulas. Eles ajudariam sim, acho que melhoraria o ensino.

T: Me fala um pouco mais sobre o que tu achas dessa interação entre o professor de ciências e os profissionais da saúde... Como que essa relação pode contribuir pro trabalho?

P1: É que assim, às vezes a gente não tem o conhecimento técnico né... aquela coisa bem detalhada sobre doenças, coisas mais específicas que surgem né. E eles são mais preparados pra isso... trabalham com saúde o tempo todo. Mas assim... tem que ser um trabalho conjunto... ver o que eu vou trabalhar e o que esse profissional pode trazer a mais. Acho que um trabalho de prevenção mais forte podia aparecer.

T: Entendi... E tu já atuasses na área da saúde?

P1: Nunca.

T: Tem mais alguma coisa que tu queiras acrescentar, algum apontamento... faltou eu te perguntar alguma coisa?

P1: Não não... ... é isso mesmo.

T: Bom... Então te agradeço muito pelo teu tempo, por tua colaboração.

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 02

Escola: MunicipalDuração: **19 minutos****Local da Entrevista: Residência da professora**Regime de Trabalho: **40h****Professor: P2**Disciplinas: **Ciências**

T: Muito bem professora... A partir deste momento, o gravador está ligado e iniciamos nossa entrevista. Lembro que tudo o que a conversarmos será mantido em sigilo, não será divulgado nomes nem nada. Essa nossa conversa é somente para a minha pesquisa de mestrado, conforme este termo que tu leste.

P2: Aaahh claro claro, sem problemas... espero te ajudar.

T: Então começando me fala o teu nome completo?

P2: [...]

T: Quantos anos tens?

P2: 30

T: Há quantos anos você atua como professora?

P2: Há três anos.

T: Qual o teu regime de trabalho? E em quais escolas tu trabalhas?

P2: Eu trabalho 20 horas na escola [...] e 20h na escola [...], aulas de Ciências nas duas.

T: Professora, tu conheces o bairro onde estas escolas estão situadas? Tu moras perto, essas escolas são no bairro onde tu moras, como é que é?

P2: A escola [...] é aqui em cima no bairro que moro, né... e a escola [...] é no bairro vizinho na [...], um bairro vizinho ao meu, que eu também conheço um pouco da comunidade.

T: Legal... Bom agora na gente vai conversar um pouco sobre a tua formação. Qual é a tua formação? E onde tu te graduaste?

P2: Bom... A minha formação é em Ciências Biológicas, né... e eu me formei aqui na [...] em Rio do Sul.

T: É licenciatura?

P2: É licenciatura e o bacharelado junto.

T: Qual que foi o ano de conclusão do teu curso?

P2: Foi em 2009 né, [risos]

T: [...], você fez alguma pós-graduação em alguma área? E em que ano se tu fizesses?

P2: Sim, eu fiz pós-graduação em Ciências Biológicas e Educação Ambiental, fui fazendo junto com a graduação e também o ano de conclusão foi 2009.

T: Agora focando mais para a atividade de Educação em Saúde que é o tema da minha pesquisa. É... Existem atividades de Educação em Saúde nas escolas onde tu trabalha?

P2: Sim, existem.

T: Que tipo de atividades são essas?

P2: Tem aaa... atividades... A maioria são projetos né, que eles desenvolvem na escola né, como Educação Sexual, Prevenção de DSTs, Higiene Bucal. Tem projetos também na questão de parasitas.

T: E nesses projetos, e atividades, quem coordena essas atividades é o professor? Coordenador da escola? O Diretor?

P2: Na Secretaria de Educação tem uma pessoa que é responsável pelos projetos nas escolas. Então, ela desenvolve esses projetos, cria eles. E na escola desenvolvemos em uma ação conjunta com a direção e com os outros professores. Mas como é educação em saúde quem trabalha mais com isso é o professor de Ciências na escola.

T: Então, essas atividades, elas estão incluídas no currículo da escola? Elas estão no plano de aula dos professores? É uma atividade formal?

P2: Hum, é... No currículo e nos planos de aula do professor de Ciências essas atividades estão incluídas. Agora já nas outras áreas, eu acho que não tem nada.

T: Aham, estão direcionadas ao ensino de ciências. Em que séries ocorrem essas atividades de educação em saúde?

P2: Em todos os anos finais do ensino fundamental né. Na verdade envolve todos os níveis né, porque quando se desenvolve um projeto desse toda a escola participa da palestra e da ação em si. Mas geralmente os anos finais do ensino fundamental que é mais focado e mais direcionado. De 5ª a 8ª série então.

T: Quem são os professores que estão envolvidos nessas atividades e qual a formação deles? Se tu souberes...

P2: Assim... como te falei todas as atividades são mais voltadas pro professor de Ciências e envolve um pouco todos os professores, mas só na hora da palestra, porque o trabalho é mais focado no professor de Ciências.

T: Quais são os conteúdos escolares que são trabalhados nessas atividades de educação em saúde?

P2: Eu trabalho bastante educação em saúde, mesmo sem os projetos. Trabalho o conteúdo de parasitologia, as doenças né, o conteúdo de DSTs na educação sexual, o conteúdo de higiene bucal... porque isso é bem forte aqui [referindo-se ao Programa de Higiene Bucal], a prefeitura até ganhou um prêmio que eu nem sei o nome, mas de o município que tem o melhor sorriso do Brasil nas escolas, coisa assim. Então higiene bucal é bem forte, eles mandam trabalhar todo ano... isso vem lá da Saúde [Secretaria Municipal de Saúde], que mandam a Secretaria da Educação fazer projeto.

T: Sim, e destes conteúdos... Qual o objetivo que tu pretende com eles? Onde tu queres chegar com esse trabalho de educação em saúde?

P2: Na verdade, esses conteúdos são trabalhados né, pra que os alunos tenham uma orientação. Para que eles possam se prevenir sempre, né.

Pra ter um conhecimento sobre a questão da prevenção e assim evitar todos os tipos de doenças.

T: Então as atividades são mais centradas na prevenção?

P2: Isso mesmo.

T: E [...] como é que estes conteúdos são trabalhados na escola? Quais os recursos metodológicos que são utilizados para atingir os objetivos dessas atividades?

P2: Eu trabalho com vídeos, que às vezes eu pego do youtube. Uso muito os recursos de vídeo, DVDs que a escola tem. Ahh... também faço trabalhos em grupo pra eles pensarem né e apresentarem pra turma toda. Ahh, e em uma escola teve uma atividade que a secretaria da educação promoveu... eles contrataram um grupo de teatro pra fazer um apresentação né, sobre hiene bucal, assim... eu nem pude usar muito na minha aula porque era bem infantil, mas foi interessante, os mais pequenos gostaram muito. Assim no geral esses são os recursos que eu mais utilizo né.

T: E assim, quando são utilizados recursos de vídeo, por exemplo, qual é o conteúdo que tu costuma trabalhar com vídeo?

P2: Eu uso muito vídeo na questão da DSTs né, orientação sexual... prevenção. Na questão do aborto né, nossa... esse eu trabalho muito com as sexta série, porque eles estão explodindo hormonalmente né. Daí trabalho vídeos de aborto, bem tristes, pra tentar evitar aquela coisa das meninas logo na oitava série ficarem grávidas. Não é sempre que eu uso, porque eu não gosto dessa coisa chocante, mas quando a turma é muito explosiva, muito agitada, que eu vejo e percebo que eles tão querendo conhecer a vida sexual, eu passo esse vídeo pra eles sentirem a responsabilidade que é o ato sexual. Pra eles pensarem que não é transar e pronto. Tem que pensar muito antes e principalmente usar a camisinha né.

T: Aham... E nessa questão do teatro que tu me falasses, com é que funciona esse teatro sobre saúde bucal que a escola desenvolveu? Quem participou disso?

P2: Não, assim... teve a participação do grupo de teatro que a secretaria contratou, pra eles passarem em todas as escolas da rede municipal, e apresentou esse teatro pra todos os alunos da escola, mesmo ele sendo meio infantil lá pra sétima e oitava série. Mas todos os níveis participaram, e receberam essa orientação. Isso é uma das coisas que vem lá da saúde, pra trabalhar com saúde bucal, da questão do prêmio que te falei. É uma forma de conseguir uma maior atenção das crianças né, e não deixa de ser uma forma lúdica de elas estarem aprendendo.

T: Tu tens facilidade para desenvolver os trabalhos de educação em saúde? Tu se sente confortável pra desenvolver este trabalho?

P2: Sim.

T: E como tu julga a tua formação para trabalhar a educação em saúde?

P2: Assim, a minha formação na graduação, ela não teve coisas voltadas para educação em saúde. Foi mínima coisa que passaram sobre ensinar isso na escola. A gente teve muita coisa boa na fisiologia, anatomia, mas na parte do bacharel... no ensino nada. Só que eu procuro sempre fora né, texto e artigos de internet, livros, nas revistas da escola, mas principalmente na internet. Também no próprio livro didático, os conteúdos sempre tão lá né. E na parte do professor às vezes tem aquelas sugestões de atividades que eu faço. Eu sempre busco recursos pra orientar os alunos de uma melhor forma.

T: Existe algum tipo de formação continuada no município?

P2: Olha tem bastante, mas na área pedagógica, estratégia didática e de educação né. Mas olha... nessa área de educação em saúde não tem nada. Tem até pra educação ambiental algumas vezes... mas educação em saúde nunca vi.

T: E tu já buscasse algum curso fora estes propostos... na área de educação em saúde?

P2: Sim, eu fiz um curso de 360 horas a distância de educação sexual pra me auxiliar e me dar novas ideias pra trabalhar com os alunos. A gente sempre tá em busca né.

T: Agora pensando um pouco sobre a relação que existe entre a escola e os serviços de saúde. Entre os professores e os profissionais da saúde. Existe algum tipo de atividade de educação em saúde promovida pelo serviço de saúde na escola? Eles vão até a escola realizar algum tipo de trabalho?

P2: Olha ultimamente não, não tem nada. Antes até tinha algumas coisas de palestras deles. Mas desde que eu comecei a dar aula no município nunca vi nada. Bom pelo menos no momento e nestas escolas não né. Só se nas do centro tem alguma coisa, porque lá é perto pro pessoal do Verdão [Policlínica e Centro Administrativo da Secretaria da Saúde] ir né.

T: E o que tu pensa sobre a relação entre o serviço de saúde e a escola? Tu achas que ela seria importante? Por quê?

P2: Eu acho que ela seria muito importante. Porque ela auxiliaria a gente a trabalhar mais com os alunos, orientar mais. Acho que se eles viessem, como são da área da saúde, especialistas, principalmente os médicos, seria mais informação pros alunos. Os alunos ficam pedindo pra gente falar sobre as doenças dos familiares, quase fazer um consulta, receitar remédio. Eu não faço isso, digo que essas coisas são lá com o médico. Mas se eles viessem na escola poderiam ajudar a gente né. Podia aproveitar o conhecimento deles. Ia enriquecer né. Às vezes eu até penso em chamar alguém de lá, mas como não conheço ninguém e o tempo é curto nunca fui ver disso.

T: Que contribuições tu achas que os profissionais poderiam trazer pra ES na escola?

P2: Principalmente eles poderiam ajudar a gente na prevenção, pra essa criançada não ficar doente, principalmente DST né. E também eles poderiam vir pra tirar a dúvida que os alunos têm e que a gente às vezes não sabe responder. Às vezes eu acho que eles conseguiriam passar uma orientação melhor pros alunos.

T: Você já atuou em alguma área de saúde?

P2: Não nunca.

T: Tem mais algum comentário que gostarias de fazer? Algum questionamento, alguma coisa que faltou eu te perguntar?

P2: Só que eu acho esse trabalho bem importante, porque precisa estudar sobre isso pra gente ter cursos. Pra quando a gente for dar aula de educação em saúde a gente ter um auxílio pra trabalhar e tenha uma fundamentação pra isso. Depois quero ler teu trabalho.

T: Aham, com certeza! Então muito obrigado pela tua entrevista, por ter disponibilizado teu tempo e tua casa.

P2: Que isso.

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 03

Escola: EstadualDuração: **35 minutos****Local da Entrevista: Sala de Ciências**Regime de Trabalho: **30h****Professor: P3**Disciplinas: **Ciências e Biologia**

T: Eu inicio perguntando qual o teu nome completo?

P3: [...]

T: Qual a tua idade?

P3: 38.

T: Há quantos anos tu atuas como professora?

P3: Há 21 anos. Sempre como professora de Ciências e Biologia.

T: Qual o teu regime de trabalho atual e em quais escolas?

P3: Eu só trabalho na [...] em uma efetivação direta.

T: E qual a tua carga horária?

P3: São 24 aulas dadas.

T: Certo fechando 30 horas então.

P3: Aham.

T: É... há quanto tempo tu estás trabalhando nesta escola?

P3: Há 9 anos.

T: Tu conheces a comunidade, o bairro em que a escola está inserida?

P3: Sim!

T: Tens atividades integradas com este bairro também?

P3: Sim, fizemos atividades para interagir com a comunidade.

T: Quais são as séries em que tu trabalhas?

P3: Trabalho Ciências do 4º... é do 4º ao 8º ano. E Biologia dos 1ºs, 2ºs, e 3ºs anos do [Ensino] Médio.

T: Professora... qual a tua formação?

P3: Ciências Biológicas, curta e plena.

T: Onde fizesse tua graduação?

P3: Na [...] em [...].

T: E em que ano terminasse teu curso de graduação?

P3: Em 97.

T: Tu tens alguma Pós-Graduação? E em área?

P3: Aham... especialização em Gestão Ambiental e em Magistério Superior.

T: Pensando nas atividades de Educação em Saúde... no teu trabalho na escola. A Educação em Saúde ela está presente nas atividades escolares? Existem atividades de Educação em Saúde?

P3: Sim.

T: Que tipo de atividades são essas e como elas acontecem?

P3: Então assim... eu vou tentar falar e na medida que eu não for clara tu vais me perguntando tá!

T: Sim, fica a vontade.

P3: Em todas as séries e em todas as turmas todo conteúdo conceitual que a gente aborda ele acaba sendo trazido pra si [no caso para os alunos]. Então como que eu me relaciono com os conteúdos conceituais, por exemplo... quando são animais... quando são vegetais. E automaticamente quando há essa relação vem pra questão da saúde, como que eu [aluno] me relaciono de forma qualificada. Como que eu

posso refletir e me relacionar de forma qualificada com o conteúdo, pensando e refletindo sobre a minha saúde. Então as atividades em si elas vão desde pesquisa bibliográfica, leitura, discussão até representações... pesquisa de campo... questionários de opinião, aí interpretam estes questionários. É.. analisam rótulos de embalagens de diversos produtos, tanto alimentícios quanto de higiene e sempre fazendo essa relação consigo. Então nesse momento quando o aluno relaciona os conteúdos conceituais consigo, é onde entram os aspectos de saúde. É a gente vai pensar sobre a nossa saúde.

T: E professora, estas atividades elas estão incluídas no currículo escolar, nos teus planos de aula? E no projeto político pedagógico da escola? Existe alguma coisa que fale especificamente das atividades de Educação em Saúde?

P3: No PPP não! Mas na... na..., no plano de ensino de todas as turmas e nos planos de aula, sim elas ficam evidentes.

T: Então tu já me falasse que as atividades de Educação em Saúde ocorrem em todas as séries, como é que isso, em algumas séries está mais presente... em algumas mais em outras menos? Como é que é?

P3: Eu vou te dizer assim ó... que... o aprofundamento é que se difere, até pela emergência da turma. Agora abordagem, a relação é feita na mesma proporção em todas as séries e em todos os conteúdos conceituais.

T: E destes conteúdos quais são os conteúdos que tu identificas uma relação mais direta, que de repente fique mais evidente, ou que tenha um maior aprofundamento nas questões de educação em saúde no teu trabalho?

P3: Eu vou te dizer assim ó... agora eu não saberia quantificar este maior porque por exemplo assim: todos os conteúdos.... de zoologia, desde parasitose, acidentes... enfim... botânica, desde princípios ativos, fitoterapia... tudo isso entra como contexto pra educação em saúde. É... sistemática e classificação, toda a sistemática vem relacionada assim, então... quais destes grupos entram na questão da saúde. Saneamento básico... lá no fundamental [1] um... então quando a gente... a questão do esgoto, moradia, de lixo, de água, do meio ambiente... tudo está relacionado com atividades e reflexões sobre a saúde. Então assim, eu

não saberia te dizer onde que estaria o maior, porque todos eles prevêm ou dão abertura para relação [com a saúde]. Daí, o que eu te digo assim, cada turma aprofunda mais ou menos dependendo do diálogo que é estabelecido.

T: E assim com esse teu trabalho de Educação em Saúde, envolvendo todos estes aspectos, qual é o teu objetivo com esse trabalho?

P3: Assim, o primeiro objetivo é qualificá-los quanto aos conteúdos conceituais, procedimentais e tentar... porque é muito difícil isso, mas assim é um objetivo meu enquanto professora dentro da área, que haja realmente uma mudança de atitude, que qualifique as escolhas, os procedimentos, as atitudes em si, pra que ele viva melhor, pra que ele seja um ser mais saudável em todos os aspectos.

T: E existem outros professores envolvidos com estas atividades? Outros professores que contribuem contigo?

P3: Sempre que possível a gente tenta propor atividades interdisciplinares, mas é algo mais complexo né. Eu e a professora de Química temos uma relação muito boa e conseguimos fazer um trabalho em conjunto, muito bacana. Assim a gente sempre procura trabalhar juntas... mas aí é no Ensino Médio né. Mas assim sempre que possível a gente trabalha em conjunto sim em projetos onde cada um desenvolve alguma coisa referente aos conteúdos das suas disciplinas né.

T: Às vezes eu vou te fazer alguma pergunta que talvez tu já tenhas respondido, mas eu faço novamente até pra entender melhor o teu trabalho. Então quais são os recursos metodológicos que tu utilizas nas atividades de Educação em Saúde?

P3: Assim ó... o principal recurso que já é um recurso metodológico da escola dentro da proposta dela é a pesquisa didática. Então a gente sempre parte da pesquisa didática. Essa pesquisa ela prevê a busca de informação, a busca de conhecimento, em várias fontes, com registros de diferentes formas né, com intenção de tu conseguires... é incluir e privilegiar inteligências múltiplas dentro de uma sala heterogênea. Então a gente sempre parte, o viés metodológico é a pesquisa didática.

T: E assim dentro desta pesquisa didática tu utilizas algum recurso externo, alguma interação externa à escola?

P3: Sim... nós fizemos visitas, reconhecimento do meio, por exemplo: neste momento o 6º ano está fazendo um estudo do meio então nós delimitamos 2 quadras, uma onde está a escola e a quadra frontal e eles então... o que nós fazemos... percorremos analisando vários aspectos, desde meteorológico, até ocupação física... a presença de seres vivos... o lixo... se a natureza tá interferindo nessa construção que foi feita ou o inverso. Então a gente percorre... e faz esse estudo do meio, estudo a campo. Dependendo das abordagens fizemos experimentação no laboratório, entrevistas, palestras... então profissionais de diferentes áreas que possam contribuir. Pesquisa bibliográfica, pesquisa virtual... recursos virtuais... são muitos. Filmes, enfim...

T: E me diz uma coisa... a escola oferece uma estrutura de laboratório para ser utilizado?

P3: É... assim, hoje em especial nós vivemos uma reestruturação dentro da escola. Então assim... existe o recurso, o espaço físico e os equipamentos, mas nós estamos aí num período de um ano e meio, dois anos, vivendo uma transição de utilização pela escola, então assim hoje ele não está tão disponível. Mas isso não interfere nas experimentações necessárias, porque daí a gente busca material alternativo e realiza na sala ou vai fazer visita a um laboratório de análises clínicas. Busca fora, quando não é possível.

T: Entendi. Bom, e tu me falasses que um dos recursos também são palestras né. Essas palestras, como que elas ocorrem? Elas são palestras solicitadas pelo professor ou às vezes vocês também recebem palestras externas de algum programa? Como que isso acontece?

P3: Acontecem das duas formas. Às vezes vêm palestras por programas que chegam até a escola, mas aí a gestão da escola nesse ponto ela é muito aberta no sentido de oferecer e o professor escolher. Aí com a turma que tem a relação conceitual, que ele está trabalhando no momento é que participam. Então assim... não fica aquela coisa de que todas as turmas são obrigadas a participar. E aí também existem as palestras solicitadas por mim, como professora e normalmente eu tenho sido muito feliz nos últimos anos, porque eu sempre privilegio pais ou parentes de alunos. Aí sempre encontro alguém de alguma área de discussão pra trazer. Então essas pessoas estão sendo convidadas a vir. É

muito bacana![a professora demonstra felicidade com esta possibilidade].

T: Professora, tu tens facilidade em desenvolver atividades de Educação em Saúde, tu te sentes confortável em desenvolver estes trabalhos?

P3: Sim, até porque... fazendo um adendo assim... me sinto confortável porque, porque eu me sinto confortável em propor em mediar essa relação e essa discussão. Quando surge alguma questão, ou algum ponto que não é da minha competência eu busco ajuda. Eu vou atrás, ou eu pesquiso ou eu chamo um profissional competente para trabalhar com a questão que surgiu. Então por isso que é muito confortável.

T: É... e existe algum programa de formação continuada que tu participes ou tenha participado?

P3: Eu sempre participo de todos os eventos das áreas das Ciências, sejam elas Química, Física ou Biologia. Buscando pessoalmente essa formação. Não existe nenhum programa institucionalizado, nem muito apoio pra isso. Apoio sim, na questão das liberações né.

T: E tu já participasses de alguns destes programas na área de Educação em Saúde, ou alguma discussão sobre a área?

P3: Especificamente não, nunca.

T: E como é que julgas a tua formação para preparar pros trabalhos com Educação em Saúde?

P3: Assim, ó... meu... agora eu tenho que fazer um volta lá né [risos]... mas é... eu fui muito feliz porque eu participei de uma grade curricular na minha época, que nós contávamos com as disciplinas técnicas de cursos de saúde, da área da saúde na instituição. Então por exemplo... todas as minhas anatomias, neuroanatomias, citologia, histologia... eram profissionais da odontologia, da enfermagem, da medicina, que são cursos estruturados né... já com uma história longa. Então esse discurso da educação em saúde era muito presente entre os meu professores de áreas técnicas. Nada muito direcionado né... mas pela própria epistemologia deles.. dos meus professores... era presente.

T: E sobre a relação direta entre o serviço de saúde e a escola existe algum trabalho de Educação em Saúde, sendo desenvolvidos pelo serviço de saúde na escola? Aqui dentro da escola?

P3: Existe um programa que é oferecido pela UNIMED, e aí tem parcerias com a Secretaria da Saúde também, mas eu não saberia te dizer bem ao certo, que é um programa de palestras, um ciclo de palestras que fica disponível para os professores a qualquer tempo... aí podemos chamá-los.

T: É o professor que chama?

P3: Isso. A UNIMED aqui de Rio do Sul oferece. Então isso existe sim!

T: Assim, e tu sabes de algum programa institucionalizado da secretaria municipal ou estadual de saúde, que está sendo desenvolvido?

P3: Não!! Ao mesmo tempo, a Vigilância Sanitária e Epidemiológica ela é muito aberta a nós. Nós solicitamos a vinda destes profissionais todo ano, em tempo diferentes, para turmas diferentes, com assuntos diferentes, e eles sempre se fizeram presentes.

T: E essa interação entre a Vigilância Sanitária e Epidemiológica... como é que ela ocorre? Qual o formato dela?

P3: Já aconteceu... é, acontece normalmente no formato de palestras direcionadas para os temas. Mas já aconteceu também em uma turma que... eles desenvolveram um projeto em que eles desenvolveram um produto alimentício e a Vigilância Sanitária orientou. Então estive em diferentes momentos, falando de diferentes aspectos e ao ser elaborado o produto, embalagem rótulo... conteúdo... eles se disponibilizaram a avaliar como se fosse um produto comercial. Então eles acompanharam todas as etapas, por solicitação nossa, da escola. Então eles estavam presentes no desenvolvimento do projeto.

T: E como que é a palestra deles, como que ocorre a resposta dos alunos quanto às palestras da Vigilância e como ocorre a integração dessa palestra nas tuas atividades em sala de aula?

P3: Assim... sempre que ela é solicitada ela já vem integrada. Então eles fazem... todas as vezes que eu participei foi em um liguagem bastante acessível e aplicada. A resposta dos alunos naquele momento era de interesse... eles sempre participam muito... trazem casos pra discussão... casos da vida deles... do lugar de onde eles estão... da redondeza e... sempre obtiveram respostas. E depois disso eu observo que lá na frente, ou em outro ano ou em outra série o aluno consegue trazer. As vezes até vem por sugestão deles né... alunos que já passaram... falam...ahh professora, mas se a gente fizer de novo, chamar eles novamente...então eu vejo que isso fica presente neles.

T: E qual é o conteúdo que geralmente está envolvido com esta interação? Tanto de repente com os profissionais da saúde lá da UNIMED, quanto o pessoal da Vigilância Sanitária e Epidemiológica? Em que conteúdos geralmente eles são chamados?

P3: Bom dentro dos conteúdos conceituais... é bem freqüente na questão da fisiologia cardiovascular humana, então toda parte de colesterol, diabetes... né! Educação sexual... Dentro da Vigilância Sanitária... cuidados com alimentos, procedimentos tanto do cidadão, quanto do produtor... alimentação né, de um modo geral. E... na Epidemiológica, são campanhas pontuais, então sempre que há uma campanha eles nos avisam... por exemplo, da dengue aí eles vêm e orientam, mostram. Então na Epidemiológica são mais campanhas pontuais, na Vigilância Sanitária... alimentação e procedimentos assim, enquanto consumidor né, no que a gente deve prestar atenção. Na UNIMED que eu solicitei foi na fisiologia cardiovascular e Educação Sexual.

T: E assim, campanhas de saúde pública, promovidas pelo serviço de saúde... existe alguma coisa realizada na escola pelo pessoal?

P3: Que eles venham até nós, não! Quando as campanhas que estão na mídia, elas coincidem com a emergência da relação e do conteúdo a gente utiliza a discussão em sala de aula... então.

T: Professora, o que tu achas sobre a interação entre profissionais da saúde e professores? É um interação importante?

P3: Pra mim ela é fundamental! Porque muitos conteúdos eu não conheço, então assim... eu sei do meu limite... até onde vai o meu conhecimento específico, dentro de muitos deles... então pra mim é

fundamental. Eu sempre busquei não só na saúde, mas de diversas áreas... tanto da medicina humana, quanto da medicina veterinária e nunca tive problema, nunca tive resistência. Cada um com suas particularidades né, porque também não são professores, e é aí que entra essa necessidade da integração e do nosso diálogo. Então... cada um com suas restrições, a gente tem feito umas parcerias bastante interessantes. Eles efetivamente contribuem com o meu trabalho.

T: E tu já atuasse na área da saúde de alguma forma?

P3: Não, nunca. Só com alunos. Nós já desenvolvemos projetos com os alunos em que o receptor era o posto de saúde. Numa parceria com as agentes comunitárias, mas eu atuando na saúde nunca.

T: Então professora, tem mais algum comentário, mais alguma coisa que tu queiras falar? Alguma coisa sobre o teu trabalho...

P3: Não assim...

T: Eu deixo aberto... e tu ficas bem a vontade pra falar...

P3: Não eu acho que... Eu penso que o nosso objetivo ele é maior do que o conteúdo conceitual. Então assim, às vezes me frustra quando eu vejo aluno nossos, ou pessoas que passaram aqui pela escola é... com overdose, fazendo escolhas erradas, fazendo uso do álcool... porque isso acontece, por mais que a gente trabalhe, os nossos próprios alunos trazem essas situações [a professora emociona-se com este comentário final]. E elas são digamos assim... o meu termômetro pra ver que eu devo mudar a estratégia, ou que eu devo buscar mais ajuda... porque isso é sinal de que, o que eu estou fazendo, enquanto escola e enquanto professora, não é o suficiente. Nós ainda temos uma sociedade doente... então assim... uma questão que a gente conversa muito é a questão da verminose, então um fazer nosso... então assim... é cobrado como procedimento, então gera avaliação pro aluno – procedimental e atitudinal – apresentar a carteira de vacinação dos 15 anos. Então os alunos que chegam ao 2º ano do Ensino Médio eles têm que apresentar a carteirinha com as vacinas efetuadas, porque é uma avaliação. Daí a gente aborda todo o porquê. Então é cobrado deles! A questão da carteirinha da tipagem sanguínea, ela é cobrada como um documento no 3º ano do Ensino Médio, eles têm que ter e saber o porquê deles a terem. Então... mas a gente vê que ainda não é suficiente, sabe, porque eles

ainda adoecem... então a verminose... quando tu cobras que seja... que tenha um acompanhamento, que o médico determinar que seja ele anual, ou trimestral, dependendo da medicação que for usada... porque nós sabemos que ainda tem ovos de vermes ao nosso redor... então a gente têm que tratar de se desverminar... Então assim... a gente trava essa... esse contraponto que a gente têm os melhores equipamentos tecnológicos e tem verme na barriga. Então é um contra-senso o que a gente vive né? E eu observo que o Ensino de Ciências e Biologia ele ainda não consegue... e isso é um... referencial pra mim enquanto profissional. É isso que me estimula a cada ano, fazer mais uma relação é... ter a escuta sensível né... ver o que ele tá sinalizando... o que faria diferença pra ele... porque alguém vai ter que mudar de atitude, em algum momento. É isso que a gente busca...

T: Te agradeço muito pela tua disponibilidade e paciência

P3: Imagina... foi muito legal!

Pergunta Extra (realizada à professora posteriormente, via telefone):

T: Professora, você pode me esclarecer o que é a pesquisa didática que vocês utilizam?

P3: Claro, assim... a pesquisa didática é uma metodologia desenvolvida pela escola, seus professores, baseada em diversos autores, onde cria-se um problema inicial contextualizado... relacionado à comunidade, ao município de Rio do Sul, ou algum caso específico... e aí os alunos vão construir o conhecimento conceitual, para pensar em soluções para o problema. Não necessariamente resolvê-lo, mas construir soluções... e aí os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais estão envolvidos e o aluno vai pesquisar e vai atrás. O professor é o guia, claro... que tem a parte do trabalho conceitual em sala de aula, explicando o conteúdo. Mas o primordial é a pesquisa pelo aluno.

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 04

| | |
|--|--|
| Escola: Estadual | Duração: 41 minutos |
| Local da Entrevista: Sala dos professores | Regime de Trabalho: 40h |
| Professor: P4 | Disciplinas: Ciências e Química |

T: Então professora, vamos iniciar nossa conversa sobre a Educação em Saúde na escola? É... então eu começo perguntando qual a tua idade?

P4: Meu Deus... [risos] já que não tem outro jeito. 44

T: Há quantos anos tu atua como professora?

P4: Como professora, bom eu vou contar aqui da [...], porque antes quando eu fazia faculdade não era uma coisa tão comprometida. Então aqui na [...] eu tenho 22 anos. 22 anos completados em fevereiro. A minha carga horária aqui é 30h e na [...] 10h em Química.

T: Tu conheces a comunidade aqui em que a escola está inserida?

P4: Definir a comunidade é complicado assim porque a [...] é uma escola central que recebe alunos de toda a região, dos bairros e de outros municípios. Os nossos alunos a maioria são de classe média. Temos alunos que são muito carentes né, mas isso é um número restrito, porque esses alunos acabam ficando onde residem, só vem pra cá caso não haja vaga. A maioria dos nossos alunos vêm de famílias com uma estrutura econômica não vulnerável. É isso que vou te dizer assim...

T: E o teu tempo de serviço aqui nessa escola é de 22 é isso?

P4: Isso, e lá na [...] eu to fechando 6, mas não tenho certeza... e lá é só com química.

T: E [...] em que disciplinas tu estás atuando então?

P4: Eu atuo em Ciências do Ensino Fundamental e Química no Ensino Médio, sempre em outra escola. Mas a minha experiência com Ciências foi sempre aqui, eu não tenho experiência em Ciências em outra escola.

T: Aham... e qual é a tua formação?

P4: A minha formação é Ciências Naturais e Exatas em licenciatura curta na [...], com licenciatura plena em Química, o que me habilita pra Ciências e Matemática do Ensino Fundamental e Química do Ensino Médio. Daí eu tenho *latu sensu*, especialização né, em Ensino de Química e tenho Mestrado em Educação e Cultura pela [...].

T: E em que ano tu concluísses o teu curso superior?

P4: Ahhh tu tá me pegando né... e agora? Eu não me lembro bem... mas [risos] foi 1990 por aí. 1998 sei que foi a especialização tá! Mas pra ter certeza só olhando os diplomas...

T: Não, tudo bem... não tem problema. Então... agora eu vou começar a te fazer algumas perguntas mais direcionadas na área da Educação em Saúde tá!

P4: Aham... isso vamos pras perguntas que não envolvem datas [risos].

T: Pensando nas tuas atividades com a disciplina de Ciências, se tu quiseses falar de atividades de Química, fica a vontade, mas nosso foco é na disciplina de Ciências. Existem atividades de Educação em Saúde na escola?

P4: Existe! Mas existe assim... quando o professor é comprometido, porque geralmente quando tu olhas o currículo, o programa do professor de Ciências, geralmente é o sumário do livro didático né. E eu percebo assim, que se o professor não for comprometido em trabalhar a parte social, a parte fora de sala de aula e só fica na parte do conteúdo, o conteúdo conceitual, aí fica aquela questão assim... eu tenho que trabalhar no 6º ano água, ar e solo; no 7º ano toda a parte de zoologia e botânica; no 8º daí você trabalha todo o corpo humano; e pro 9º ano daí fica química e física. Se você ficar trabalhando somente a parte conceitual, você não vai se preocupar muito com a questão da saúde em si, porque você quer que o aluno saiba o conceito. Nas Ciências onde que eu percebo que eu trabalho bastante... eu sempre procurei trabalhar... de uma maneira assim... desmistificar essa coisa naquelas determinadas séries ou ano. Eu sempre procurava relacionar... ahhh trabalhava lá sexualidade, eu buscava a questão da saúde... Mas assim, eu sempre busquei a questão da saúde por conta própria. E nem sempre teve uma abertura... ah tem que ter um tema... quando surgiram os

temas transversais aí a gente fez um mapeamento né...Eu sempre busquei estudar isso daí né... pra saber como trabalhar. PCN... PCN ajudou muito, mas assim ó... aqui dentro da [...] eu sempre busquei falar um pouco da saúde e não me preocupando com o que vem do governo. O governo não nos ajuda nesse sentido. Não sei se... se eu fui clara.

T: Assim, tu me dizes que do governo não vem nada é isso? Em que sentido?

P4: Não, não... não vem e quando a gente quer material, a gente tem que ir buscar. Vai no posto de saúde, procura aí eu falo pros alunos... vão pesquisar lá no posto de saúde o que eles têm sobre... vamos dizer campanhas sobre cólera... que eu me lembro que fizemos alguns anos atrás. Então eles vão buscar lá. A gripe... quando a gripe A veio... ela veio até escola, mas é porque todo mundo estava apavorado e tinha que fazer... mas o governo se preocupar com Educação em Saúde na escola ele não se preocupa... pode até ter campanhas e coisas bonitinhas que eles falam e escrevem por aí... mas na prática é bem diferente... não é pra todos não... pode ser que algumas escolas recebam mais ajuda... mas não todos e não no Brasil todo não!

T: E [...] quais são tuas principais atividades, as principais atividades que tu desenvolves, então na Educação em Saúde?

P4: Hum... assim eu vou te dar exemplos... porque não era sempre igual né... assim o 8º ano ele abre muito espaço, porque trabalha com a questão da alimentação né. Eu usava, eu sempre gostei muito dessa coleção “Atitude e Conhecimento” e assim ó... gostava muito... ah vou falar primeiro do 8º. Então no 8º ano... a gente prioriza a questão da saúde voltada pra alimentação. Um trabalho bem interessante assim ó, mostrava pra eles o que é... o que tem nesse alimento... como eles podem estar mudando os hábitos... É buscava conscientizar através de vídeos né, então assim eu passo o filme... documentário “Super Size Me”. E aí tentava juntar com outras disciplinas, então busca Português, busca Matemática... pra calcular calorias né. Eu sempre tive essa... sempre buscando integrar com outras disciplinas né...

T: E quem coordenando a atividade?

P4: Eu coordenando a atividade... sempre busquei a interdisciplinaridade aqui dentro com as minhas colegas dizendo: “ó vamos assistir esse

documentário... será que tu não podes estar trabalhando um texto”. Ahh podemos estar trabalhando um texto, um cálculo de índice de massa corpórea... daí a professora de português e a de matemática... ela buscava trabalhar como é que funciona essa expressão matemática. Buscando aí a questão de um cardápio, pegando essa pirâmide alimentar e cada aluno fazer a sua pirâmide né. Cada um vai construir a sua pirâmide... como é que é a tua alimentação. Muitas vezes eu provocava um momento de... eles traziam o alimento e a gente utilizava esse alimento. Análise de rótulos... que eu sempre gostei muito disso né... foi meu projeto de pesquisa no mestrado né... de ler o que que está escrito ali né... o que são esses aditivos... o que é bom e o que não é. Alimentação é muito legal e tem muita coisa né... Outro assunto que abre um espaço enorme... sexualidade. Quando vem as doenças sexualmente transmissíveis, os métodos anticoncepcionais. Na parte do 7º ano daí tinha que ver o que aparecia... porque as vezes aparecia... porque eu analisava também e trabalhava quando aparece o interesse dos alunos né... aí tem a questão dos ciclos evolutivos né, das parasitoses. Então aí aparecia e, às vezes, eles também se interessam, porque eles ficam muito preocupados... poxa né... então nesse grupo de animais... como é que funciona isso comigo?... Teve um tempo até que eu tentei trabalhar essa questão de parasitoses... aí eles acham assim... não verme não é comigo é com quem mora lá nos bairros de periferia... não é comigo do centro. Ai entra a questão de higiene né, porque assim... a gente trabalha com um grupo em que eles têm informação. Ai eu penso... ahh o pai e a mãe podem estar falando de higiene, mas... não falam, aí a higiene também ela entra. Quantas vezes eu tenho que falar da questão da saúde relacionada com a questão da higiene pessoal. E daí cabe a mim investigar... o que é que tá acontecendo na escola?... ahh tá acontecendo isso... então eu tenho que trabalhar isso. Aí lá surgia eu falando de transpiração... piolho... piolho é raro... higiene das unhas... micose... Outra questão da saúde que também é interessante é quando a gente trabalha a questão do lixo. E voltando lá pra Química eu diria assim pra ti ó... Química hoje... não tem como você trabalhar em nenhum momento sem você buscar a parte da Biologia e relacionar com saúde. Então quando eu vou falar por exemplo... lá no 3º ano [Ensino Médio]... da estrutura de um esteróide, tanto os anabolizantes, quanto essas estruturas moleculares que vão fazer parte dos hormônios, eu vou falar de anticoncepcional. E aí o aluno ele vem com as dúvidas... porque as meninas já utilizam e aí... o que isso faz no organismo? Isso faz bem pra mim ou não? E você vai falar, por exemplo das biomoléculas, você vai ter que relacionar com a questão do Diabetes. Então isso sempre

surge... diabetes, colesterol... o que que é? Bom ou ruim?... Então as questões da saúde vem junto com a problemática... mas cabe a mim direcionar né. Então assim... as atividades de saúde, elas podem não ser o foco, mas eu sempre incluí nas minhas aulas.

T: E [...] essas atividades de Educação em Saúde elas estão incluídas no currículo, ou nos planos de aula dos professores?

P4: Sim. Eu busquei sempre assim ó ... sempre construí da seguinte forma: conteúdo conceitual, procedimental e atitudinal. Nós temos um trabalho junto com robótica aqui... privilegiava aquilo que eu podia estar trabalhando lá... e também a questão do trabalho interdisciplinar e pontuava. Alguns deles [conteúdos/temas] eles surgiam no currículo oculto né... porque ele surge no decorrer do teu ano e tu acabas trabalhando mas ele não tá lá assinalado né. Mas o tema saúde ele aparece lá em todas as séries.

T: E além de ti, tu me falasses que tinham outros professores envolvidos... português, matemática, biologia... e tu consegues integrar as atividades com algum outro professor?

P4: Assim ó eu não digo que seja só aqui... primeiro que interdisciplinaridade é algo muito interno da pessoa... do professor, ele tem que querer compartilhar. Eu acho que o professor tem que se sentir interdisciplinar... porque ele não sabe tudo né, e o conteúdo não envolve somente a disciplina dele. Aí cada um precisa enxergar a interdisciplinaridade... porque eu não posso impor, não posso exigir a colaboração. O meu problema aqui sempre foi, e ainda é... mostrar pro professor que a área dele não é isolada. Que é necessário tu mostrar essa inter-relação ou a integração dos saberes, dos conhecimentos. Quando eu digo que eu buscava meus colegas, eu buscava... eu buscando naquilo que eu não tinha domínio né... mas eu não posso dizer que era pleno. Tentei algumas vezes com História, mas é muito complicado... Tive trabalhos no passado muito interessantes com a professora de Geografia. Com Língua Portuguesa eu sempre consegui... E assim... eu até não sei como isso é visto, mas com a professora de Ensino Religioso na época que tinha... a gente fez muitos trabalhos, principalmente sobre sexualidade, aborto, drogas. Aí vamos trabalhar também essa questão da saúde e aí acabava entrando as discussões religiosas né, isso tá embutido na cultura da nossa região, das famílias. Então é complicado a

interdisciplinaridade... com algumas pessoas a gente consegue, mas nem todas... mas eu faço a interdisciplinaridade.

T: Quais os teus objetivos com as atividades de Educação em Saúde?

P4: Primeiro que o aluno... ele pudesse se sentir pessoa. Saber gerenciar algo na vida dele. Porque assim, as questões da saúde são escolhas que eu faço. Porque as vezes eu ficava me perguntando né... e ainda me pergunto né... poxa eu passei na vida dessa pessoa, mas essa pessoa continua comendo errado. Mas aí eu vejo... eu tenho filho e sei que não é fácil né, a gente sabe que a educação é um processo. Mas eu sempre queria... eu sempre dizia assim: “gente o que você pode hoje escolher?”... você tem tantas opções... você tem três opções aqui... e eu gostaria que você pensasse em termos de saúde qual opção é melhor. E daí não entra só alimentação... tudo é assim... você tem as opções e você precisa saber escolher. Porque as escolhas são muito importantes. Então o meu objetivo sempre foi esse... pra ele saber escolher. Aí ele partia pro atitudinal também. Porque não adianta tu colocar lá o conceito... ah ele tem que saber isto. Mas aí ele sabe isso... ele vai me responder numa prova que o importante é ter um prato colorido... mas no dia-a-dia dele o procedimental e o atitudinal... se eu não coloco um objetivo pelo menos o objetivo eu vou ter... aí se eu vou conseguir... aí eu vou te dizer, não sei! Mas vou te dizer um depoimento de uma aluna: ela foi minha aluna de Ciências, hoje faz Psicologia na [...]... um dia me encontra na livraria e diz assim pra colega que estava com ela... “ahh esta foi minha professora de Ciências” aí eu pensei né... iiihh lá vem bomba né [risos]... aí ela continuou “por causa dela eu não fico comendo margarina e maionese, porque ela me falou do tal do BHT e BHA que são antioxidantes que não sei o que”... daí eu perguntei pra ela “e faz falta pra ti?”... aí ela me diz “não, não faz professora”. Então eu fico feliz, eu saí de lá feliz... não é porque ela tirou a margarina da vida dela, mas ela pensou sobre... através do meu trabalho eu sensibilizei e ela aprendeu e hoje ela pode dizer... não eu não quero margarina por isso e por isso, a minha professora falou, eu li e pesquisei... e eu não quero isso pra mim... entende? Essas coisas assim me deixa muito feliz. Foi um trabalho que eu fiz no 8º ano.

T: E assim... quais os recursos metodológicos que tu utilizas? O que te auxilia?

P4: Ai eu penso assim, que antes de eu falar de como eu fazia e faço eu preciso falar do compromisso do professor em estudar. Porque o que eu faço não tá lá no meu livro. Porque se eu for falar lá de alimentação ele vai trazer os grupos de alimentos, classificação deles, mas eu tenho que buscar além. E a partir daí eu tenho que observar que o meu aluno ele aprende de diversas formas. Uma avaliação só em termos de prova, conceitual... muitas vezes não vai trabalhar isso com ele. Então eu tenho que fazer o que... uma pesquisa com ele da alimentação dele... ele pesquisa como ele tá se alimentando... um questionário pra saber como os colegas dele se alimentam... ele vai buscar em cima de atividades onde ele vai ter que fazer algumas escolhas daí ele vai buscar essas informações... num debate... que eu acho muito importante debates em sala de aula, num experimento, que eu acredito muito em experimentação. Buscar formas lúdicas, estudo de um vídeo... documentário... uma pesquisa... um júri simulado. Por exemplo, em drogas eu fiz um júri simulado e que me ajudou um monte, porque eles foram buscar até dentro das leis... que eu não tinha conhecimento. Ai hoje se discute muito a questão da maconha, que faz bem ou mal? E num júri simulado ela aparece, buscando argumentos para dizer no final que não... ela é ruim. Esses métodos então eu penso assim... tu pode estar buscando do aluno a conscientização que é muito complicada. Porque eles pensam que assim... ahh isso não vai acontecer comigo, gravidez na adolescência não vai acontecer comigo. E a gente sabe que acontece sim.

T: E tu tens facilidade em desenvolver o trabalho de Educação em Saúde, tu te sentes confortável?

P4: Eu me sinto sim! Eu me sinto pelo seguinte... eu fiz a minha formação em Ciências Naturais e Exatas na curta né, e...

T: Aham... eu já te faço a próxima pergunta pra tu responder, porque ela vai estar relacionada... aí eu te pergunto, como tu jugas a tua formação pra trabalhar Educação em Saúde?

P4: Aham... Eu vou dizer assim ó... primeiro porque eu gosto muito dessa área da Biologia... pra mim assim é... então eu assino revistas, eu leio eu busco essas informações, eu gosto e isso me fascina, então claro... vai ser algo que eu me sinto segura em fazer. E buscando essa relação com a Química, porque em nenhuma aula de Ciências eu deixei fora a minha Química, não porque eu ache que ela é sobre né... soberana

sobre todas... mas eu acho que ela ajuda a explicar né. Ela ajuda a explicar muitos desses fenômenos né... E então eu me sinto a vontade. Eu sou uma pessoa que eu gosto de ler sobre saúde e me interesso por isso e sempre procurei buscar com eles assim... “e na casa de vocês: quem tem diabetes?”... “ahh meu vô, minha vó e tal”... “infarto”... “ah meu vô teve”... daí eles contam toda a história. Mas isso é legal porque daí eles vão buscando, daí a gente relaciona... “e como é que é a alimentação da família?”... né. Aí entra a questão cultural aqui da nossa região italiano e alemão... “ahh a gente come tal”... e isso é legal porque a gente vai discutindo toda essa questão. E essa facilidade que eu tenho nessa parte da biologia, vai fazer com que eu tenha facilidade em desenvolver projetos. E eu gosto de projetos, acredito em projetos... projetos, sei lá... as vezes muda o nome um pouco né... mas eu acredito nisso. E eu acredito que não tem como você trabalhar Ciências sem fazer essa parte, sem relacionar... não tem como... a pessoa que vem na sala de aula e só vai trabalhar a parte conceitual ela não tá cumprindo o seu papel. Porque antes de tudo, quando tu tens uma formação dessas se espera muito de ti, e ao mesmo tempo tu tens toda uma responsabilidade de estar trabalhando esses assuntos.

T: E [...] tu já participasses de algum programa de formação continuada na área de Educação em Saúde?

P4: Na área de Educação em Saúde, específico?

T: Sim.

P4: Não... não.

T: É... mas tu já participasse de outros programas de formação?

P4: É, o que eu participo... eu sempre participei de coisas que tem haver com as Ciências e a Química. Sempre busquei conhecer... porque é incrível assim... se faz uma campanha né... aí vem o material... e o que tu faz com ele? Quando recebe né... porque é muito pouco. Mas aí a gente se organiza internamente né... tudo que eu consegui é assim... “ahh minha mãe trabalha num posto, chefe de não sei o que... lá da saúde da cidade”... tem esse material, vamos ver o que ela tem pra dizer... aí eu ganho material de médicos... que daí eles recebiam e passavam pra mim... pessoas que a gente conhece... Ahh, agora assim, eu me lembro uma só!!! Uma formação que eu fiz na questão de saúde

bucal... mas isso ó... bastante tempo. Porque o município de Rio do Sul era referência tá, eu nem sei quantos anos faz, mas faz tempo.

T: Aham... agora partindo um pouquinho mais direcionado para a relação entre a escola e o serviço de saúde... existem programas propostos por outros órgãos que não a escola? Existem atividades de Educação em Saúde promovidas por outros órgãos aqui na escola?

P4: É... tu ouve na TV né... tu fica sabendo que tem uma campanha. Agora pra tu conseguires os materiais, por exemplo, pra tu distribuir os panfletos... aí vem alguma coisa, mas sem muita orientação né. É que não é que nem nas escolas do SESI e do SESC, que eles recebem todo o material... recebem quites de saúde bucal, aí o dentista... o nutricionista vai lá... e faz toda uma conversa. Mas que vem aqui... “ahh podemos entrar nessa escola e fazer...” [indica que não tem atividades propostas por outros órgãos na escola]... o que é assim, uma coisa que a gente usou um tempo atrás, mas que não sei como tá agora, eu não usei mais... a questão da Unimed, porque eles tem todo um programa de palestras... e que dependendo a gente consegue né. Eu me lembro assim... que a escola tem que ir buscar isso. Aí assim eu consegui apresentação de teatros anti-drogas, agora não me lembro se esse era promovido pela Unimed ou esse era parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, mas acho que tinha parceria ali com a Unimed também. Aí palestras, de vez em quando a gente consegue um ou outro profissional.

T: E dessas palestras, geralmente quem são os profissionais?

P4: Médicos, psicólogos né... enfermeiros... e ali do teatro era um grupo específico né...

T: E essa palestra ela está integrada com o trabalho do professor em sala de aula?

P4: Sim, porque nesse caso é o professor que pede. Porque ninguém vem oferecer nada se a gente não correr atrás. Não vem... E na verdade né... eu penso que cabe a escola né, quando a gente vê o compromisso que é colocado via governo federal... existe uma epidemia, a escola ensina... existe problema da gravidez na adolescência... a escola ensina, a escola faz... daí o professor tem ir buscar.

T: E como é que tu... o que é que tu acha da integração do professor e dos profissionais da saúde que vem trabalhar Educação em Saúde na sala de aula?

P4: Assim, quando eu precisei... e daí eu conheço a pessoa e tenho contato com as pessoas que vem... é muito bom. Mas eu sinto assim que podia ser melhor se não houvesse tanto embate político partidário né.

T: Tu achas que essa interação entre serviço de saúde e escola deveria existir? O que tu pensas disso?

P4: Com certeza, porque eu penso assim... eles são os especialistas né, eu sou uma professora que gosto, que falo e tal... mas o profissional ele também tem a responsabilidade né. O enfermeiro, ele tem a sua responsabilidade também, e a gente sabe que dá resultados. Se você vê assim, porque a cidade de Rio do Sul foi uma referência há anos atrás em saúde bucal? A gente recebeu prêmios por isso. Porque foi feito um trabalho nas escolas com professores e profissionais... a Prefeitura disponibilizava um consultório móvel de odontologia e eles vinham e conversavam com as crianças... conversavam com as professoras e com os pais. Isso funciona!! Então tu imagina assim, num universo de adolescentes... quanto poderia melhorar a questão da sexualidade, se isso fosse trabalhado. E não adianta tu esperar ele vem aqui... tem o posto de saúde tá aberto, mas eles não vão vir se eu não pedir. Eu não tenho dados assim do posto de saúde. Mas eu as vezes me pergunto né... ahh será que na escola municipal tão indo? Porque eles distribuem camisinha... será que a pessoa vai lá buscar? Eu não sei se vai. De repente ela se sente constrangida e ela não vai lá buscar. Agora se a gente tivesse essa aproximação, seria diferente. Eles virem conversar sobre tal assunto... e que legal isso né!

T: [...] tu já atuasses na área da saúde?

P4: Diretamente não... o que eu poderia dizer é que quando eu faço oficinas de Ciências falando sobre diversos assuntos aí surge alimentação aí eu falo muito de saúde pra outros profissionais. Mas atuar no serviço de saúde nunca. Já me convidaram pra falar sobre sexualidade, mas eu não cheguei a trabalhar porque eu acho esse assunto bastante delicado, porque entra muito forte a questão cultural e familiar... e aí é complicado.

T: Então [...] tem mais algum comentário, alguma coisa que tu queiras acrescentar... falar?

P4: Ai eu penso assim ó... nesses 22 anos que eu trabalho né... com Ciências... vale muito do professor, ele pode!... “ahh eu não ganho bem e tal”... se você for ver... é o compromisso que tu tens, tu com a tua profissão, com a que tu escolheu. O querer buscar mais, o querer fazer o diferente, mesmo tendo o risco de errar, né. Então na minha caminhada... claro que eu errei muito, mas também acertei. E buscar a integração de saberes, ela é muito importante. Eu nunca vi as outras disciplinas como não tão boas quanto as minhas... as vezes eu não utilizei, por falta de conhecimento. Hoje eu tenho um conhecimento mais abrangente pra poder buscar né. E saúde... é também escolhas e nós professores nós temos um poder muito grande, porque a gente tem um discurso e a gente é importante na vida dos alunos. Porque tem tantas coisas que dizem né... é o pai, a mãe e o professor né. Então o professor ele tem esse poder né de influenciar, então por mais que a gente diga né “vou passar só o conteúdo pra fechar meu livro né”... mas aquilo que eu puder acrescentar na vida dele eu vou tentar fazer... vou te dar mais um exemplo né... eu vi uma menina de Ensino Médio usando uma carga muito grande de proteína, porque hoje é moda, aí você vai na academia, faz um trabalho muscular, não pra você se sentir bem, mas pra você ter um “músculo”, aí elas querem ter aquela barriga de tanquinho... não sei o que... E essa menina vem e me pergunta “o que você acha professora?” E daí eu me sinto importante... porque que ela veio me perguntar?... porque eu sou uma referência pra ela?... Aí eu digo ó eu não acho legal! Primeiro porque tu tens uma constituição, em minha opinião, excelente. Não há necessidade de você ficar agora, só comendo ovo... uma quantidade enorme de proteína, fora o suplemento. Daí passa um tempo e ela vem e me diz... “ó parei de tomar, porque me deu um problema de estômago”... Aí eu penso, poxa vida... e o profissional lá de Educação Física que que ele tá fazendo? Ele tá incentivando... e nem todos vão ser halterofilistas então não há necessidade de fazer isso! Então essas coisas... discutir e refletir sobre as coisas da vida... essa é a nossa função. A gente tem que trazer isso pra nossa responsabilidade, mesmo sabendo assim que eu não vou salvar o mundo. E eu não vou salvar o mundo mesmo! Mas se eu fazer eles pensarem sobre essas pequenas coisas... eu já vou fazer a diferença na vida dele, porque um dia ele vai poder escolher, fazer escolhas na vida dele sobre qualquer coisa...sobre a saúde dele, a sexualidade... porque eu orientei... E saúde, mesmo que tenham o serviços de saúde, é muito importante o professor

trabalhar em sala de aula. Mas dar ênfase pra essa relação de vida, de escolhas e discutindo toda essa questão cultural que a gente tem aqui em Rio do Sul e que tem nos outros lugares também.

T: Muito obrigado [...]

P4: Eu espero que eu tenha te ajudado... e que tu me ajude depois em alguma coisa nas minhas aulas [risos] traz o resultado disso pra mim.

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 05

Escola: MunicipalDuração: **22 minutos****Local da Entrevista: Sala de aula**Regime de Trabalho: **20h****Professor: P5**Disciplinas: **Ciências e Biologia**

T: Início nossa entrevista perguntando teu nome completo?

P5: [...]

T: E qual a tua idade?

P5: 34 anos

T: Estas a quanto tempo atuando como professor?

P5: Olha... uns 14 por aí... não tenho bem certeza porque trabalhei bastante tempo como ACT no tempo da faculdade e tudo... mas deve dar isso aí. Porque aqui como efetivo eu tenho 6 anos né.

T: Aham... e qual o teu regime de trabalho, tua carga horária e escolas?

P5: Então aqui nessa escola eu tenho 20h efetivo como professor de Ciências né, na verdade são 30h, mas daí não tinha aula suficiente aqui na escola e eu achei melhor reduzir, porque eu não queria pegar outras disciplinas pra fechar a carga horária. E daí eu trabalho no Estado 20h como ACT né lá no [...].

T: Então assim, eu te peço pra gente focar aqui no [...] nas aulas de Ciências tá, mas nada te impede de dar exemplos ou me relatar algo lá do [...].

P5: Aham

T: Tu conheces a comunidade aqui onde a escola está inserida?

P5: Sim.

T: Hum... é ... e como é essa comunidade?

P5: Bom, é uma comunidade muito boa, os alunos são de origem bem humilde né, tudo aqui do bairro... tem ali em cima o asilo... e pra frente tem o [...] que é uma comunidade muito carente, pobre mesmo. Tem umas bocas ali... de vez em quando é um pouco violento, mas nada de mais né. Nada como... aquelas cidades grandes nada. Eu acho uma comunidade boa, pobre... mas não é aquela coisa difícil.

T: Ahh sim... E com que séries tu trabalhas?

P5: Do 6º ao 9º aqui né, aí lá no [...] eu tenho 8º e 9º e todo o Ensino Médio da noite.

T: No fundamental só Ciências?

P5: Sim... eu não pego nada fora da minha habilitação né... eu não gosto de invadir outras áreas que eu não domino... mas já trabalhei, mas daí agora... não pego mais, porque eu tenho duas turmas de monitoria da [...] que complementam a renda daí né.

T: E qual a tua formação? E onde fizesse a faculdade?

P5: Então eu comecei Ciências Biológicas ênfase em Biotecnologia na [...] mas aí estava muito complicado, muito caro pra morar em [...]. Daí eu voltei pra cá e fiz na [...] licenciatura e bacharelado.

T: E qual foi o ano de conclusão da tua faculdade?

P5: A pois... foi em 1998... não foi 99... é acho que 99.

T: E tu tens alguma Pós-Graduação?

P5: Sim, eu tenho especialização em Psicopedagogia... mas essa eu fiz a distância né... porque pra ganhar um pouquinho mais tem ter pós né... senão sabe como é essa Prefeitura né.

T: Sim... com certeza. Bom continuando aqui então... Tem alguma atividade de Educação em Saúde na tua escola?

P5: Coisas de fora? Ou da disciplina também?

T: No geral... se tem atividades que tipo de atividades são essas?

P5: Bom... assim... não tem uma atividade de saúde propriamente dita né... mas tem as atividades que eu faço com eles decorrente das matérias dos conteúdos que eu vou passando durante o ano. O que tem algumas vezes é alguns palestrantes que vem até aqui... agente de saúde... pra dar um alerta, distribuir algum panfleto e tal. Mas nada de muito específico não...

T: E quem coordena essas atividades?

P5: Olha... as minhas sou eu né... eu faço sozinho. Mas aí quando vem o pessoa lá com aquelas palestras... geralmente é direto lá da Secretaria da Saúde isso não passa por mim né... é acertado direto com a Dona [...] [diretora da escola]... é difícil né... vem bem pouco aqui, geralmente quando é campanha de dengue, ou se eles tão fazendo algum trabalho lá com a comunidade.

T: E as atividades que tu faz de Educação em Saúde como é que é?

P5: Essas vem dos conteúdos né... eu sigo o livro didático, porque eu acho ele muito bom... assim é bom... tem muita crítica a isso, mas eu sigo e acho bom... a gente tem um norte né... aí no livro não tem muita coisa de saúde... mas aí eu busco o tema em forma de trabalhos em grupo apresentação... sempre sai coisas boas, assim de cartazes e jornais... dramatização... assim daí nos conteúdos né... aí a gente expõe os cartazes na escola... já fiz dramatização que daí eles apresentam pra escola toda em teatro né, que é muito legal... a gente até perde muito tempo... às vezes eu tenho que correr com o conteúdo daí porque senão eu não dou conta, mas é bom pra diversificar também.

T: E essas atividades aí são pensadas... organizadas por quem?

P5: Ahh... por nós... eu e os alunos. Aí as vezes a pedagoga ajuda a gente. No teatro ela ajudou a ensaiar com eles fora do meu horário que daí eu não tinha tempo né. Já fiz horta com eles também que a pedagoga cuidava também. Com ela dá pra contar bastante... mas com os outros professores... não sei... não tem muita colaboração sabe... São muito desmotivados... tem umas que... tão se aposentando e não querem mais saber de nada né.

T: É as atividades de Educação em Saúde... elas ocorrem em que séries?

P5: Bom... olha... no 6º ocorre menos né... bem pouco... porque daí eu trabalho conteúdos menos voltados né... mas trabalho com a água e problemas... doenças que podem vir da água mal tratada né. Mas de 7º ao 9º ano trabalho sempre, porque os conteúdos proporcionam né... E no Ensino Médio inteiro.

T: Então... é... eu só queria que tu esclarecesses como... assim... como exatamente ocorrem as atividades de Educação em Saúde? Assim... só esclarecer....

P5: É que assim né... como eu te disse... não tem nada muito específico né. Tudo é do conteúdo que gente tá trabalhando né... é basicamente isso.

T: Bom e me conta então... que conteúdos são trabalhados então nas atividades de Educação em Saúde?

P5: Ahh então... os conteúdos são os do currículo né, que estão estipulados no Projeto Pedagógico da escola... aí eu trabalho água, solo, ar, e a importância deles pra gente no 6º ano né. Daí entra lixo, saneamento básico... as doenças que podem causar... falta de higiene. Os parasitas e as doenças né... Aí tem também o corpo humano, anatomia e fisiologia né... aí entra colesterol, diabetes, alimentação saudável... a importância da atividade física... aí a gente fala bastante da saúde, das doenças causadas também né. Eu gosto bastante trabalhar essa parte com eles é... isso é muito rico, eles prestam muito atenção... daí eu puxo pra família deles né, eles falam das doenças que aconteceram na família... sempre tem relatos. É legal fazer um trabalho de relato de caso antes de começar a trabalhar... já fiz assim perguntas pra eles fazer pra família, das doenças que tiveram... aí a gente trabalhou fisiologia puxando disso né, tem resultado... é... assim lembrar de tudo agora... é muita coisa né... Ahh tem as DSTs, que sempre tem que trabalhar pra alertar eles né... pra conscientizar pra ver se eles usam camisinha sempre, é muito importante. Acho que trabalhar DST, por mais que gente sabe que eles nem sempre vão usar camisinha, mas eu como professor tenho que alertar né... é fundamental. Aí a gente faz trabalhos em grupo e cartazes e espalha pela escola pra todos verem né. Aí assim ainda tem os conteúdos de drogas né... esses eu trabalho em forma de

trabalho em grupo sempre... daí no 9º né... eles dividem as drogas e vão apresentando o que é e o que causa no organismo... assim... é muita coisa né, ainda pra trabalhar junto com o conteúdo do livro... aí tem horas que tem que passar mais superficial né... vai da turma... se eu vejo que eles estão interessados a gente gasta mais tempo... mas é isso né.

T: Aham... é me diz quais são os teus objetivos quando tu trabalha estes conteúdos com eles?

P5: Ahh assim né... o objetivo é informar né, pra eles estarem orientados... eu acho que isso é obrigação dos pais né, mas assim... os pais muitas vezes não tem o conhecimento, não sabem... não estudaram... assim bem humildes sabe. Aí eu penso que eu tenho que fazer um pouco esse papel de conversar e orientar eles, pra eles não errarem na vida né. Porque assim, mesmo a gente trabalhando, mesmo orientando e eles saberem das coisas, sempre tem aquele que acaba se envolvendo com droga... fica doente por coisas que não precisava né... por falta de orientação. Mas... é acho que se os pais não orientam a gente tem que fazer isso na escola. A saúde é uma coisa muito importante e eles precisam saber como são as coisas certas... precisam saber o caminho correto a seguir né... qualquer coisa né... até na alimentação... pode até não fazer o certo, mas tem que saber o que é certo e o que é errado... assim não sei se me fiz entender?... é no sentido de informar mesmo, conscientizar.

T: Não... entendi sim... e assim esses conteúdo aí... como tu trabalhas? Quais os recursos metodológicos utilizados?

P5: Ahh... no sentido de material?

T: É assim... o que tu utilizas? Livro didático, filmes... palestras, os trabalhos em grupo.

P5: Ahh claro, então... o livro didático né, como te falei, eu sigo o livro. Aí a partir dele a gente vai trabalhando, aí tem filmes... aqueles da TV Escola, a gente tem a coleção aqui eu uso bastante, não só pra trabalhar saúde né... uso pra todos os conteúdos. Aí os trabalhos em grupo, apresentações... as dramatizações, basicamente isso né, a gente não tem muito recurso diferente aqui né, a escola é muito pequena. Aí quando é pesquisa eu levo eles pro laboratório de informática que eles adoram.

T: E... opa me perdi aqui, opa... é... aqui... E [...] tu te sentes confortável em trabalhar Educação em Saúde?

P5: Olha... eu não tenho problema nenhum sabe... me sinto sim. Pode não ser um trabalho assim que surta tanto efeito como os da saúde né... mas...

T: Aham... e a tua formação? Como tu julgas a tua formação pra trabalhar Educação em Saúde na escola? ... é... no sentido de pontos positivos e negativos...

P5: Bom... é pontos positivos e negativos... assim... positivos, tem todas as matérias de anatomia, fisiologia, morfo... epidemiologia, toxicologia né... essa cadeiras todas foram muito puxadas, acho que todas deram uma boa base pra gente trabalhar... e de negativos assim... acho que a gente é pouco preparado pra parte do ensino mesmo né... é tudo mais mecânico e tu acaba aprendendo só com a prática, ainda mais que na minha época a parte da licenciatura era só uma complementação do bacharelado... Tu fazia umas disciplinas a mais... mas daí ninguém se importava muito com essas disciplinas... acho que agora a coisa já mudou muito né... só não sei como é que tá essa coisa dos cursos a distância né, porque esses aí da [...] não sei como é que tão formando esses professores.

T: E tem algum programa de formação continuada na área de saúde?

P5: Não... não, nessa área nada.

T: Mas existe alguns trabalhos de formação continuada pra vocês né?

P5: Ahh... claro, sempre tem todo ano né, mas aí é mais formação pedagógica né. Aí a gente tem discussões mais gerais na área da educação. Esse ano teve um sobre avaliação muito bom... e agora não lembro o ano... mas teve um de Educação Ambiental esse era só pra gente de Ciências... esse foi bem bom com a [...] que é lá da [...] e ela fazia mestrado ou doutorado ali nesse teu curso... acho que era bem nesse aí...

T: Certo... e agora tu já me falasse que o pessoal da saúde não vem muito pra escola fazer trabalhos né... e tu conhece algum programa proposto pelos órgãos da saúde, que vem pra escola?

P5: Olha não conheço muito não, eu acho que deve ter alguma coisa... eles devem receber ordens as vezes pra vir pra escola... mas é muito raro.

T: É raro, mas tem alguma coisa né? Como são essas atividades?

P5: É assim... raro, mas as vezes quando tem alguma campanha importante eles vem pra escola né. Aí vem ou as agentes de saúde e fazem a divulgação da campanha... quando é vacinação, ou que nem a desse ano que era prevenção pra dengue né.

T: Aí eles vem dar palestra?

P5: É essa da dengue foi uma palestra... era um pessoal lá da Vigilância de Epidemiologia né... aí eles foram em todas as salas e falaram e mostraram o mosquito, as armadilhas, fizeram uma exposição de toda a doença e da prevenção né. E nas de vacinação... aí só vieram as moças aqui e distribuíram os panfletos da gripe né... aí eram as agentes aqui do bairro. Mas assim isso não é nada da escola tá.

T: Isso que eu ia te perguntar... a origem dessas atividades?

P5: É tudo originada lá na Secretaria da Saúde, aí eles só vem aqui e aplicam e pronto... fazem a divulgação né.

T: Os conteúdos foram o da dengue e vacinação? Teve mais alguma?

P5: Olha assim... que foi na minha aula que eu me lembre agora... assim nos últimos anos foi esse da dengue que tem todo ano né... e o da vacinação da gripe, quando estourou a gripe A né... daí estavam todos enlouquecendo né, porque teve um surto aqui, gente que morreu aqui perto.

T: E qual a relação dessas atividades... dessa vinda desse pessoal pra escola... com o teu trabalho de Educação em Saúde?

P5: Olha... não tá relacionado né... é algo deles. Aí eu até reforço um pouco o que eles falaram, mas isso geralmente vem quando a gente tá trabalhando outro conteúdo né, daí não fica muito relacionado não.

T: Então assim... existe alguma relação entre você, como professor de Ciências e os profissionais da saúde?

P5: Olha nenhuma não... porque eu não me envolvo com esse trabalho não. Eu penso assim eles lá e eu aqui né. Porque eu não fico indo lá interferir no trabalho deles só porque eu sou biólogo e entendo de alguma coisa.

T: Então... o que tu acha da interação do serviço de saúde com a escola?

P5: Não que eu não goste sabe... mas eu acho que quando eles vem... é sempre assim atropelado... tu planeja uma coisa pra tua aula... e cancela tudo porque o pessoal da saúde veio. Eu acho que eles deveriam fazer isso na hora do recreio... ou então vir conversar com a gente pra gente se planejar né... aí sabe né... a diretora já liberou... eu é que não vou ficar batendo de frente né. Mas eu achava bem melhor que fosse avisado, pelo menos com uma semana de antecedência... a gente podia até mudar o conteúdo e focar naquilo sabe, usar isso mais. Mas as vezes, quando nem é na minha aula... eu nem fico sabendo né.

T: Mas tu achas que essa interação entre profissionais da saúde e professores seria importante pra Educação em Saúde?

P5: Eu acho que seria... mas se fosse uma coisa mais elaborada.

T: Hum... assim... mais elaborada como? Como tu acha que deveria acontecer?

P5: É assim... talvez vindo antes, planejando com a gente... é fazendo um plano pra de repente até fazer um projetinho sabe. Aí eu acho que gente poderia fazer um coisa mais rica, com mais orientação... aí o trabalho de prevenção deles também surtisse mais efeito né. Eu não sei... mas acho que a gente podia fazer atividades em conjunto né, afinal eles tem muito material e sabem muito de saúde né.

T: Aham... e assim tu já fizesse alguma atividade em que tu tenhas planejado e chamado alguém da saúde?

P5: Olha... da saúde não... eu já trouxe gente lá da FATMA e da CASAN pra falar da água, já levei eles na CASAN também pra ver os processos né.

T: Certo... mas tu achas que os profissionais da saúde poderiam trazer contribuições pra Educação em Saúde?

P5: É eu acho que sim né... acho que é importante.

T: É que assim... não ficou muito claro pra mim, porque tu acha importante a interação entre professores e profissionais da saúde... que contribuições eles poderia trazer?

P5: É... então... como que eu te falo... eu penso que eles podem trazer mais materiais informativos... eles tem mais conhecimento técnico né... só que tem que ser um trabalho feito junto com a gente, aí ele podem repassar mais conhecimento técnico que eu né... acho que essa é... assim porque eu não tenho todo o conhecimento... é o que eu leio né. Aí eles podem trazer as coisas mais específicas das doenças... mais prático né... acho que isso ia ser a contribuição... deu pra entender?

T: Sim, agora ficou mais claro sim...

P5: É porque é nesse sentido sabe?

T: E tu já atuasse na área da saúde, ou tem alguma formação nessa área?

P5: Nunca... só mesmo nos laboratórios da faculdade [risos]

T: Certo... então finalizando... tens mais algum comentário? Alguma coisa que queiras falar...

P5: Não acho que é isso mesmo... dizer só que é muito importante a gente trabalhar essas coisas da saúde... do meio ambiente também né... porque a gente não consegue mudar as pessoas, mas pelo menos orientar né... deixar eles informados. É isso aí, tomara que eu tenha te ajudado... só isso.

T: Ok, muito obrigado.

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 06

Escola: MunicipalDuração: **17 minutos****Local da Entrevista: Sala dos professores**Regime de Trabalho: **30h****Professor: P6**Disciplinas: **Saúde e Qualidade de Vida**

T: Começo perguntando teu nome completo...

P6: É [...]

T: Tua idade?

P6: 33 anos

T: Qual o teu tempo de atuação como professora?

P6: O meu tempo total de atuação é de 9 anos como professora tanto de Ciências quanto de Bio.

T: E o teu regime de trabalho atual?

P6: Agora eu tenho 30h

T: E há quanto tempo tu és efetiva?

P6: Ahh.. vai completar 5 meses... o resto sempre fui ACT.

T: Tu conheces o bairro e a comunidade aqui onde a escola está inserida?

P6: Não... eu não sou de Rio do Sul, então não conheço muito bem não...

T: Ahh tá... e teu tempo atual nessa escola então é 5 meses.

P6: Sim... isso mesmo.

T: E em que séries estás atuando?

P6: Desde agosto de 1º ao 9º ano... mas já trabalhei com Ensino Médio também.

T: E em que disciplinas tu estás atuando?

P6: Iiii... aí é que tá... eu sou habilitada em Ciências e Biologia né... sempre trabalhei nessas... Mas aqui no [...] tem o tal do Ambial e estou trabalhando a disciplina de Saúde e Qualidade de Vida... do 1º ao 9º. Me chamaram do concurso pra trabalhar isso.

T: Certo... e Qual a tua formação?

P6: Eu sou formada em Ecologia... daqueles perdidos da [...]. Depois fiz Ciências Biológicas na [...] pra ter a licenciatura.

T: E em que ano concluísses estes cursos?

P6: Olha a Ecologia... em... 2004 e daí em Biologia foi em 2005.

T: E tu tens alguma pós-graduação?

P6: Sim... tenho pós-graduação... de especialização né... em Práticas Pedagógicas Interdisciplinar, com ênfase em Ciências Biológicas... essa terminei em 2008.

T: E tu tens alguma formação pra trabalhar com Educação em Saúde?

P6: Nadinha... por isso estou tão perdida... se ainda fosse Educação Ambiental né...

T: E tem algum programa de formação continuada?

P6: Olha... desde que entrei não fiz nenhum... não sei nem como trabalhar na minha matéria... que dirá outros cursos.

T: Agora a gente entra na parte de Educação em Saúde... aí eu te pergunto... existem atividades de Educação em Saúde na escola? E que atividades são essas?

P6: Sim... existem, nós temos o projeto Horta na Escola onde trabalhamos a alimentação saudável e aí as atividades em sala de aula na minha disciplina né que é a Saúde e Qualidade de Vida.

T: E quem propõem essas atividades... quem coordena?

P6: A minha disciplina é a escola né... o projeto da escola modelo... que não sei que modelo é esse... modelo de loucura né. E a horta sou eu e a professora de Ciências que é ACT porque tá na vaga da diretora né.

T: Mas são vocês que coordenam então?

P6: Sim nós duas... mas a ideia já está no Plano de Aula e no PPP [Projeto Político Pedagógico] da escola modelo... isso já vem pronto da Secretaria da Educação... eu acho né.

T: Certo... E essas atividades elas estão incluídas nos planos de aula dos professores?

P6: Olha... a horta eu não sei né... mas a minha disciplina eu ainda nem sei se tem um plano de aula... eu não sei... eu peguei o barco andando... vou ter que fazer um plano de aula pro ano que vem.

T: Mas como é essa tua disciplina... como tu trabalha ela?

P6: Olha... eu não sei como se trabalha essa disciplina não... eu entrei sem saber e não tive nenhuma explicação de como funciona de verdade... aí procurei a pedagoga... também não sabem... aí ninguém sabe de nada... só sabe que tem a disciplina e alguns conteúdos pra trabalhar. Aí por isso... eu quero tentar remoção dessa escola... voltar pra Ciências sabe...

T: Mas aí tu trabalha essa disciplina de que forma assim... quais os conteúdos que tu trabalha nela?

P6: Olha eu trabalho normal... sala de aula, aí procuro umas coisas diferentes de reportagem e na internet sabe... porque a gente não tem material nenhum pra isso... aí os conteúdos que eu trabalho que a pedagoga me passou que tem que constar... alimentação saudável... IMC [índice de massa corpórea]... doenças relacionadas com a má alimentação como colesterol e diabetes... obesidade... aí a prática de

esportes né. E lá com os pequenos eu só trabalho alimentação... importância das frutas e das verduras e higienização... ainda tenho que ver o que mais vou incluir pro ano que vem...

T: E as atividades são planejadas somente por ti... ou tens algum suporte?

P6: Nada só eu... e eu que me vire.

T: E as atividades em sala de aula ocorrem em de 1º ao 9º?

P6: Sim... isso mesmo.

T: E como ocorrem essas atividades?

P6: Ahh com os pequenos... eu até faço atividade prática... montar uma salada... uma salada de frutas... fazer a higienização correta... mas de 5º ano pra frente somente sala de aula... leituras de textos... pintura, trago vídeo também... mas é mais complicado, eles não tem interesse nenhum sabe...

T: Aham... e tem mais algum professor envolvido com esse trabalho... algum trabalho interdisciplinar?

P6: Não... nada.

T: Bom... e assim... é... quais os teus objetivos com as atividades de Educação em Saúde?

P6: Olha... eu tento fazer um trabalho... mesmo sem saber fazer isso sabe... porque eu preciso que fique bem claro que eu não tenho preparação nenhuma pra trabalhar com isso... só que eu tento trabalhar com eles pra eles terem uma vida melhor né... sabendo comer bem... de forma correta... não comer essas bobagens... saber que tem que comer as coisas corretas pra ter boa saúde... saber que devem praticar atividades físicas... mas é muito complicado sabe... eu sei que meu trabalho não vai a lugar nenhum... porque eles estão nesse Ambial o dia todo... de manha na escola normal e a tarde aqui... isso não é vida... eles não querem mais saber de nada com nada... o dia todo aqui... não dá. Sabe... aluno o dia inteiro na escola perde o interesse... eu não concordo com isso.

T: É... é bem complicado mesmo ... E tu tens algum livro... algum material que te ajude... que te oriente?

P6: Nada... não tenho absolutamente nada... pego tudo da internet.

T: Se tu quiseres... me passa teu e-mail depois... tenho alguns materiais que podem te ajudar...

P6: Ai... com certeza!

T: Bom... continuando aqui... tu te sentes confortável trabalhando Educação em Saúde, tens facilidade?

P6: Ai não... não acho nada fácil trabalhar nessa escola e essa disciplina... pois eu sou professora de Ciências e Biologia... e sempre trabalhei nessa área... e muito mais com Ensino Médio. Eu não sei trabalhar com os pequenos e não sou formada nem tenho capacitação pra trabalhar nessa área... eu não sei como trabalhar nessa situação sabe... é só mesmo porque eu preciso dessa efetivação... Senão já tinha saído.

T: Entendo... e como tu julgas a tua graduação... a base que ela te deu... como tu julgas ela pra trabalhar Educação em Saúde?

P6: Olha... nenhuma das minhas graduações me deram base pra trabalhar com educação em saúde... por isso eu realmente não sei como fazer... e eu não tenho especialização nenhuma na área né...

T: Certo... e não tem nada de capacitação?

P6: Não... nada... e eu acho que pelo menos poderiam ter me orientado né... alguém teria que ter me explicado como trabalhar nesse Ambial... e... e como funciona a disciplina... é por isso que eu quero voltar pro regular sabe...

T: Sim... entendo... e pensando em outros profissionais ou outros órgãos... é tem algum programa proposto por órgãos da saúde que vem até a escola?

P6: Olha... como estou aqui só 5 meses... não sei de nada... por enquanto não apareceu nada.... nas outras escolas que eu trabalhava eu sempre procurava outros profissionais pra trazer contribuições... mas aqui nem consegui raciocinar ainda.

T: E tem algum trabalho de educação em saúde promovido pelo serviço de saúde... aqui na escola?

P6: Que eu saiba... nada.

T: E tu acha que devem existir interações entre profissionais da saúde e professores?

P6: Aí eu acho que deveria...

T: E como tu acha que deveria ser essa interação?

P6: Olha... acho que poderia vir aqui na escola ajudar a gente com essas aulas né... nessas atividades... dar uma orientação... ainda mais pra quem não sabe como trabalhar... aí também fazer umas atividades com os alunos... mas eu nem tenho coragem de chamar ninguém aqui... porque é uma vergonha... eles não se comportam... não dá.

T: Sim... e que contribuições tu acha que profissionais da saúde poderiam trazer?

P6: Ahhh... Orientação né... mostrar pra gente como seria a melhor forma de trabalhar... acho que sempre tem alguma coisa pra aprender com eles né.

T: Sim claro... e tu já atuasse na área da saúde... algum trabalho?

P6: Não... nunca.

T: Bom... tem mais algum comentário.. alguma coisa que tu queira me falar, algo que eu não tenha te perguntado... alguma angústia?

P6: É assim nada... só dizer que a minha angústia é realmente não saber como trabalhar com essa minha disciplina... é me sentir uma inútil sabe... de pensar que a minha formação não serve pra nada nesse momento. Além de eu não saber trabalhar com os pequenos... os grandes

são agitados demais, não querem saber de nada... não tem motivação, aí isso também me deixa sem motivação né... essa é a minha angústia... de não saber como trabalhar com essa educação em saúde... de não ter preparação... e de ninguém me orientar, não tenho ajuda nenhuma. É por isso que eu quero voltar logo... estou só esperando sair remoção pra pegar Ciências, senão vou ter que entrar com um processo por desvio de função... porque não dá...

T: Professora... muito obrigado... e...

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 07

Escola: Municipal**Duração: 18 minutos****Local da Entrevista: Biblioteca****Regime de Trabalho: 40h****Professor: P7****Disciplinas: Ciências e Geografia**

T: [...] qual o seu nome completo?

P7: Sim... é [...]

T: Tua idade?

P7: 28

T: E há quantos anos tua atua como professora?

P7: Olha contando com o tempo de ACT na faculdade e agora de efetiva dá 5 anos.

T: E qual o teu regime de trabalho... e em quais escolas?

P7: Eu tenho 40 né... efetiva aqui na [...] e só essa por enquanto.

T: E há quanto tempo tu és efetiva no município?

P7: Eu sou efetiva já faz 3 anos... o estágio probatório terminou agora... mês passado.

T: Sempre aqui nessa escola?

P7: Sim

T: E tu conheces a comunidade aqui onde a escola está situada?... é... Podes descrever a comunidade?

P7: Sim conheço... é uma comunidade bastante pobre sabe, aqui a gente tá perto do mutirão da [...] que foram as casinhas populares que o prefeito [...] construiu pro pessoal que foi retirado da margem do rio né... sabe o loteamento [...]. Então assim... é um bairro tranquilo apesar da pobreza, não violento né... mas é muito pobre, as famílias tem poucos recursos... muitos vivem de bolsa família... e ajuda né... assim, eu considero esse o único bairro problemático da nossa cidade... por ser

pobre... eu sei que tem o [...] que é boca de tráfico né, mas lá ainda as pessoas não são tão pobres... aqui é por causa do loteamento né... agora foram feitas mais casinhas pro pessoal que foi afetado com a enchente... então assim... eles trabalham mas é tudo com salário baixo né... catador, faxineira... assim essas profissões.

T: Certo... e em que séries tua atua?

P7: Do 5º ao 9º.

T: Só com Ciências?

P7: É Ciências... e daí pra completar minhas aulas e ter umas excedentes eu dou geografia também.

T: Aham... e Qual a tua formação?

P7: É Ciências Biológicas

T: Onde tu fez a faculdade e o ano que terminou?

P7: Fiz na [...] e terminei em 2008.

T: E tens alguma especialização, mestrado?

P7: Tenho Pós em Educação Ambiental e Metadisciplinaridade.

T: É especialização né?

P7: Sim... terminei ano passado [2011].

T: Aham... e aqui na escola... existem atividades de Educação em Saúde?

P7: Sim, existe...

T: Que tipo de atividades?

P7: Assim... quando a escola faz alguns projetos né... aí eles chamam algumas pessoas pra falar sobre saúde... ou quando a gente faz alguma campanha de projeto... trabalhando de maneira interdisciplinar, aí

trabalhando com todas as disciplinas né... também quando a gente escova os dentes com os alunos depois do recreio... lava as mãos... no 5º e no 6º anos né... E com a escola é bem carente as agentes de saúde vem na escola pra fazer o controle de piolho né... porque nossa de vez em quando tem surto... é um piolhada só... também já veio atividades com um dentista lá da secretaria da saúde, que tinha um projeto de sorriso saudável sabe....é... e algumas coisas relacionadas ao conteúdo que eu dou em sala de aula também né.

T: E quem coordena essas atividades? Quem propõe ou idealiza isso?

P7: Olha o dentista era mandado pela secretaria da saúde né... aí dos piolhos é a diretora que chama as agentes da saúde... aí elas já trazem um shampoo pra eles né... e no mais... quando a diretora chama alguém pra falar, algum enfermeiro né... algo assim.

T: Os projetos interdisciplinares que tu falasses?

P7: Ahh esse aí é coordenado pela coordenadora pedagógica né... a pedagoga... aí cada professor faz o que pode fazer na sua disciplina... mas o demais professores sempre querem mudar o tema, porque eles dizem que ela só privilegia a biologia e saúde... e que é sempre a mesma coisa... mas cada uma acaba fazendo na sua disciplina né.

T: E.. essas atividades elas estão incluídas nos planos de aula e no currículo?

P7: Depende né... na minha disciplina só o conteúdo quando eu falo de parasitologia... que fala de saúde né... ou alimentação, sexualidade... mas os projetos não, porque é isso aí né.

T: E quem determina essas atividades, planeja executa... são atividades do professor ou da escola?

P7: Ahh depende né... essas coisas maiores mais gerais, os projetos é da escola né... a diretora com a pedagoga. Mas o conteúdo de sala de aula é do professor né, mas assim... já te digo que a escola nem cobra muito não... eu planejo o meu trabalho... o conteúdo como eu acho que é melhor né.

T: E em que séries ocorrem as atividades de Educação em Saúde?

P7: Em todas as séries a gente acaba falando um pouquinho de saúde... é na verdade em todas né...

T: E como ocorrem essas atividades de Educação em Saúde?

P7: Então o conteúdo é em sala de aula né... aí os projetos a gente tem a reunião e escola fala o tema... aí cada professor faz o que acha que cabe a sua disciplina, mas não tem uma conversa entre os professores... o que cada um pode ajudar no do outro sabe... mas cada um faz da sua disciplina e daí no final a gente faz uma montra do que cada turma fez em cada matéria. E daí quando a escola chama alguém... eles reúnem as crianças lá no pátio e a pessoa fala, mas isso quase não acontece... olha desde que eu estou aqui, a enfermeira do posto veio aqui e falou sobre a higienização pra todo mundo... sobre lavar as mãos e sobre a limpeza dos alimentos por exemplo... mas desde que eu estou aqui isso foi uma vez. O dentista passava... fazia os exames e escovava o dente com eles era isso.

T: E quem são os professores envolvidos? Qual a formação deles? Tu enxerga a transversalidade do tema e um trabalho interdisciplinar?

P7: Dos projetos todos participam... todas as formações, mas assim não vejo transversalidade né, nem interdisciplinaridade... cada um trabalha só na sua disciplina... nada integrado sabe?.

T: Aham... e Quais os conteúdos trabalhados nas atividades de Educação em Saúde?

P7: Ahh então... como eu sigo o livro didático né... porque eu acho ele muito bom... e é o material que os alunos tem pra ler, pra fazer as tarefas e os trabalhos... eu vou seguindo... aí quando eu falo dos parasitas, das formas de contaminação, do reino animal, invertebrados, vírus né... algumas doenças... na digestão que daí entra a escovação de dentes... sistema reprodutor né no 8^a ano que daí trabalha sexualidade... basicamente isso né... aí higienização, prevenção de piolho... limpeza né.

T: Quais são os teus objetivos com essas atividades?

P7: Ahh pois olha.... os meus é fazer eles compreenderem o quanto é importante é... eles compreenderem a importância de eles terem hábitos saudáveis e... desenvolverem esses hábitos né... saber o porque né... pra daí eles terem um bom desenvolvimento do organismo deles né... isso é uma consequência, e que eles possam falar em casa o que eles aprenderam, e que a família pudesse adotar os hábitos saudáveis também né... acho que é isso aí.

T: E como esses conteúdos são trabalhados... é quais os recursos metodológicos que tu usas?... é filme... palestra... livro?

P7: O livro didático né... sempre passo algum vídeo dependendo do conteúdo... ou levo alguma reportagem pra tentar variar um pouco né... os vídeos geralmente o livro didático indica... uns filmes né... aí as vezes quando da tempo a gente passa alguma coisa.

T: E tu tens facilidade em trabalhar a Educação em Saúde? Te sentes confortável?

P7: Sim, não tenho problema não.

T: E como tu julgas a tua formação pra trabalhar Educação em Saúde? Quais os pontos positivos e negativos?

P7: Acho que não prepara muito não... Eu acho que foi bem separado o que era conteúdo de saúde... era bem como vou dizer... bem específico, muito conteúdo sabe... nada de como... assim ajudar a gente a ensinar a trabalhar esse conteúdo em sala de aula... e o pedagógico era muito pedagógico sabe... aí é difícil a gente unir as duas coisas o conteúdo técnico de saúde e a parte pedagógica, mas com o passar do tempo a gente vai aprendendo

T: E existe algum programa de formação continuada na área de Educação em Saúde?

P7: Não... não nessa área nada...

T: Tu já buscastes alguma coisa fora?

P7: Eu que busquei alguns cursos a distancia sabe, sobre sexualidade, mas nunca pensei em buscar algo direto pra educação em saúde.

T: E tu conheces algum programa de Educação em Saúde proposto por outros órgãos? Da saúde, por exemplo?

P7: Não... não... conheço nada... a não ser as propagandas que passam na televisão né, mas isso nunca chega até a escola... fica só lá na TV Escola mesmo.

T: Mas tu já me falasses que existe atividades de Educação em Saúde promovidas pelos órgãos de saúde na escola né?

P7: Sim o dentista... o piolho e palestra quando a escola chama...

T: E tu sabes me dizer os conteúdos que eles trabalham... e os objetivos deles?

P7: Ahh não... das palestras é conteúdo específico né... higiene, por aí... o dentista não tem conteúdo, nem as mulheres da saúde que vem por causa do piolho... e objetivo... eu não sei né... mas é diminuir as doenças né... a sujeira.

T: E eles vem sempre por que a escola solicita?

P7: Sim... a diretora né. Ahh só o dentista que eu te falei, porque ele passava em todas as escolas.

T: Certo... E essas atividades tem alguma relação com as atividades do professor?

P7: Olha depois que eles vêm a gente sempre comenta alguma coisa, os alunos perguntam alguma coisa que eles não quiseram perguntar na hora né... aí a gente sempre faz algum trabalho pra fixar bem o conhecimento... uma discussão.

T: E qual a relação entre professores e esses profissionais da saúde?

P7: Ahhh assim... nenhuma sabe, ninguém pergunta nada... eles vêm quando a diretora chama fazem o trabalho deles.. e vão embora, não tem relação, depois a gente que acaba comentando o conteúdo com os alunos em sala.

T: Aham... e o que tu pensa sobre as ações de Educação em Saúde promovidas pelos serviços de saúde na escola?

P7: Eu acho elas bem importante, porque eles podem agregar mais valor naquilo que o professor trabalha... e ai os alunos acreditam mais naquilo que a gente fala em sala de aula... sabe como é né... se o cara da saúde falou... tá dito

T: E tu acha que deveria ter uma interação maior entre professores e profissionais da saúde?

P7: Sim... com certeza.

T: Por que tu achas isso... em que eles poderiam contribuir?

P7: Sim... com certeza, eu acho que eles poderiam conversar mais, ver o que o professor tá trabalhando... como o professor tá trabalhando aquilo que eles vão lá falar sabe... pra integrar mais o trabalho... aí discutir mais sabe.

T: Certo... e tu já foi em busca de algum profissional pra trabalhar em conjunto?

P7: Olha que eu me lembre não... é sempre a escola mesmo... principalmente a diretora sabe.

T: Bom... é tem mais alguma coisa que tu queiras falar... alguma coisa que faltou eu te perguntar... alguma angústia?

P7: Ahh... olha... lembrei agora... Teve uma vez que foi bem legal, eu fiz um projeto sobre higiene pessoal sabe... parei todos os conteúdos em todas as turmas, porque os alunos não estavam tomando banho e estavam com piolho... eu fui na farmácia e no mercado pedir produtos de higiene pessoal... aí eu ia falando a importância da pasta de dente, do shampoo, falava dos problemas de saúde... do maus hábitos ... aí porque sabe eles vinham fedendo... no final eles vieram mais limpinho, mais cheirosinho... e ainda mais que era verão... Aí no final eles vinham de banho tomado, unha cortada... o piolho diminuiu... daí no final desse projeto eu sorteei os produtos que foram utilizados durante as aulas... sabonete, pasta de dente escova e tal... acho que isso que eu tinha pra falar ainda... Mas assim isso é importante pra gente ver que os hábitos

deles mudam e que dá pra gente fazer alguma coisa... a gente consegue melhorar um pouco.

T: Entendi... Então muito obrigado pela tua colaboração...

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 08

Escola: EstadualDuração: **31 minutos****Local da Entrevista: Sala dos professores**Regime de Trabalho: **40h****Professor: P8**Disciplinas: **Ciências, Biologia e Metodologia do Ensino de Ciências (Magistério)**

T: Bom professora, iniciando nossa gravação eu te pergunto: teu nome completo?

P8: [...]

T: Quantos anos tens?

P8: 38

T: E... há quanto tempo tu atuas como professora?

P8: Olha meu tempo total é de 16 anos, sem contar os estágios e substituições nos tempos da faculdade...

T: Certo, certo... e há quanto tu és professora efetiva?

P8: Então aqui nessa escola eu sou efetiva com 40 horas distribuídas entre Ciências e Biologia desde 2003 então... 9 anos... só que já fui efetiva em matemática em [...], porque eu tenho habilitação em matemática e ciências do Ensino Fundamental e Biologia pro Ensino Médio ok?

T: Aham... e Tu conheces a comunidade aqui onde a escola está localizada? Tens como me descrever... me falar algumas características dessa comunidade?

P8: Sim, eu conheço a comunidade é... porque eu resido aqui né... aqui do ladinho da escola, então estou em contato com o pessoal do bairro... Então assim... esse aqui é um bairro que tem um certa distância do centro da cidade, mas inteiramente urbanizado, temos inúmeras indústrias de confecção... a rodoviária fica aqui próximo... é... por ser uma escola de grande porte, nós recebemos alunos de vários bairros da cidade né, até de bairros onde já existem escolas... mas que muitas vezes não suprem a demanda... então assim... existe uma variedade muito

grande aqui, tanto de comércio indústria como também de pessoas... assim, não dá pra dizer que temos pessoas de baixa renda né... assim tem um ou outro... mas eu te digo que a nossa comunidade escolar é dessa nova classe chama Classe C... filhos de trabalhadores chão de fábrica e que também trabalham, mas que tem seu dinheiro e que tem um poder aquisitivo razoável. São raríssimos os casos de miséria aqui tá... não sei me fiz entender?

T: Não tá ótimo... entendi sim... E em que séries tu atua aqui na escola?

P8: Em todas tá... eu atuo de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental com Ciências.. ahh esse ano eu estou sem 1ºs anos porque acabei pegando uma turma a noite... mas só esse ano... mas então neste ano atuo de 2º ao 3º ano... e essa turma que peguei a noite é uma turma do magistério, que nós temos aqui ainda... somos os únicos aqui do município... e eu trabalho a Metodologia do Ensino de Ciências.

T: Ahh bacana... E qual a tua formação?

P8: Então eu tenho uma formação primeira em uma licenciatura curta de Ciências e Matemática... que me habilitam pro Ensino Fundamental somente... e sou formada em Ciências Biológicas, com habilitação integral na área.

T: Certo... e onde fizesse esses cursos e qual o ano de conclusão?

P8: Báh... a licenciatura curta agora não tenho certeza mas devo ter finalizado em 92 e fiz na [...] em São Paulo. E a faculdade de Ciências Biológicas eu terminei em 2002 na [...].

T: E tu tens alguma pós-graduação? Especialização? Mestrado...

P8: Sim eu tenho duas especializações, a primeira é em Educação Matemática, que eu fiz logo que terminei a licenciatura curta... porque foi minha opção inicial... e ano passado [2011] eu concluí a especialização em Metodologia do Ensino de Ciências feita na [...], que é uma modalidade a distância... e tem todo uma história em torno disso... mas te digo que foi excelente e que as palestras que tínhamos eram ótimas... e quando é a distância, cada aluno que faz o seu aprendizado né..

T: Sim.. com certeza...

P8: E vou pro mestrado no próximo ano, porque eu fui aprovada no mestrado de Ciências Naturais da [...], então vou aceitar esse desafio...

T: Tá certa... E agora eu te pergunto sobre Educação em Saúde... existem atividades de Educação em Saúde na tua escola? E se existem que atividades são essas?

P8: Sim... com certeza existem... acho que não pode existir uma disciplina de Ciências e Biologia sem um trabalho de Educação em Saúde... então esse trabalho ele é da disciplina... tanto Ciências quanto Biologia, vem dos conteúdos curriculares da disciplina.

T: E assim... então essas atividades ocorrem somente através da disciplina?... e aí quem coordena ou propõe?

P8: Pois... aqui na escola sou eu... quer dizer... nós somos em duas professoras da área né a [...] também faz o trabalho dela, mas nas minhas turmas quem coordena sou eu... eu que proponho e trabalho com eles... como nós duas trabalhamos na mesma linha... de vez em quando nós fizemos atividades juntas... um filme... uma palestra... ou uma visita a campo né...

T: E essas atividades elas estão nos planos de aula dos professores?

P8: Com certeza... tanto no meu plano de aula quanto no da [...] estão lá especificadas as atividades com os conteúdos... porque a gente já precisa ter tudo esquematizado no início do ano.

T: E as atividades de Educação em Saúde então... elas ocorrem em que séries?

P8: Então... é... em todas né, quer dizer só na minha disciplina de metodologia que não... mas eu acho que é possível a gente trabalhar aspectos da saúde humana em todas as séries... está totalmente relacionado com a nossa formação... cabe a nós professores de Ciências e Biologia puxar essa relação pra si e trabalhar e orientar os alunos quanto a saúde.

T: E me diz uma coisa... tem mais algum professor envolvido nas atividades de Educação em Saúde? Alguma atividade interdisciplinar?

P8: Poxa... esse é um grande problema da escola pública... na minha opinião né... nós não fizemos trabalhos interdisciplinares. Aí não tem participação não... somente eu e a [...] que compartilhamos algumas coisas.

T: Bom... eu queria tu me explicasses como é que ocorrem as atividades de Educação em Saúde então... as atividades que tu fazes?

P8: Então... como eu te disse são todas atividades decorrentes do conteúdo curricular né, então assim... eu acho que vou te falando em cada série que fica mais fácil de entender né? Pode ser?

T: Fica a vontade... qualquer coisa que eu não entender eu te pergunto...

P8: Então no 6º ano quando eu trabalho água, ar, solo e ecologia eu já trabalho lixo e o impacto ambiental do lixo... os problemas de saneamento que o lixo pode causar, como a contaminação da água do ar e do solo né... aí entra a educação ambiental com a saúde... porque eu faço todo um trabalho de discussão com eles sobre as doenças, os problemas de saúde que o lixo e a contaminação podem causar... então aí a gente já começa o processo de conscientização né... e aí eu sempre tento fazer uma visita com eles na CASAN onde eles podem ver o tratamento da água... e o trabalho que isso dá... e uma visita no lixão lá de Ibirama, ou no aterro sanitário de Otacílio Costa... isso no 6º. No 7º é uma loucura né... a quantidade de conteúdo é enorme... não tem muito espaço pra gente fazer muita coisa diferente... mas aí tem, por exemplo o vírus... aí eu já faço um trabalho de educação em saúde, explicando as doenças... gripe, hepatite, AIDS... a forma de contágio... a ação do vírus... a prevenção e os tratamentos né... no 7º tem ainda os invertebrados que tem inúmeras doenças pra gente trabalhar... aí entra toda a parasitose, profilaxia, diagnóstico e tratamento... aí é muito legal a gente fazer trabalhos em grupo... os alunos pesquisam cada doença e vem apresentar pros colegas, que já é a avaliação tá... Bom... aí temos o 8º ano né... esse é o ano da Educação em Saúde propriamente dito... é nesse ano que tem toda a parte de anatomia e fisiologia humana e genética. Aí eu trabalho todos os órgãos os sistemas... assim eu tento trabalhar de forma integrada sabe... geralmente eu começo os conteúdos

com um reportagem da Galileu ou da Super... sobre alguma descoberta da Ciência ou alguma notícia sobre saúde... aí abre uma gama de opções pra trabalhar que com cada turma é diferente... eu foco naquilo que a turma demonstrar maior interesse... uns são pra nutrição e o sistema digestório, aí entra as doenças e problemas desse sistema... alimentação saudável... atividade física... aí já entra colesterol, diabetes... aí a gente vai caminhando né... tem turmas que o foco fica mais pro sistema reprodutor... e aí vem toda a questão da sexualidade junto... os problemas de sexualidade... métodos anticoncepcionais... DSTs... prevenção... nossa daí tem que fazer um belo trabalho de prevenção, com filmes... ou trazer um médico ou enfermeiro pra tirar as dúvidas... e com o 8º eu sempre vou visitar o laboratório de anatomia da [...]... que daí é fácil... é aqui pertinho a gente nem precisa de transporte... E daí vem o 9º ano com a Física e a Química... onde aí é um pouco mais complicado trabalhar a saúde né... mas eu integro a química com drogas sempre... então é no 9º que temos o trabalho voltado pras drogas... sempre trago alguém da polícia civil pra dar uma palestra e conversar com os alunos né... que daí é pra tratar das drogas ilícitas né... porque tem as permitidas né... cigarro e álcool e os remédios até... então isso tudo a gente trabalha em química integrado ao conceito de átomo e dos elementos químicos... aí dá pra trazer vídeos também e fazer trabalhos em grupos, pesquisas e tal... e pra física eu não tenho nada direcionado pra Educação em Saúde não... Ahh e daí tem do Médio né... que...

T: É na verdade o nosso foco fica na Ciência e no Ensino Fundamental mesmo... então tá ótimo... e eu já aproveito pra te perguntar qual o teu objetivo com o trabalho de Educação em Saúde?

P8: Bom... eu vou te falar aquilo que consta no PCN né, porque ele é a referência pra minha atuação... então já estudei muito o PCN e eu penso que ele serve de guia e de mestre pra gente... tanto o de ciências quando o de saúde e meio ambiente... então eu acho que o objetivo desse trabalho é formar um cidadão... um cidadão que saiba o que vai ser bom ou ruim pra sua saúde... que vá agir de acordo com o que vá dar qualidade de vida pra ele. Então assim né... a gente faz um trabalho de orientação, de informação... prevenção... mas o mais importante é ele ter conhecimento sobre as coisas e saber os riscos que ele tá correndo se ele agir de uma forma ou de outra... porque tudo na vida tem seus caminhos e cada um vai seguir aquele que acha melhor né... só que eu trabalho pra que o meu aluno possa pensar... antes de ele entrar num caminho... ele pense... “ó se eu for por aqui eu sei onde vai dar e eu vou me dar mal...”,

“se eu for por aqui... não é o correto, mas tudo bem vou arcar com as consequências”... mas aí “se eu for por outro lado... ah! opa... esse caminho tá certo... nesse eu vou me dar bem”. Aí eu penso... se de tudo que a gente trabalhar a gente conseguir que eles pensem sobre as coisas... já tá ótimo... o problema é quando a gente trabalha com o conhecimento... e a gente sabe que o aluno tem o conhecimento... e ainda assim ele prefere escolher pelo caminho errado... mas aí... isso não é meu poder né... eu fiz o meu papel... eu orientei.

T: E quais os recursos metodológicos que tu utilizas no teu trabalho de Educação em Saúde?

P8: Bom... eu procuro diversificar... trabalho muito com o livro didático... nós temos uma coleção excelente, tanto do Ensino Fundamental, quanto do Médio... as coleções são ótimas... então assim... eu não abro mão dele, o livro tem seu valor... trabalho muito e geralmente vou seguindo o livro... passo tarefas de casa, aquela do livro... só que ele é um guia né, ele não é a arma fundamental. Eu trabalho no quadro também... passando matéria, simplificando... mas eu trabalho muito com grupos... apresentações, discussões, jornal falado, teatro... aí nesses trabalho sempre tem a parte em que os alunos vão pesquisar no livro ou na internet a solução pra um problema... e esse problema ele é originado deles... a gente começa a conversar sobre o assunto... eu vou fazendo perguntas pra eles e eles me falando até que a gente chega em um problema que eles vão achar a solução... que nem agora eu estou trabalhando com o 8º ano a elaboração de um cardápio... o problema era uma pessoa, avó de um aluno, diabética e hipertensa... como deve ser a alimentação dessa pessoa?... e aí eles tem que montar o cardápio, explicar o motivo de cada alimento... e explicar o que a doença causa e a relação dela com o alimento. Então é assim... baseado na problematização.

T: Ahh sim... e tu me falasses que usas filmes... palestras... como é isso?

P8: Sim... filmes são sempre direcionados pro conteúdo né... ou pra ajudar os alunos a resolverem esses problemas que eu te falei... aí pode ser um documentário ou um filme mesmo... e... é a palestra... é uma coisa um pouco mais complicada porque depende de outras pessoas né... e não é necessariamente uma palestra... pode ser uma conversa né... não precisa ter aquela coisa de projetor ou aquela formalidade toda. Eu

chamo pessoas que podem estar relacionadas com o conteúdo... aí a gente já formula as perguntas que eles vão fazer antes da pessoa vir... e aí a pessoa apresenta o seu trabalho e responde as perguntas dos alunos.

T: E quem são essas pessoas que geralmente vem palestra... ou conversar?

P8: Olha... depende do tema né, mas assim pra drogas eu geralmente chamo alguém da polícia civil ou militar, que trabalha com aqueles programas antidrogas né... aí se é sobre sexualidade, por exemplo, as vezes eu consigo alguém do CAM [Centro de Atenção à Mulher] uma médica ou enfermeira né... aí eles vem bem abertos pra conversar e responder todo tipo de pergunta... né. Aí agora pra esse cardápio que a gente tá montando né... já conversei com uma nutricionista lá da Policlínica, ela vai vir quando o cardápio estiver pronto pra verificar se ele está correto... e discutir com eles o que está certo e o que pode ser melhorado ou modificado. Eu já trouxe pessoas do Ibama e da Fatma pra falar de meio ambiente... poluição... que daí não eram pessoas com formação específica... mas que trabalham com o assunto né... assim são pessoas que a gente traz, pra cativar mais a atenção deles, pra ser algo diferente... e não ficar naquela coisa tão tradicional né. Acho que as pessoas de fora podem ajudar a esclarecer as coisas... não que eu não soubesse ou não pudesse falar sobre aquele tema ou assunto... mas eu acho que dá um suporte e quebra a monotonia sabe.

T: Certo... E tu tens facilidade pra trabalhar Educação em Saúde... tu te sentes confortável?

P8: Sim... eu adoro o tema.

T: E como tu julgas a tua formação... os aspectos positivos e negativos pra te dar um suporte pra trabalhar Educação em Saúde?

P8: Bom... eu julgo a minha formação como excelente, a base de sustação técnica ela me deu... as disciplinas né... acho que a [...] é uma Universidade excelente, com professores excelentes e acho que todas as disciplinas foram muito bem aproveitadas. O conhecimento técnico eu tenho... sem nenhuma dificuldade... então essa é a parte positiva né. Agora aspecto negativo eu acho que é a formação prática... não tem como você se tornar um professor e saber ser professor sem estar em sala de aula... eu já estava né, eu fazia a Universidade de manhã e dava

aulas a tarde e a noite... então eu estava na atividade já. Mas eu vou te dizer... a parte negativa é a parte da formação de professores... saber dar aula... ter didática... porque ser técnico ou especialista em um assunto... isso é fácil. Agora a minha pós me ajudou bastante nesse aspecto... e a prática de sala de aula né... nada como você estar em sala de aula por quase 20 anos pra aprender.

T: Certo... agora me diz se tu conheces algum programa proposto por outros órgãos na área de Educação em Saúde?

P8: Ahh não... acho que não... aqui eu tenho certeza que não.

T: Aham... E tem alguma atividade de ES promovida pelo pessoal lá da saúde aqui na escola?

P8: Não

T: Bom mas tu me falasses que chamas profissionais da saúde pra trabalhar contigo os temas de Educação em Saúde... médico, enfermeiro, nutricionista... certo?

P8: Sim, sim... esses que eu vou atrás e convido para virem aqui.

T: Certo... Qual é a relação existente entre esses profissionais e tu como professora? Nessas atividades de Educação em Saúde né?

P8: Então... eles são um dos meus recursos metodológicos como tu falasses né... é exatamente isso, eles me ajudam a fazer o meu trabalho... não que eu não tivesse o conhecimento sobre aquele tema... eu tenho... mas eles tem um conhecimento maior que o meu, um experiência maior... então eles podem me dar um suporte pra trabalhar a Educação em Saúde né, é uma ajuda... e ajuda como forma puxar a atenção do alunos também.

T: Aham... E o que tu achas... se o pessoal lá da saúde viesse fazer um trabalho de Educação em Saúde aqui na escola?

P8: Ahh... olha... acho que eles poderiam ajudar também, acho que poderia ser feito um trabalho mais forte né... envolvendo a escola toda e tal.

T: Tu achas que devem existir essas interações entre profissionais da saúde e professores?

P8: Acho sim... não só da saúde né, mas de diversas áreas.

T: Como deveria ser essa interação?

P8: Ahh... acho que assim... como um auxílio né... acho que eles deveriam estar mais aberto pra virem pra escola... pra conversarem com os alunos, tirarem dúvidas, participarem mais das atividades né... mas eu sei que o tempo deles também é escasso e eles precisam cumprir o papel deles lá onde eles estão... acho que tem um grande papel lá na saúde que é curar as doenças, salvar pessoas, cuidar da saúde lá onde eles estão... e que a coisa já está problemática né, por que tu vê... não tem médico... não tem profissional... daqui a pouco o hospital fecha por falta de profissional pra atender. Mas assim... acho que eles vindo de vez em quando... assim quando a gente tem conteúdo relacionado... como eu faço, pra mim tá ótimo, porque eu faço meu papel aqui né... eles precisam fazer o deles lá.

T: Tá certo... Eu só queria confirmar que acho que não ficou muito claro pra mim, quando tu chamas pessoas... profissionais da saúde pra sala de aula, qual o teu objetivo com isso?

P8: Ahh... é... bem... assim de recurso metodológico mesmo, com objetivo de ampliar a visão dos alunos né... de eles não ficarem só com a minha visão, com as minhas respostas... é pegar alguém de fora pra conversar com eles e discutir os assuntos, alguém que seja mais especialista do que eu né... essa é a contribuição deles ter um conhecimento mais profundo daquele tema...

T: Ahh certo, entendi. E tu já atuasse na área da saúde em algum momento?

P8: Não...

T: É finalizando... eu queria te deixar livre agora pra fazer mais algum comentário, alguma coisa que eu não tenha te perguntado e queiras falar... alguma angustia tua?

P8: Não... eu não tenho mais nada... só te dizer assim que o trabalho de Educação em Saúde é muito importante né e que mesmo que o PCN diga que ele é um tema transversal ... ele é nossa função, porque a gente tem a formação que mais se aproxima da educação em saúde né... então fica com a gente de Ciências e Biologia, porque os demais... nem sabem como trabalhar isso... E espero que dê tudo certo aí no teu trabalho. Boa sorte e depois eu quero ler o final tá.

T: Sim...

TRANSCRIÇÃO – ENTREVISTA PROFISSIONAL DA SAÚDE - 01

Cargo: Diretor de Odontologia e Coordenador dos Programas Preventivos e Educativos - PROEASUL

Duração: 39 minutos

Local da Entrevista: Policlínica

Regime de Trabalho: 40h
– cargo comissionado

Profissional: S1

T: [...] desde já quero te agradecer por ter disponibilizado esse tempo para me atender e participar da minha pesquisa de mestrado.

S1: É... assim queria te pedir desculpa pela demora em marcar... mas sabe né... o período eleitoral, aí a gente não tem cabeça pra nada né... mas no que eu puder te ajudar...

T: Não tem problema... Então iniciando... qual o teu nome completo e a tua idade?

S1: [...] e tenho 44 anos.

T: E qual a tua profissão?

S1: Então eu tenho uma formação em ensino médio científico, em manipulação laboratorial feito ali no [...] há pouquíssimo tempo né [risos]... sou graduada em Odontologia pela [...] e estou atuando aqui na Secretaria como Coordenadora do PROEASUL [Programas Preventivos e Educativos] e na Diretoria de Odontologia, são atividades administrativas e de chefia e comando né, mas continuo atuando no meu consultório particular também, com uma carga horária reduzida, mas ainda na ativa... sabe né... essa coisa administrativa consome mais que uma coisa mais prática.

T: Aham... e o teu local de trabalho é aqui na Secretaria mesmo?

S1: Sim, o carro chefe ocorre aqui dentro né... algumas vezes saio para vistorias nos postos de saúde que são chamado de ESFs né as Estratégias de Saúde da Família.

T: E tu conheces as comunidades com as quais estás envolvida?

S1: Então eu sou aqui de Rio do Sul né... conheço sim, não que eu esteja a campo sempre, mas estou em contato com a população aqui também... e na verdade, a minha é uma atividade administrativa de organização, de criação de ideias a execução fica por conta de outros profissionais... eles são a atividade fim né.

T: Sim... aham... e ... é... a tua formação é em odontologia, em que ano concluiu o curso?

S1: Ai meu filho... bom... se não me falhe as contas foi em 1991.

T: E tens alguma especialização?

S1: Ahhh sim, nessa área não dá pra gente não fazer né... eu sou especialista em cirurgia clínica bucal e em ortodontia... também fiz uma especialização em gestão de saúde pública na [...].

T: E tu tens alguma formação pra trabalhar com atividades de Educação em Saúde?

S1: Olha... especificamente para educação em saúde não... nem sei se existe nessa área né... mas essa especialização que fiz em saúde pública, deu uma boa noção pra desenvolver trabalhos na área sabe... ela não era voltada somente pra área de odontologia...

T: E quais os pontos fortes e os pontos fracos da tua formação pra desenvolver trabalhos na área de educação em saúde?

S1: Olha eu acho que a minha graduação foi excelente, estudo forte e direcionado... me deu uma excelente formação pra desenvolver o trabalho de dentista, mas pecou muito por não ter o desenvolvimento de disciplinas educativas... pra gente trabalhar com educação em saúde bucal sabe. Só depois de vir aqui pra secretaria é que eu vi como eu precisava entender mais de processos educativos. Mas aí teve essa especialização em saúde pública, que foi excelente... valeu cada viagem que fiz, além de tratar da parte de gestão pública, gestão de recursos públicos... ela foi assim... um norte sabe... ao dar uma base de que a gestão em saúde depende de estratégias educativas... porque assim, a população só vai ter saúde... se nós gestores trabalharmos para que esse povo seja informado, tenha educação para a prevenção e promoção de saúde. Esse ponto forte que perguntas... é realmente essa especialização

porque nela tivemos palestras excelentes com profissionais que fazem um trabalho educativo nas comunidades... aí a gente vê como a coisa funciona né... tu estás na área da educação tu sabe...

T: Ahhh retornando só um pouquinho, em que ano concluiu essa especialização em saúde pública?

S1: Olha essa eu comecei em 2006 quando eu entrei aqui na secretaria da saúde, quando me deram a missão de trabalhar com educação em saúde e com promoção de saúde, com os programas institucionais... aí acho que em 2008 eu terminei, ou 2007... acho que março de... é março de 2008.

T: Certo... e nessa atividade que tu desenvolves... vocês tem alguma capacitação continuada... algum curso alguma coisa na área da Educação em Saúde?

S1: Poxa... não não... assim de vez em quando temos algumas reuniões em Florianópolis para discutir os programas, ver as estratégias que utilizamos... isso geralmente uma vez a cada dois ou três meses... depende né. A única coisa que eu fiz, e que foi muito bom também foi um curso lá em Brasília, onde apresentaram metodologias pra trabalhar com a gestante... nos cursos de gestante, nesse eu fui acompanhando a equipe que trabalha com as gestantes né... é isso aí... só as discussões nossa lá na secretaria da saúde do estado.

T: Aham compreendi.... Agora adentrando mais na relação dos programas e dos projetos... e a relação deles com a escolas né... eu te pergunto se existem atividades de Educação em Saúde promovidas por vocês, ou por alguma equipe de vocês nas escolas... vocês têm alguma atividade nesse sentido?

S1: Olha... o nosso maior projeto integrado a escola é a saúde bucal, nós temos este projeto, e não por ser idealizado por mim e nem pra pensar em me promover... porque eu sempre digo que nunca... nem quero que meu nome fique aparecendo sabe... o mérito é do município, é das pessoas que trabalharam nisso...e a saúde bucal desenvolvida de 2006 até 2009 nos rendeu o prêmio de “Município com o melhor sorriso do Brasil”. Foi assim... foi gratificante sabe, porque surgiu ali da minha especialização sabe... foi ali que a ideia se firmou... e a gente montou as equipes e foi trabalhar sabe...

T: O município só tem esse projeto que está integrado então? Ou existe algum outro? Mais algum programa que vai pra escola?

S1: Assim pontual e de destaque é só este mesmo né... só que assim temos alguns outros programas que são de educação em saúde né, mas que não são direcionados à escola... se bem que assim, eles acabam tendo relação, porque muitas vezes a gente acaba se utilizando da escola né... a gente acaba mandando as campanhas pra lá... assim vou te falar do programas que são minha responsabilidade... aqui no PROEASUL eu tenho o Programa de Planejamento Familiar, onde tem um equipe com uma assistente social e uma enfermeira que trabalham diretamente com isso... principalmente nos bairros mais carentes né... é um trabalho muito interessante e que as vezes parece que não dá retorno... mas a insistência as vezes funciona, pelo menos na garantia do uso do anticoncepcional né. Não que a gente quer que não tenham mais filhos, mas quando já tem dois ou três... não dá né... Aí eu também cuido do Programa de Vigilância Alimentar e Nutricional, onde a responsável pela execução é uma nutricionista que trabalha junto com as Estratégias... um dia em cada bairro né, acompanhando principalmente a nutrição dos bebês e dos idosos... mas aí ela também coordena o Vigilantes do Peso, que agente conseguiu montar um grupo... e tá sendo muito legal, porque as pessoas tão participando e conseguindo emagrecer sabe... aí esse eu só acompanho... assim mais a distância né. Tem também o Programa de Controle da Tuberculose, onde a gente coordena as campanhas de informação de sintomas pra população e encaminha pra diagnóstico e tratamento... nesse a gente passa na escola distribuindo material quando vem do governo federal... o convênio é de lá sabe. Daí eu tenho aqui também o Programa de atenção ao bebê e a gestante, tem a equipe de médicos e enfermeiros que trabalham com a ministração de curso de gestantes né... aí depois lá nas unidades em cada bairro eles fazem o acompanhamento da mamãe e seu bebê. E o Programa da Saúde Bucal né... que esse é executado lá na escola... toda uma equipe de dentista e auxiliar vai pra escola, faz avaliação... faz a indicação de como as crianças devem cuidar dos dentes, aí mostram de uma forma toda dinâmica e animada como prevenir da cárie... e placa... e outras doenças né... Ahh sabe que teve um ano que nós tivemos bastante verba federal e conseguimos contratar um grupo de teatro pra fazer toda essa parte educativa... foi muito bom, eles apresentaram toda a parte de prevenção, mostraram como escovar os dentes tudo através do teatro... tem assim né a parte de cuidado ao dente dos alunos e tem a parte educativa... só que

esse programa tá um pouco parado, porque a gente não conseguiu mais muita verba... aí sabe como é né... a gente fica de mão amarradas.

T: Então a relação direta é esse Programa de Saúde Bucal, e esses de prevenção de doenças que acabam indo pra escola também, mas aí de forma mais informativa.... é panfletos daí?

S1: Isso geralmente panfletos né... e assim ainda tenho que te falar de um projeto que executamos também de 2006 até 2007 um ano com inúmeras atividades de educação em saúde desenvolvidas nas escolas... cada escola tinha um projetinho sabe... cada uma com um tema, tenho até o material pra te passar, nós montamos um material bem legal com o resultado disso tudo... daí tinha os temas que foram distribuídos nas escolas aí eu e a secretária de educação a dona [...] que na época ainda estava lá... a gente distribuiu por sorteio... na verdade começou antes de mim já isso... acho que 2005... porque eu lembro que eu dei continuidade... aí era vários temas como a saúde bucal, o diabetes, o sedentarismo, alimentação saudável... nem me lembro todos os temas, mas aí eles desenvolveram junto com o professor da turma... aí tinha os de 1ª a 4ª e de 5ª a 8ª né... acho que 5ª a 8ª participaram poucos, mas até educação infantil estava lá... cada um na sua área e no final do ano fizemos uma mostra com os projetos pra promoção de saúde... aí os profissionais da saúde também participaram com palestras pros pais e comunidade, foi muito legal sabe... pena que não conseguimos mais repetir a parceria lá.

T: E por que tu acha que a parceria não se repetiu?

S1: Olha... tem toda a relação entre cada secretário né... aí muda a secretaria aqui, muda lá... aí a coisa muda também né... não dá pra gente se envolver muito com a política. Aí a gente acaba deixando, esperando... e também não tem muita verba né...

T: Ahh sim claro... E me diz uma coisa... é... existe algum programa institucional, alguma instância do governo, que incentive essas parcerias entre a vocês aqui da saúde e a escola?

S1: Olha não existe nada direcionado sabe... assim específico, acho que tu queres saber algo bem específico que gente vá fazer na escola né... fora isso que te falei não... mas existem as recomendações que vêm do próprio governo federal, do estadual também... e do próprio SUS... acho

que isso tá na lei na do SUS, que a gente tem que fazer as campanhas de saúde pública na escola também!!

T: Então algo prevê isso... mas a execução fica dentro destes projetos?

S1: É... assim aí fica mais a critério das doenças né... que não está diretamente relacionado a minha atuação aqui e ao meu planejamento... aqui nas minhas atividades né... mas assim tem a parte da Vigilância Epidemiológica e Sanitária e a Vacinação... que estão meio relacionados aqui também com a parte educativa... mas eles acabam fazendo a parte de prevenção deles lá, por exemplo a dengue... eles fazem na escola uma campanha de conscientização e prevenção... uma campanha informativa e educativa sabe... o mesmo a [...] da Vacinação... ela vai nas escolas faz a campanha da vacina que tem que ser tomada naquele momento, explica... informa... faz toda a parte educativa... e já aplica a vacina neles... Sei que da rubéola ela fez assim... também naquela pandemia da Gripe A... foi isso...

T: Certo, e... assim... dos projetos que tu coordena, ou que tens conhecimento... quais os conteúdos trabalhados na escola?

S1: É a saúde bucal né, aí tem os projetos que foram feitos né com diabetes, alimentação saudável, exercícios físicos, sedentarismo, tem o pessoal da Vigilância que atende com dengue e vacinação de inúmeras doenças... aí nem sei todas as que eles trabalham... sei que trabalham também com verminose e esgoto ou água. Acho que basicamente é isso... ah claro as meninas das unidades... as enfermeiras as vezes vão fazer palestra nas escolas sobre sexualidade, anticoncepcionais e DSTs, mas aí é só quando algum professor pede, porque é difícil pra elas saírem né... ainda mais que aqui é sempre uma loucura pra achar enfermeiro... tem 5 vagas em aberto desde a metade do ano e nada de preencher...

T: Sim... é complicado né... E assim... aí podes falar pelas tuas atividades que planejasses pra escola né, o que tu pensas que todos deveriam ter né também... quais os objetivos destas atividades de educação em saúde?

S1: Ah sim isso é muito importante né... a gente tem que pensar na finalidade que a gente tem que alcançar, afinal de contas nós temos índices pra reduzir... e isso nos é imposto pelo governo estadual que por

sua vez recebe ordens do governo federal e sempre com metas a atingir... mas o principal objetivos... além de reduzir os índices de doenças... e qualquer doença né... é ter objetivo de promoção de saúde, a educação em saúde tem que promover a saúde da população de forma geral seja na escola ou fora dela... tem que promover a manutenção e a recuperação da saúde das pessoas... aí temos o exemplo da saúde bucal né... o modo como ela foi concebida... executada né... permitiu a melhoria dos índices do município... o mesmo acontece com a o Pró-Gestante e com o Planejamento Familiar... a gente precisa trabalhar a educação para a prevenção... não adianta depois tratar o doente... a melhor forma de promover a saúde é pela prevenção. E aí entra a questão que eu te falo... a gente precisa trabalhar o conhecimento, as habilidades e os comportamentos e práticas sociais pra poder fazer a diferença... acho que de forma resumida e bem complexa acho que é isso...

T: Certo... e como é que são as estratégias que vocês usam pra trabalhar essas questões... assim a metodologia?

S1: Ai... mas eu ainda preciso te falar que tem a questão da educação pra promoção da saúde... que é a educação tanto da escola como fora dela... como a que a gente faz nos demais programas... esse trabalho precisa colaborar com a formação de uma consciência crítica né... porque agora eu me lembrei do Freire... eu trabalhei com ele na minha monografia de especialização em saúde pública. E... eu lembro que baseada nele eu trabalhei a consciência crítica pro desenvolvimento de práticas pra promoção de saúde através da informação e da educação... É tu queria... tu tinha perguntado da estratégia?

T: Isso... quais as estratégias ou metodologias utilizadas pra trabalhar na escola?

S1: Ahh sim a fundamentação teórica?

T: Não necessariamente... a forma como vocês desenvolveram as atividades na escola... palestras, teatro, filmes, essas coisas....

S1: Hum... sim, sim... claro foi isso... palestras, o teatro... aí teve a mostra... onde teve apresentação dos trabalhos... aí as equipes né que conversam com os alunos também... basicamente é isso mesmo.

T: E me diz quem são os profissionais envolvidos com estas atividades?

S1: De formação?

T: Aham...

S1: Olha... dentistas, enfermeiros, auxiliares de dentista né... aí das outras áreas que eu sei que dá palestras nas escolas é [...] e ela é Engenheira de Alimentos... acho que isso... os médicos... mas isso é muito difícil... eles nunca... as vezes a nutricionista vai também... já vi ela indo... a menina que trabalha comigo... só que daí quando convidada pelo professor né...

T: Sim, sim... e essas atividades que são realizadas nas escolas elas são as mesmas realizadas aqui na secretaria... ou quer dizer... nos postos de saúde?

S1: Sim basicamente a mesma... na parte de saúde bucal é a mesma... porque a gente leva o laboratório móvel...

T: Sim... mas tem alguma diferença... alguma coisa que ocorre na escola de diferente?

S1: Só a parte das atividades educativas de palestra né... ou o teatro... porque aqui a gente não tem como né... mas a essência da atividade é a mesma... a promoção de saúde né.

T: Certo... E existem conversas, ou trabalhos em conjunto... diálogos .. alguma interação entre os profissionais que vão pra escola realizar essas atividades e os professores?... Eles estão relacionados?

S1: Olha... acho que nas atividades que a gente leva diretamente... acho que não né... Eles participam das atividades também... orientam os alunos e isso... mas eles sempre ajudam a gente... os professores também gostam de participar dessas atividades né...

T: Aham... E tu achas que seria importante ou não uma maior interação com os professores?

S1: Olha... acho que vai da necessidade deles né... não diria nem que sim nem que não... acho que se eles sentirem necessidade de uma interação maior... aí eles procuram a gente pra tirar as dúvidas e talvez fazer um outro trabalho em conjunto... uma palestra... alguma coisa assim né... acho que nós aqui estamos sempre disponíveis pra ir pra escola né, ou pra orientar o professor... é sempre bom compartilhar experiências né, acho que tanto pro trabalho do professor quanto pro nosso... pelo menos no que compete a minha equipe estamos sempre dispostos... sem dúvida.

T: E tu achas importante vocês irem até a escola para desenvolver essa atividades de educação em saúde?

S1: Ahh eu acho primordial!

T: Por quê?

S1: Por que eu acho que lá é a melhor forma de estarmos em contato com os alunos né... lá é o inicio da nossa sociedade... se a gente trabalhar a promoção de saúde com eles... aí a gente pode ter uma sociedade diferente, mais saudável... mais equilibrada... afinal a educação tem muito poder né... então sempre a gente deve começar por lá... pela escola.

T: Aham... Tem mais alguma coisa que tu queiras falar... algum apontamento... alguma coisa que eu não tenha te perguntado...

S1: Não... acho que é isso né... só quero ressaltar que depois de sete anos atuando aqui nessa diretoria e coordenadoria... acho que ano que vem não estarei mais aqui... nosso candidato perdeu e creio que a população tenha decidido pelo melhor... aí vou retornar pro meu consultório né e voltar a trabalhar exclusivamente com atendimento... onde a gente não deixa de fazer educação também, porque cada paciente tu trata e trabalha com ele pela orientação, informação e educação... e quem assumir no meu lugar terá que continuar o trabalho... porque isso tudo é trabalho formiguinha... nada se consegue de uma vez é tudo aos poucos... cada conquista uma vitória... É ano que vem já temos garantida a verba pra outro trabalho grandioso na escola... é da obesidade infantil... trabalhar na escola pra evitar a obesidade... isso foi uma coisa que surgiu essa semana e conseguimos... aí vamos integrar o Programa Saúde na Escola... e contra a obesidade infantil... se eu puder continuar

aqui... pretendo fazer algo como foi feito com a saúde bucal... acho que é isso sabe... obrigada pela tua paciência... foi bom lembrar meu trabalho agora nessa reta final... acho que tenho um balanço positivo se eu ir embora né? [risos].

T: Com certeza... eu também te agradeço muito, obrigado pela disponibilidade e pela paciência, foi um prazer...

TRANSCRIÇÃO – ENTREVISTA PROFISSIONAL DA SAÚDE - 02

Cargo: Fiscal Sanitária**Duração: 20 minutos****Local da Entrevista: Vigilância Sanitária e Epidemiológica****Regime de Trabalho: 40h – efetiva****Profissional: S2**

T: Bom [...], iniciando a gravação aqui... obrigado por me receber pra essa nossa conversa. Inicio te perguntando a tua idade...

S2: Tá... tenho 39 anos.

T: Aham... e qual a tua profissão e tempo de atuação nela?

S2: São 15 anos como servidora municipal efetiva tá... no começo eu era só técnica administrativa lá da Defesa Civil, aí depois fiz o concurso pra Fiscal Sanitário e atuo nisso... tá completando 11 anos já.

T: Certo... e me conta um pouco como é o teu trabalho... assim de uma forma bem breve... só pra eu ter um registro...

S2: Então assim... como eu sou Fiscal Sanitário, eu tenho que ir nos estabelecimentos comerciais ou industriais... eu atuo naqueles que vendem alimentos né... que manipulam alimentos. Aí eu tenho que fiscalizar se a legislação sanitária tanto municipal, estadual e federal estão sendo cumpridas. Então eu tenho que entrar no estabelecimento e visualizar como os alimentos estão sendo manipulados e se estão seguindo as normas de higiene impostas pela.... é pela legislação né. Aí caso tenha algum problema... a gente autua e dá um prazo para correção, a não ser que o problema seja muito grave... aí se os proprietários não corrigirem ou a coisa for grave a gente autua e interdita o estabelecimento até que seja regularizada a situação e seja feita nova vistoria. Aí tem aplicação de multa... e tal... tem toda uma parte burocrática que eles tem que seguir tá.

T: Aham.. e se estiver tudo ok?

S2: A daí a gente já dá o alvará sanitário e pronto... tudo ok, só voltamos no outro ano ou se tiver denúncia né... aí assim todos tem que ter alvará né... não só os manipuladores de alimento, aí nós somos em três fiscais... aí a eu fico mais com essa parte de alimentação, mas se precisar vou nos outros também tá.

T: Aham... E como é a tua atuação com a comunidade? Tu conhece a comunidade?

S2: Ah... é o que eu faço?... assim aonde eu trabalho?...

T: É... onde tu atuas? Tu conhece as comunidades do município?

S2: Assim... eu tenho que conhecer né... eu atuo por todo município, desde o centro até os bairros mais distantes... até no interior lá no [...]... tenho que ir por tudo. As vezes eu tenho que fiscalizar as obras de fossa séptica ou depurador... aí eu rodo muito... tem semanas que eu nem sento na minha cadeira. A gente acaba conhecendo né... eu passo por todos os bairros aí a gente sabe como eles são... um pouco de cada bairro né.

T: Mas a tua relação não é direta com as pessoas da comunidade né?

S2: Não, não... com os proprietários de estabelecimentos e casas... essas coisas. Mas é engraçado a gente fica sabendo de cada coisa... meee... precisas ver os donos de bares, eles sempre tem histórias mirabolantes pra contar... acho que eles ficam nervosos quando a gente chega sabe.

T: Aham... sim... e qual a tua formação e onde te graduasse?

S2: Então... fiz na [...] Engenharia de Alimentos é por isso que estou nessa área mais da manipulação né... porque os outros tem outras formações daí né... tem o [...] que é biólogo e o [...] que é formado acho que em Administração ou Contábeis... agora não sei bem... é que o concurso era de qualquer área né.

T: Aham... e em que ano tu concluiu teu curso?

S2: 2001.

T: E tu possui algum curso de pós-graduação?

S2: Sim, depois eu já fiz uma especialização, também na [...] em manipulação de alimentos... foi mais específico porque eu queria fazer o magistério superior sabe... queria dar umas aulinhas no curso... mas

acabou que antes de eu terminar a pós o curso acabou... não fechou mais turma... foi indo e se acabou.

T: Sim, sim... E assim, várias pessoas me indicaram o teu nome... que tu trabalhas com Educação em Saúde... e tu tivesses alguma formação específica pra trabalhar com atividades de Educação em Saúde?

S2: Assim... com a parte educativa... nada, nada... não, não. O curso era muito técnico sabe... nada desse tipo de coisa não... aí o que eu faço é porque eu gosto muito de interagir com as escolas... aí é assim... o que eu acho que dá pra fazer eu faço tá.

T: Claro, com certeza... mas assim... e algum momento fizesse algum curso na área de Educação em Saúde... tem alguma capacitação? Alguma coisa?

S2: Tem sim... nossa tem bastante curso aqui na nossa área... nada de educação né... mas assim pra parte de vigilância sanitária e epidemiológica... todo ano a gente faz alguma coisa... geralmente é feito pela AMAVI [Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí] eles trazer alguns professores pra trabalhar com a gente sabe... pessoas da área da manipulação de alimentos, ou da concessão de alvará do Estado... ou da fiscalização de obras, alguma coisa sempre tem... Tem vezes que a gente já foi chamado na Gerência de Saúde né... onde tem reuniões quando muda alguma coisa na lei... aí é atualização tá... Da dengue também sempre tem curso, todo ano... que eu sempre faço, eu não fiscalizo dengue tá, mas eu vou junto com o pessoal... Então alguma coisinha sempre tem...

T: Mas não trabalha daí com a Educação em Saúde... trabalho educativo?

S2: Não, não... os temas né... aí a parte educativa cabe a gente a converter.

T: Certo. E agora... te perguntando mais especificamente sobre a tua relação com a escola e os professores... e as atividades de Educação em Saúde que tu fazes... Tem alguma atividade de Educação em Saúde desenvolvida por vocês aqui... lá nas escolas?

S2: Tá... assim... tem e sou eu que sempre vou pra escola tá... Os outros aqui não gostam, não querem nem saber... sempre sou eu, eles sabem que eu gosto aí... sempre sobra pra mim... quando vem escola aqui solicitar alguma coisa eles já dizem é com a [...], se eu não estou, só quando eu voltar. Esses meninos aí ó... se esconde tudo em baixo da mesa [risos].

T: E como são essas atividades que tu desenvolve na escola?

S2: É... geralmente são palestras tá... eu tenho várias palestras sobre vários temas já prontinhas... tudo em slides né... aí quando algum professor vem conversar comigo a gente vê o que ele quer trabalhar e aí eu vou pra escola.

T: Mas essas tuas palestras... ou outras atividades que tenham elas são alguma atividade institucional... algum programa do governo, ou do município... algo institucionalizado?

S2: Olha... isso eu não sei te dizer... eu sei que existe esse incentivo sabe, todos os secretários sempre falam que a gente tem que atender a escola... acho que deve ser algum norma do município, ou até mesmo alguma legislação né... Eu sei que se alguém solicitar alguma palestra e se eu não estiver não puder ir... alguém tem que ir... se eu não tivesse aqui e fosse falar o diretor ia designar alguém pra ministrar a palestra tá... tenho certeza.

T: Certo, entendi...

S2: Tem na legislação eu acho... acho que alguma coisa do estado... que a gente deveria fazer mais atividades educativas sabe... promoção de saúde... saúde escolar, só não vou saber te falar exatamente onde tá isso.

T: Não te preocupa... tudo bem. E fala como é que funciona então... é... as palestras... como que chega isso pra ti... até tu ir pra escola....

S2: Tá então... é assim... o professor tá lá trabalhando algum conteúdo né... alguma coisa na área que esteja relacionado com a gente... saneamento básico e fossa séptica, pureza e qualidade de água... aí as verminoses que podem ser causadas né... as doenças todas, sintomas... falta de higiene e limpeza...vário assuntos né... aí são inúmeros...

T: E geralmente são professores de que?

S2: Ahh Ciências... Biologia e Química... esses geralmente... já tive uma vez a [...] de Geografia que me chamou... sabe do [...].

T: Sim.. sim.

S2: Então... aí eles vem conversar né... vem pedir orientação. Tem professor que só vem coletar dados... aí só vem pegar nossas planilhas de estatísticas que são feitas pelo [...] aí não é comigo né... eles fazem junto com o secretário... aí cruzam dados de doenças e problemas que afetam a região... eu tenho esses dados, mas só repasso e falo deles nas palestras tá... mas quem faz são outros... Daí se o professor precisa de ajuda pra trabalhar o tema... ele me pede a palestra de acordo com o tema... claro se eu tiver a palestra aqui pronta né... que daí é do meu domínio. Eu não vou falar de nada que eu não sei, porque aí não é comigo né... Aí a gente agenda a palestra, depende das minhas visitas de fiscalização né... mas eu sempre acho um tempinho porque geralmente dura umas 2h a palestra... 1h30 aí tem mais um tempinho que os alunos fazem pergunta né... dá umas 2 horas.

T: Aham... mas tu vai sempre que o professor pede? Ou a escola?

S2: É assim... o professor pede, mas a escola tem que mandar um ofício pra cá solicitando, porque daí isso eu uso pra justificar a minha saída pra outras atividades que não a fiscalização né... eu preciso disso pra ter aqui arquivado... senão depois pode dar problema... ainda mais com carro oficial né.

T: Sim claro... mas eu digo... tu não vai dar a palestra sem a solicitação deles?

S2: Não, não... aí assim quando tem alguma campanha que vai material, geralmente da parte de epidemiologia... nós aqui até vamos... alguém vai, mas é só pra entregar os materiais sem falar muito e atrapalhar as aulas né. É só divulgação mesmo...

T: Entendi... E quais são os conteúdos que tu geralmente trabalha nas palestras?

S2: Assim... deixa eu abrir aqui que eu já vou te falar... ... tem ó... Saneamento básico que inclui a fossa séptica, eu tenho até um modelo que eu levo junto... aí sumidouro, esgoto e tratamento de esgoto... as ETE [Estação de Tratamento de Esgoto] e ETA [Estação de Tratamento de Água]... Aí eu tenho também a de Qualidade de Águas tá... que entra toda a legislação brasileira pra tratamento de água... e os tipos de águas. Aí tem a de manipulação de alimentos... nessa eu trabalho todas as doenças, verminoses e parasitoses que ocorrem na nossa região... e daí trabalho com os índices de incidência... forma de prevenção... os sintomas delas, tratamento... então aí é bastante coisa. Tem outra aqui que é de produtos industrializados e de manipulação caseira... entra todas as normas que devem ter os produtos industrializados e os caseiros pra serem comercializados. E a última é da vistoria... que essa eu fiz recentemente... porque de vez em quando alguém vem me perguntar se eu posso ir falar sobre o que os estabelecimentos precisam ter pra conseguir alvará... aí eu relatei tudo e agora tenho o material pra apresentar nas escolas.

T: Legal... e estes conteúdos todos tu apresentas em forma de palestra? Ou tu usa alguma coisa diferente, algum material ou estratégia?

S2: É sempre palestra... geralmente... aí eu até tenho uns vídeos incluídos nos slides sabe... que explica bem, ou mostra melhor... mas é palestra e aí a parte de mostrar os materiais né... a fossa eu tenho o modelo aqui... tenho as vezes alguns produtos apreendidos que eu levo pra mostrar tá... mas é isso. Teve uma professora ano passado que trouxe uma turma pra aqui pra conhecer a vigilância e aí eles fizeram um queijo sabe... pra ficar tudo dentro das normas... isso eu achei muito legal, mas aí o pessoal aqui não gostou muito... era muito aluno aqui dentro e o nosso espaço é limitado né... aí eu assim eu prefiro ir lá... Eu vou lá apresento as coisas... tem que mostrar e conversar com os alunos... e eu gosto quando eles participam... os pequenos sempre são melhores né... eles sempre têm perguntas pra fazer pra gente... os maiores eu me sinto um pouco incomodada porque depende da turma mas eles participam muito pouco... dormem até... mas sempre tem esses né... tu é professor sabe melhor que eu [risos].

T: Sim... isso é normal... e com esse teu trabalho de Educação em Saúde... qual é o teu objetivo? Onde tu quer chegar com esse trabalho?

S2: Essa é... deixa eu pensar... assim.. acho que ajudar na educação desses alunos sabe... ajudar o professor, porque as vezes é a forma que ele tem pra trabalhar... às vezes o professor não tem conhecimento... ou não consegue sozinho. Ai o nosso objetivo é ajudar sabe... é bem isso Educação em Saúde... trabalhar na escola, da melhor forma possível pra que esses alunos possam ter saúde... possam ter hábitos saudáveis... aí eles podem saber como ter saúde. Acho que é isso... sabe.

T: Aham... E aí só pra confirmar... quando tem essas atividades, quem são os profissionais envolvidos?

S2: É, aqui só eu tá... aí o professor da disciplina né... geralmente é só... as vezes na escola tem dois ou três professores que juntam turmas e tal... pra fazer um trabalho em conjunto, mas aí é com eles né... eu não sei exatamente.

T: E tem diferença do trabalho que tu faz na escola e do que tu faz aqui na vigilância?

S2: Ahh claro... nossa [ênfase].

T: Como são essas diferenças?

S2: Ahh na vigilância eu tenho que ser rígida né... dura, eu oriento as pessoas também nos estabelecimentos... explico as coisas... mas tem que ser em tom de ordem, porque eu preciso que as coisas sejam feitas e que as regras sejam seguidas né. Lá na escola eu posso ser mais extrovertida... não preciso parecer que estou brigando sabe... acho que essa é maior diferença.

T: Mas tu consideras as duas atividades como orientação?

S2: É eu acho que sim... é orientação, acaba sendo educação também... mas aqui eu tenho que mandar, ameaçar fechar o estabelecimento ou multar... aí é bem diferente... é tenso às vezes [risos].

T: Aham... e me diz assim qual a tua relação com os professores?

S2: É muito boa sabe... eles vêm aqui a gente conversa sobre o assunto, eles me contam o que estão trabalhando... aí eu falo de como a gente faz, como a gente trabalha... é uma boa relação.

T: E vocês fazem algum trabalho assim mais integrado?

S2: Não... assim... nem tem muito tempo né? Ai como aquele caso que te falei... a professora quis trazer os alunos aqui... aí eu topei... mas depois queriam me matar né... [risos].

T: Sim... sim entendo bem... e tua achas importante que profissionais que trabalhem com saúde realizem atividades nas escolas?

S2: Aí eu acho tá... porque eu acho que o que a gente puder fazer pra melhorar a saúde a gente tem que fazer. Se a gente conseguiu baixar um pouquinho o nosso índice de verminose causado por água contaminada... e por alimento manipulado sem higiene... já é muita coisa sabe.

T: E tu acha que é na escola que pode estar uma das soluções?

S2: Ahhh... acho sim... aquele negócio né... é de pequenino que se torce o pepino.

T: Sim... é... sim... e... E dessa interação tua com os professores... ela é importante ou não?

S2: Sim é importante.

T: Por quê?

S2: Justamente pra gente poder ajudar eles né...acho que isso.

T: Ajudar a trabalhar os conteúdos...

S2: É... aham...

T: Então [...] é isso... agora eu te pergunto se tem mais algum comentário alguma coisa que queiras falar... alguma coisa que faltou eu te perguntar... algum comentário teu...

S2: Por mim nada... se tiver mais pergunta... qualquer coisa é só me procurar...

T: Certo...obrigado então...

